

HISTÓRIA DE UM HOMEM

Autor: Pietro Ubaldi

Tradutores: J. Herculano Pires,
Jerônimo Monteiro,
Medeiros Corrêa Junior

ÍNDICE

Prefácio

Do Seu Diário

O Protagonista e o Ambiente

O Significado e o Método da Vida

Nasce um Homem e um Destino

A Procura de Si Mesmo

Primeiras Escolas e Primeiros Problemas

Estudos Universitários e Explorações interiores

Os Três Caminhos da Vida

A Dor na Lógica do Destino

O Problema da Riqueza, do Trabalho e do Evangelho

Pobreza e Trabalho

Atribuições

A Divina Providência

Afirmações Espirituais

Sofrimentos e Visões Os Assaltos

Os Caminhos do Mundo

Condenado

No inferno Terrestre

Revolta A Traição de Judas

Mentiras e Justificações

O Evangelho e o Mundo

A Luta pelo ideal

Ressurreição

Ama o Teu Próximo

Ascensões Humanas

Últimos Acordes

Adeus à Irmã Dor

Chegada da Irmã Morte

*A meu filho,
morto pela pátria.*

“O progresso das comunidades depende do sucesso de raríssimos sábios, que se esquivam ao contágio da mentalidade comum.”

JOSEPH JASTROW

Prefácio

Quantos lerem este volume, crendo encontrar nele o mesmo Ualdi dos seus livros anteriores, ficarão desiludidos. A cada novo livro ele transforma e renova a sua personalidade. Cada um dos seus volumes é um documentário daquilo que foi, real e espiritualmente, de uma fase de sua vida. Inútil, portanto, procurar-se nestas páginas as mesmas proposições e atitudes dos seus trabalhos precedentes. É necessário desde logo este esclarecimento, para que o leitor não seja enganado e porque os mal-entendidos são detestáveis. Nada existe aqui de mediunidade, biosofia, espiritualismo e semelhantes. A personalidade do autor, que nunca fez parte de nenhum grupo nem se ligou a qualquer escola, permanecendo sempre livre, no seu desenvolvimento,

independente, atinge agora, completamente renovada, outras afirmações. É horrível repetir-se, permanecer-se estagnado em determinado campo. Somente quem se renova, vive. A constante especialização no particular poderá ser materialmente útil, mas é paralisia do espírito.

A precedente tetralogia, em que o Autor, partindo da matéria e chegando ao espírito, percorre o caminho que vai da Terra ao Céu, a tetralogia representada pelas *Mensagens Espirituais*[1], *A Grande Síntese*, *As Noúres*, *Ascese Mística*, é um edifício completo, uma fase superada, um período encerrado. Ocorreu, depois, no espírito do Autor uma crise terrível, necessária para uma renovação, um completamento e uma continuação, coisas que, sem tormentas e crises, não podem acontecer. Aqui Ubaldi reaparece, depois de um silêncio em que passou pelos dolorosos sofrimentos que esperam os que seguem os caminhos do ideal. Antes, ele era um teórico e sonhador, podia dizer-se. Mas agora, ele já bateu a cabeça na realidade da vida humana, e não o é mais. O golpe foi duro para ele, e destruiu aquela fé ingênua e simples que lhe fazia dizer tudo com franqueza, sem a astúcia das prevenções humanas. Avalie-se, pois, este livro, também por aquilo que o Autor teria podido dizer, mas que preferiu calar. Desencadeou-se naquela alma, partindo do homem, uma grande tempestade, que terminou ante a face de Deus. Ele não se lamenta de tudo isso, pois sabe ter vislumbrado uma novidade importante, embora através da amarga experiência, sabe que aprendeu a conhecer o homem, e porque fez uma nova e grande descoberta: ou seja, que as conquistas espirituais, como a matéria e a vida, os sofrimentos, refinam e purificam o espírito, não o abatem. Está satisfeito porque, com o seu ideal, atravessou um período de morte, ressurgindo mais forte do que antes, e a sua fé renasceu ainda mais profunda, mais consciente, mais sólida. Ele oferece as páginas escritas com o sangue do seu tormento ao mundo cético e sábio, que sabe o que faz porque conhece a vida e não se importa, rindo dessas paixões e afirmações ideais. Mas ele conhece, por sua vez, as leis que regem esses fenômenos, e sabe que o riso, a incompreensão que lhe volta as costas, a indiferença e a desaprovação, que não é de uma classe social, mas a expressão do homem comum de hoje, devem naturalmente estar na vida de quantos segue o caminho da redenção humana, indicado por Cristo. Sonhos de grandeza, vitalidade expansiva, conquista vitoriosa, e ainda potência de gênio

e de domínio sobre a natureza, todas estas grandes e admiráveis coisas não podem suprimir aquela lei do sacrifício individual, que pertence, ela também, à vida, e que o homem de hoje, perseguindo os ideais abraçados, teria de fato muita vontade de esquecer. É crime, porém, trair o ideal, qualquer que ele seja, quando por ele tantos mártires se sacrificaram. Chamado trágico e desesperado, mas quem sabe compreenderá; chamado feito numa hora histórica e solene, pleno de sua força e do seu desejo de dar, a quem sofre, fé e esperança em coisas sempre mais altas.

Este volume não é autobiográfico. Traduz, entretanto, as experiências do Autor, e reflete estado do espírito reais, por ele realmente sentidos, ou, pelo menos, idealmente vividos. Como sempre, atrás de cada palavra há uma real vibração de vida espiritual, um verdadeiro tormento de paixões, há freqüentemente uma experiência vivida, uma prova enfrentada e superada, uma dor suportada talvez ainda um caminho percorrido, um pouco do trágico e doloroso caminho da vida seriamente vivida.

Não obstante esta renovação, os princípios dos volumes precedentes não são aqui negados. Ao contrário, eles são revigorados, porque, desenvolvendo-se agora sob outra visão e com diferente estado de espírito, ou seja, com ceticismo demolidor, ressurgem mais belos e mais fortes, com uma fé menos ingênua, com menor simplismo, com um senso mais trágico, de angustiada humanidade. Dessa maneira, o leitor reencontrar nestas páginas a personalidade de Ubaldi, mais completa, amadurecida através de novas experiências, levada a uma nova fase que, se é a continuação lógica das precedentes, assemelha-se às vezes ao reverso, tão violentos foram os golpes e a desordenada tormenta que a envolveu. Aqui o autor se debruça sobre o abismo infernal da vida estúpida do mundo que ele descobre. Por um momento as náuseas o sufocam e o terror o paralisa, mas as forças do espírito são poderosas, e o equilíbrio, por fim, se restabelece. A concepção evangélica, que parecia vacilar, resplandece de novo, mais luminosa do que antes, consolidando-se nas provas superadas e já agora definitivamente triunfante.

O tipo de leitor a que estas páginas se dirigem é diferente, e os mesmos princípios são apreciados aqui de outro ponto de vista, de maneira a desconcertar, talvez, o observador superficial, ainda apegado às perspectivas

anteriores. Este pretende ser um livro forte, de colorido humano, marcado por violentos contrastes, um livro real e atual, não mais olímpicamente pensado na paz do Céu, como A Grande Síntese, mas tragicamente vivido nas lutas da terra. A mesma verdade é aqui diversamente observada. Aquele é um livro de clara visão da verdade, contemplada na paz serena de um ser tranqüilamente situado fora das competições terrenas . Este é, pelo contrário, um livro escrito por quem vive na terra, imerso na sua psicologia, fazendo própria a alma infernal do mundo, por quem viveu as suas dores, e lutando e sangrando, as descreve. É natural que a mesma realidade da vida, não observada na paz das alturas, mas na luta e no tormento da terra e expressa às vezes com a psicologia do mundo, vista assim de um ângulo diverso, ofereça-nos diferente quadro. Mas desta vez era necessário descer ao mundo das realidades humanas e falar também a outra categoria de pessoas, àquelas que vivem planamente a vida; era necessário falar com a sua própria linguagem e segundo a sua maneira de pensar, mesmo a quantos haviam até agora sorrido e dado de ombros, como se faz ante a ingênua e impraticável utopia de um idealista sonhador. Era necessário falar, desta vez, não somente aos eleitos, capazes de intuir e de crer, já amadurecidos, videntes, sensíveis às provas da razão, às explosões do sentimento, ao fascínio do belo e do bem, já encaminhados e ávidos de maiores ascensões espirituais. Era necessário, agora, falar também aos cegos e surdos, colocando-se no seu próprio nível, para fazer-se compreender, falar aos insensíveis, ligados à matéria como a sua única forma de vida, aos involuídos, aos inertes, aos rebeldes, aos negadores sem fé e sem esperança. E para fazer compreender-se era necessário tornar-se um deles, fazer própria a sua cegueira, a sua revolta, a sua cruz. Esta nova voz não podia mais descer do Céu, límpida e melodiosa, mas devia, penosamente, sair do inferno, áspera e fatigada, não mais de anjo e sim de condenado. Quando o homem do mundo ouvir esta linguagem mais facilmente abrirá ouvidos e compreenderá. Quando, desta vez, ouvir falar alguém que mostra conhecer a realidade da vida, com todas as suas mentiras, maldades e traições, ele mais facilmente se persuadirá, e não lhe será mais tão fácil sorrir com ceticismo, acusando de ingênua e incongruente utopia o idealista sonhador. De resto, é natural que assim apareçam, na terra, as coisas vistas do Céu. É necessário, então, vê-las na própria terra. Questão de perspectiva. E, por fim, tudo se mostra

mais real do que antes. Os mesmos princípios, antes só teórica e racionalmente afirmados, atingem aqui diferente potência, quando ao invés de descer do Céu, emergem ensangüentados do inferno terrestre. E uma verdade que resiste a esta prova humana de lama e de sangue, adquire a força que antes não tinha, ao menos sobre a Terra, e pode então proclamar-se mais alta, pois também aqui, experimentalmente, provou a sua realidade.

Nesta nova posição, o autor espera ter encontrado outra maneira de fazer o bem. E nisto consiste a continuação, o completamento do seu passado, o seu progresso. Talvez, fosse necessário um livro de verdadeira experiência espiritual, como especial reação a certos romances estrangeiros, livros de inconscientes, feitos para demolir aquilo que de mais elevado o homem possui, conquistado à custa do sacrifício dos mártires e da ruína de tantas vidas, feitos para enfeiar-nos e envenenar-nos a existência, roubando-nos a fé no bem e a esperança no futuro, livros, enfim, desapiadadamente demolidores e sutilmente maléficos, que o povo avidamente devora. Quem, como esses livros, tudo nega, mutila e mata primeiramente a si mesmo. Esta História de um Homem diz, pelo contrário, a cada passo: Sim! E quem afirma, constrói, cria, reencontra a vida que a negação lhe rouba. A criação é uma afirmação. Deus é o Sim. Satanás, o Não.

Desta vez o Autor fala a um mundo de estridores infernais, e deve usar uma linguagem de contrastes e de tormenta, de luta e de revolta. Estamos, agora, não mais no Céu, mas verdadeiramente na Terra, na dura realidade da vida, numa atmosfera baixa e tenebrosa, que a luz custa a rasgar, e onde os seres lutam e sofrem. Uma guerra de todos contra todos impera sem tréguas, impedindo a serenidade de contemplação superior. Toda energia está empenhada nas rivalidades humanas, na necessidade se sobrepor-se. Tentar evadir-se é inútil. Em tal mundo, o céu, lugar de ventura, não pode parecer senão uma utopia. Todos, mais cedo ou mais tarde, fazem esta dura experiência. O Autor, também, devia e quis fazê-la, mas não para se sepultar com ela, e sim para ressuscitar, ao final, e indicando a todos as vias da ressurreição. O mal não é aqui invocado para demolir, mas para construir, com a finalidade do bem. Este livro foi escrito numa pausa arrancada a essa incessante tensão infernal, numa trégua brevíssima, roubada à inquietante necessidade do trabalho e da luta pela

vida. O próprio autor sofreu a dura lei de todos, a vida humana imersa na matéria, o espírito invadido pelas suas impiedosas necessidades. A experiência e a superação que ele nos descreve são as que o mundo também, seja embora por mil maneiras diversas, deverá realizar. O relato tem, portanto, significado e interesse, universais, pois no seu caso particular vemos agirem-se as leis universais da vida, que guiam a todos. Trata-se, nestas páginas, de um Céu visto pelos olhos críticos e positivos do homem que conhece a luta da vida e conhece a dor, vista com a mentalidade objetiva da ciência e do bom senso, através do critério prático e realista como realidade do amanhã, em que se acordam o conceito científico da evolução biológica e o conceito religiosos da redenção cristã, um céu, enfim, que a própria razão nos indica como o lógico e necessário porvir da humanidade.

Embora não sendo autobiográfico, este livro foi, entretanto, realmente lutado e sofrido. Foi escrito, de fato, em quarenta dias, como uma explosão. Quicá a vida real se apresente, às vezes, mais trágica e desapiadada do que esta, imaginada pelo autor, e a certos indivíduos negue também a consolação dos últimos anos, que, na sua grande fé na vitória final de quem luta por uma idéia, o autor não pode deixar de concedê-la ao seu protagonista. Mas o princípio não é abalado e a tese não resulta menos válida por isso. Talvez não haja tempo no presente volume, para se demonstrar tudo aos céticos. Há neste livro muitas teorias. Sua principal demonstração será dada pelo fato de que elas foram vividas e aplicadas, concluindo na própria vida. Essa demonstração saltará sempre, igualmente evidente, da logicidade do desenvolvimento do conjunto, da ardente fé revelada pelo autor, da objetividade com que a experimentação é conduzida na história aqui narrada e, por fim, da excelência das conclusões. Este é um livro escrito numa hora de espasmo mundial. É verdade que são excelentes e santas as teorias pregadas, talvez mesmo com fé e convicção, no campo religioso e civil. Mas este livro não se firma em teorias. Quer, pelo contrário, ter a coragem de olhar no seu íntimo a realidade biológica, aquilo que de fato o homem é, e não aquilo que acredita ser ou desejaria ser, ou só excepcionalmente o é. Não é verdade, porventura, que estamos numa época construtiva e de grandes audácias? Pois bem, então é necessário termos esta grande coragem de olhar tudo face a face, sem nos iludirmos e sem mentir.

A hora presente, mesmo a despeito de todos os míopes e de todos os fracos que a maldizem, é ampla e vigorosa, exigindo-nos largueza de visão e a coragem dos fortes. Esta não é a hora da tranqüila e prazenteira psicologia mozartiana, do anjo que fala aos felizes, que são pouquíssimos; não é a hora dos doces equilíbrios da beleza, mas é a hora da humana, trágica e potente psicologia beethoveniana, feita de luta e de tormenta, de fadiga e de dor, que fala aos sedentos de felicidade, que são em maior número. É a hora dos impetuosos e fortes sentimentos da criação. Este é o estilo do presente livro, dado pelo espírito de nosso tempo, que é essencialmente beethoveniano; não rossiniano, mas wagneriano; não rafaélico, mas miguelangesco; não ariôstico, mas dantesco; não barroco, mas revolucionário, napoleônico, ferreamente retilíneo, novecentista. Tantos, como formiguinhas presas à terra, não vêem senão as pequenas coisas vizinhas, e assim se perdem em considerações de somenos, sem imaginarem o gigantesco quadro de conjunto, que torna apocalíptica a hora presente. Tantos não sabem, como tantos não sabiam, às vésperas de revolução francesa, o que hoje se prepara, e se lhes explica, eles não compreendem. Mas quem o sabe, treme, exulta, vive de febre, e, também, de esperança. Este livro é um grito, lançado sobretudo aos pósteros e aos que hoje os antecipam, é o grito de fé do homem novo que espera, para poder viver a nova civilização do terceiro milênio, não mais a passada civilização da força, nem a hodierna civilização do dinheiro, mas a do espírito. Desta era e para ela, sobretudo, fala o nosso autor, sabendo que só então poderá ser plenamente compreendido. Fala hoje para preparar por enquanto os espíritos, para apontar problemas e soluções, para dar a sua contribuição à maturação do homem novo da nova civilização. Se o autor fala alto e solene, é porque sente que nos encontramos, realmente, numa grande curva biológica, em que o homem primitivo, ignaro e feroz, está para sair da sua menoridade e se prepara para novas formas de vida, nas quais, cansado de ser uma inconsciente marionete, guiada por uns poucos instintos, viverá na lógica, na potência diretora, na consciência, liberdade, bondade e justiça do espírito.

Este é um livro de reação ao mundo atual, ao homem que se fez inerte, egoísta, falso e bestial, no seio da chamada moderna civilização, e o seu escopo é torná-lo melhor, dando-lhe novamente, em primeiro lugar, luz, fé e

esperança, dando-lhe uma direção ao desencadeamento das forças primordiais. Reação que pode ser talvez brutal, mas a linguagem enérgica pode ser um bem, quando o espírito não escuta mais, habituado as fórmulas rotineiras de advertência. Por detrás dessa forma, a substância e evangélica. E o mundo, ao chegar ao fundo da sua atual e trágica experiência, terá certamente fome dessa substância e procurará reencontrar as coisas do espírito, sobrepondo-se à sordície da matéria, venerada hoje em particular, e de fato até à idolatria. Pobreza e dor serão salutareis, por despertarem as almas, e este livro os prepara, pois nele, mesmo das profundezas do inferno, é sempre o céu que se olha. Nele é sempre seguida, seja embora por vias diversas das precedentes, o mesmo objetivo evangélico, que é a meta constante, e jamais desmentida, do autor.

Se neste livro se fala com energia e se enfrenta corajosamente a realidade humana tal qual é e não como será ou deverá ser, a franqueza não é usada somente para condenar, mas também para compreender e para ajudar. Por detrás de uma forma áspera está o cumprimento de um missão de bem. Nele está compreendida a trágica paixão do homem que sofre para se libertar, subir, redimir-se da animalidade. O autor a sente e a vive, porque é também seu aquele afadigado anseio pelo ideal e a humana impotência para atingi-lo em cheio. Para convencer e impulsionar em direção à saída, ele se apega às verdades biológicas, que não são questões religiosas, de filosofia, de classes sociais ou de opiniões particulares, e portanto motivos de discórdia, mas verdades aceitas por todos, porque todos as aplicam, não importa se acreditem ou não, se as professem ou não, e no-las atiram ao rosto com a energia da desesperação, pois a crise do mundo é de fato desesperada. Para despertar e convencer, ele se apega também a estas verdades mais compreensíveis, porque tangíveis e próximas, que todos tem ao alcance da mão, encontrando-as a cada passo, na realidade da vida. Nenhuma via despreza, para chegar ao seu escopo, que é o bem. Se por momentos, com áspera linguagem, desnuda a humana baixeza, afronta, logo mais, e racionalmente resolve os problemas. Com o senso do amor e de uma compreensão profundamente humana, aproxima-se fraternalmente do homem, para estender-lhe a mão e ombrear-se com ele, sob a mesma cruz e sobre o mesmo caminho das ascensões humanas.

.....

Aqui se trata do espírito. É bom esclarecermos logo, para evitar mal entendidos. Aqui o espírito não é concebido no sentido materialista, como o é por alguns, em determinada mística moderna. O espírito, para o autor, não é um órgão ou uma função da vida animal, posto a serviço desta, somente para que ela triunfe, nas lutas da existência terrena. O espírito, por ele, é qualquer coisa de muito maior, qualquer coisa que pertence, além dos limites da vida humana, ao absoluto e à eternidade. É verdade que o materialismo hoje se requintou a ponto de alcançar o campo do espírito. Não é mais, a não ser para alguns retardatários, o materialismo grosseiro e negativista de cinqüenta anos atrás. Mas a sua substância e os seus resultados podem ser os mesmos. A colocação materialista dos problemas do espírito não pode ser aceita pelo autor, que sabe muito bem existir, além do mundo terreno, todo um outro mundo. Ele o conhece tão bem, que faz viver nesse mundo o seu protagonista, do princípio ao fim, e no-lo mostra tão vivo e operante, que serve de exemplo e de aviso aos que o conheceram e esqueceram, e de demonstração aos que o ignoram. Entendamo-nos logo. Não é o espírito o servo da vida terrena e humana, mas esta é o meio de que se serve a vida do espírito, que tem outros objetivos e outros limites. Este livro o demonstra bem claramente. O espírito é qualquer coisa que supera todas as humanas afirmações utilitárias, e a moral do autor não admite que ele seja reduzido a simples instrumento de conquistas materiais.

Tudo isso não impediu o autor de compreender o sentido da atual hora histórica e admirar o seu titânico esforço construtivo, que ele sempre sustentou e secundou. Ele quer somente manter-se no equilíbrio da verdade universal de todos os tempos, não desejando limitar-se a um dado ponto de vista, como é necessário para quem se vê arrastado pela força das circunstâncias, em todo momento ou situação histórica. E a ação das circunstâncias é hoje de tal maneira titânica e urgente, que mobiliza tudo, inclusive o espírito, absorvendo-o em si mesma. Mas o autor não pode olvidar os objetivos distantes, e se dirige também às gerações futuras, que, colocadas em condições diversas, por certo, pensarão diversamente e de outras afirmações necessitarão. Ele não pode senão completar e antecipar, com uma visão que às massas de hoje poderá

parecer utopia. E aqui está esboçado um ideal que, hoje, não é atual para a maioria, mas talvez o seja amanhã. Entre a concepção que este livro oferece e os tempos presentes não há antagonismo; trata-se apenas de uma posição diversa, no caminho da evolução. O autor compreende muito bem e admira o esforço dos povos para se organizarem em novas ordens sociais, o esforço da ciência para descobrir os segredos da natureza, o esforço coletivo do trabalho para dominá-la e utilizá-la. Mas roga que se compreenda, também, o esforço do homem isolado, que conquista outro tanto, perigosa e utilmente, pelas vias do espírito. Estas serão hoje, talvez, vias de exceção, muito complexas para que a ciência os compreenda e o homem comum as siga, mas justamente por isso mais interessantes, pois representam determinado tipo, entre os tantos caminhos do porvir. Quase sempre o futuro é utopia somente enquanto não se torna presente, e aqui é antecipada uma fase que, se hoje pode parecer absurda, amanhã poderá ser normal. Devemos bem compreender que o autor não destrói ou condena, mas apenas previne. A sua atitude não é, pois, uma evasão do mundo humano, que no seu plano ele deve aceitar, mas um complemento do mesmo, com visões mais vastas e longínquas.

Ele mostra-se, assim, de pleno acordo com a hora presente. Ninguém mais do que ele respeita os sacrossantos direitos e trabalhos do homem sobre a terra. Mas ele não pode deixar de olhar mais longe e mais alto, de lembrar que há, antes de tudo, um outro mundo no Céu, que é a meta da caminhada neste. Ele não pode, portanto, limitar-se a conceber o espírito como instrumento exclusivo da luta terrena, escravizando aos fins da matéria, mas tem necessidade de lhe traçar, neste livro, os objetivos maiores, que se encontram além da Terra e da vida terrena. Este complemento é necessário e útil. Acreditamos ainda que as perspectivas de certas audaciosas e inusitadas superações, a narração de certas experiências fora do comum, possam ajudar os espíritos, seja por lhe mostrar a afinidade entre as metas próximas e aquelas mais altas e distantes do porvir, - que o homem, um dia, mais civilizado, deverá chegar a compreender e começar a viver, - seja porque tudo isso dá um senso profundo de orientação à vida e sobre ela projeta um útil e fecundo princípio de ordem, uma confortante esperança, uma luz que satisfaz e guia a razão, rumo a realizações sempre mais nobres e boas. A visão daquilo que é moralmente mais

elevado é sempre uma lição de sabedoria, e portanto só pode ser benéfica. Não poderá jamais prejudicar a alguém o relato de uma experiência de vida, em que o motivo feroz e desapiadado da luta brutal se eleva ao motivo do amor evangélico, o sentido da existência é elevado a plano mais alto, e a ascensão nos rumos do bem individual e coletivo é proclamada através do exemplo experimentalmente efetuado.

O autor não renega, neste livro, a realidade humana. Demonstra, antes, tê-la compreendido e vivido, e nem sempre a condena, mas sabe também compreendê-la, compadecer-se dela, e para ela se volta, para a auxiliar, segundo o evangélico "ama o teu próximo". Mas não pode deixar de lhe fazer brilhar à frente as supremas finalidades do espírito, que são a chave da redenção. Ele se mantém em equilíbrio. De um lado aceita a moderna concepção biológica do espírito (*A Grande Síntese*), e faz deste, não uma unidade abstrata, isolada, estranha à vida, mas fundida na realidade humana e na unidade orgânica do todo, ele sente a fecunda colaboração entre espírito e matéria. De outro, ressalva, entretanto, a finalidade superior daquela fusão e colaboração, finalidade que se encontra no espírito, inteiramente acima das menores e contingentes finalidades relativas, filhas do momento e situadas no plano da matéria. Este seu livro é justamente uma equilibrada chamada das finalidades últimas, no campo das finalidades próximas, compensando assim as concepções unilaterais, que tudo procuram reduzir ao ponto de vista humano, em função da utilidade da vida terrena e transitória, em detrimento e sufocamento do ponto de vista super-humano, divino e eterno.

O mundo atual aspira a dominar, e isso é justo no seu plano. Mas, para dominar, precisa tornar-se melhor e, tornar-se melhor, não lhe basta a simples concepção utilitária do espírito. É lhe necessária uma concepção mais vasta e orgânica, que supere os limites deste simples rendimento prático e imediato, sobre o plano humano e terreno. Para vencer na vida, para ter um objetivo, uma razão e o direito de vencer, e dar um sentido à vitória, é necessário que veja também as metas distantes e super-humanas do espírito. Estas não poderão tornar-se suscetíveis de aplicação imediata, porque o mundo está ainda atrasado. Mas somente elas podem dar-lhe uma orientação segura. A concepção puramente utilitária permanece egoisticamente isolada no funcionamento

orgânico do universo. E, no caminho da evolução, é como um instrumento quebrado ou um órgão mutilado, ante a visão das grandes linhas e das metas longínquas.

Por isso, no presente trabalho, mesmo que o protagonista nem sempre seja vitorioso, apresenta-nos o modelo ideal de um homem que busca, num trágico esforço, elevar-se, em clara oposição ao tipo normal, com bem diversas qualidades, estaticamente ligado à terra, e que deseja, por si mesmo, somente por força do número, torna-se o modelo da vida. A este tipo biológico, hoje normal, o autor opõe e indica um novo tipo de homem, que luta desesperadamente para se tornar superior e melhor, projetando-se inteiro na direção do futuro. As leis da seleção, já agora atuando no plano psíquico, parecem tender justamente para a formação e a normalização daquele tipo, hoje de exceção. A moderna descoberta científica da energia e o seu domínio, conduzindo o mundo da fase estática da matéria à fase dinâmica do movimento, introduz o homem, desde agora, no limiar daquela nova civilização do espírito, de que o irrequieto dinamismo do tipo "900 é já um primeiro, embora elementar, degrau. Este tipo de homem novo é hoje uma concepção biológica aristocrática e individualista, que entretanto não se encontra em antagonismo com os hodiernas concepções socialistas, niveladoras e coletivas, porque é justamente ao serviço dos demais que o protagonista coloca as suas qualidades e conquistas. Este livro é um desafio ao mundo, mas a favor do mundo, a quem mostra um tipo ideal, ante o qual o melhor que se pode fazer é voltar-se para ele, e que, se pode ser melhor, faz com isso perdoável a sua superioridade. Ele, se é rico em bondade, em tenacidade, em espírito de altruísmo e sacrifício, demonstra e utiliza essas qualidades, não egoisticamente para si, mas no que elas representam de alto valor coletivo, no que elas têm de necessário à formação de mais compactas unidades sociais.

Isso poderá provocar as fáceis acusações de orgulho. Mas o protagonista nos mostra, nestas páginas, o trabalho antes do triunfo, o martírio antes do sucesso. E este se expande no Céu, longe da Terra, da qual, dessa maneira, não prejudica nem perturba os interesses. Nesta obra se demonstra como o primeiro atributo de toda superioridade são os seus correspondentes deveres, como tudo é conquistado e merecido, são severas e justas as leis do

progresso, que grandes compensações coroam esses esforços de superação, e que coisa profunda, séria e grande é, ainda no caso mais doloroso, a vida. Tudo isso é altamente moral. Este livro quer ser um estímulo a todos, no caminho da superação. Seja para os menos elevados, aos quais se dirige, assumindo quase sempre a sua forma psicológica, seja para os mais avançados, através de sua substância e das suas conclusões evangélicas, e aos quais deseja guiar, como aos primeiros. O livro está, nesse sentido, sobre as linhas da evolução, constituindo uma força que age segundo as mais poderosas correntes da vida. Talvez seja ele uma expressão instintiva e inconsciente, manifestada através da sensibilidade do autor, do impulso biológico criador, que é próprio da natureza, ora ativa, sobretudo, no campo psíquico-espiritual. O livro encontra-se, portanto, entre as boas forças criadoras, que guiam a Deus, e não poderá senão despertar, no íntimo das consciências sadias, uma vibração de aprovação e de sincera adesão. Se a certos momentos as palavras são enérgicas e a advertência poderá ser calorosa, por trás delas, entretanto, não há qualquer interesse a ser defendido. Com toda a franqueza, trata-se tão somente de um ser sincero, que não se permitiu outra riqueza, além da coragem de dizer a verdade. O autor se sentirá, por isso mesmo, satisfeito, e se considerará recompensado do seu trabalho, se puder constatar que, com esse livro, ainda melhor atingiu a finalidade dos precedentes. Se verificar, enfim, que, instigando a subir, rumo a formas mais elevadas de vida, conseguiu fazer um pouco daquele bem que é a sua aspiração mais ardente.

.....

No seu último volume, que precede a este, *Ascese Mística*, o autor, no último capítulo, "Paixão", concluiu com estas palavras: (...) A hora é intensa para todos. Não se pode parar. Preparada pelo tempo, ela se precipita. Tenho medo de olhar. (...) Rasga-se então diante de mim a visão da terra e do céu... a terra treme convulsa, no pressentimento de uma catástrofe sem nome. (...) Vejo um turbilhão de forças que se projetam sobre a terra, e vejo a terra abalada, convulsa, submersa num mar de sangue. Tétrica é a hora da paixão do mundo. E parece, sem esperanças. O círculo se estreita, se estreita, e logo estará

fechado, e será tarde para fugir ao seu aperto. A mão do Eterno empunha o destino do mundo, estão prontas a se desencadearem as forças para o choque fatal. Avizinha-se a hora das trevas, do mal triunfante, da prova suprema. Bem-aventurado quem, então, não tiver vivo sobre a terra. ...Já disse há tempos: preparai-vos, preparai-vos, mas não me ouvistes. Breve, será tarde demais. O drama está próximo, eu o percebo... Naquele momento, senti tremer a terra. ... Dentro de mim, está a visão do real. Senti, realmente, a terra tremer". Se esse livro, publicado em 1939, claramente predizia, como iminente, o atual cataclisma mundial, o presente volume, História de um Homem, continuando o caminho seguido em *Ascese Mística*, conclui, ao invés, da seguinte maneira, no testamento espiritual do protagonista (cap. XXX): "Estudai sobre o grande livro da dor; aprendei a sofrer, se desejais subir. É bom que o mundo sofra, para que possa corrigir-se e avançar. (...) sem dor não há salvação. A esta lei fundamental não se foge. Mas depois da paixão e da cruz, há a ressurreição e o triunfo do espírito. Aceitai, portanto, o batismo da dor, a expiação que purifica, porque esta é a única via de redenção. Deixo-vos o aviso de que na necessária paixão do mundo está a aurora da nova civilização do espírito." Este novo volume, publicado em 1942, escrito em meio de já anunciada tormenta, encerra-se, portanto, com o anúncio da aurora de um novo dia. Depois da destruição, a reconstrução: depois da dor, a alegria de uma vida mais alta; depois da necessária paixão da guerra, desponta a nova era do espírito.

É este, portanto, o livro da ressurreição, que se anuncia no final porque não pode chegar, para um, como para todos, senão depois de percorrido o necessário caminho da dor purificadora. Se este é o livro da prova e do sofrimento, do angustioso aperto entre as garras do mal, é também o livro da esperança, do triunfo do espírito e do bem. A trabalhosa elaboração da ascensão é aqui impulsionada, para o indivíduo, na história do protagonista, e para o mundo, na consciência da sua atual e apocalíptica experiência. Ao contrário da cena de terror e de paixão com que se encerra *Ascese Mística*, o presente volume conclui invocando o chamado, das entranhas das maturações biológicas, o homem novo, consciente no espírito, e anunciando e saudando a alvorada da nova civilização do Terceiro Milênio. Natal, 1941.

I

Do Seu Diário

O universo é ordem, ou caos? O universo é ordem. Isto é o que me dizem a ciência, a história, e tantos anos de observação e de experiência. Cheguei à conclusão de que o universo é um funcionamento orgânico em marcha para determinada meta; que todos os fenômenos se encandeiam segundo uma lei, em cujo âmago sinto o pensamento e toco com as mãos a vontade de Deus presente e atuante. Assim concluí, com a segurança que me deram trinta anos de estudo, de experiência e de dor.

Se desta verdade universal desço a verdades mais particulares e mais próximas, mais relativas e mais tangíveis, descubro que a vida do homem e do planeta que ele é agora chamado a reger, correspondem a uma ordem particular e a um funcionamento orgânico, cuja meta é indicada por estados sempre mais perfeitos a atingir, cuja lei é o progresso. Verifiquei, afinal, que a lei do nosso planeta é progredir em todas as formas; evoluir sempre, em todo sentido, é a idéia dominante. A evolução é uma soberba e incessante marcha de todos os seres da terra, do mineral à planta, ao animal, ao homem, ao gênio: a marcha em direção a Deus.

Descendo sempre mais no particular e relativo, sempre mais próximo e tangível para nós, descobrimos que o homem está à frente do movimento. A sua lei é a seleção do melhor, conseguida através da luta.

Homem e mulher, masculino e feminino, são os ministros desta lei, que no particular se bifurca em dualismo que é também complementação. Como tudo, também esta unidade humana é dada pela fusão de duas unidades, menores e inversas. Em posições e movimentos inversos e complementares, elas fecham o mesmo circuito. O homem diz: eu sou a vontade, a força, a conquista, a vitória. Eu sou o senhor. Não há outro senhor além de mim. Submeto a mulher para que me dê filhos fortes e vencedores, como eu. A

mulher diz: eu sou a beleza, a bondade, o amor, a conservação. Eu sou a esposa e a mãe. Não há, nisto, outra mulher além de mim. Escolho o homem forte para que me dê filhos fortes e vencedores como ele.

Dois são, portanto, os grandes motivos da vida humana: o macho e a fêmea. São opostos e se atraem. Dividindo, embora, entre si, o campo da vida, liga-os o recíproco fascínio. Bastam estes dois motivos para cantar-se até às últimas notas a sinfonia da vida, num entrecho e numa compensação contínua. Cada um desses dois princípios é uma afirmação em si mesmo, mas uma negação em frente ao outro, um vácuo que aspira ao oposto, desejoso sempre de se encher com a oposta afirmação, e assim se precipitam um no outro, saciando-se apenas ao fechar-se na sua soldadura com a metade oposta do circuito. Nenhum dos dois é superior ou inferior. A mulher domina como o homem. Não importa se a primeira se afirma calando e negando, o segundo gritando e comandando. O princípio feminino tem tanto o que completar, quanto o masculino. Ambos reinam igualmente, mas através de formas e tarefas contrárias e complementares. Mas cada um dos dois se sente isolado no seu reino incompleto, e deseja completar-se revertendo-se ao seio do oposto. A fragilidade da bondade, o altruísmo do amor são potentes como a força da conquista e o egoísmo do domínio. Cada qual tem as suas armas: armas opostas e complementares, feitas não para se combaterem mas para se abraçarem. Entre essas armas não pode existir rivalidade, porque não tendem a se evoluir, mas a se ajudar. O princípio masculino faz parte do feminino, o pressupõe o compreende e o completa. Cada ser humano nasce no seio de um desses princípios, carrega-o em si mesmo e o representa. Cada um deles existe e tem sentido somente em função do outro. Opostos apenas para se unirem, eles dividem o trabalho e as opostas funções da vida: criar conservando, acumulando, proliferando, e criar destruindo, renovando, selecionando; sempre fundidas as opostas posições na mesma função de criar. A mulher, como a terra, é conservadora e fecunda, ou seja, apta à formação e proteção do material primitivo da vida; o homem, como o ar e o sol, é ativo e fecundante; é como o martelo que forja, o dinamismo que seleciona e renova. A primeira metade do ciclo, criadora da quantidade, resta inútil, se não se completa com a segunda, criadora da qualidade. A mulher vale quanto vale o homem, e este quanto a

mulher. Cada um dos dois tem a sua função e missão, de cujo cumprimento é sumamente cioso. O homem é assim invejoso de qualquer outro que tente superá-lo na sua tarefa de seleção; sente nele o rival, e cioso de sua função evolutiva, acusa-o de soberba e velhacaria. A mulher é também invejosa de qualquer mulher que tente superá-la na sua tarefa de proteção e conservação; sente nela a rival, e, ciosa da sua função de amor e reprodução, acusa-a daquela desonestidade que atraiçoa a missão de mãe. Nenhum dos dois suporta que outros lhes usurpem ou os superem, na função que têm o direito e o dever de realizar, porque nela está o objetivo da sua vida e a realização de si mesmos, porque no obedecer ao comando da Lei está a maior alegria, e não obedecer é a maior dor que o ser possa provar.

Ambos desejam a mesma coisa, a vida; expressam a mesma lei, criar; um dizendo: sim; a outra dizendo: não. A lei faz que se unam os contrários para o seu mesmo objetivo. A satisfação do indivíduo está no cumprimento do instinto, ou seja, na obediência ao comando. E o homem, quanto mais ignaro e primitivo, mais cegamente obedece, quanto menos evoluído, menos emancipado do determinismo originário da matéria. Nos momentos históricos do regresso involutivo, o homem canta a liberdade, acreditando que se liberta. Mas não se livra senão do trabalho de evoluir, submetido às superiores leis sociais que lhe impõe ordem, disciplina, virtude. Não se livra senão para tornar a criar, mais cegamente, a serviço das mais elementares e férreas leis da vida, inscritas no instinto.

Peregrinei pelas longínquas e abstratas filosofias do absoluto. Mas a que agora me interessa é esta filosofia específica e prática, mais próxima de nós do que os princípios abstratos, relativa a pequena, mas traduzida em ações; objetiva e concreta, aquela que a cada passo se encontra na realidade humana vivida, aquela que cada homem, mesmo sem compreender, pratica.

Na raiz da vida humana encontra-se este mecanismo. Ele implica rivalidade, luta, enfim, seleção. Assim, guerra e amor são as duas funções fundamentais desses dois termos: masculino e feminino. O amor protege e cria, a guerra destrói e mata. Inversa complementação, mesmo nos efeitos. Nela se cumpre, em equilíbrio, o ciclo, e se completa o circuito da vida e

da morte. Assim, na morte, condição de vida é a vida, e na vida, condição de morte é a morte.

É inútil discutir. A lei biológica assim ordena, quer e age; não se corrige, não se burla, mas apenas se cumpre. A guerra e o amor são o binário sobre o qual avança a vida. É inútil pergunta-se: por que assim, e não de outro modo? O fato é que assim funciona o nosso mundo. O fato é que os objetivos impostos, certamente por uma inteligente vontade oculta, são assim atingidos: continuação e seleção. Pois que com esse fim é protegida pelas supremas defesas e conservação individual, tanto como a coletiva e a evolução da espécie. O mundo veio até aqui, chegando ao estado atual, porque aqueles objetivos foram atingidos.

Tudo isto é luta, risco, fadiga imensa. E no que resulta? Na seleção, no progresso. A significação do processo está na evolução. Fazer, pois, um homem, uma nação, uma raça sempre melhor, este é o resultado que a lei biológica quer. O materialismo ateu não compreendeu que a sua evolução significa justamente criação no espírito. Assim avança o mundo. Este é o significado do poder de comando que o instinto revela.

O nosso mundo social é um campo onde se chocam forças diversas, que na sua oposição desejam elidir-se, e assim se corrigem. É necessário reconhecer que na sua disposição há profunda sabedoria, pois desse caótico coexistir emerge, não destruição ou desordem, mas a construção de uma ordem sempre mais perfeita. O progresso verificado no mundo consiste precisamente na passagem da desordem primitiva ao estado de ordem que progressivamente se realiza. O progresso é um progresso de harmonização. Assim o Universo caminha para Deus, que é harmonia, ou seja, realiza cada vez mais a manifestação do Seu pensamento.

Assim nascem e renascem, sempre mais perfeitos, por evolução orgânica, mas agora sobretudo psíquica, os homens, as nações, os povos, as civilizações, a humanidade. Assim, povos e civilizações, como os homens individualmente, crescem, envelhecem, decaem, morrem e renascem, para completar, partindo de bases sempre mais elevadas, construídas com os materiais precedentemente conquistados, ciclos sempre mais altos.

A luta é portanto necessária, útil, é lei da vida, fundamental,

criadora, inevitável. A harmonia divina não se pode realizar na Terra senão através desse grande esforço, preço da redenção humana, condição da vinda para a Terra do reino dos céus.

Desta luta, uma forma, no mais baixo plano humano, é a guerra. Nela sempre nos encontramos, porque a ela está confiada a evolução do mundo com a supressão do involuído, do parasita, do inepto. Ela é, por certo, a forma primitiva da luta, própria da fase não evoluída em que o homem dito civilizado ainda se encontra. E enquanto, pela evolução, aquela forma não puder ser superada, a luta, que será sempre necessária, deverá subsistir naquela mesma forma. Até hoje a guerra é lei inexorável, como parte integrante da zona de determinismo do destino humano, e isso porque ela está no passado biológico da humanidade. Até, portanto, a neutralização desse passado, pela superação, a guerra será uma fatalidade biológica. E isso porque a luta é o meio de que dispõe a natureza, para conseguir seleção e progresso. Não é a luta o que se pode suprimir, mas somente as suas formas mais atrasadas. Mas estas não podem ser superadas enquanto o homem não tenha aprendido por si mesmo, com a sua fadiga, a superá-las. Cada humanidade tem as leis biológicas que merece.

Sob pena de trair o supremo escopo da vida, que é o de subir, a forma de luta que é a guerra não pode ser abandonada enquanto o homem não tenha aprendido a transformá-la em formas superiores de luta, dirigidas a fins superiores. É necessário que a humanidade tenha primeiro a força de transportar-se, inteira, para um plano mais alto. Hoje, a guerra e o amor se equilibram no recíproco esforço corretivo. Se esta força do amor, que conserva e multiplica, não fosse corrigida pela destruição seletiva e reconstrutora da guerra, terminaria igualmente na estagnante podridão da morte. Não basta multiplicar os homens, com o amor. É necessário refazer os povos, com a guerra. Proteger e proliferar não podem ser mais do que um meio para tingir o fim, a que só a luta conduz: destruir para reedificar.

A verificação destas leis levou-me à conclusão de que a vida é e não pode ser senão dura, séria, útil; que ela não é uma alegre excursão de gozadores, mas um trabalho sério, dirigido sobre o plano orgânico de leis biológicas, rumo a objetivo elevado e preciso. Cheguei à conclusão de que é inútil tentar evadir-se, na inconsciência e nos prazeres fáceis, a este necessário

esforço de evolver, a esta lei de progresso que está escrita em nosso sangue e em nosso destino humano. Quem tenta evadir-se é inexorável e terrivelmente punido pela invisível Lei. Quantas coisas invisíveis têm tremenda força!

Sob tais conclusões, estabeleci uma vida dura, séria e útil. A utilidade não é aquela que comumente se entende, ou seja, a das vantagens materiais: é a conquista dos valores morais, que não se vêem e que regem o mundo. Estou convencido de que cada um pode escolher os próprios objetivos, independentemente da opinião dominante entre os seus semelhantes. Estou convencido, também, de que a verdadeira verdade é simples, a que serve para a vida; que é inútil o complicado e erudito filosofar, pois o que importa é viver aquela verdade, antes de professá-la e pregá-la. Assim tenho feito e vivido seriamente.

Não pretendo que a minha verdade seja absoluta, nem que se deva impô-la a alguém. Esta é a minha experiência. Os outros façam, a seu modo, a sua. Cada um recolhe para si o resultado do seu sistema. Uma experiência conduzida honestamente, com convicção, objetividade e seriedade científica, sempre merece respeito. Uma hipótese de trabalho que, após trinta anos de controle, corresponde ainda aos fatos, resolve os problemas e resiste à experiência de uma vida, deve conter qualquer coisa de verídico. Passei pelas verdades particulares - rivais, em luta entre si, filosofias e teologias - mas o sólido, qualquer coisa de objetivo, sempre presente, inderrogável e convincente, não o encontrei nas construções da psique pessoal, que não são mais do que elevação a sistema do próprio temperamento - um caso biológico - mas encontrei-o na observação do funcionamento orgânico do universo. Na convicção de que somente este nos pode exprimir o pensamento de Deus, na forma por que ele se realiza, e pelo qual, sem dúvida, tudo é dirigido e guiado, eu o deduzi dos fenômenos de todo gênero. E nestes, que estão sempre presentes, eu o vi continuamente em ação, como recôndito motor, que é para mim uma realidade objetiva, inegável, porque sempre funcionando. Tudo, a cada momento, dele me fala. Deste pensamento e desta realidade tenho vivido. No caos das conclusões humanas, dissonantes até à oposição, apeguei-me a esta realidade biológica, isto é, a esta realidade de vida. Deixei-me guiar pela sábia voz da natureza, que aquela realidade nos indica a cada passo. Todo o meu ser,

das zonas inferiores às superiores, dela se tem nutrido, como de uma fonte divina. Se me tenho proposto inusitados objetivos e tentando experiências a que os outros fogem ou ignoram; se tenho caído e às vezes falhado; se perigosamente tenho vivido e duramente sofrido, tenho, sem dúvida, trabalhado em harmonia com a criação. Se o progresso é um processo de harmonização com o pensamento de Deus, atuante no mundo, e vai do caos à ordem, eu, depois de haver baseado a minha vida numa concepção universal de ordem absoluta, consegui trazer para o meu destino essa harmonia e essa ordem, não obstante tudo. Assim lutei e venci o caos e o mal, que podem aparecer em dado momento da vida individual e coletiva, mas dos quais triunfa aquele que possui as bases do equilíbrio, a orientação fundamental e a chave do funcionamento fenomênico. Decidi-me assim a marchar, creio-o, na direção fundamental da vida, que não é a de vagabundear ou gozar, mas a de lutar para conquistar e ascender.

II

O Protagonista e o Ambiente

Quem escrevia assim?

O protagonista deste relato, o homem cuja história narramos. Com aquelas suas palavras o individualizamos e apresentamos.

Mas, para melhor compreender, é necessário narrar ainda.

A história desenvolve-se na hora titânica e apocalíptica que, como um rasgo no céu, aparece cada vez mais lampejante, sobre a outra metade do século XX, prenúncio da hora ainda mais grave. Esta história é um pouco a história de todos os espíritos sensíveis e amadurecidos, que têm uma vida individual profunda e própria. Neste espírito, espelho refletor de todas as luzes do seu tempo, refletem-se em parte e as grandes tempestades ideológicas que o século vinha maturando. Nascido nos fins do século XIX, ele tinha visto, depois, realizarem-se ao seu redor as maiores transformações políticas, sociais,

intelectuais, espirituais e científicas. Crescido entre velhas ideologias, em ambiente de província, intelectualmente restrito, tinha visto a vitória do automóvel, do aeroplano, do rádio, e assistindo profundas mutações no campo cultural. Muitas vezes, fora obrigado a mudar a própria orientação e renovar as suas conclusões. Num mundo em evolução assim tão rápida, ele, ágil de mente e de corpo, havia-se renovado ainda mais rapidamente. Apreciara o frenesi de dinamismo, o esforço de ascensão. E sentia-se satisfeito de ter nascido em hora tão intensa e interessante, para a sua ânsia vertiginosa de renovação, para as suas tentativas de elevação, tormentosas e, embora por momentos, frustradas. E lançou-se no turbilhão, não para girar como tantos, em torno de si mesmo, num torvelinho inútil, mas para compreender o sentido profundo daquele turbilhão e dele tirar o mais elevado proveito. Tinha a completa sensação daquela hora histórica, grave e solene, e a vivia toda, avançando e fremindo, para realizar-lhe o significado mais real, eterno, ou seja, a trabalhosa ascensão do homem rumo a melhores formas de vida. Ergueu a cabeça ante os adormecidos, em que tropeçava, na sua luta para salvar os valores morais do mundo e conquistar entre eles os mais elevados. Foi asfixiado, desprezado, incompreendido. Vida de fadiga e de desgastes, mas vida de ascensão interior e de conquistas espirituais, profundamente concebida, além de todas as formas; aderente à substância, vida de laborioso silêncio criador, de fé, e não raro de desespero e de sangue. Ele foi, assim, um lutador, e lutador no mais elevado campo que é o do pensamento e da ascensão moral. Algumas vezes caiu, foi traído pelo ideal e pelos homens, traído até ao desprezo, ao ridículo, à desesperação; viveu, na solidão, horas trágicas, não vistas e não compreendidas. Mas a idéia alta e reta não é o caminho do sucesso fácil. E embora possam rir os gozadores, facilmente triunfantes, ele quer para si a vida séria, com sério objetivo. E se ao mundo apareceu falido, estava muito satisfeito com a própria consciência.

O nosso protagonista é assim um símbolo, uma idéia, que, vivida, transforma-se em realidade, uma experiência realizada, em cujo seio se atormentam e amadurecem, ainda, tantos outros espíritos ousados.

Sobre o fundo longínquo da cena está a multidão anônima, rumorejam as grandes massas amorfas, instintivas, ignaras, inconscientes, o grande povo, vaga entidade para a qual devemos dirigir-nos, obedecendo ao

antiquíssimo ensinamento evangélico e ao novíssimo ensinamento das mais recentes concepções sociais. A multidão é uma das forças que se movimentam neste enredo. Aqui, ela é um indistinto rumor de fundo, imenso como o do mar, um som coletivo, resultante de muitos pequenos sons, um vago som confuso, que não se sabe de onde nasce porque vem de todos os lados, nem de quem procede, porque provém de todos. Entretanto, ela é uma força que toma, às vezes, forma de pensamento definido e de vontade decisiva, e, em certos momentos, tudo transforma, impondo-se à história. Aqui, a multidão aparece como termo de comparação, como elemento de resistência, de misoneísmo, como inércia em face da força, como a grande terra polo negativo, sobre a qual o verdadeiro homem, polo positivo, caminha, sozinho, rumo aos seus objetivos, tão distanciados das multidões de hoje. Ele é uma idéia, uma vontade que reage à psicologia coletiva e contra a qual esta reage. Veremos aqui se formarem os circuitos de ressonâncias e o seu dispersar-se em dissonâncias, ouviremos acordes e discordâncias. Ouviremos sintonizações com outras forças do imponderável.

Neste trabalho encontraremos freqüentemente citados o mundo e o homem comum. O mundo tem aqui o sentido evangélico de lei humana da terra, inferior, contraposta às mais altas leis do Céu. Por homem comum, ou normal, ou qualquer, entendemos o tipo dominante, modelo em série, com a sua psicologia uniforme. Esse, não há dúvida, existe na prática. É o homem da rua, o que constitui o público anônimo e amorfo, um tipo a que se reduzem todos os outros, no momento e pelas exigências da normal convivência social. É o homem da mediana cultura dos jornais, simplista, restrito aos elementares impulsos animais, envernizado de alguma erudição e educação; o homem que vegeta, luta pela mulher e pelo amor, pelo necessário e pelo supérfluo, permanecendo no campo material. É o homem que pensa por si e pelos seus, movido pelos instintos fundamentais da vida, incapaz de vibrar ante as altas paixões do espírito. O homem que não sabe caminhar senão em rebanho, que não sabe pensar senão em si, que não sabe fazer senão aquilo que todos fazem. Ele é feito de muitos homens diversos, de muitos tipos de gradações. Ele é como a expressão pública dominante, à qual todos se equiparam, pelas necessidades da vida prática, nas relações sociais. Homens, até

mesmo, de alta percepção, homens de todos os níveis, assumem, pela necessidade prática, a expressão desta psicologia dominante, que resume os traços do maior número prevalecente. Ela é um meio de se entenderem, é a unidade monetária das trocas e contatos comuns, um ponto prático de referência. É a psicologia das ruas, comum a todos, como um hábito que todos devem adquirir quando descem à rua. É a psicologia corrente, que faz a opinião pública e o uso, a que todos se adapta, para poder existir: a religião, a imprensa e todas as derivações da vida pública.

Mas se ela constituirá, freqüentemente, o ponto de referência, a substância deste trabalho situa-se em outro plano. Para os negadores do espírito, que pela sua própria cegueira se sentem autorizados a lhe negar a existência, será uma prova, muito mais convincente do que tantas argumentações, a narração desta vida, vivida no seu próprio mundo, no meio deles; vida do princípio ao fim em plano lógico e orgânico, dirigido, não às conquistas efêmeras, mas a outras, situadas inteiramente no espírito, dotadas de potência e lucidez. Aquele tipo de homem, hoje comum, contrapõe-se aqui um tipo de homem novo, para cuja formação luta este livro com toda a energia com que foi concebido. Homem novo, lutador viril do ideal, não mais inconsciente, do qual ninguém, por mais necessitado de evolução, pode desconhecer o valor e a utilidade, na senda do progresso, e cuja formação, nesta hora histórica, que alvorece no limiar do terceiro milênio, é uma necessidade vital, se a civilização não quiser precipitar-se na morte.

Assim, não se encontrarão neste volume os habituais motivos passionais, nem os costumeiros enredos de ficção, com tipos que se movimentam fisicamente em vários ambientes e em várias circunstâncias. Se personagens e fatos se apresentarem, isto será, somente, para dar forma ao movimento de correntes de pensamento e de vontade, dar vida tangível ao entrelaço de idéias e de forças, pois que estes são os verdadeiros personagens da narrativa. Esta será assim, mais rápida, mais sintética; os fatos serão reduzidos à sua pura substância. Para isso, deixaremos de lado os acontecimentos mais comuns da vida do nosso personagem, aqueles que o fazem assemelhar-se aos demais. Não é interessante, segundo pensamos, a referência às coisas que todos fazem, que todos sabem, que todos dizem, e que são, até mesmo

as narrativas, sempre repetidas.

Numa hora, justamente, em que tudo se torna coletivo, e não se pensa nem se age senão em massa, sem espírito próprio, o nosso protagonista permanece solitário, como se estivesse fora do seu tempo, talvez por havê-lo compreendido demasiado; é um rebelde, decidido a viver a todo custo a sua própria vida. Por certo, alguns temperamentos e alguns destinos não se escolhem, e estão muito acima da própria vontade. Ele não quer nem poderá aceitar e suportar o pensamento alheio. Quer aceitar a sua experiência da vida, sozinho, diante das forças cósmicas. Quer permanecer sempre ele mesmo, um desenvolvimento lógico, dirigido a um objetivo próprio, conscientemente escolhido, seguido tenazmente até o fundo. Cheio de disciplina, ferreamente ligado ao dever, mas observador e árbitro de tudo, e, ao menos no seu íntimo, lá onde somente se pode sê-lo, livre, independente de tudo e de todos. Assim coordenou as forças de sua tormenta, em meio à tormenta do mundo.

O seu tempo lhe oferecia um pensamento caótico. O mundo estava abalado pelo entrecchoque de tantas verdades diversas, dividido entre o desmoronar de edifícios milenares e a tensão construtiva de novos valores, em todos os setores humanos. O seu tempo era um campo de batalha de grandes maturações, em que o passado, solidamente firmado, mas justamente por isso ossificado, resistia, com grande força da inércia, ao novo que irrompia da velha casca e fremindo de vida. O nosso homem encarou profundamente a grande luta em que a civilização jogava a sua cartada suprema, e entregou-se todo, de alma e corpo, à preparação do advento da nova civilização do terceiro milênio. Assim, o solitário fundiu a sua vida na substância do seu tempo, consciente disso como poucos, vidente e atuante, e como poucos preocupado pelos destinos do mundo. Distante do inútil burburinho, ausente da hora fácil dos direitos e da colheita, preferiu estar presente no trabalho silencioso, na hora do dever, do esforço obscuro da sementeira. Assim viveu muito mais ligado aos seus semelhantes do que podia parecer, pois preferiu envolver-se nas suas dores, mais do que nos seus triunfos. Assim, e não de outra maneira, quis ser, a qualquer custo, mesmo a preço de decepções e de desprezo. Preferiu uma vida de luta, a fim de permanecer sempre coerente consigo mesmo. Quis ser um verdadeiro homem, vivendo a sério. Esta nota fundamental de honestidade, qualquer seja o erro que

ele tenha podido cometer, nunca o abandonou. Não pactuou jamais com o mundo, contra a sua consciência. Teve de andar contra a corrente, a corrente real, não aparente, antes bem oculta, das ações humanas. Foi por muitos considerado um imbecil. Por isso, não querendo nunca reduzir-se à vileza de uma traição aos seus princípios de retidão, viu-se constrangido a ser um solitário.

Se o leitor não ama um ideal, se não tem paixão pelas coisas mais elevadas e santas da vida, se não sabe vibrar nestes dramas do espírito, se não tem vivido ascendendo através da dor, se não compreendeu a gravidade do nosso tempo, se não sente, enfim, a necessidade de fugir à cotidiana miséria da vida, não poderá interessar-se por histórias como esta. Aqui, não encontramos amor senão por Deus e pelos que sofrem, nem paixão senão pelo bem. Este não é um livro de vida fácil, que se rebaixa, mas o livro da vida dura e severa, que constrói e se eleva. Quem aqui procura, para o seu deleite, qualquer vaidade literária, quem gosta somente de curiosidades para distração, quem pensa encontrar aqui, repetidos, os motivos que costumam mover os homens e as suas paixões, largue o livro. Quem não tem buscado e seguido, na luta e na dor, as ásperas vias da ascensão, caminha na vida sobre outros trilhos. Cada um tem os seus, e vai para onde quer. Largue o livro, mas lembre-se de que, em qualquer posição social ou espiritual em que se encontre, participa também da narrativa, chamada história de um homem, mas que é na realidade, a história de todos os homens.

III

O Significado e o Método da Vida

Ele nasceu como nasce um homem qualquer, num ambiente comum e insignificante. Nascer é coisa tão simples e natural que parece, de fato, não merecer atenção. Em geral, ninguém se surpreende com as coisas mais

maravilhosas da vida. Entretanto, naquele feto que vem à luz, há abismos de sabedoria e de mistério, do ponto de vista orgânico, como do espiritual. Aquele organismo humano teve de percorrer longo caminho, para se transformar naquilo que é, ao nascer. Não era, no princípio, senão minúscula célula, o ovo humano fecundado, e teve de recomeçar desde a origem a sua existência, retornando até as raízes da árvore genealógica da vida, ou seja, a uma forma unicelular, como a da alga ou da ameba. Transformou-se depois, lentamente, em pluricelular, em esfera de células. Só à força de multiplicações e diferenciações, tornando-se sempre mais complexo, chegou à forma humana completa. Em nove meses, recapitulou toda a escala biológica evolutiva da qual descende, e que precedeu e amadureceu a sua forma atual. E só então pôde vir, completo, à luz. Esta indiscutível verificação é de fato surpreendente e nos mostra quão gigantesco trabalho o imenso passado teve de realizar para atingir as formas presentes. Mostra-nos que ciclópico feixe de forças faz pressão sobre aquele feto, para que o impulso não se detenha e a vida continue.

O retorno, a necessidade de se refazer desde o princípio, resumindo o trabalho realizado, antes de prosseguir, como para reter o impulso ante a nova tarefa construtiva, corresponde à lei universal dos ciclos fenomênicos, da qual não é mais que um caso particular. Para cada fenômeno avance na evolução, é necessário a consolidação das suas bases, resultante da repetição e revisão do passado[2].

Tudo isso o ser realizou sem nada saber. Pouco do presente, nada do passado e nada do futuro. Tanto assim, que só por último chegou à formação da consciência, única que pode saber e compreender as coisas. Há, portanto, um princípio diretivo e inteligente, que tudo guiou, com lógica, economia e técnica que nos aturde, e que não se encontra no ser, ignorante de quase tudo. Ora, não se compreende como a ciência darwiniana e haeckeliana, que descobriu aquela verdade, tenha desembocado no ateísmo, quando o materialismo é a mais profunda demonstração da existência de Deus. Demonstração cientificamente sólida, muito mais do que as filosóficas, teológicas, abstratas e racionais.

A comprovação de que o organismo humano repete a sua história, que claramente nos mostra, dos primeiros até aos últimos graus, o

desenvolvimento biológico, diz-nos ainda outra grande coisa: fala-nos também do parentesco, e portanto da fraternidade, de todos os seres e da comunhão de destino biológico entre o indivíduo e o gênero humano. O indivíduo traz em si, na constituição celular, na estrutura orgânica, nas diretrizes do seu instinto, uma experiência e uma sabedoria, não somente individuais, mas que pertencem à raça. Ele possui em si mesmo qualidades que são coletivas, patrimônio de todos, e que a economia da natureza o faz encontrar já realizadas, ao nascer, com grande poupança de esforço criador, prontas para a imediata utilização nas necessidades da vida. O feto insignificante resume e sintetiza a espécie, traz em si o passado, e sobretudo, ainda em germe, o futuro. Aquele ser é uma força cósmica, a vida, força que não se pode deter. Repetiu, no seu desenvolvimento vibratório, a história genealógica da humanidade; percorreu de novo o caminho da formidável ascensão que, dos unicelulares às amebas, aos invertebrados, aos peixes, às feras, aos pitecóides, aos antropóides, conduz ao homem, sempre pela mesma lei. Esse homem, que tanto caminhou, não se pode deter, e a sua vida presente não pode ter outro significado senão o da continuação daquele caminho. A cegueira imperdoável do materialismo consiste no fato de não perceber o íntimo motor espiritual deste crescimento e, portanto, a diretriz da continuação daquele ilimitado, incessante e irrefreável vir a ser da espécie. O erro nasceu do desejo de persistir na precedente visão unilateral da evolução puramente orgânica, que não é, ao contrário, senão o efeito do desenvolvimento de um princípio espiritual. Que nos indica a história da civilização humana: a construção orgânica e, mais especialmente, a psíquica? Pois aqui se torna evidente, ressalta e domina a psíquica, atuante sobretudo no campo nervoso e espiritual. E acreditamos seja cientificamente sólido e persuasivo considerarem-se as conquistas espirituais e morais como construções biológicas. Somente assim elas adquirem um significado orgânico, em conexão com o desenvolvimento da vida.

É verdade que o moderno materialismo foi constrangido, quisesse ou não, a avançar e orientar-se nos rumos do espírito. Este é uma força tão poderosa e evidente em a natureza, que não poderia permanecer perpetuamente sem ser visto. E já é grande progresso, em face do velho materialismo ateu. Mas, apesar disso, a ciência não vê ainda senão os primeiros

sinais do espírito, ou seja, aquilo apenas que se pode ver do plano material em que a ciência se mantém. E isso não é suficiente. Para compreender a vida e vivê-la seriamente é necessário, ao invés, uma integral concepção do espírito. Mas demos tempo à ciência materialista, para ascender segundo aquela lei fatal de evolução, por ela mesmo afirmada, e chegará ao espírito, de maneira jamais vista na história, efetiva, sólida e completa. Só então se poderão lançar as bases da nova civilização do terceiro milênio, que, se não quisermos retroceder à barbárie, não poderá ser outra senão a do espírito.

Seria absurdo que aquele impulso evolutivo, que se faz do ponto do vista orgânico, tão evidente no feto, até o seu nascimento, depois se detivesse, justamente quando começa a vida individual. E se aquele impulso, que é lei da vida, como de todos os fenômenos, não se pode deter, logicamente o seu prosseguimento não pode assumir, como os fatos, de resto, confirmam, senão a forma psíquica. E assim, ainda aqui notamos que o homem recapitula, na infância, repetindo todos os graus de desenvolvimento, não mais a história orgânica, mas a evolução espiritual já feita, que é a própria substância da história da vida, nesta fase superior que a humanidade atravessa. E como o feto só se apresentava completo na vida orgânica, depois desta repetição do seu passado nesse plano, assim a consciência do jovem se apresenta amadurecida, na vida psíquica e espiritual, somente depois de idêntica repetição desse passado, em plano superior. Concluindo, o significado biológico da vida humana, na sua madureza e velhice, não pode ser outro que o da formação de uma personalidade sempre mais completa, através de provas, dores, lutas, de todas as experiências úteis para o progresso espiritual, individual e coletivo. Se o homem nasce organicamente no ato do parto, o homem, espiritualmente, é um feto em gestação, até a sua maturação juvenil, e só então ele nasce consciente para a vida, e se prepara para a continuação do trabalho criativo e sem fim, do seu próprio espírito. Nascendo, o nosso homem se apresentara, portanto, à vida e eis o que o esperava. Eis em que sentido ele orientará a sua existência, que apenas começamos a narrar.

Trata-se de uma experiência realizada contra a corrente hoje seguida pela maioria. As teorias, os ideais pregados não têm importância, a menos que sejam também vividos. As simples palavras, biologicamente, têm

pouco valor. Tratar-se-á de uma reação e de uma rebelião contra o mundo, em nome dos mais altos valores do espírito, ao qual se dá, aqui, uma sólida base biológica, e portanto científica, lógica, persuasiva. Não é mais tempo de nos iludirmos. O método corrente de viver e de conceber a vida está completamente errado. O mundo está hoje, de fato, fora do caminho. Esta afirmação não se encontra apenas na mente de algum vidente isolado, que seria fácil não ouvir ou fazer calar, mas está nas próprias leis da vida, a que ninguém jamais poderá fugir. No comum, o homem obedece cegamente ao instinto de crescer. Instinto elementar, que se inicia na célula e exprime a vontade fundamental da criação, que é a de evoluir. E atira-se ao crescimento como um louco, egoisticamente, caoticamente, isoladamente, desesperadamente. O princípio do crescimento é justo, mas o homem normal não tem a mínima idéia de um método racional para o seguir. Só um método que nos harmonize com as diretrizes dominantes no funcionamento orgânico do universo poderá ser satisfatório, ou seja, sem dispersão de energias, levando-nos a um resultado substancial útil. A vida do homem de hoje é um convulso agitar-se, para se apoderar do mais que possa, de todos os lados e por qualquer meio, para si e para os seus. É uma luta desesperada, sem método, sem critério diretivo, sem consciência das leis que dirigem, pela vontade divina, a vida. Naturalmente, com esse louco sistema, não pode o homem atual senão colher desilusões. Há uma desilusão, que é quase normal, ao fim da vida, e que depende toda de nossa má posição diante dela. Comportamo-nos, freqüentemente, a este respeito, como verdadeiros inconscientes.

A primeira pessoa que encontramos na rua sabe muito bem que o problema fundamental da vida consiste no próprio bem-estar material. Sonho supremo, último horizonte, além do qual se encontra o paradisíaco Nirvana do repouso. Daí a luta sem escrúpulos para atingi-lo, egoísmo ilimitado, adoração ao supremo deus dinheiro. Em que coisa se transforma uma sociedade de tais indivíduos? Um campo de batalha, onde quem se distrair é atropelado; um inferno, e isso do nascimento à morte, por toda a vida, sem nenhum descanso. Esta é a realidade. O resto é exceção, ou sonho ou hipocrisia. Assim, o mundo criou a voragem do próprio suicídio, sem ter força de fugir dele.

Ninguém sabe explicar como, em meio a tão decantada civilização, em meio à riqueza e ao bem estar dos povos civilizados, a vida contenha ainda tanta dor e tão amaras decepções, a ponto de espantar aquele que não seja um inconsciente. A razão é esta. Que o homem não vive só de pão, que não basta, para satisfazê-lo, que ele tenha saciado os instintos da fome e do amor, porque ele possui outro instinto, tão fundamental como aqueles, que é o instinto do progresso. Este é menos concreto, mas nem por isso menos poderoso do que os outros, porque preside ao cumprimento das mais altas finalidades da vida. Ele é, também, o instinto de satisfação mais difícil, e por isso o homem procura eximir-se de cumpri-lo, sem compreender quão profunda é a decepção que lhe resta, seja embora vagamente, na sua consciência, por essa recusa ao cumprimento da vontade das maiores leis da vida. Essa decepção é uma vaga, impalpável, íntima dor, que ele não compreende mas que tem de suportar, como inevitável reação da Lei, que assim castiga qualquer traição. A sociedade moderna está envenenada por esta dor, que não se sabe onde se localiza, mas que se encontra em todas as coisas, porque os nossos atos, muito freqüentemente, constituem uma rebelião às leis da vida.

Não obstante o absurdo do arrivista sistema moderno, há alguns que vencem. E quando vencem e saciam o ventre, regalam-se nos prazeres sensuais, pavoneiam-se de honra e de poder; justamente então eles sentem, amaríssima, essa decepção que não está nas coisas humanas, mas somente na sua maneira de utilizá-las. E espantam-se, então, de não encontrar pela frente senão um grande vácuo no espírito, espantam-se de perceber, justamente quando pensavam ter conseguido tudo, que nada conseguiram. Nada a invejar-se, portanto, destes esplêndidos vencedores, internamente roídos pela decepção. A sua felicidade é só aparente, eles bem o sabem, é uma felicidade traída, como é justo caber aos traidores das leis biológicas. Não se pode impunemente trair o instinto fundamental da vida, do qual os demais instintos não são mais do que instrumentos. A vida impõe o trabalho de evoluir. Trabalho que custa tão grande esforço que, preguiçosos, desejaríamos esquivar-nos de fazê-lo. Para não ouvir a voz da consciência, que nos adverte, tentamos aturdi-la por todos os meios, procuramos não compreender e esquecer os fins supremos para os quais nascemos, precipitando-nos, assim, de queda em queda, cada vez

mais abaixo, até à desesperação. É inútil tentar fugir. É inútil que a nossa civilização cientificamente refine a sua sabedoria, na arte do prazer que envenena, do estupefaciente que atordoa, da astúcia que se esquivava, da força que se rebela. Do ponto de vista científico como do religioso, a vida deve ser evolução, ascensão, ou seja, esforço de redenção. Não há prazer, estupefaciente, esperteza ou força humana que nos possa subtrair a esta lei fatal. Se não nos lançarmos de boa vontade pelo caminho da ascensão humana, rumo ao divino, fá-lo-emos constrangidos pela desesperação. É justamente a isto que o mundo de hoje chegou, e tem de fazê-lo, não mais pelo amor, mas pela força. Ao final do segundo milênio, para a civilização européia, esta é a única diretriz possível, para continuar a viver.

Este livro deseja expor outro sistema de vida, no qual não importa enriquecer, conquistar poder, honras, prazeres. Não se dá nenhum valor àquela dispersão de trabalho para a produção de coisas tão relativas e aleatórias; mas se dá, pelo contrário, todo o valor à construção moral de si mesmo. Este livro deseja demonstrar como se pode fazer da vida um grande edifício, sem se tocar em dinheiro ou honrarias, e até mesmo combatendo estas coisas. Em nosso mundo pensamos que a felicidade esteja num lugar, quando está noutra, ou seja, não nas vantagens do oportunista, mas na ordem, na harmonia com o próprio vizinho e com as leis da vida e de todo o cosmos. A verdadeira felicidade, que nos satisfaz, não está fora, no plano material, mas dentro de nós mesmos, no plano moral. Não em nos revestirmos de roupagens fictícias e passageiras, mas na construção de nós mesmos, na aquisição de qualidades que são bens imperecíveis, eternamente ligados à nossa personalidade. Não se pode negar quantos esforços a terra se impõe, entretanto que rendimento eles dariam, se fossem mais bem orientados! É verdade que a vida é uma experiência que se tenta. Mas que desperdício de energias, quando não se sabe que direção se deve dar aos próprios esforços! Passam-se, assim, vidas inteiras completamente desperdiçadas, vidas cujo resultado se resume em compreender que tanto trabalho foi inútil, e que a direção devia ter sido outra. Assim os destinos se desenrolam estupidamente, perseguindo quimeras, e não se encerram senão numa triste colheita de amarguras. Assim se consomem existências inteiras, em inauditos esforços para a conquista daquelas coisas que

são os produtos secundários do nosso trabalho, não tendo substancialmente outro valor que o de instrumentos transitórios e relativos. É inútil gritar, depois, que a vida é "vanitas vanitatum"[3]. Quando todos os princípios estavam errados e foi traído o instinto mais alto, o divino comando a que não se pode fugir.

Quão diferente é a conclusão para quem trabalhou satisfazendo aquele instinto e obedecendo àquele comando! Que alegria brilha através das necessárias dores da vida, que messe de íntimas satisfações, adoça e premia o esforço da ascensão! Então não se colhem, no fim, decepções, mas se compreende a grande utilidade e a potência construtiva da dor. E, embora sofrendo, se louva a Deus, porque uma íntima satisfação do espírito nos convence de que não perdemos tempo e os verdadeiros objetivos foram atingidos. Uma sensação interior, que não pode enganar-nos, uma satisfação instintiva, não obstante tudo, nos assegura que não lutamos e sofremos em vão, e que qualquer coisa de imponderável e imperecível se encontra em nós conquistada por nós, merecida, e, portanto, realmente nossa, para sempre. Contudo, quantas vidas restam traídas pela preguiça, pela ignorância, pela teimosia de não querer compreender e seguir os verdadeiros fins da vida!

A ciência e a razão têm prometido vários paraísos na terra, mas eles não foram realizados. Dizemos isto, não para combater ou subestimar o imenso passado e o esforço atual, heróico e justo, do mundo, para se colocar numa nova ordem, mas para acrescentar-vos que a nova civilização, que não pode ser senão a do espírito, não poderá efetivar-se antes, cada qual, individualmente, não modificar a sério a sua concepção e o seu sistema de vida. Se o mundo não se transformar, de fato, através de cada um dos seus componentes; se, não somente em palavras, mas também na realidade da vida, não se inaugurar, em vasta escala, uma nova tábua de valores, uma nova civilização não se formará. Assim como hoje se ri do senso de honra da Idade Média, que consistia em passar a fio de espada os inimigos, assim os séculos futuros haverão de rir de alguns dos nossos conceitos de respeitabilidade e de honra, baseados na riqueza, nos títulos e nas posições sociais, filhos da egoísta luta individual. O problema da felicidade, - logo se deverá compreender -, não se resolve com o bem-estar material, mas somente atingindo, além daquele, um

elevado grau de consciência, de que aquele não é mais do que meio. Enquanto fizermos da riqueza um fim em si mesmo, ela continuará envenenada e envenenará quem a possuir. A felicidade não é uma forma de abastança, mas uma íntima satisfação do espírito, um equilíbrio moral, "uma harmonia individual na harmonia cósmica". O homem possui também, indiscutivelmente, um espírito que não pode iludir-se e satisfazer-se somente com vantagens e gozos materiais. Além destas aquisições há todo um outro mundo, com mais vastos horizontes. O espírito sente por instinto, a necessidade de orientação conceptual, de finalidade das ações, de coordenação dos seus próprios esforços para a meta de si mesmo no todo. Sente a necessidade de realizar qualquer coisa de sério e imperecível, para quando tiver chegado ao fim da vida. Se o homem não possui também estas coisas imponderáveis, sente-se freqüentemente, sem saber como explicar, insatisfeito, infeliz.

Enquanto o mundo se ocupar das construções materiais, antes das construções espirituais, e não se ocupar destas como coisas principais, a vida será desperdiçada, as leis biológicas serão traídas, e será insensato, nesse regime de insensatez, pretender colher felicidade ao invés de desesperação. Pode-se sorrir com ceticismo e expulsar o enfadonho pregador dessa verdade, mas o dilema é hoje tremendo: ou criar uma nova civilização ou retornar à barbárie. As leis da vida exigem e fazem pressão para resolver dois milênios de preparação e de espera, e não há lugar para a inconsciência dos que dormem ou gozam. Se não houver o esforço para se criar uma nova civilização, a barbárie de substância, não importa se envernizada de civilização mecânica, será uma punição para todos.

IV

Nasce um Homem e um Destino

Ele havia nascido na mística Úmbria[4], em fins do século XIX, quase à sombra de São Francisco, figura que se agigantou no seu espírito.

Penúltimo de numerosa série de filhos, não esperado viu-se no mundo como por engano e provocou atenções especiais. Nascera numa tarde de agosto, na simplicidade, de uma casa simples, num velho bairro de ruas estreitas, enquanto a turma dos irmãos, para dar paz à casa, tinha saído a passear. E assim como nascera, viveu, longe das vãs complicações da riqueza, livre da escravidão de tantas exigências. Feliz de quem nasce na simplicidade, onde não falta o necessário mas não se é escravo do supérfluo, onde a vida, que em tudo sempre deseja crescer, partindo o humilde, tem espaço para subir. Que caminho resta a percorrer a quem já nasceu feito, rico e poderoso, senão decair? A vida é um vir-a-ser e não se pode parar. Um caminho é necessário. Se não se puder fazê-lo em ascensão, termina-se por fazê-lo na descida. Essa é lei fatal da vida. Haveria um remédio: livrar-se logo o privilegiado da sua posição de privilégio, da injustiça que pesa sobre ele reclamando justiça, livrar-se logo do débito contraído para com os semelhantes ao nascer em posição favorecida, débito do qual as justas leis da natureza exigem o pagamento. Mas livrar-se é muito difícil, seja para o bem nascido, que cresce enfraquecido pelas facilidades da vida, que não lhes ensinam desde cedo a luta, seja pelos pais, que o amam. Essa desgraça de haver nascido já feito não merece, portanto, como se costuma fazer, a nossa estúpida inveja, mas antes direito à nossa benévola piedade e ao nosso auxílio.

Feliz, pelo contrário, quem nasce com a riqueza do espírito, que mais facilmente se encontra e se desenvolve na pobreza das coisas humanas. Os tesouros da terra podem ser perdidos, mas não os do Céu. Em meio à barafunda das incertezas humanas, há aquela maneira incrivelmente segura de investirmos as nossas riquezas nos valores imperecíveis do espírito. Estas primeiras referências são feitas aqui, justamente por exprimirem o tom fundamental que dominará esta história, em todo o seu desenvolvimento. Desde o princípio, oposição absoluta entre espírito e matéria, luta dos princípios morais contra o utilitarismo do mundo. Desde o princípio é mostrada aqui, bem clara, a inversão evangélica dos valores humanos. Neste relato veremos desenvolverem-se os ásperos sucessos dessa trágica batalha, nem sempre vitoriosa. Essa história de um homem está, portanto, em perfeita harmonia com a substância do Cristianismo e com a revalorização das forças do espírito, hoje, sob certos aspectos, abertamente sustentada.

Como todos, ele trazia em si as notas da sua raça; a característica úmbrica, assinalando o tipo geral italiano. Diz-se que os antigos romanos possuíam o dom da vontade e do equilíbrio, os toscanos o da expressão e os umbros o da intuição. Assim, o lugar do nascimento e o tipo da sua gente, taciturna, sóbria, trabalhadora, já esboçavam um pouco o seu destino.

Também a hora, o dia, o mês, o ano, as constelações, diz-nos a astrologia, influem no destino de um homem. E seria absurdo negá-lo "a priori", por simplismo ou ignorância materialista. A radiestesia, ciência das vibrações de todas as coisas, inclusive o homem, transmitem e recebem, está apenas nascendo. E já está séria e cientificamente justificada a desconfiança de que existem muitas coisas sutis, no Céu e na Terra, inegavelmente reais, embora imponderáveis. Certamente, em meio a tudo isso que existe, o homem transmite, e sobretudo recebe, uma quantidade infinita de vibrações, das quais se ressent, mesmo que a sua atual insensibilidade não lhe permita percebê-las com clareza.

Não importa saber que nome o protagonista recebeu ao nascer. O leitor lhe dê um nome qualquer, o que mais lhe agrade. O verdadeiro nome do homem não é dado pelos registros sociais, mas pelo seu tipo, pelo seu destino, pelas suas obras. O nosso personagem aqui se encontra como um soldado anônimo da vida, no qual poderá encarnar-se quem o quiser. É um tipo a que só se poderá dar um nome, ao fim do seu caminho terreno.

Assim ele se encontrou a viver nesta terra, imenso campo de exploração, qual força progressiva num mar de forças em ação. Em torno dele vibraram efeitos de próximas e remotíssimas causas, de que não tinha conhecimento. Para esse recém-nato, o mundo apareceu como trevas, em que a centelha espiritual, concentrada no eu, deve, por si, aprender a ver. A infância se lhe mostrava incerta e temerária, e cada hora, cada passo, era uma conquista. Indagar, explorar, experimentar, é o seu desejo e a sua tarefa. Ele aprende primeiro as grandes palavras da vida: "mamãe", que é a gênese, "eu", o centro da consciência; "quero", expansão e concentração no eu; "por que", a grande pergunta a que nunca poderá dar a última resposta, mas que contém a busca sem fim de Deus. Aprende a caminhar, porque, materialmente e moralmente caminhará toda a vida. Mas sabe chorar desde que veio à luz, porque a dor já o

tomou em suas garras e não o largará mais.

Mal nasce, começa, para a criança, a se desenrolar um fio, inicia-se a marcha que será batida, até a morte, pelo ritmo inexorável do tempo. Mas nem o fio se desenrola, nem a marcha avança ao acaso. A consciência da criança é semente que se desenvolve e se expande, mas é germe que traz em si todas as características fundamentais da futura personalidade. As notas centrais já estão dadas, e não se mudarão mais. Isso acontece com todos os germes vegetais e animais. Vem depois a educação a que a criança é submetida, e a que se adapta ou reage, segundo os casos. Intervêm depois as forças externas, as exigências dos outros seres, as imposições da convivência social, os freios morais do dever e da virtude, que se sobrepõem ao instinto. E o tipo originário, qual o construíra a sua história biológica, para se adaptar, mais ou menos, enfrenta todas as pressões, um pouco se transforma, um pouco aprende a mentir e a esconder o seu verdadeiro eu; algumas forças externas se dobram ante a sua vontade, por outras termina dobrado. Com o seu eu originário, com as qualidades boas e más, com os recursos e as deficiências, ele deve saber chegar até o fim, abrindo caminho num mar de forças que o circundam, e que de todos os lados fazem pressão para o invadir. Cada uma, à sua própria semelhança, lhe diz: "eu" e "quero", e não encontra a paz enquanto não se realiza a si mesma. Assim começa a vida, que é luta, e, da maneira como está biologicamente implantada em nosso planeta, não pode ser senão luta sem tréguas para o forte e para o fraco, para o evoluído e para o involuído. Verdadeira escola, ai de quem a ela se exime. Ai dos jovens a quem os progenitores, por excessivo e muito prolongado afeto, que exagera as funções protetoras da criança além dos limites naturais, entregam os meios fáceis de se eximirem à luta. Certas educações cômodas e fáceis são pagas, depois, duramente. Não é possível eximir-se; é necessário exercitar-se cada um no seu plano, no seu nível, segundo o tipo fundamental dado pelo nascimento. A luta não é violência e subjugação senão embaixo. E em todos sabem subir. Nem leis nem religiões puderam agir tão profundamente para civilizar o fundo bestial da natureza humana. Mas, para quem quer e sabe, há formas superiores de luta viril e generosa, que não são a condenação à animalidade, mas a afirmação da mais alta potência no espírito. Neste campo é necessário aprender a lutar. A luta é lei da natureza, necessária, e

não está no poder humano evitá-la. Mas aquilo por que somos responsáveis é a forma de luta, forma que nos cabe escolher, segundo aquilo que somos, sobretudo segundo aquilo que queremos e sabemos nos tornar. "Diz-me como lutas e por que lutas, e eu te direi quem és".

Temos falado do destino. Há realmente um destino, e em que sentido? A vida é um encadeamento de causas e de efeitos, que se pode perquirir, remontando muito aquém ao momento em que o indivíduo nasce. Assim os filhos são uma conseqüência dos pais. Mas, ao nascimento, aquele fio comum que se transmite de geração a geração torna-se particular, próprio de cada um, e se chama "eu". Destaca-se do "eu" anterior, do qual muito depende, e conserva-se distinto dos eus sucessivos, nos quais, aliás, continua e quase sobrevive. Ora, naquele "eu" que é estritamente nosso, a parte que é conseqüência do passado, isto é, a constituição fundamental do germe, do qual deriva o tipo de personalidade está, já então, fora do nosso livre-arbítrio. Para nós, ao menos, que o possuímos na forma já cristalizada, definida na entidade germe, ela é qualquer coisa já então solidificada num tipo. E dessa forma, sem qualquer inquirição, o recebermos ao nascer. Não iremos mais fundo, neste trabalho. Algumas mentes se perturbam, ao ouvir falar de reencarnação, e não se tem o direito de perturbá-las. Certas salutares ignorâncias serão respeitadas. Salutares, porque a humanidade está ainda muito selvagem para ser posta a par de certos conhecimentos. E quem os possui faz bem de não divulgá-los, porque eles não podem e não devem ser concebidos senão por quem os mereceu, ou seja, por quem os conquistou através da maturação. Sem isso, eles não podem ser compreendidos nem admitidos. Aqui se fala, portanto, simplesmente do passado da hereditariedade fisiológica e psíquica, e esta não se pode negar, porque a ciência a toca com as mãos.

Há, indiscutivelmente, na nossa personalidade, uma zona de determinismo. Ela se encontra no fundo do nosso destino, é o instintivo, indiscutível subconsciente, que às vezes se impõe à nossa vontade, antes que a própria consciência desperte. Mas, sobre este fundo hereditário, em todos os sentidos possíveis, filho do passado, eleva-se uma zona de livre-arbítrio, um campo de novas e livres construções, porque o "eu" se forma e se reforma sempre, sem jamais se deter, e se constrói especialmente através de explorações e

experiências que atravessamos neste ambiente terreno. E é justamente para a sua construção, ao menos no que respeita ao tempo da vida humana, que nós a atravessamos.

Por destino não devemos portanto entender um cego fatalismo, um fato inexoravelmente imposto, mas um impulso anterior, que se pode e que está em nós corrigir. Ao passado cristalizado podemos opor a força da nossa vontade presente, que pode retificar a trajetória daquela massa, que não caminha somente pela inércia, mas guiada pelo impulso da nossa atual, inteligente e livre vontade. Se isso implica uma zona de relativa, transitória irresponsabilidade, que só o é no presente, porque o subconsciente é filho do passado, não viola, entretanto, a zona muito vasta de responsabilidade consciente do presente, sempre livre nas suas correções e criações[5]. E se devemos admitir, sob pena de nada compreender ou de acusarmos de injustiça o Criador, um passado nosso, livre e desejado, mesmo que ele hoje se apresente fixado em forma de determinismo, está claro que, na realidade, a responsabilidade abarca todo o nosso destino. O destino humano, momento do eterno e necessário vir-a-ser, é portanto o desenrolar de uma luta entre determinismo e livre-arbítrio, entre o passado que quer resistir e o presente que deve corrigi-lo. E a balança da justiça pende segundo uma responsabilidade no presente ligada a uma fatalidade, e segundo uma liberdade que, para vencer, deve, agora, quebrar a resistência do determinismo, que está no próprio destino

A Procura De Si Mesmo

Assim começou a desenrolar-se o fio da vida do nosso homem. Há tipos lineares, simples, evidentes, de consciência superficial. A personalidade pode, então, revelar-se logo. Há indivíduo que se manifesta mais facilmente inteligente, de mente brilhante; tudo exterioriza com rapidez, e pode ser logo apreciado e desfrutar a sua posição no mundo. O centro da consciência, no nosso homem, estava, pelo contrário, tão profundamente situado, que permaneceu, para ele mesmo, longo tempo escondido. Ele sentia qualquer coisa de imenso dentro de si, no seu passado, e uma tão vasta complexidade no próprio eu, que levou muito tempo a reencontrar-se, e não pôde fazê-lo senão lentamente, laboriosamente, parecendo, enquanto isso, inepto, tímido, medíocre. A sua consciência devia ser encontrada não apenas na superfície, mas em profundidade. Não podia viver por imitação, nem aceitar verdades já confeccionadas para o uso prático. Não lhe bastava pautar as ações de sua vida pelas simples idéias correntes ou pela simples orientação dos instintos. Sentia a necessidade de penetrar a substância e de inteirar-se diretamente das razões da vida. Não sabia nem podia agir senão de maneira consciente. Não podia fazê-lo de outra forma. Tal era o determinismo do seu tipo.

A sua meninice foi exteriormente insignificante. Nada de notável, de particular, que a distinguisse das demais. Enquanto sofria, suportava o ambiente, mas tudo observava. Poderia chamar-se a esse o período das explorações, anteposto ao da experiência. E observando e registrando, preparava-se para julgar. Preparava os primeiros acordes das futuras sinfonias espirituais, estremecendo ao cheque dos primeiros contatos do ambiente terrestre. Sob a aparência de uma meninice insignificante, de menino dócil, obediente, estudioso, ocultava o complexo trabalho de um eu que se cansava na procura de si mesmo. Se exteriormente aparentava uma personalidade comum, simples, vulgar, - aquela que os outros viam e continuariam a ver, quase todos, durante a sua vida, - ele sentia revelar-se vagamente no seu íntimo, e avidamente buscava, movido por um profundo instinto, uma segunda personalidade, com uma segunda vida, tão mais vasta, bela e profunda, que lhe parecia, quase não

pertencer à Terra. Com a sua percepção interior, sentia esse enigma e não o compreendia. Havia lá, no recôndito de si mesmo, um abismo que lhe parecia insondável, um outro mundo indecifrável. Tinha a vaga percepção de uma dor imensa, e se perguntava porquê. Sentia uma vaga sensação de uma terrível queda, semelhante a da esplendente estrela que, precipitada da sua luz, caísse prisioneira da Terra, privada da imensa liberdade dos espaços, nas profundidades abissais de um oceano escuro e pavoroso. Não percebia senão alguma coisa, de relance, como num subitâneo reencontro, como uma revelação. A vida aparecia-lhe, então, como terrificante experiência, que exigia uma coragem heróica para superar, e que não obstante devia ser superada. Estava diante de uma prova tremenda, além da qual, porém, devia haver alguma luz, porque um secreto e incoercível instinto lhe dizia que Deus é justo e bom, e que o universo é obra de sabedoria, conscientemente guiada. Esboçavam-se, assim, os fundamentais motivos condutores de sua vida. Os germes se desenvolviam; ele amadurecia em silêncio.

A primeira sensação consciente de que se lembrava, ligava-se ao terceiro ano de sua vida. Foi uma sensação indistinta, mas assim mesmo tão impregnada de angústia sutil, que jamais pode esquecer-la. Lembrava-se perfeitamente a princípio, ou seja, na sua psique a recordação aparecera direta e imediata; depois, tornara-se a recordação da recordação; depois, ainda, a recordação dessa última; e assim, reevocada sucessivamente, a impressão sobreviveu ao contínuo cancelamento das superfluidades da lembrança humana. Os psicólogos, sempre à caça de psicopatias, prontos a confundir subnormal, anormal, e supranormal, apressar-se-ão, - talvez para satisfazerem àquele instinto fundamental de luta, que leva o indivíduo a sobrepor-se aos outros, julgando e demolindo os tipos diferentes dele mesmo, - a descobrir, também neste caso, algum sintoma neuropatológico. Porque o indivíduo, para ser são e normal, deve possuir uma psique simples, sem supérfluas e incompreensíveis complicações. De outra forma será um anormal, e portanto um fora da lei, que se poderá impunemente aniquilar. Que maior satisfação, na luta pela vida? O impulso é tão instintivo e irresistível, que se torna quase um dever. E a lei da luta não lhes passará no subconsciente um terrível logro, de vez que a própria luta que leva cada um a descobrir defeitos no próximo, para sobrepujá-lo? E os

melhores não foram sempre os gênios? E não será esta a íntima e inadvertida determinante das teorias lombrosianas? E essa mania do patológico não será uma ofensa à Natureza, que tudo equilibra e compensa cada deficiência, tudo, até mesmo o que possa parecer patológico, tornando-o útil, e a tudo dando uma função, para alguns dos seus fins?

Eis o fato. Nada exterior, todo subjetivo. O quadro da recordação constitui-se de um aposento pobre, com um fogão em terra, baixo, de fogo extinto, junto a uma janela, por cujos vidros sujos se filtra, com infinita desolação, a tétrica e pálida luz de um lento entardecer, triste como um pranto ao crepúsculo. O motivo repete-se, volta mais fortemente, mais tarde. Havia ainda uma cozinha escura, à noite, uma luzinha a óleo e um som desolado de sino distante. Que coisa contêm estes terrores pueris, estas impressões vagas e no entanto profundas? De onde emergem elas, e como possuem tanta força, para traçarem no espírito um sulco, sobre o qual sempre retornam? Por que, depois, sempre, aquela sensação de aflita tristeza, ao som de um sino na tarde? Por que certas coisas, de preferência a outras, se fixam na personalidade de alguns tipos humanos e não mais se apagam, mas, pelo contrário se reforçam com os anos? São recordações? Que recordações? São, sem dúvida, atrações, repulsões, simpatias, amores, ódios. Por que? Em virtude de que leis, desde o nascimento se revelam estes motivos e ligações do espírito com as coisas? Por que a presciência, por que estas diversidades, se as almas são todas criadas ao nascer? Ou há nelas um passado, que torna à luz nesses momentos? Só os espíritos inertes e sonolentos podem viver sem sentir uma ardente necessidade de compreender. E quem vibra num espírito como este não pode, absolutamente, reduzir-se a tal suicídio espiritual, como se os insensíveis o quisessem impor, a todos os que não são, como eles, natimortos do espírito.

A substância do fato, não era o lugar nem a hora, mas o revelar-se da nota dominante de uma vida. Cada vida é um motivo que se desenvolve. Ele é dado logo ao nascimento, inexoravelmente, seja alegria ou tristeza, atividade ou preguiça, bondade ou maldade, inteligência ou estupidez, e assim por diante. A coloração fundamental é dada e acompanhará o ser por toda a vida. É ela a onda da alma, o tipo de vibração inerente à personalidade, a constante emanção, o sabor indelével de todo o indivíduo. Até mesmo as

plantas o possuem, e o revelam em toda parte, com suas simpatias e antipatias, de tal forma que constatamos, às vezes, entre elas, inimizades tais que, se crescerem próximas, se aniquilam mutuamente.

Mais tarde, esse motivo muitas vezes repercutiu no espírito do menino que se tornara adulto. Reapareceu, condensando-se em diferentes quadros, porque a vida está sempre em movimento, embora repetindo e, ao retornar, retoca e modifica os seus motivos. Nas antigas cidades medievais da sua Úmbria, as pedras antigas lhe contavam então histórias estranhas, macabras, dilacerantes, como de pessoas queridas, assassinadas na estreita soleira de uma daquelas portas angustas, chamadas "do morto". Aquelas pedras se animavam e lhe falavam, como transmitindo antigas vibrações de fatos longínquos, ali acontecidos, vibrações de que se haviam saturado e que então restituíam. Quando, nas tétricas noites hibernais, já homem, ele vagava pelas antigas ruas de Assis ou de Gubbio, as cidades do silêncio e do sonho, as velhas paredes lhe pareciam animar-se daquela vida profunda que possuem as coisas mortas, que não obstante não podem morrer. Ele interrogava as velhas paredes que tanto tinham vivido, entre as quais o homem por tão longo tempo havia passado, com as suas lutas e as suas dores. Certas vielas tortuosas, em que gostava de vaguear, especialmente à luz incerta da tarde, provocavam-lhe, às vezes, estranha estupefação, como imprevista revelação. E ali ficava atento, de alma suspensa diante do grande mistério do tempo, do mistério daquela inexorável e eterna palpitação, ali retida, não se sabe por que milagre, naquelas pedras. Permanecia ali, atento, espreitando a magia dessas fixações e desses retornos, dessas sobrevivência de coisas longínquas, renascendo aos fluxos para repetir, com uma estranha e profunda música, a eterna identidade do drama humano. E o seu espírito escrutava, buscando a recôndita imagem do eterno através do respiro dos séculos, a imagem gravada na alma daquelas cidades. O seu espírito interrogava, procurando encontrar, na voz das árvores, das rochas, do vento, na voz da terra e do céu, no fundo da grande voz do silêncio, a voz de Deus.

Escutava à noite o zumbir da tempestade, ululando ao longo das velhas paredes, como se arrastasse consigo uma fuga de espíritos, sibilando antigas histórias de ódio e de vingança. E sentia que as trevas o miravam e lhe falavam. E interrogava-as, e como um rdomante à procura de subterrâneas

correntes de água, vagava indeciso, parando entre as velhas casas. Foi aqui, foi lá, onde, como? Não encontrava, não percebia nada, claramente; não obstante, ele estava ligado àquelas cidades por uma indecifrável, angustiada nostalgia de um grande afeto, tragicamente espedaçado. Quem sabe? Depois, nos seus escritos, descreveu e exaltou as suas úmbricas cidades do silêncio, que tanto havia amado. E os habitantes atuais dessas cidades viram nisso uma exaltação natural das mesmas. Mas ele não via naquelas cidades o presente, e procurava outra coisa. Estabeleceu-se, assim, entre estes e o seu espírito uma sintonização que se lhe tornou profundamente cara. Mais precisamente, conseguiu despertar em si a sensação dessa sintonização, que já se encontrava no seu íntimo, como um instinto anterior, antes mesmo de qualquer percepção consciente. E sobretudo nas tristes e obscuras tardes do sonolento outono, sob o amarelecer das folhas das grandes árvores amigas, ele procurava e conseguiu encontrar novamente os acordes daquela sintonização que provinha do passado, um passado que ressuscitava e que sentia ser o seu próprio. Há, sem dúvida, em algumas almas, imensos e terríveis mistérios.

Mas nem tudo, no seu espírito, era trágica tristeza. Havia luz também, e quanta luz! Lembrava-se de haver sido trocado, em criança, mais na vista interior do que nos olhos, certa tarde, numa igreja, por uma luz amiga que fluía do alto, não sabia como. Contou o fato, mas ninguém o compreendeu, e então se calou. Mas nunca o esqueceu! Depois, nas suas úmbricas cidades do silêncio, sobrepondo-se ao terror das atrocidades medievais, reencontrou, com a mesma angustiada nostalgia, o encanto de uma figura simples e humilde, que passava fazendo o bem. Irradiava tamanho esplendor espiritual, que todas as trevas se dissolviam ante ela, todos os terrores se dissipavam, os ódios desapareciam e as dores eram consoladas. Era a figura de São Francisco. E na sua vida ele a seguiu em silêncio, além de Assis, até Verna, a Greccio, sobre o Trasimonto, e a tantas outras cidades menores, por toda a parte a que pudesse ir, beijando-lhe angustiadamente as santas pegadas. E em cada lugar se perguntava: Foi aqui, foi ali, onde, quando? Assim amou Assis primeiramente, depois amou Gubbio, como à sua pequenina irmã franciscana. Conheceu depois a Itália inteira, a Europa e as Américas, mas nenhuma cidade encontrou a que pudesse amar mais do que aquelas duas. São Damião, a Porciúncula, o túmulo de S.

Francisco em Assis, a Capela das Estigmatizações, em Verna, haviam sido os lugares de mais intensa e evidente sintonia com o seu espírito, como outras tantas etapas da sua paixão. Naqueles lugares reencontrou o sentido mais profundo do seu destino, reencontrou engrandecida aquela primeira luz da sua infância, alcançou a visão daquela afirmação que ultrapassa a terrificante prova da vida, encontrou a força de se redimir superando os terrores do passado, conseqüências naturais de suas grandes culpas e dos seus desvios. Eram forças por ele mesmo desencadeadas em algum tempo, e que agora se lançavam desesperadamente contra ele, para espedaçá-lo, a ele inexoravelmente ligadas pelo determinismo do seu destino.

Havia cometido, por certo, uma queda, que agora reclamava, fatalmente, justiça e expiação. Um dia foi a Versalhes, para reconstruir, dentro de si mesmo, a torpe frivolidade do mundo de Luiz XV e aquela trágica hora de prostituição do poder e da riqueza, de que nasceram os horrores da revolução francesa. E ali chegando, de novo se perguntou se não os reconhecia. Quem sabe? Ainda ali, por certo, alguma coisa o prendia, o atraía, como um canto enganador de sereia, como os tentáculos viscosos de um polvo, molemente atraindo-o para o fundo de um abismo em que se encontra a morte. Em Versalhes, conserva-se ainda no centro o quarto, com o leito e os móveis de Luís XIV, "le roi soleil[6]", em tudo orientado pela grandeza solar.

Ele havia olhado o seu retrato, que se achava naquele quarto, feito de cera, com longos cabelos verdadeiros, expressivos, e o olhara com antipatia. Detestava os soberbos, particularmente aquele soberbo. Mas havia tocado com interesse os quixotescos e frívolos gobelinos do quarto de Luiz XV, dirigira-se ao Grand Trianon, ao Petit Trianon, à Maison de la Reine, sobre o pequeno lago, havia explorado os recessos do parque, procurando nos pequenos aposentos de Versalhes a figura de Maria Antonieta. Luiz XVI mal aparecia, grosseiro, apagado, insignificante. Mas as vibrações mais decisivas permaneciam e lhe falavam. Todo um mundo de loucuras, frívolo e trágico. De Versalhes, ele o seguiu com o pensamento a Paris, às Tulheiras, para a trágica fuga de Varennes, ao Templo, e por fim à guilhotina de Luiz Capeto e de Maria Antonieta. E o Delfim desaparecido. Eis o período do terror, os cárceres regurgitantes de aristocratas condenados. Eis Robespierre, elegante, o incorruptível, e Danton e

Marat, devorados pela sua própria revolução. E tudo se afunda no sangue. O terror da revolução era o seu próprio terror, e ao rebuscar-lhe as causas, nas imponentes salas de Versalhes, arrepiava-se, como diante de uma sensação real.

Ele se perguntava: que tenho eu com esse mundo, como as suas culpas podem ser as minhas, qual é o significado desta sintonização, que me faz vibrar com os seus episódios, desta atração que me prende, pois tudo isso eu sinto reviver em mim? Está ali, talvez, a causa da minha atual expiação, que por isso adquire forma tão precisa e específica, a ponto de parecer a correção daquelas culpas? Por que uma tal correspondência de sensações e de posições? O fato de que a dor não golpeia ao acaso, mas insiste, quase com lógica e método, sobre certos pontos, que numa vida são quase sempre os mesmos, faz nascer a idéia de uma expiação específica. E é ainda justo que uma dor seja a correção de determinados erros, e erros próprios, e em proporção a eles, e não dos erros de um místico e distante Adão, do qual, tão pouco se sabe. Só assim a vida é escola, é campo de provas, em que se corrigem antecedentes, só assim se adquire o senso de completa justiça na dor, da sua utilidade específica e do seu funcionamento lógico. A dor tem assim uma explicação e uma justificação precisas, um significado mais convincente, e resulta, não só de modo vago, mas também prático e exato, em nossa utilidade.

Ele satisfazia assim à sua necessidade de ver claro os porquês da sua vida e dos seus atos, e de traçar a rota do seu destino, porque esta continha também os seus objetivos. Uma coisa, apenas, não compreendia: como podiam os seus semelhantes viver sem sentir a necessidade de se orientarem, de precisar o significado específico da sua vida e o conteúdo a lhe dar.

Era certo que percebia esta sintonização, instintiva e indiscutível, com ambientes históricos contendo condições de vida que ele verificava estar revivendo, agora, de maneira inversa, contraditória, como uma compensação. Por que esta sintonização, esta atração de simpatia justamente por aqueles ambientes, e como nunca esta correspondência de posições contrárias? Não podia cientificamente negar, "a priori", a possibilidade desta impregnação vibratória das coisas, nem a sua atual irradiação, após a saturação no passado, nem a possibilidade de um hiper-sensitivo, como ele, pesquisar essas correntes vibratórias, registrá-las e

com elas sintonizar-se, fosse por concordância ou dissonância, simpatia ou antipatia, segundo a natureza das próprias ondas psíquicas. As últimas descobertas científicas o induziam a admitir a possibilidade de estabelecer relações com ondas longínquas, a nova ciência das vibrações o levava justamente a tais conclusões.

Só quem vegeta sem sofrer pode ficar adormecido na ignorância e contentar-se com as simples explicações filosóficas sobre a dor. As belas teorias servem muito, mas para as dores alheias. Quem sofre, porém, seriamente, a sua própria dor, não encontra a paz enquanto não lhe descobre pelo menos as causas. Se para outros a sensação fundamental da vida pode ser de gozo, e a posição normal de tranqüila inconsciência e de inércia, para ele, para quem a sensação da vida era de dor, a posição normal não podia ser senão de atividade e de procura. Ele era, portanto, um investigador nato. E queria resolver não só o problema do conhecimento sem sentido universal, mas sobretudo no sentido particular do seu próprio destino.

À força de observar, de procurar sintonizações diversas, guiado por um senso especial e uma sensibilidade sempre mais refinada, com o avançar da vida pela escola da dor, impulsionado pela necessidade de escapar de uma existência que era prisão para o espírito, à força de experimentar, confrontar, meditar, conseguiu estabelecer confrontos, e depois relações de causalidade, que assim lhe deram, ao menos por meio de hipóteses, uma provável explicação do seu estado atual. Porque uma hipótese de trabalho era o mínimo necessário para poder trabalhar no desenvolvimento do seu destino. E seguiu, aplicou esta hipótese, porque ela correspondia àquela íntima convicção instintiva que está além de todo raciocínio, e que é a que mais persuade; aplicou-a, porque ela concordava com as leis que ele descobrira reger o funcionamento orgânico do universo, e isso harmonizava o seu espírito; porque, enfim, era ela a única coisa que lhe dava uma lógica explicação de tudo, permitindo-lhe satisfazer a sua necessidade de compreender e de agir, com conhecimento e retidão.

Podia assim reconstruir um pouco da sua própria história e aprofundar o conhecimento de si mesmo. Bem poucos, cremos, sabem dar uma resposta à pergunta: quem sou eu? Para descobrir uma, tentou a grande

aventura da exploração de si mesmo, conseguindo assim reencontrar alguns lineamentos da sua verdadeira, profunda, eterna personalidade. Conseguiu estabelecer paralelos e correspondências entre hipóteses e experiências, e a descobrir uma explicação dos fatos presentes, dos seus próprios impulsos instintivos, das idéias e atitudes inatas, do desenvolvimento da trajetória da sua vida, da natureza e significação do seu destino, e a encontrar, portanto, a direção a dar à própria atividade, para fazer da sua existência terrestre não uma vaga tentativa, mas um trabalho orgânico e consciente. E pôde precisar o significado daquela sua íntima sensação de queda, daquele seu temperamento incomum, daquela sua inadaptabilidade ao ambiente humano, daquele seu senso tão doloroso da vida.

O seu passado era, sem dúvida, extenso e rico de profundas experiências. Não podemos aqui aludir senão às mais típicas e mais decisivas. Um conhecimento havia sido, pois, conquistado e, embora ofuscado, mais tarde, pela queda, ainda restava, porque aquilo que uma vez se conquistou não se pode mais perder. Ainda quando a consciência humana oprimida pelo cansaço de mil dores, houvesse naturalmente vacilado, havia nele um subconsciente gigantesco, que nenhum assalto podia destruir. Mesmo marcado por mil fadigas, arrastado por um destino de expiações cruciantes, inexoráveis e tenazes, até às portas da sua alma, aquele passado estava escrito, indelevelmente, no seu subconsciente, era seu, como inalienável produto do seu trabalho. Diante desses substratos da personalidade, a dor não pode destruir, mas somente elevar, aperfeiçoando o indestrutível. Em tais casos, a dor que aniquila e avilta os normais, ao contrário, exalta, eleva, embeleza; é instrumento de ressurreição.

Havia, entretanto, entre ele e aquela luz do seu passado, um período de trevas humanas, de graves erros queridos pelos quais, era responsável, e que gravavam o seu espírito alado e o ligavam às tristes vicissitudes da dolorosa experiência terrestre. O seu destino, portanto, enquanto revelava, de forma evidente, a função redentora da dor, continha também, de maneira superlativa, essa trágica alternativa de treva e de luz em que se desenvolve a luta mais sangrenta da vida; seu, de maneira particular, era o grande drama do bem e do mal, que é o eixo do mundo. O significado da sua atual experiência era, sem dúvida, em primeiro lugar, o de expiação; dada a sua

posição, assim estreitamente individual, a sua vida era uma prova dolorosa, para ressarcimento de equilíbrios perturbados, para correção de experiências, erradas, para atingir a assimilação de novas experiências, dirigidas agora em sentido oposto, difíceis de suportar, mas destinadas a construir na sua alma qualidades mais elevadas, que ainda lhe faltavam. A sua via não podia ser outra, senão a da cruz. Em meio a tantos caminhos diversos, de tantos homens diversos, este era o tipo do seu destino. Cada qual tem o seu, como tem a sua personalidade, o seu tipo inconfundível. Na vida social os destinos se enredam em ações e reações, se chocam, se influenciam, se corrigem, mas não se confundem nunca, e cada um permanece nu e só, diante de si mesmo.

Mas além da cruz esplendia a libertação, além da luta pela redenção, surgia a ressurreição. Expição pela dor era, portanto, a primeira palavra de ordem da sua vida, no caminho da cruz; mas havia depois, também, um outro aspecto. Mesmo subindo pela via dolorosa de Cristo, haveria espaço para ele prestar benefícios, em alguma parada, em algum descanso, em algum afrouxamento das tenazes fatais, lhe restaria ainda uma possibilidade de missão, para conceder aos outros, no inferno terrestre, alguns reflexos da luz uma vez conseguida e que permanecera inesquecível.

Este destino que narramos, vê-lo-emos desenvolver-se no caminho do Calvário, sobre as pegadas de Cristo. Não se trata mais, agora, de simples sintonização, talvez pela memória, com ambientes medievais franciscanos, de um amor pelo santo da bondade e da humanidade, que quis fazer a experiência integral do Evangelho, mas da convergência de todo um destino, como prova de dor e como missão, para a figura de Cristo. Trata-se de uma suprema experiência toda tensa na realização vivida do pensamento, da bondade, da paixão de Cristo. Veremos, mais adiante, o grave sentido destas palavras e a que tipo particular de experiência humana, orientada para o divino, a vida que relatamos quis realizar ou, pelo menos, sonhou e procurou atingir. Veremos uma tentativa, direi, quase desesperada, em face do homem atual, de uma integral aplicação do Evangelho. E veremos a desforra do mundo: as resistências, as reações, as condenações, as falências e as traições, escárnio de quantos quiserem fazer, no campo do espírito, qualquer coisa verdadeiramente séria. Registraremos choques, incompreensões, anacronismo. Um dia o

encontro entre o nosso homem e o mundo ocorreu e então já não foi mais possível retroceder.

Mas Cristo esplendia naquele destino, no seu passado, no seu futuro. Como uma lembrança e como um pressentimento, o envolvia todo em luz, tanto que o breve espaço daquela vida de treva dolorosa se fechava entre dois esplendores. Aquela luz estava antes da culpa e depois da expiação. Cristo era a sintonização mais palpitante daquela vida e sempre ressurgia diante daquela alma, sempre com profunda emoção. Este era o sulco mais fortemente traçado e que ali se tornara indelével. Parecia, sempre, àquele homem ver a grande e amada figura andar pelas terras da Galiléia, às margens do lago de Tiberíades, de Belém a Nazaré, a Jerusalém, da pobre manjedoura o Getsemane e ao Gólgota. E a seguiria como exemplo, em silêncio, pelos caminhos da vida, amando e sofrendo. Cristo era, para ele, antes do nascimento e depois da morte, a última síntese de todos os valores humanos.

VI

Primeiras Escolas e Primeiros Problemas

A descrição do desenvolvimento interior do personagem impôs-se, por sua própria força íntima, neste escrito, antecipando a dos fatos exteriores. E isso porque é naturalmente muito mais importante e leva à compreensão destes, aos quais devemos dar, entretanto, um rápido olhar, sobrepairando o secundário, tudo quanto, de material, não tinha sentido espiritual. Os fatos exteriores da vida não têm, freqüentemente, o significado substancial das experiências interiores. Eles obedecem, no geral, somente a uma causalidade mínima e próxima, de superfície, e o ser que só vive exteriormente e

sofre sem a compreender, sendo levado na deriva, sem liberdade nem conhecimento, sem domínio, para acabar ligado ao determinismo do mundo físico. Mas isso não impede que até mesmo os acontecimentos exteriores às vezes se liguem à substância interior, e sejam a expressão de impulsos das forças do destino, que também naquela experiência necessitam manifestar-se. Assim interiormente animados e iluminados, eles então revelam uma vontade convergente para determinados pontos, e assumem outro significado.

No caso do nosso protagonista, a juventude representou um período de lenta e tranqüila preparação. As provas, devendo ser graves, esperavam que ele se formasse; devendo ser íntimas e complexas, exigiam, como necessária premissa, uma profunda maturação. Ninguém de fora, suspeitava que germens se elaboravam naquela juventude, aparentemente tranqüila e insignificante. Aquele destino complexo, não podendo revelar-se senão no homem maduro, aguardava, no seu lógico desenvolvimento, que ele se apoderasse do sentido mais profundo da vida. Ele, enquanto isso, andava a procurá-lo.

Assim passou a sua juventude, estudando na escola, como tantos. Vida cinzenta, uniforme. A escola, sendo convivência, foi para ele um estudo de adaptação à vida humana. Observou tudo que os professores exigiam dele, as condições que lhe propunham para conceder-lhe a compensação procurada: passar nos exames. E deu à escola aquilo que ela pedia, como se dá a Deus o que é de Deus e a César o que é de César. Ali mesmo, cultivando o espírito, queria pensar em si. Dominado, portanto, o mecanismo da escola, obteve as várias aprovações, aplicando nesse caso o sistema do "do ut des[7]", em que se limitaram os seus trabalhos escolares: o mínimo para obter aprovação. Não pediu à escola mais do que diploma, porque havia compreendido que a escola não podia dar mais do que isso, ao menos para ele. O esforço da vida lhe parecia bem diverso daquele de fazer reviver as línguas mortas do latim e do grego! Passatempo de luxo, exatamente onde tudo é luta! O exercício da vida, na escola, ele o encontrou, não nos ensinamentos, mas na convivência com os colegas. A escola, para ele, só era exercício graças à convivência, da qual os ensinamentos nada mais eram que simples pretextos. Pois que toda convivência é escola. Entre os jovens forma-se uma classe social própria, toda uma realidade de vida, bem

diversa da que oficialmente se presume e proclama, independente e até mesmo contrária a dos adultos, distinta e à parte. A classe dos jovens tem a sua gíria, as suas leis, a sua moral, o seu particular conceito de dever e de honra. Nesse ambiente, verificam-se as primeiras experiências, as primeiras tentativas e tiram-se as primeiras conclusões, mais tarde retomadas e retocadas. Mas tudo tem uma tão virginal sinceridade biológica, que parece, de fato, que o homem percorre de novo, nos seus primeiros anos, o caminho evolutivo, a ascensão psicológica da espécie. O indivíduo faz, então, como que uma rápida repetição do seu passado biológico-psíquico, antes de se preparar para continuá-lo através de novas experiências. Os jovens são ricos, exuberantes, como os primitivos. A humanidade já foi, talvez, composta de adultos semelhantes a eles; a humanidade do futuro será, talvez, constituída de jovens psicologicamente amadurecidos como os nossos velhos.

Diferindo da maioria dos seus companheiros, procurava o estudo sério e sobretudo livre, procurava um estudo super-escolástico que lhe revelasse o porquê das coisas. Mas, na verdade, se o homem não possui este porquê, senão em fragmentos contraditórios, a escola não lho podia dar. O seu temperamento dócil e respeitoso, mas tenaz e irremovível, não lhe permitia sacrificar a independência original da sua personalidade para se desdobrar sob o influxo dos formalismos escolásticos, prontos a deformar o seu pensamento virgem e a esmagar o livre desenvolvimento da sua mente. Foi bastante forte para resistir à escola, para não se submeter a ela, para não se enredar nas suas classificações, para rebelar-se e impor-se às suas restrições. Preferiu, a qualquer custo, ficar sempre ele mesmo, sem aceitar ninguém; melhor ser a planta selvagem do bosque do que não ser livre. Queria encontrar por si mesmo a solução dos problemas, sem mediadores. Detestava, assim, as interpretações já feitas, confeccionadas para o uso das mentes estreitas. Dessa maneira, ninguém, na escola, conseguiu enquadrá-lo, fechar o seu pensamento em qualquer categoria preconcebida.. Procurava por si mesmo, livre, por toda parte, avidamente empregando o único método então possível para ele, a tentativa. Procurava e lia por toda parte, nos livros e na vida. Em cem livros, encontrava apenas um que pudesse levar a sério e que lhe dissesse alguma coisa. Mas mesmo aquilo que o persuadisse não era para ele uma aquisição passiva de

conhecimentos, era antes um reencontrar, dentro de si, de noções já adquiridas, um reconstruir, na sua consciência, dos lineamentos de um conhecimento anterior. Era quase como se já soubesse, mas não recordasse, e pedia ajuda aos livros para o fazer. Tomava os livros mais estranhos, de todos os gêneros, procurando ligações inusitadas e relações entre as coisas mais distantes, de naturezas opostas. A leitura não lhe servia tanto para aprender o pensamento alheio, quanto como agente do qual nascia uma reação de pensamento, na qual só ele verdadeiramente lia. Com um senso próprio, instintivo, de uma verdade sua, indagava, provava, reconhecia. Escutava sempre, de dentro e de fora, as infinitas vozes do mundo e do seu próprio ser, para saber, para reencontrar, reconstruir, sacando daquele imenso mistério que estava em si mesmo.

Uma vez, no liceu, ouviu o professor de ciências naturais pronunciar (estávamos nos princípios do século XX) a palavra "evolução". Foi um átimo, um relâmpago, um susto. Depois, trevas. Os rapazes de sua idade sofriam emoções bem diferentes. Que idéia havia passado? Ainda não compreendia bem. Mas aquela idéia teria de ser a espinha dorsal do seu sistema e do seu destino.

Entretanto, já desde criança começara a explorar as possibilidades sensórias e perceptivas do seu organismo físico, como um condutor que experimentava a máquina para a viagem e a observa como simples instrumento de ação, sentindo-se bem distinto dela. Tomava-o um grande espanto, ante os limites misteriosos do espaço e do tempo. Multiplicava-os, decompunha-os, ultrapassava-os, sem conseguir resolvê-los. Havia nele como que outra concepção a sensação fundamental do ser, que se cansava ao adaptar-se ao ambiente terrestre e às suas limitações. O seu verdadeiro elemento conceptual não era o limite, mas a eternidade do tempo e o infinito do espaço. Agitava-se ainda na sua alma um anseio de incontida liberdade e a existência num corpo físico lhe parecia insuportável prisão. E passou a vida procurando evadir-se, superar todos os limites da sua constituição humana, para reencontrar um mundo que sentia realmente seu e que no entanto agora lhe escapava, não sabia para onde, além das suas possibilidades conceituais e sensórias, além daqueles torturantes limites, inexoravelmente postos na sua vida atual: espaço e tempo. Mas devia fazer ainda outro esforço: compreender o

mecanismo psicológico, motor oculto dos atos dos seus semelhantes; compreender como podiam funcionar e como funcionavam aquele motor e aqueles atos; e devia, por fim, saber adaptar-se a todas as normas sociais que deles derivavam para todos, e também para ele. Encontrou-se, assim, diante de uma dupla tarefa: redescobrir-se a si mesmo e compreender o que eram, na verdade, os seus semelhantes, se o que aparentavam ou coisa diversa.

Esta última foi a sua mais fatigante pesquisa juvenil. Pois que, naturalmente sincero, havia ingenuamente acreditado na sinceridade dos homens, entendendo que a forma exterior correspondesse à realidade. A princípio acreditara que aquele respeitável senhor, tão sério, reverenciado e carregado de títulos, fosse um cavalheiro. Acreditara que aquela senhora tão piedosa e gentil fosse de bom gênio e conduta exemplar; que aquele santo homem, tão religioso, fosse de fato crente e não praticamente ateu. Acreditara que aos nomes correspondessem as coisas, e que as várias atividades humanas fossem praticadas para o fim que as qualificava. Acreditara que o médico curasse, que o advogado defendesse, o administrador administrasse, o filósofo soubesse, a lei protegesse, a escola ensinasse, a religião educasse, a ciência concluísse, o crente acreditasse, o altruísta pensasse também nos outros. Uma triste realidade lhe apareceu, apenas se arriscou a olhar para trás dos cenários. Foi uma amarga desilusão. Daquele dia em diante, desconfiou do homem e o desprezou. Devia andar muito, ainda, por vias não humanas, para chegar, não obstante tudo, a amá-lo.

Compreendeu então que a sua sinceridade era tomada por ingenuidade; a sua bondade, por tolice; a sua paciência, por fraqueza. Aprendeu, assim, na verdadeira escola da vida, uma linguagem muito diversa da sua, e que ele, entretanto, devia falar, porque era a linguagem do mundo em que tinha de viver; aprendeu, assim, duramente, a verdadeira ciência que não estava nos livros.

Vencida a primeira surpresa, da descoberta de uma realidade tão diversa, nos fatos, da que ele sentia nos espíritos, a ingênua credulidade caiu, e atirou-se seriamente ao estudo da verdadeira natureza humana. Encontrada a chave do sistema, quis aprofundar, pela observação, o conhecimento, para compreender a fundo a técnica deste método humano de luta, feito de força e de

astúcia, ao invés de justiça, bondade e sinceridade, como havia acreditado. Surgiam-lhe então como que dois mundos diversos sobrepostos, dois planos de valores, um mais elevado, melhor, mas fictício, estendido como um nobre manto de aparências sobre outro mais baixo, pior, mas real. No de cima, postas bem em evidência, quase com pompa, em franco exibicionismo, estavam as verdades reconhecidas do bem, do dever, da virtude, do sacrifício, altamente proclamadas e professadas, um plano de idéias esplendente de grandeza, generosas e sonoras. No de baixo, pelo contrário, estava a necessidade férrea e desapiedada: ao invés da generosidade, a conveniência; ao invés do altruísmo, o egoísmo; ao invés da sinceridade, a mentira; ao invés da justiça, a força. Um mundo regido por moral diversa e oposta, mas não obstante tão orgânico e lógico, no seu nível, que se sentia autorizado a julgar o mundo mais alto como coisa de loucos, a ponto de nem sequer sonhar em tomá-lo a sério. No de baixo havia luta surda de rivalidades sem trégua, de traiçoeiras agressões, uma realidade falsa e feroz, que dava, porém, o seu rendimento imediato e concreto. Se as aparências eram doiradas, por baixo havia uma realidade indiscutivelmente infernal, para ele inaceitável e insuportável. Se as formas eram as de uma civilização cortês e refinada, a substância era a lei feroz do mais forte. Estes eram os fatos, estes os princípios em que o homem, com as suas ações, ao contrário de tudo quanto dizia, demonstrava acreditar. Por que esta estrutura dúplice e contraditória? Por que este escandalizar-se em público justamente daquilo em que mais firmemente se acreditava em particular, por que estes fingimentos de uma vida fictícia, esta mistificação? Por que, se o homem é um vil, não tem a coragem de aparecer como é? O problema era certamente complexo.

Sondou, assim, a fundo, as expressões deste dúplice rosto humano, um visível, o outro oculto, perscrutou o verdadeiro significado da palavra dita, não para exprimir, mas para ocultar e disfarçar o pensamento, dos atos praticados com objetivos aparentes, diversos dos reais. Não que tudo fosse absolutamente assim. Havia também os representantes do plano mais alto, daquela outra moral diferente, mas eram tão poucos e os representantes do mais baixo eram tantos que quase determinavam a regra. Sempre este jogo de contínuas inversões, uma incoerência, um contradizer-se em tudo, entre a realidade e a aparência. Isso tornava o jogo da vida muito mais difícil.

Perguntava-se qual seria a lógica conveniência de tão inúteis complicações, por que razão todos teriam que suportar tão inútil peso, por que essa fadiga de caminhar em terreno que tudo tornava falso, tão voluntariamente semeado de traições. E perguntava-se ainda que coerência havia, depois disso, na predicação da bondade evangélica, se de fato não existia em baixo mais do que rivalidade impiedosa. E dizia a si mesmo: o ambiente humano é assim tão tristemente constituído, que o ideal não pode se mostrar senão na forma de uma impotência e persegui-lo? É condenação sem esperanças esta trágica luta pela libertação e pela redenção? Se o espírito humano havia sabido atingir a concepção de certos princípios, por que não os aplicava, e se não os aplicava, por que tornava assim tão difícil fazê-lo?

Certo, o sistema humano era realmente aquele, e ele lhe aquilatava a inegável estrutura. Cada jogo tem as suas regras. Ele se havia ligado àquele, ao nascer, e devia compreendê-lo e sofrê-lo. Assim era a vida e assim devia aceitá-la. Mas se admirava de que a esse mecanismo o seu instinto não aderisse tão espontaneamente como o dos outros, e perguntava-se o por que dessa diversidade. Não se deveria, acaso, culpar o homem? Era maldade, ou antes fatalidade? Quem havia estabelecido essas leis? Talvez o homem não fizesse mais do que seguir a sua, que o obrigava a exigir da vida o rendimento concreto, talvez ele apenas sofresse uma necessidade inferior, feita de duras provas, sem possíveis margens para generosos ideais. Talvez o homem fosse mais miserável do que mau, e merecia mais piedade do que condenação.

Coexistiam, portanto, sobre a terra duas fases contíguas, mas não obstante muito diversas, da mesma lei de evolução, dois níveis de vida, duas possibilidades em conflito, disputando-se o campo da atividade humana. E, segundo o próprio grau de sensibilidade, o homem oscilava de um plano a outro; o primeiro, um resíduo da passada animalidade, o segundo, uma antecipação da perfeição a atingir. E todo o gritante, inconciliável contraste, derivava de encontrar-se ele, espontaneamente, por sua natureza, equilibrado num plano, enquanto o tipo humano normal se encontrava equilibrado em outro. Questão de grau na evolução biológica. E se ele se sentia mal, a culpa era sua, que era diferente dos demais, os que fazem a lei, e que, ao menos na terra, têm razão. Aquelas formas de vida do homem normal, que lhe pareciam

infernais e insuportáveis, deviam entretanto estar proporcionadas à ignorância, involução, insensibilidade do homem comum, se este ali se encontrava tão à vontade. Tudo lhe dizia que ele era diferente, talvez superior. Conforto teórico, real condenação ou seja, vida de luta e de dor. O desprezado, o exilado, aquele que estava errado neste mundo era ele, e contra a exceção reagiam as imediatas sanções da lei biológica, que tende ao equilíbrio. Na sua e sinceridade, era um desarmado, e uma bela presa ao mesmo tempo. A lei férrea da luta começou a envolvê-lo, a experimentá-lo para demoli-lo, tomou-o de assalto para demonstrar-lhe através dos fatos que quem estava errado era ele, para fazer-lhe pagar caro a sua pretensa superioridade, e com ela a sua tentativa de independência e de evasão. A vida queria fazer-lhe saber que a superioridade consiste em coisa bem diversa, e o constringia à prova. Era congênito o antagonismo, e os primeiros e ásperos choques já se prenunciavam. O embate a fundo se fazia inevitável. E o grande duelo começou, sutil, em surdina, indiretamente, sem aparecer, para tornar-se cada vez mais grave. A luta pegara logo o nosso homem pela garganta. O desafio já estava implicitamente lançado, e devia aumentar sempre, em encontros que se tornariam de vida e de morte. Mas, ele era ainda menino, e então as coisas ainda não se fazem a sério.

VII

Estudos Universitários e Explorações Interiores

Chegou assim à Universidade. Pôde observar o que é a vida numa grande cidade e aprendeu a detestá-la. Continuou preferindo, sempre, ao artifício do homem, a simples, boa, nutriente potência da natureza. A cultura superior não o persuadiu. Não a estudou senão para combatê-la, cada vez mais decidido a se conservar ele mesmo. Observava-lhe os métodos e a aplicava mecanicamente sobre o seu espírito, como o verniz que os tempos exigiam,

enquanto os germens da sua personalidade amadureciam. Praticava uma espécie de mimetismo, aceitando os seus conceitos para a vida cotidiana, para melhor ocultar o seu eu, que desejava desenvolver-se a sós, independentemente, em profundidade. As possibilidades de qualquer compreensão iam sendo sucessivamente afastadas, e ele só pedia para não ser perturbado.

Foi levado pelos seus familiares à Faculdade de Direito. Empregou os primeiros dois anos para compreender o mecanismo psicológico daquela nova forma de estudo, para adquirir agilidade de pensamento e de palavra, e o sentido de orientação daquele campo cultural. Nesse tempo, aproveitando-se da liberdade de iniciativa que os novos estudos lhe permitiam, aprendeu várias línguas modernas e completou os seus estudos de piano. Com as línguas, aprendeu a psicologia dos povos; com a música, assimilou o espírito dos grandes músicos. Frequentou muito pouco a Universidade. Compreendido o mecanismo dos exames, esforçou-se para vencê-los nos dois anos que lhe restavam. Distinguiu-se apenas na defesa da tese, porque somente então teve liberdade de escolher o tema. Nos exames não haviam tirado mais do que um magro 18, por não ter podido aplicar-lhes o seu sistema rebelde, dirigido em cheio contra as teorias dos professores.

A absurdidade de tantos conceitos no campo jurídico, social, econômico, foi a única convicção que lhe restou daqueles estudos. Não o convenceu a base hedonística das ciências econômicas. Sorriu da ingênua pretensão de se poder construir conceitualmente sobre os desagregadores princípios do egoísmo, e rebelou-se contra todo o sistema. Não o convenceu a concepção do jus[8] romano. Para ele, entre a força e a justiça havia um abismo. Tratava-se de dois contrários, inconciliavelmente adversos, feitos para se elidirem e não para se fundirem. Não se podia chegar ao verdadeiro direito, através da codificação das conseqüências da luta. Segundo pensava, não se podia chegar à justiça partindo desse indelével pecado original que é a força, nenhum aperfeiçoamento ou sapiência aparente podia sanar este insanável erro e vício de substância, podia conseguir transportar isso que pertence a um mundo inferior, onde manda o mais forte, até às alturas de um mundo superior, onde somente o mais justo deve reinar. Rebelava-se contra aquela axiomática aceitação, que se tornara reconhecimento e legalização do fato originário da força, que ele

condenava completamente, como expressão de um plano biológico inferior, que jamais poderia considerar como seu. Voltava aqui o contraste entre as leis de dois diferentes planos de existência. Ele não podia tomar a sério senão a justiça integral do Evangelho, o código substancial, escrito apenas na alma e sem outros juizes além de Deus. Compreenda, entretanto, o esforço humano, e apreciava então a concepção romana, destinada a civilizar a força, impondo-lhe ordem, equilibrando os seus impulsos contraditórios e em luta. Sentia que mesmo ali se podia ser gênio. Compreendeu mais tarde que a força e justiça não eram mais do que os extremos da mesma lei em evolução, e admirou no homem o esforço desta fatigante transformação. O jus, a lei, é ordem, e toda criação de ordem é um passo do homem para Deus. Mas aquele era o lento caminho humano que chega à justiça através da disciplina, da organização, da codificação, era a longa estrada, embora necessária para o homem, da constrição exterior, enquanto ele preferia as vias interiores da convicção, simples mais substanciais, preferia chegar direta e prontamente ao centro da consciência, no campo das motivações, à raiz dos atos humanos. Questão de maturidade e de temperamento. Ao contrário dos seus semelhantes, voltado antes para o divino do que para o humano, ele sentia mais substância na cruz do perseguido e humilde Galileu, do que na águia do domínio romano. Vagando por Roma, onde se encontrava estudando, sentia que as catacumbas subterrâneas desafiavam o Coliseu, e em certo sentido o haviam vencido. Acrescente-se que na escola, na imprensa, na conduta humana, ele via então dominar uma idéia de Estado tão convencional e retórica (estava-se em pleno parlamentarismo), que não podia, na sua sinceridade, admirar muito. Depois os tempos mudaram, dando razão à sua repugnância. Muitas concepções jurídicas, políticas e sociais do seu tempo foram depois corrigidas, no sentido que o seu instinto lhe indicava. Ele também, amadurecendo nestes aspectos menores, reviu e corrigiu os seus valores, compreendendo melhor a função da Águia[9], mas de uma Águia que não iria além das suas funções específicas, na obra humana e terrena. O seu instinto, a sua função e missão estavam e permaneciam no campo da Cruz, mas também esta não iria além da sua função específica, referente ao campo divino do espírito. Águia e Cruz, Estado e Igreja, foram para ele os expoentes, as expressões concretas das duas leis, humana e sobre-humana, em que vira o

mundo dividido. Considerada cada lei no seu plano, compreendeu-as e respeitou-as, na justa posição que lhes cabia. Mas na sua congênita inconciliabilidade com o ambiente humano não lhe permitia estar plenamente presente e ativo, senão nos terrenos tendentes a superá-lo. Por instinto era levado antes a procurar evadir-se, do que mergulhar nele para o trabalho. O seu terreno foi, portanto, não a vida política, mas a aplicação do Evangelho. Não expomos aqui princípios universais e absolutos, mas somente os relacionados com a personalidade do nosso personagem, narrando a sua história. Assim lhe pareciam as coisas, na sua posição evolutiva. De outras posições, a visão pode, sem dúvida, ser muito diversa.

Perambulou através do direito romano, do direito canônico e da história do direito, interpretando-os a seu modo, aceitando apenas o que queria, disposto a fazê-los instrumento, sobretudo, de uma fantástica reconstrução interior de certos ambientes históricos, vistos também em seus aspectos jurídico e político. As disciplinas econômicas e sociais o atraíram como qualquer coisa menos intencional e artificiosa do que as jurídicas, e mais biologicamente verdadeiras. Interessou-lhe a pesquisa estatística das leis do fenômeno social, estudo que o adestrou para a pesquisa das leis de todos os fenômenos em todos os campos. Comoveu-se com a dispersão de tantos italianos pelo mundo, com uma emigração, ainda sem orientação, nem proteção. Amava a sua Itália, mas a queria diferente, mais unida, mais forte, mais consciente. Enfim, o fato mesmo de discutir e debater estas questões, demonstrava quanto as tomava a sério, quanto se distanciava do ceticismo e indiferentismo dominante, quanto sofria por não encontrar nada de sério, que lhe merecesse fé, e com que ansiedade lhe andava à procura. Nunca seguiu os seus estudos universitários como meio para conquistas econômicas, como preparação de negócios, como armas refinadas da luta pela vida. Outro teria podido considerar a riqueza como supremo ideal, e tudo fazer por esse objetivo supremo. Acreditava que nesse sentido se podia fazer alguma coisa, mas não tudo. Mesmo porque os seus objetivos eram diversos dos da maioria. Antes do problema econômico, atormentava-o o problema do conhecimento. Outra era a sua fome, que não a dos demais. Outros deviam ser os seus esforços e as suas conquistas, que se dirigiam agora para rumos incomuns. Traçava já,

inconscientemente, o seu programa. Os seus inimigos teriam de ser as suas últimas ligações com as leis biológicas do plano humano, que ele teria de superar. Mas precisava, antes, descobrir o entrosamento orgânico desse plano com o Universo. E o problema era imenso. Entretanto, naquele período universitário, se não havia descoberto a face da criação, havia pelo menos visto a face cultural do homem. Acreditara, a princípio, ter encontrado a verdade, quando não descobrira senão uma das suas fases. Partiu desiludido, para procurar em outra parte.

Ele teria podido, talvez, seguir com muito mais convicção as disciplinas científicas da Faculdade de Medicina. A ciência não pode fazer calar a grande e sábia voz da natureza. Este é o material que ela maneja, sem poder suprimir o grande pensamento que a agita, nem impedir que surja, a cada passo, no seu caminho, a voz sábia das leis da vida. Mas devia tornar-se advogado. Naquele tempo, a autoridade paterna era quem escolhia. Temperamento sincero, porém, tinha um tal horror pelas cavilações, pelo ceticismo interior e pela aceitação das verdades relativas e elásticas, que, como pôde, se pôs a salvo.

Diplomado, atirou-se à vida, e começou para ele o verdadeiro estudo, aquele da luta e da experiência. Outro mestre o esperava para lhe ensinar coisas muito mais profundas: a dor; sobre livros bem diversos devia estudar e aprender: as tribulações. Entretanto, continuava a indagar no campo da ciência. Mas a ciência não lhe dava as últimas conclusões, que procurava. Admirava Darwin e Haeckel. Então, lá por 1900, eles estavam em voga. Depois, foram em parte esquecidos, em parte corrigidos. A teoria de Darwin não teve da paleontologia a confirmação esperada, por causa do "missing link" (o elo de ligação que faltou) entre espécies contíguas e afins, tanto que hoje se encontra modificada. Justamente em 1900 "De Vries" redescobria a lei de "Mendel", acrescentando-lhe a teoria muito sua das mutações, da qual procede a ologênese do nosso "De Rosa". E a partir do Congresso de Budapeste os zoólogos declararam guerra ao transformismo. Mas tudo isso não imposta. A ciência muda continuamente, e não sabemos o que nos poderá dizer amanhã. Ainda que a evolução, na ciência de hoje, não conserve o sentido derivativo, como o entendiam os monogenistas, aquela idéia central de uma ascensão evolutiva de todos os seres, rumo a formas de vida orgânica, psíquica e espiritual, sempre

mais altas; aquele conceito justo, lógico e poderoso, que tanto havia impressionado o nosso protagonista, permanecia nos fatos e na sua experiência, e até mesmo na ciência, que, progredindo através de sucessivas teorias, também o prova e não pode negá-lo. Daquele conceito sentia toda a inegável verdade que está na substância das próprias religiões, e o sentia com tanta sinceridade e imparcialidade, que não participava do sentido anti-religioso e materialista que, por simples reação do momento, o princípio evolucionista havia tomado. Concebeu-o, pelo contrário, como parte da própria ascensão espiritual, não como negação, "mas como afirmação da evolução das almas para Deus", concebeu-o vivo e operante, como nas religiões.

Paralelamente, pervagava pela literatura estrangeira. Havia já, no liceu, conversado Dante; agora lia, em alemão O Fausto, de Goethe, entusiasmado. Certas cenas de Walpurgisnacht impressionaram-no profundamente. Repassava pela sua mente, como recordação, a visão de uma Alemanha medieval, nebulosa, densa de sombras, com as cidades antigas como Nuremberg, os céus cinzentos, amortecidas luzes inverniais pelas ruelas escuras, entre os telhados de cumeeira afilada. Havia encontrado um pouco desse ambiente nas torres e naves internas de Notre-Dame de Paris, como se o Quasímodo de Victor Hugo ainda vagasse por ali, ao cair da noite. O norte germânico tinha, para ele, um fascínio pleno de misteriosa atração. Sobretudo as antigas e grandes catedrais góticas, apareciam-lhe numa luz de sonho. Não havia podido escrever à mão, em alemão, senão usando as antigas letras góticas. Atração, instinto? Por que? Logo que diplomado, demorou-se alguns meses nos Estados Unidos da América, que percorreu até a Califórnia, visitando todas as suas belezas naturais, realmente grandiosas. Outra coisa não viu. Achou as cidades monótonas; a linguagem, os costumes, a maneira de vestir, tudo estandardizado, de um oceano a outro. Um mundo rico de recursos, de espaço, de dólares. Mas do ponto de vista intelectual, um mundo pueril diante da Europa.

O Oriente asiático, da Palestina do Egito às Índias, ele o procurou nos livros, o reconstruiu por todos os meios de documentação fotográfica. E, tratando-se de ambientes históricos, de civilizações mortas, pôde reencontrá-las com suficiente aproximação e satisfação, sem visitar os locais.

Muitas vezes a crua realidade do presente, tão diversa do passado histórico, torna-se obstáculo ao invés de ajuda a essas reconstruções, às quais se chega melhor pelos caminhos interiores do espírito. Atraía-o sobretudo o antigo Egito, o grande templo de Karnak, com suas imensas colunas, a sabedoria oculta dos seus sacerdotes, o mistério dos seus ritos, dos seus mágicos poderes. Atraía-o, na mesma direção de pensamento, a antiga Índia, mais distante no tempo, mais velada na lembrança, mais misteriosa e profunda na sua consciência. O seu sonho retornava ao longo das preguiçosas e lamacentas águas do Ganges, da foz às ardentes escadarias de Benares, retomava o Brahmaputra até os confins do Tibéte misterioso, ao coração do Himalaia. Que havia na cidade sagrada de Lhasa? Mas onde a sua alma vibrava com violência era na recordação da Palestina ao tempo de Cristo. Era esta, para ele, uma visão de extrema doçura e profundidade espiritual. Aparecia-lhe a terra bendita da Galiléia, como uma música, como um vasto fundo orquestral de conceitos, sobre o qual triunfava o Cristo, como um arpejo de harmonias cósmicas. Sorria-lhe entre doces ondulações o lago de Tiberíades, profundo e tranqüilo como o sorriso de um anjo. Parecia-lhe sentir as figuras do Evangelho movimentarem-se nesse ambiente, como outros tantos motivos musicais, entrelaçando-se entre si e com grande motivo de fundo, com o supremo motivo de Cristo, numa gigantesca sinfonia espiritual, dulcíssima e solene. Por essa terra bendita parecia-lhe ver andar a figura do grande Mestre e dos seus discípulos, e ouvia-lhe a voz e o pensamento ainda a ecoar-lhe no coração, e sentia o seu olhar acalmar e resolver no seu íntimo todas as dores, todas as ânsias, todos os problemas da vida. Interrogava os Evangelhos, o grande livro da boa-nova, e, relendo-os, não se cansava nunca de percorrê-los, para sempre melhor compreender e sentir o caminho de Cristo, da manjedoura à cruz.

Ele continuava assim a exploração do mundo exterior, e com isso lentamente se definia, no íntimo, a visão dos lineamentos do seu mundo interior, onde se encontrava o nó central do seu destino. Mas quanto caminho a percorrer, que exaustiva série de experiências! Muitos germens já haviam despertado, várias forças estavam em movimento naquele destino, e agiam, avançando e amadurecendo. As pequenas ocorrências superficiais, filhas do determinismo da vida física, não tinham, para ele, nenhum sentido profundo,

no desenvolvimento lógico e orgânico do destino. São as pedras da grande estrada, que, não obstante, ensinam a caminhar; são tropeços, paradas, pequenas resistências, que entretanto fazem pensar e compreender; são atalhos laterais que nos induzem ao erro, tentando digressões, para aprendermos a corrigir. É a maturação secundária, menor, como um refinamento de pormenores que, como pode, vai preenchendo os interstícios do grande trabalho central. Quando faltam o tempo e as forças, por ela se deixa ir a deriva e ela permanece incompleta, sem prejuízo. Não tem importância o relato destas pequenas vicissitudes, e passamos sobre elas. Seguimos, ao invés, as vias mestras do desenvolvimento daquela vida.

VIII

Os Três Caminhos da Vida

Liberto do esforço dos estudos oficiais, e conseguido com eles o resultado prático do diploma, encontrou-se diante de três grandes problemas a resolver, de três graves provas a superar, de três poderosos inimigos a vencer, pois que o seu destino já então amadurecia, e os seus impulsos, favoráveis ou contrários, deviam manifestar-se, e os seus impulsos, favoráveis ou contrários, deviam manifestar-se com plena eficiência. Esse período de vinte anos, que vai dos vinte e cinco aos quarenta e cinco anos, é o mais obscuro da sua vida, exteriormente insignificante, interiormente tempestuoso e trágico. Foi esse o período da mais dura expiação. Ele, que quase não havia conhecido o estouvamento da juventude, nem gozado aquela instintiva alegria de viver, que se afina mais facilmente com a inércia espiritual do que com uma laboriosa maturação, por vinte anos não teve mais trégua. Mas quem tem qualidades deve sofrer-lhes o peso e pagar-lhes o preço. Quem traz forças dentro de si deve

aprender a manejá-las e dominá-las, porque elas se desencadeiam irrefreáveis e querem manifestar-se e agir. Quem se traçou uma rota deve apressar-se sem ócios ou repousos em tomá-la e realizá-la, porque a vida é breve e o destino tem pressa. Quem mais tem, mais deve. Quanto mais se é forte, mais se é agredido. Quanto mais longe se deve chegar, mais se tem de correr.

Em primeiro lugar, tratava-se de compreender: ou seja, resolver o problema do conhecimento. Ele não era como os outros. Não podia agir senão depois de se sentir claramente orientado quanto ao funcionamento do universo que o circundava. Esta premissa de claríssima visão lhe era absolutamente necessária para agir em consciência e com consciência. Necessitava dar uma resposta convincente e exaustiva pelo menos aos "porquês" fundamentais da vida: de onde venho, por que vivo, aonde vou, por que sofro? Perguntas que as crianças fazem e a que os sábios não sabem freqüentemente responder. Tinha sido enviado à escola aos cinco anos. Estudara sempre e haveria de estudar toda a vida. Aos vinte e cinco anos, depois de haver interrogado todos os campos do conhecimento humano, uma só coisa sabia: que não sabia nada. E uma coisa ainda pior ele percebia: que os sábios não sabiam nada. Quem lhe haveria, pois, de dar uma resposta? E que havia feito de útil, até então, o homem, e como teria podido dirigir-se, se não tinha sequer compreendido o porquê da vida?

Só mais tarde compreendeu que o sistema corrente, de ação dirigida somente pelo instinto, e não por amplo conhecimento do universo e profunda consciência da própria função dentro deste, era o sistema prático e econômico da natureza. Para ser mais facilmente prolífica, dado que lhe interessa antes de tudo a vida, a natureza simplifica as construções, fazendo-as em série, movidas por diretrizes simples, inconscientes e instintivas, entretanto suficientes para uma vida precária, feita muito mais de lutas que de pensamento, qual a vida humana atual. Assim, se o indivíduo normal leva existência gregária, poupa com isso muita energia. A natureza, que é sobretudo econômica, evita o dispêndio de esforços supérfluos; não dotou a massa de certas diretrizes mais complexas, de centros orientadores de maior amplitude, que hoje, na maior parte dos casos, tornar-se-iam desproporcionais ante uma vida humana ainda tão primitiva, feroz e aleatória.

O nosso protagonista queria compreender e começou a interrogar a ciência. Esta, porém, partia da dúvida, e essa premissa de incerteza demolidora inquinava e destruía tudo, já antes de começar. De fato, presa ao seu objetivismo, aquela ciência não concluía; presa à experimentação, permanecia sempre no relativo, sem saber atingir os princípios que ele procurava. Era uma ciência materialista, que negava o mundo espiritual em que ele sobretudo vivia, e era ainda uma ciência catedrática, mais presunçosa e dogmática do que os dogmas religiosos que combatia! Interrogava a fé. Libertava assim do longo caminho da razão, para atirar-se às grandes vias da intuição. Abriam-se-lhes as portas do mundo imenso do espírito. Mas as religiões não lhe davam uma resposta completa, precisa, persuasiva, nem mesmo para os elementares "porquês". Não chegavam, como ele necessitava, até o fundo das questões, e muitas coisas deixavam, indefinidas, sem solução, na sombra. Desagradava-lhe também o seu exclusivismo e a sua ilógica rivalidade, contradizendo-lhes o princípio fundamental de fraternidade, nos obséquios a um Deus que devia ser o mesmo para todas as religiões. Não podia aceitar algumas das suas explicações, que tornavam injusto esse Deus, dissonância para ele inconcebível, justamente no centro da ordem. Havia interrogado os eruditos na matéria. Repetiam-lhe frases formais e decoradas, não assimiladas, não sentidas, não vividas. Um deles foi bastante sincero para dizer-lhe que não havia compreendido nada, e que fora constrangido a renunciar a compreender. Apesar disso, mais tarde, este mesmo fez bela carreira no caminho escolhido. Outro, ainda mais sincero, confessou-lhe, como conclusão de santas considerações sobre o valor do espírito, o que realmente lhe importava não era senão a riqueza. E o disse com tanta convicção, num desabafo tão espontâneo, que ele se calou. Persuadiu-se então de que muitos daqueles a quem pedia a verdade eram de fato ateus, e não mais se admirou do indiferentismo religioso dominante.

Havia olhado na alma dos seus semelhantes. E muito freqüentemente não havia encontrado ali mais do que trevas; motivos dominantes - os instintos animais. Espetáculo pavoroso. Para onde voltaria, pois, o olhar, e quem haveria de lhe dar uma resposta? Se o homem não sabia dar-lhe esse conhecimento, de que tinha absoluta necessidade, só lhe restava descobri-lo por si mesmo. Não teve forças para tomar a sério as abstrusas e

áridas elucubrações dos filósofos que encontrara e que o cansavam, sem terem a força de convencê-lo. Só mais tarde pôde aproximar-se do melhor da nossa época, como Boutroux, Bergson, Blondel, Petrone, I. Caird, Whithead, Von Hugel etc., e os menos recentes, como Rosmini, Gratry, Ravaisson, Kirkgaard, Lotze, Krouse etc. Não se restava, assim, mais do que cingir-se corajosamente e sozinho ao trabalho. E foi talvez um bem, pois como poderia ser orientado no conhecimento humano, ante a dificuldade de se orientar em meio ao funcionamento orgânico do Universo? Urgia ler, viver, interrogar os livros, a ciência, a religião, e sobretudo a vida. Havia tantas verdades esparsas pelo mundo, fragmentos de verdade, separados, contraditórios. Precisava despojá-los do supérfluo, descobrir-lhes a substância, reencontrar-lhes o nexos, reajuntá-los de novo. Precisava conservar-se livre, não se prender a nenhum deles, e não obstante percorrê-los todos. Precisava penetrá-los, mas saber evadir-se, para não ficar prisioneiro de nenhuma limitação preconceitual, em nenhuma daquelas circunscrições do interesse humano, que se haviam formado em torno das várias verdades. Precisava pesquisar além do homem, interrogar antes o espírito pela intuição, a natureza através da ciência; precisava dirigir-se diretamente à observação do Universo no seu funcionamento orgânico, para descobrir-lhe a técnica, a lógica, o significado, o objetivo. Sentia, pela intuição, que o Universo devia ser um sistema de leis. Era necessário encontrar a chave desse sistema e que devia ser a verdade. Esta ordem não podia ser senão a manifestação exterior e sensível da causa universal que se chama Deus. Essa verdade devia ser a expressão do pensamento de Deus.

Mas logo outro grave problema se lhe apresentava. Conseguindo o conhecimento do grande plano universal, enquadrar nele o plano da sua própria vida; encontrar, enfim, na ordem universal, o sentido desta ordem menor, as suas causas, a sua trajetória, os seus objetivos. Devia compreender claramente a si mesmo e ao seu destino. Talvez o homem comum pudesse viver sem esse conhecimento, bastando-lhe, para agir, os instintos. E neles obedecendo, cegamente, às leis de Deus. Na prática, não há nenhuma necessidade de se conhecer o porquê das coisas, a razão de pô-las em execução. A natureza preocupa-se em ser obedecida, não de elucidar-nos sobre o porquê das suas ordens. O conhecimento é talvez uma necessidade útil e somente em

certo grau da evolução, quando se faz sentir, não podendo portanto aparecer antes dele. O fato é que ele sentia essa necessidade e devia satisfazê-la. O seu grau evolutivo não lhe permitia agir inconscientemente, como os animais, pelo instinto. Não podia, tal como era, transformar-se em cego instrumento de forças desconhecidas. Para obedecer, devia saber; para guiar-se, carecia de orientação; sentia o direito de manter-se consciente e de tomar parte consciente e responsável na direção da sua vida. Esta era espiritualmente muito complexa, para que uns poucos instintos bastassem para guiá-la. Tinha necessidade de consciência dos seus atos, uma consciência profunda, completa, que se harmonizasse com a consciência do funcionamento universal. Por um senso de íntima convicção, sentia-se no direito de participar da direção do seu destino, no direito de conhecê-lo, para corrigi-lo e melhorá-lo. Sentia poder e ter o dever de assumir a responsabilidade dessa direção. Não podia ser "uma coisa", mas queria ser "um homem", colaborador honesto, consciente e responsável da obra divina. Encarou, então, face a face, as leis biológicas e, sem preocupar-se com o homem, perguntou-lhe ardentemente o tremendo porquê do seu próprio destino.

Desta verdade menor e mais próxima, ele tinha necessidade, para orientar a sua vida no campo das ações. Queria conhecer os princípios que devia seguir, o conteúdo que devia dar às suas horas, a direção que imprimir aos seus passos. Sem uma precisa direção que imprimir aos seus passos. Sem uma precisa direção, guiando as nossas ações, a vida se transforma num recipiente vazio. A vida é uma vaso a que se deve dar um conteúdo, um meio que necessita de um fim. E não lhe bastava um fim genérico, de uso geral, feito para todos. Sentia-se irremediavelmente diferente: pressentia um trabalho, mas também um objetivo especial. Não podia absolutamente reduzir-se à situação de ovelha no rebanho, de homem construído em série. Tinha o seu caminho inexoravelmente traçado, doloroso, perigoso, exaustivo, mas seu, inconfundivelmente seu. Fosse embora com humildade e incompreensão, sozinho, sob a cruz da dor, devia percorrê-lo. Era seu sagrado dever conhecê-lo para percorrê-lo. É um fato que ninguém pode, mesmo no fundo das mais terríveis desgraças e sob a mais severa condenação do destino, destruir a consciência de íntima e própria nobreza, que não é soberba porque se cala, e não pode excitar a inveja porque é

freqüentemente sepultada sob a mais esqualida miséria.

Tanta consciência queria ter dos seus atos, que sentia o dever de conhecer primeiro o plano universal, para, no meio deste, descobrir o seu particular plano de vida. Este era para ele, e não podia deixar de ser, uma construção orgânica, um edifício complexo, para cuja edificação se fazia indispensável um projeto exato. Quanta distância de certa leviandade inconsciente, quanta seriedade em face a certos epicurismos de gozadores! Apesar disso, talvez este relato corra o risco de não interessar, pois uma consciência tão profunda será considerada, provavelmente, por muitos, como procedimento de louco. Que grave timbre de bronze adquiria então o som dos seus pensamentos e o significado dos seus atos! Preparava-se, assim, para um trabalho bem grave, para o qual sentia não poder encontrar ajuda senão em si mesmo: compreender o universo, compreender-se a si próprio; na vida do universo entrosar a sua vida.

Entretanto, já sentia quão pouco teria feito, ao conseguir tudo isso, e já via quanto ainda lhe restava a fazer. Chegando até lá, não conquistava mais do que uma luz fria, pois a simples aquisição do conhecimento não modificava nada, não atuava, não fazia amadurecer, não transformava. O farol indica, mas não percorre o caminho. Depois de compreender, é necessário atirar-se ao campo e seguir a rota. Tratava-se de um áspero caminho espiritual, no qual ele estaria ainda mais solitário do que na procura do conhecimento. Após mobilizar todos os recursos da inteligência, do estudo, da observação, da intuição era necessário acender a grande flama do coração, do sentimento, da paixão, porque só quem arde realiza, amadurece e se transforma. Precisava agir, precisava modificar-se. O pensador arrisca-se a permanecer um teórico: quanto mais pensa, mais foge à ação. Após a iluminação da mente, era necessário lançar o coração; e após o coração, o seu próprio ser, inteiro. O problema não era mais compreender, mas arder, consumir-se. As concepções deviam transformar-se em sensações, o conceito de Deus em sensação de Deus. Que tremenda transformação biológica o esperava! Devia trocar continuamente os gêneros de trabalho, modificar sua capacidade e aptidões, adaptar-se e saber transformar-se segundo as mutáveis exigências do caminho a percorrer. Hoje, busca e reflexão; amanhã, paixão; depois, ação e transformação, e depois, ainda, sensação no

mundo do espírito. E qual era o supremo objetivo, a máxima realização? O sonho tornava-se, nesse momento, gigantesco, além das possibilidades da sua compreensão; o anelo de ascensão atingia uma vibração tão intensa, que ultrapassava as suas possibilidades de percepção. Assim lhe aparecia a princípio confusa, mas lhe surgiria sempre mais límpida e evidente, aquela zona de luz que estava no seu destino, ao fundo, além do bátrio escuro das provas. Nessa luz se cumpria o ciclo da sua vida. Nessa luz se reencontrava o Cristo.

Mas surgiu-lhe, desde logo, um terceiro problema. O problema da prova e da dor. A sua vida continha nada menos que um abismo de sofrimento, um mar de obstáculos a superar; defrontava-se com uma vontade tenazmente adversa, que lhe contrariava essa realização suprema. Era necessário enfrentar, sofrer e vencer tudo isso, era necessário saber atravessar esse inferno sem se perder, saber sair ileso e triunfante. O seu edifício de pensamento e de paixão devia resistir a esse tremendo choque, sem se abalar. Diplomado, entrou na vida. Teve o pressentimento da hora pavorosa e tempestuosa que o esperava. Ninguém pode obter ajuda e mudar as provas, quando o destino "quer". Encontrava-se então na sua zona de determinismo. Não havia salvação. Estava só, contra aquelas forças desencadeadas. Sempre estamos a sós em face do próprio destino.

Concluindo, à sua juventude se lhe apresentavam três vias, pelas quais devia percorrer um tríplice caminho: "compreender, atuar, sofrer". Tríplice escola o esperava: a escola do pensamento, do coração e a escola da dor. Todo o seu ser devia agitar-se a fundo, com todos os seus recursos: inteligência, sentimento, vontade. Todas as suas fibras deviam ser postas em ação, trabalhar e dar o seu rendimento. A sua vida era digna dele.

Diante da sua juventude, as três estradas se abriam simultaneamente. Na lógica do seu destino, eram um único roteiro, com um só significado. Porque "compreender" significava encontrar, por intuição, em si mesmo, a grande verdade, o próprio ser universal; e no seu seio a própria verdade particular, o ser humano. Encontrar, porque certas sínteses supremas não se atingem com a razão, não se improvisam e quem não a alcançou por maturação, não a possui, não a encontra. Depois, "atuar" significava a sua catarse mística do plano humano até à ascensão no plano divino. E sofrer

significava atravessar a sua purificação na expiação.

Aquela tríplice estrada, que se lhe abria, não era senão uma tríplice forma de realizar-se a si mesmo, de três maneiras:

1º) Encontrando-se no conhecimento do universo e de si mesmo;

2º) Purificando-se da dor, ou seja, conquistando a própria redenção através da expiação;

3º) Operando a própria transformação, a ascensão espiritual que o havia de levar até a visão do Cristo e a sua união com Ele.

As três estradas estavam ligadas por um nexó profundo e convergiam para o mesmo ponto. A trajetória única do seu destino estava claramente traçada e completa. O significado da sua vida e o caminho a percorrer estavam evidentes, das premissas às conclusões.

IX

A Dor na Lógica do Destino

"Sem dor não há redenção"

Não temos mais, neste relato, do que percorrer o caminho ao lado do nosso protagonista. Trata-se, sem dúvida, de pequeno acontecimento individual. Mas nele se reflete o grande drama do mundo, da luta entre o bem e o mal, da redenção do homem através da dor. E o acontecimento não é exposto como teoria, mas em forma vivida, palpitante, experimental, de vida real. Em antítese à vida também real do mundo, da maioria humana. E ambas estão em absurdo contraste. O desafio é grave, o embate é gigantesco. Pois que, se o mundo é de tantos e o repelirá, nem por isso o nosso homem está só: ele está com a dor, que por toda parte oprime o homem. Na senda da redenção, ele segue o Cristo. Por isso podemos dizer, em princípio, que aqui se encontra um pouco da história de todos. Na dor e na expiação, ele é um pouco o irmão de todos. Se

este homem for considerado louco, a sua loucura inclui também as coisas mais elevadas e veneráveis que o homem possui.

O mais ativo agente que o levou a encontrar-se a si mesmo, o estímulo mais enérgico que o forçou a compreender o próprio eu e a operar a sua formação e ascensão, foi a dor. Esta foi a primeira e mais intensa realidade que se lhe apresentou na vida, a força que mais profundamente agiu sobre o seu espírito, o choque que o feriu, o abalou, despertando-lhe as mais fortes reações e os mais íntimos recursos.

Ele havia acreditado, a princípio, que o conhecimento devia ser o resultado de uma pesquisa cultural, um produto de erudição, e que esta lhe podia vir de fora, conquistando-a ele com um trabalho intelectual. Depois percebeu quanto era superficial este gênero de conhecimento, em face ao outro, que lhe vinha da experiência da própria dor. Este outro, apareceu-lhe como qualquer coisa muito mais profunda, substancial, verdadeira. Era como uma revelação que emergia do íntimo, ao invés de ser recebida de fora, e nascia, não das aquisições culturais e dos processos reflexivos da razão, mas de um ato de intuição, que brotava da sensibilização do seu ser, e que era como nova capacidade perceptiva, um poder de visão resultante da maturação que nele se operava, através da luta na dor. E percebeu que a obra da sua transformação, a conquista da sua ascensão espiritual, não podia resultar senão deste conhecimento profundo, íntimo e intuitivo, que se fundia com a sua própria maturação e nascia da grande experiência da dor.

Qual foi a sua dor? Qual a forma que o destino escolheu e lhe ofereceu, entre as infinitas amarguras da vida? Existem as grandes dores heróicas, que dão direito à gratidão da pátria; as dores excepcionais, ardentes e gritantes, que provocam nos outros admiração, entusiasmo, e têm um sentido de grandeza; as dores afagadas de comiseração, aquecidas pela compreensão do próximo; aquelas que despertam um sentido de piedade, as dores a que se pode e se dá ajuda e conforto, e para as quais se encontra alívio nos afetos, na piedade, na bondade dos outros. Essas são as dores de luxo, que têm direito a lágrimas, à compaixão, à consolação. Vêm depois as dores pobres, deserdadas, que não dão direito a nada de tudo isso; dores sem glórias, obscuras, mudas, geladas, que dão uma sensação de inferioridade e de miséria, ocultas com tristeza, que não

enobrecem nem exaltam, mas aviltam e deprimem: pequenas dores, enfermidade e fraqueza, de corpo e de espírito, dores tolas, estúpidas, ridículas, sem grandeza, sem compreensão, sem comiseração. Para elas não há ajuda, não há conforto, não há piedade. Elas não dão direito à compaixão, à consolação. Elas provocam o riso, o insulto, atraem o desprezo. É dever, é virtude condená-las e persegui-las. Há dores malditas e dores desesperadas, que não comovem ninguém, antes provocando ódio e horror.

Há a dor do culpado e a dor do inocente, a dor consciente e nobre do sábio e a dor estúpida do imbecil. Há a dor que muda e passa e a dor sem esperança e sem remédio, que em vão pede paz à morte. Existem as nossas próprias dores que sempre nos parecem tão grandes, e as dores alheias, que sempre nos parecem tão pequenas! Existem as dores físicas e as dores morais, as dores grosseiras da matéria e as dores sutis do espírito. Existem dores tão refinadas que consomem toda a alma por dentro, em silêncio, sem se exteriorizarem, e matam suavemente, sem desgastar o corpo.

Quantas dores diferentes! Mas todas se estampam no corpo e na alma; cada rosto humano é por elas assinalado e as exprime. Entre tantas formas diversas, cada homem tem a sua e avança arrastando a própria cruz. Entre tantas formas diversas, todas elas são dores, e nelas sempre se cumpre qualquer coisa grandiosa que conduz à redenção. Somente Deus vê todas, pesa-as e julga-as com justiça e lhes dá, no destino de cada um, a compensação.

Qual foi a dor do nosso protagonista? Não importa o nome e a forma, importa a substância, que é dor, importa a sua ação iluminadora, a sua obra de redenção no nosso espírito. O leitor que dê aos sofrimentos do nosso homem a forma e o nome que entender, ponha as suas próprias dores na dele e diga: vejamos como ele resolveu o seu problema, que é o meu, o problema da dor, que é o problema de todos. Qualquer que tenha sido a forma do seu sofrimento, o que importa compreender e seguir é a atitude e a posição que ele escolheu, em face da dor, e que são os antípodas daquelas preferidas pelo mundo. Este a olha com ódio e terror, procura fugir-lhe ou destruí-la, sem perceber a sua indispensável função criadora, de agente e estimulante da evolução. A maior sabedoria do nosso protagonista foi a de amar e assim domesticar fraternalmente a dor, transformando-a de inimigo em amigo,

utilizando-a como meio de ressurreição, fazendo do mal um bem, de uma pena e negação humana a afirmação e alegria do espírito. A sua sabedoria estava na sua atitude, não de aversão e de revolta, que desespera, nem de passiva resignação, que imbeciliza, mas de ativa, dinâmica reação para o bem; estava no saber transformar as resistências hostis da vida no jogo de exercícios, na escola de aquisições, e no fazer, de uma aparente condenação, um instrumento de conquista, de redenção, de felicidade.

Interessa depois conhecer a lógica com que agem estes impulsos da dor, o modo por que se apresentam, os pontos que golpeiam, o método pelo qual se sucedem, a meta a que se dirigem. O destino é sem dúvida um desenvolvimento de forças, não casual, mas dirigido segundo um princípio e uma lei, adaptados a cada caso. Se não fossem assim, a dor seria um crime e uma loucura do Criador e todos os fatos nos demonstram o absurdo de tal hipótese. Diante disso, interessa conhecer o sistema segundo o qual o fenômeno se desenvolve. Todos os organismos, seja no plano físico ou no espiritual, isto é, tanto o nosso corpo como a nossa alma, têm um ponto de menor resistência (*locus minoris resistentiae*). Ora, parece que a natureza escolhe justamente este ponto de maior fraqueza, de maior vulnerabilidade, para convergir sobre ele os seus mais veementes golpes. Este ponto, de preferência, ela fere nas doenças físicas como nas imperfeições morais. A natureza não gosta de pontos fracos, lança-se contra eles, seja para provar-lhes a resistência, e, se esta é pouca, abrir-lhes prontamente uma brecha e resolver o caso, matando o indivíduo, seja para estimular as suas reações e com isso impulsioná-lo a se reforçar, a reativar as suas defesas, e ensinar-lhe a salvação, obrigando-o a vencer, a aprender a ser forte, para sempre saber vencer. A resposta depende do indivíduo, e será vida ou morte, libertação ou dor. Assim, cada pena é uma doença e cada doença uma prova. Em cada caso a dor tem um significado, um escopo útil, e nos atinge para o nosso bem. É uma tentativa salutar de correção de algum erro, para restabelecer o equilíbrio, a ordem divina das coisas, na qual só existe felicidade. A natureza, ao infligir-nos as provas, parece desapiedada. Mas com elas se completa a grande escola da vida, na qual se aprende, cada um por si mesmo, a corrigir os impulsos mal dirigidos do próprio destino. De fato, somos nós mesmos que, nascendo com uma dada constituição física e moral, trazemos já

em nós, definidos e localizados, os pontos de menor resistência, a nossa força ou a nossa fraqueza, já implicitamente assinalando a nossa vitória ou a nossa condenação. O ambiente prova indistintamente todas as pessoas: a nossa resposta é que é diversa, as causas da dor estão em nós. A natureza é imparcial, é justa. Se fosse piedosa, não seria justa e trairia a maior finalidade da vida, que é o evoluir, que nos faz progredir e aperfeiçoar.

Por que nascemos de maneiras tão diversas, com tão diferentes bagagens de forças e de fraquezas, de direitos e deveres? A cada um cabe justificar a sua prova e a sua dor, tão grave e diversa. Esse é um problema que deverá ser resolvido pelos que crêem na criação dos espíritos do nada, todos iguais ao nascimento. Para que a dor seja justa, cumpre sejamos responsáveis pelas causas que a atraem, por havermos provocado. Urge, como precedente, uma causa livre e nossa, para que haja justiça, quando nos fere um efeito doloroso e inexoravelmente nosso. As teorias vagas, que nada esclarece neste terreno, são muito boas para as dores alheias, mas não servem para compreendermos, resolvermos, guiarmos e suportarmos as nossas. Sem aquele precedente livre e nosso, não nos resta mais do que a horrível idéia de um Criador injusto ou inconsciente, ou a idéia atéia do caos. Se para sairmos bem, devemos renunciar de uma vez a compreender, não nos resta mais do que completar o nosso suicídio espiritual.

A natureza, que parece desapiedada, é justa e benigna. No fundo, a negação aparente da dor é uma afirmação; aquelas investidas contra a vida são a favor da vida. Quem observar o próprio destino, verá que as suas forças não golpeiam ao acaso, mas tendem a seguir particulares direções e a conservá-las; preferem alguns pontos, diversos para os vários indivíduos, mas quase sempre bem definidos e constantes para cada um em particular. Como cada destino, a dor, para cada pessoa, tem um caráter dominante, um sentido que persiste do nascimento até a morte, e a cada destino corresponde determinada forma de dor. Quem pode negar, a "priori", que todas essas forças, que tão profundamente atuam em nossa vida, não tenham uma natureza inteligente? Às vezes elas se apresentam tão precisamente dosadas e dirigidas, que fazem pensar num mestre traçando as disciplinas de um curso e as classes de uma escola. Frequentemente, a quem olhe em profundidade, aparece esta ordem

maior, que controla a aparente desordem do particular. A natureza, ou seja, a inteligência das leis da criação, ou pensamento-verdade de Deus, não nos prodigaliza gratuitamente as qualidades e as aptidões, mas nos impõe a sua conquista através do esforço, obrigando-nos a aprender com a experiência, quando não as determina por meio de reações, obrigando a aflorar aquilo que já estava latente em nosso espírito. Age, portanto, movendo-se em direção oposta, diremos quase por inversão. Para chegar à afirmação, parte da negação. Satanás serve a Deus.

Assim aconteceu com o nosso homem. Se as forças que se preparavam para submetê-lo à prova se desencadeassem todas de uma vez, atirando-se sobre ele com todo o seu ímpeto, num só golpe, o teriam sem dúvida esmagado. Cercaram-no, porém, pouco a pouco, dando-lhe a possibilidade de uma adaptação progressiva e de uma compreensão relativa. Começou assim a formar-se ao seu redor como um cerco de adversidades, e este cerco foi, passo a passo, estrangulando os gânglios vitais da sua vida humana, ocupando os pontos estratégicos nas vias de expansão da animalidade, da realização do eu inferior. A cada um dos seus ímpetos, a cada um dos seus desejos de espírito exuberante, como que uma coalizão de forças dizia, quase premeditadamente: não. E a negação se dirigia a determinados pontos, constantemente, com tenacidade. Voltando, como todos, para as fáceis projeções exteriores, sentia-se precipitado nas trevas, cegado pelo espancamento das claridades da vida. Só mais tarde haveria de compreender o sentido das forças negativas. A condenação à cegueira terrena era a condição para a conquista da luz do céu. O destino agia nele excitando as reações do espírito, e começava por mutilá-lo em tudo o que se referia ao plano humano. Inexoravelmente adversa, pareceu-lhe infernal aquela mesma vida que, para os outros, é naturalmente ditosa. Relatividade de posição e de destino. Incompreensão congênita.

Quanto esforço no fundo dessas trevas humanas para achar o seu eu mais profundo! Quem encontra as portas escancaradas para o exterior, por elas se atira e ignora os tormentos, mas também não lhes colhe os frutos. Este pode passar a vida satisfeito com todas as suas pequeninas coisas, pode continuar a crer em ilusões e a seguir quimeras, continuar a jurar, convicto,

sobre muitas coisas estupidíssimas, e só na velhice, diante da morte, pô-las em dúvida e perceber a verdade. Então, entre a dúvida e o remorso, ele se pergunta admirado: por que viver? O nosso homem fez logo essa pergunta, colocou-se logo diante da morte e da eternidade. A dor o atingira e não lhe permitia juvenis esquecimentos. Ela obrigou-o a se tornar consciente dos grandes abismos da vida, desde o princípio. Foi triste, mas o encorajou. A natureza despertou nele, por essa maneira, todas as defesas. Ele mobilizou as suas energias, reagiu e se reforçou. Assim, de uma pequena vida humana negativa, ele haveria de fazer uma grande vida de espírito triunfante.

Não compreendia, mas Deus o vigiava. Aquilo que sentia como sufocação era antes o caminho da expansão; aquilo que sentia mortal era introdução à vida; aquela opressão lenta que o arredava das coisas humanas o conduzia para as coisas divinas. Eis a substância, o significado da sua prova. Se esta se apresentava na forma negativa, quase de punição, amarga e inexorável como uma vingança, se tinha uma lógica compensadora e função expiadora, tinha também ação positiva, recriadora, benigna: era a doença da ressurreição. Cair na angústia e debater-se nas trevas, para conseguir compreender por si mesmo, encontrar-se a si próprio, isto era o que lhe impunha o método de ação do seu destino. Acabou abatido, caiu no chão destruído. As investidas sucederam-se com intensidade progressiva. Viu-se só, escarnecido, desesperado. Arrastou-se com as unhas e os dentes, deixando nos espinhos da estrada pedaços da própria carne. Mas compreendeu. À prova gigantesca reagiu com resposta gigantesca. O seu espírito podia responder, e respondeu. E todo o centro da sua vida se moveu e deslocou para frente, para se transferir inteiro a um plano mais alto.

Via dolorosa, caminho da cruz, que teria de encontrar mais tarde o seu Getsêmani. Os primeiros passos foram duros, não compensados pelas conquistas espirituais, não iluminados pela luz que delas provêm. Só havia então a dor humana, sem o conforto divino. Deus o guiava, sem dúvida, mas ele não o sabia. Uma contrariedade dispersa por todas as circunstâncias da sua vida o perseguia, acintosa e maligna. Entretanto, ele era tão bom, dócil, sincero, desinteressado. Talvez justamente por isso havia caído na vala do mundo, onde surgiam para feri-lo os sentimentos mais opostos. Os contrários se atraem.

Viu-se cercado pela avidez de dinheiro, ele que nunca foi atraído pela riqueza. Não pedia à vida mais do que paz, e de paz necessitava, no seu anseio de resolver o problema do conhecimento universal e particular; e ei-lo, jovem, com dois patrimônios sobre os ombros, cobiçadíssima posição para qualquer um, mas criadora de grandes responsabilidades. Não tinha sede de riquezas, não tinha ambições. Enquanto procurava resolver o significado do seu destino, a luta baixa, banal, da vida material, o cercava, exigia toda a sua atenção, pedia toda a sua atividade, esmagando-o de responsabilidades, tomando-lhe o tempo, a tranqüilidade, a liberdade de espírito, absorvendo-lhe aquelas faculdades em cujo exercício estava, para ele, a vida. Mas naquele espírito havia uma força que, quanto mais era comprimida, mais energicamente era impulsionada a reagir. Ávido de bondade, sujeitou-se assim a contatos humanos que o nausearam até o horror. E por primeira experiência teve de estudar o homem na face torva do Judas. Ao invés da doçura de um descuidosa alegria, teve de beber o mais amargo fel do espírito humano.

Estava no seu destino esta força que parecia maligna, de desfazer as construções, de envenenar as satisfações, de tudo enredar e complicar, em inumeráveis aborrecimentos, de amontoar erros sobre erros, para que ele visse no exterior um invencível labirinto de males. As melhores intenções, as mais prudentes previsões, as atitudes mais cautelosas, suas e dos seus, terminavam sempre naquele emaranhado. Alguma coisa queria, contra todas as previsões humanas, manter essa rede de adversidades pequenas e grandes, para circundá-lo e sufocá-lo. E ele, que compreendia o jogo, devia sofrer a humilhação de passar por inepto, enquanto sentia que não o era. A riqueza, para não se perder, deve ser defendida, e não poder defendê-la significava, para ele, grave responsabilidade moral junto aos seus. Um cúmulo de fastio, de preocupações, de desprazer. Conflito insolúvel de deveres. Os costumes correntes eram realmente os do egoísmo, e com este e por este era que tudo se resolvia. Mas ele estava em outro caminho, e não podia servi-lo. O seu destino apresenta-se como caso típico de provas ao revés. Era rico de qualidades espirituais e ansioso de exercitá-las e desenvolvê-las, porque nelas estava a sua vida, mas via-se na posse dos mais preciosos dons materiais, os mais cobiçados pela média humana, os menos desejáveis para ele, e que assim se transformavam

numa condenação. Devia, exteriormente, parecer afortunado, e sofrer a inveja dos outros. Dizia de si mesmo: sou como uma planta que deve viver, se quiser viver, ao contrário, com as folhas enterradas e as raízes para cima. Da riqueza não sentiu senão o peso, a responsabilidade, a escravidão, os perigos. Ávido de outras conquistas, bem logo a maldisse. Buscava os ricos dotes do espírito, a inteligência, a bondade, a retidão, a sinceridade, e foi levado pela riqueza ao contato da mais fétida imundície do espírito; teve a sensação de morrer sufocado numa esterqueira. Nasceu nele a náusea, depois repugnância invencível por aquele gênero de seus semelhantes, ódio pela riqueza, que os atraía. Neste ponto, aquilo que era considerado fortuna pelos outros não o era por ele, e mudou-se também para ele em fortuna, mas no sentido espiritual. A opressão da prova excita a sua reação, em que ele se revela a si mesmo. Amava os espíritos nobres, desinteressados: a riqueza, ao contrário, atraía para ele as almas mais baixas e ávidas. Então, para fugir à sufocação do fedor espiritual que delas emanava, desponta nele o pensamento de se libertar da causa que as atraía: a riqueza; inicia gradativamente a realização prática do programa evangélico, a espinha dorsal da sua ascensão espiritual, por cujo motivo tinha nascido e para a qual queria viver.

Por essa via, começou a encontrar-se a si mesmo. O seu verdadeiro ser se revelava. Começou, assim, não mais a sofrer a vontade, as concepções, as unidades de medida que a maioria fazia para si mesma e lhe queria aplicar, mas a agir ele mesmo, como era e como queria ser. Dava pois um passo avante, simultaneamente, nos três caminhos que o esperavam: avançava no conhecimento de si mesmo; aprendia, na dor, a primeira lição de renúncia libertadora do espírito; iniciava a sua própria transformação, avançando para o Cristo. O destino sabe propor quesitos especiais a determinados espíritos, possui métodos sábios de distribuição das provas. Circunda uma alma anelante de espiritualidade das mais grosseiras tentações humanas, oferece ao homem a riqueza, mas a cerca de tão nauseante baixeza humana, que ele não lhe vê senão a falsidade, a injustiça, os perigos, e lhe sofre os gravames, aprendendo assim a detestá-la. Rebelar-se a si mesmo, opondo-se a tudo e a todos. Esta reviravolta, livremente desejada, foi o primeiro passo da sua ascensão. A primeira decisão fora tomada, a primeira lição estava compreendida. E ele sentiu tamanho nojo

da riqueza, que a odiou enquanto viveu.

X

O Problema da Riqueza, do Trabalho e do Evangelho

"Quem não trabalha, não come" (S. Paulo)

Não é a riqueza em si que merece condenação: porque ela é força que pode, quando bem empregada, ser um meio poderoso de realizar o melhor. Merece condenação a psicologia de avidez que é a sua auréola natural, a atmosfera sufocante que dela constantemente emana, o mal que, para conquistá-la, não se tem receio de praticar, as aberrações que provoca, a horrível espécie de almas que atrai e de que se circunda, a escravidão, a asfixia, a abjeção espiritual que freqüentemente são o seu preço. Para libertar-se de tão triste companhia era preciso livrar-se da sua causa.

Não era fácil. Não é fácil no mundo moderno, onde tudo o que se refere à propriedade é exatamente regulado por meio de mil veículos jurídicos, complexa rede de interesses em equilíbrio. Não é tão simples resolver o problema, como no tempo de Cristo ou de São Francisco. Havia, pois, complicado conflito de deveres, em que se jogavam os direitos alheios, que não se podem lesar. Como resolver o caso entre tantos deveres voltados para direções contrárias, e todos autorizando, perante a consciência, pedidos de satisfação? Como cumprir uns sem lesar os outros? São Francisco, por exemplo, devia lesar o dever de obedecer ao pai, porque tinha de obedecer a um dever maior. E qual, no nosso caso, era o dever maior? Todos falam sempre de seus direitos; entre os seus deveres ele achava difícil a escolha. Não bastava esquecer os interesses e o egoísmo para resolver a questão.

Os seus bens eram hereditários, ou seja, obtidos gratuitamente. Não eram fruto do seu trabalho. A sociedade do seu tempo

admitia essa forma de aquisição, que a consciência lhe declarava injusta. Não condenou os outros, mas apressou-se a corrigir-se a si mesmo. A aquisição gratuita de bens por hereditariedade era, "para ele", para a sua lei moral e pessoal, coisa ilícita, imoral, inadmissível. Cuidava de si e respeitava a lei dos outros. Mas devia viver conscientemente a sua lei.

E esta não era somente a lei instintiva da sua consciência, pois era também a Lei do Evangelho. Ouvia a voz longínqua a repetir-lhe:

"Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o Reino de Deus!

Mas, ai de vós, ó ricos, porque já tendes a vossa consolação!"

E ainda:

"Dá aos que te pedem, e se alguém te tirar o que é teu, não demandes com ele"

E por fim a máxima:

"É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus".

Ele sentia bastante o Evangelho no coração, para não tomar a sério estas palavras. E o aborrecia bastante a elasticidade de consciência e as acomodações, para não sentir o dever de tomar uma posição bem definida, entre Cristo e o mundo. Preferiu Cristo, mas o mundo o condenou, e começou a luta.

Não pretendia, de fato, no seu coração, aplicar aos outros a sua lei. Não condenava, não julgava; perdoava, pensando que como medimos seremos medidos. Não podia deixar de sentir a injustiça originária que está na base de toda acumulação de riqueza, que muito raramente se pode formar apenas com o trabalho, sem ao menos um início de fortuna. Esta injustiça originária se agravava com a gratuita transmissão hereditária.

Achava absolutamente anti-cristã, ainda que em parte, a vida à custa do que não fosse o fruto do próprio trabalho. Viver do trabalho alheio, isto é, daquele próximo que se deve amar, e sobre cujos ombros não é, portanto, lícito, a um cristão acomodar-se para se deixar levar. Achava absolutamente anti-cristã essa concepção egoísta da vida, base de explorações e causa de lutas, porque o pobre é por ela instigado, talvez mesmo constrangido a fazer justiça, com a esperteza, com o furto e a violência. As religiões preferiam acomodar-se,

passando por cima deste ponto fundamental da equidade evangélica, mas ele quis estar inocente diante das condescendências anti-cristãs e das suas tristes conseqüências morais e sociais. São Paulo, falando de si mesmo, dizia-lhe que "trabalhava com as próprias mãos, para não ser pesado a ninguém" (Atos, XX 33-34). Os sistemas do mundo representavam convenções, estavam consagrados pelos costumes, eram uma contradição admitida. Tudo aquilo era aceito, corrente, legal no mundo; a sua consciência, porém, não aceitava compromissos e definia claramente as suas posições. Não podia endossar tudo aquilo sem se tornar cúmplice; não podia aceitar os benefícios sem incorrer na responsabilidade.

A injusta distribuição da riqueza era o problema do seu tempo, e contra ela se batiam os homens, as classes sociais e os povos. O espírito do seu século insurgia-se contra aquela injustiça, que tanta luta custava. O mundo debatia-se para preparar o advento da justiça social. O instinto da ávida acumulação egoísta era biologicamente justo, mas correspondia a fases evolutivas do passado, que hoje devem ser superadas por outra fase, de mais justa coordenação orgânica coletiva. E se esta preparação tantos esforços e sacrifícios custava, podia ele, por interesses pessoais, lançar-se contra o futuro?

Sentia que a fundamental injustiça da exploração econômica devia ser corrigida pelo "*Quod superest date pauperibus*[10]", pois o supérfluo é realmente roubado aos pobres, que dele necessitavam para viver. Além disto, um grande preceito lhe vinha de Cristo: "Ama o teu próximo como a ti mesmo". Devia cumprir também este dever. Não se tratava somente de livrar-se do peso, das ligações, da injustiça, da riqueza. Tratava-se, para amar o próximo, que na sua maioria é pobre ou quase pobre, de abraçar a sua vida, participar das suas fadigas, suportar as suas tribulações. Tratava-se de trabalhar com a maioria e de ganhar o próprio e justo pão cotidiano. Tratava-se de caminhar seriamente com o povo, começando por si mesmo e não pelos outros, pelos deveres e não pelos direitos, praticando antes de pregar. Sentia, na consciência, que só o fruto do seu trabalho podia ser honestamente seu. Sentia que essa era a forma da verdadeira fraternidade evangélica e a verdadeira realização da justiça social.

Considerava o trabalho não só como dever para com o próximo, mas como direito, na escola da sua formação individual. Segundo a

velha concepção, os valores maiores são representados pela riqueza, ante a qual o homem é um meio. Segundo a sua concepção, que era a dos novos tempos, o maior valor é o homem, ante o qual a riqueza é um meio. Se antes se antepunha a riqueza ao homem, amanhã se deverá antepor o homem à riqueza. O trabalho, então, não é mais um meio de aquisição de bens econômicos, mas uma forma de exercício e aquisição de capacidades novas, a que cada um tem direito de ser admitido, porque isso representa a sua formação e a sua evolução. Assim concebido o trabalho, ele quis a sua parte, como dever e como direito.

O fato de haver tomado, espontaneamente, a parte que lhe cabia no peso da vida, proporcionava-lhe, por fim, implicitamente, maior estabilidade de posição social, que é sempre mais solidamente equilibrada quanto mais em baixo, quanto mais se aproxima da normalidade e se afasta da exceção. Mas tudo isso não era fácil realizar. Quem o haveria de ajudar?

Com a ação começarem as dificuldades. Toda a rede de interesses que se forma em torno de uma riqueza reagia. Tudo quanto já se formou e estabilizou, em qualquer posição, represente um equilíbrio que se defende e resiste. Em qualquer lugar e momento se formam prontamente estas coalizões, estes tácitos consensos, em que se harmonizam tão espontaneamente os homens, quando vêem nisso uma utilidade, e que são verdadeiros organismos armados contra tudo. Para se libertar a si mesmo, devia libertar também, muitos dos seus dependentes, ou seja, desalojá-los de suas posições, a que estavam bem agarrados, pois pensavam de maneira bem diversa. Sucedia-lhe, em menor proporção, como a certos chefes que são os servos da casta, que os sustêm na posição enquanto isso lhe convenha. Aprendeu assim, logo, a conhecer a verdadeira face do homem.

A sua particular experiência o levava à conclusão de que administrar pode ser sinônimo de roubar. Bastava deixar-se administrar para conseguir de pronto a libertação. Mas ele não era um inepto, que se deixa destruir por preguiça ou incapacidade, e não podia absolutamente fazê-lo em benefício do furto. Não poderia ser proprietário, sem se tornar cúmplice responsável. Assim percebeu que a libertação de um patrimônio, para atingir a pobreza franciscana, era problema moral e material muito complexo em nosso mundo moderno. A mesma humanidade que lhe pedia fraternidade o impedia

de realizá-la, com a sua feroz avidez, demonstrando-lhe como o mundo é pouco disposto a compreender tais sacrifícios, que entretanto tem a coragem de pregar e de pedir. Percebeu quanto é difícil para o indivíduo, num mundo estruturado em sentido oposto, saber resolver o problema da exploração econômica, sem provocar qualquer prejuízo. Isso ainda porque cada qual quer compreender os motivos dos atos do próximo e desconfia sempre. Ora, os seus motivos ninguém conseguia compreender e se os compreendesse não os admitiria. Toda a sociedade era impulsionada por uma vontade em sentido contrário: pilhar, acumular, enriquecer. Todos os caminhos dirigiam-se naquele rumo e todos andavam naqueles caminhos. Todas as instituições, leis, costumes pressupunham aquelas motivações. Bem longe de admitir a possibilidade de existir um honesto, que afasta de si a riqueza por um senso de justiça, o mundo se arma de desconfiança contra o homem que, cheio de escrúpulos, tem muita pressa em se desfazer da riqueza. E tudo se volta contra quem vai contra a corrente.

Os seus deveres não eram egoístas, utilitários, dos que permitem fazer bela figura e dão, ao mesmo tempo bom rendimento. Eram deveres reais, de consciência; deveres estranhos ao mais longínquo rendimento, deveres incompreensíveis e, portanto inadmissíveis. Estes deveres escandalizavam os outros, que desejam resultados concretos para poderem avaliar. Os espertos do mundo julgaram-no mais esperto do que eles; acreditavam que, para fins de lucro, disfarçava-se em altruísta. Os homens de bom senso, ainda mais espertos, chegaram a descobrir, por meios muito complexos, os seus recônditos objetivos reais.

A luta foi longa e corpo a corpo, mas o fez conhecer o homem. Descobriu que era muito difícil saber dar sem fazer mal. Via que o pobre não era, quase sempre, senão um rico frustrado, muito diferente do pobre de espírito, cheio de toda cobiça, insaciável, de alma agarrada ao dinheiro, e cada ato magnânimo servia de estímulo àqueles sentimentos. Percebeu que o homem, freqüentemente, ao ato passivo de receber, preferia ser ativo no pilhar; preferia a conquista à esmola. E isso é biologicamente normal, mas tende a fazer do homem, em última instância, um malfeitor. O seu signo, porém, é positivo, e a ele a natureza confia o trabalho da seleção, e não o da conservação, que

compete à mulher. Descobriu no homem o seu aspecto de mais ou menos cego executor das leis biológicas; espantou-se com a imensa, insuportável distância que o separava do Evangelho. Na luta corpo a corpo para a realização do seu plano, ele era o supremo utopista, escarnecido e incompreendido. Essa foi a resposta bem clara que o mundo francamente lhe deu, segundo a sua lógica natural. As leis biológicas, aplicadas ao homem por instinto, embora sem este as compreender, rebelam-se contra ele, precipitaram-se ao seu encontro, como enfrentando um violador. No mundo, ele estava errado. Por certo a sua forma de luta era muito diferente da que as leis da natureza impunham à terra; buscava uma seleção muito elevada, muito complexa e de muitos remotos resultados, para que as suas ações pudessem ser admitidas num mundo em que se desenvolvia outra luta, dirigida no sentido de outra seleção. De resto, aquele mundo estava bem solidamente situado e equilibrado e, na sua férrea lógica, no âmbito do seu plano, tinha razão. A grande maioria vivia aquela lei, enquanto ele estava só ou quase só; achava-se, portanto, deslocado. O nosso utopista, tinha consigo o Evangelho, e se havia lançado justamente na via da sua aplicação integral. Chocava-o a enorme dificuldade de realizá-lo na prática e o gritante antagonismo em que o mundo se encontra com o Evangelho e o Evangelho com o mundo. E se perguntava por que a lei biológica, destinada por Deus a reger a vida humana e gravada nos instintos do homem, tinha de estar nos antípodas da lei evangélica, igualmente destinada por Deus a reger aquela mesma vida humana.

Este livro quer antes relatar experiências do que formular teorias. Narremos, pois. Ele continuou inabalável, enquanto registrava em si mesmo essas observações. O nosso relato é breve, mas, para ele, a luta foi longa. Nós fazemos simplesmente um relato, enquanto ele construía um homem. Ele continuou. Havia jurado fé no Evangelho e com o Evangelho queria ir até o fim, se necessário, até os extremos da desesperação e da morte. Havia decidido dar agora à sua vida este conteúdo: a experiência suprema do Evangelho, integralmente vivida. Que aconteceria? Observava e registrava. Nele se travava o grande duelo: quem teria razão, o Evangelho ou o mundo? Enquanto a sua vida prosseguia, observava os entrechoques da batalha. O mundo derrotaria nele o evangelho, ou o Evangelho venceria o mundo? Neste segundo caso, a sua vida

não era mais uma utopia. Não era um louco, como se dizia; o triunfo do seu espírito estaria completo, a via excepcional que seguiria não era errada. O seu caminho, porém, era tão contrário às leis do mundo, pelo qual avançava, que seria necessário um contínuo milagre, a presença nunca suspeitada de uma Divina Providência, que o salvasse a cada passo de tudo e de todos. E olhava em torno para ver se o milagre se verificava e se poderia verificar-se. Tremia no mais íntimo de si mesmo, porque compreendera que a sua atitude, no fundo, era um desafio de obediência a Cristo. Mas sabia também que se entregava todo, jogando a cartada da vida, e quem assim procede talvez tenha algum direito mais do que os outros. E se, ao contrário, o mundo derrotasse o Evangelho, demonstrando-lhe, através de fatos, nesta experiência decisiva, a sua absurdidade prática? Se a Divina Providência, com a qual ele contava, o abandonasse; se esta força imponderável lhe escapasse na sombra, que meio teria para mantê-la presente e ativa, que direito teria de considerar-se um predileto, particularmente ajudado por Deus? A sua fé era grande: empenhava a vida em confiança, sob a palavra de Cristo. Era, então, assim terrivelmente forte, a voz de Cristo nele? E se este Evangelho, sobre o qual empenhava todo o seu ser e investia todas as ações e todo o capital da sua vida, o traísse, o que lhe restaria? Restar-lhe-ia uma simplicíssima; o direito de dizer em plena consciência, de alma nua diante de Deus e em nome da divina justiça que, seguindo o Evangelho, tinha errado, e que não é prudente acreditar sem ver. Na sua alma se teria dado um terrível abalo que teria sido a sua destruição. Mas que lhe importaria a sua alma, quando naquele abalo teriam caído também o seu Cristo e o seu Evangelho? O dilema era impiedoso e tremendo. O leitor não se espante, porém, porque, quando uma consciência age retamente, nunca é abandonada por Deus.

XI

Pobreza e Trabalho

"Não há conquista sem renúncia"

O nosso protagonista começou a pôr metodicamente em execução o programa da sua própria espoliação, inteligente espoliação. A sua atitude não era de fuga, como a de quem, sem preocupar-se com as conseqüências, com as reações desta força que se abandona, a riqueza, entrega apressadamente tudo aos pobres e volta as costas ao mundo, para ausentar-se no seu misticismo, solitário. A ele cabia, pelo contrário, o trabalho entre os deserdados, para suportar com eles o peso e compreender o sentido da sua vida. A escola, que mostra no benfeitor um rico e no beneficiado um pobre, não aproxima aos homens, não cobre o abismo que os divide, não resolve a injustiça das diferenciações econômicas. Essa esmola é um paliativo a que o rico recorre porque, custando-lhe relativamente pouco, oferece-lhe a vantagem de tranquilizar-lhe a consciência e dar-lhe a ilusão de garantir o paraíso. O cálculo indica uma vantagem maior para o sacrifício, e a coisa se torna conveniente. Mas o pobre, sendo talvez somente um rico frustrado, e portanto pior que o rico, pedindo justiça apenas quando esta significa a defesa do seu egoísmo, e sendo quase sempre indigno de esmolas, porque ele mesmo foi a causa da sua pobreza, por preguiça ou esbanjamento, não precisa tanto do piedoso supérfluo dos outros, quanto da sua aproximação fraternal, da descida dos outros até a sua própria miséria, para vivê-la cotidianamente provando toda a sua amargura, até a sua degradante baixaza. Só diante dessa descida até ele o pobre sente que a justiça foi feita e que não lhe resta mais o direito de pedir, porque só assim o abismo é transposto, a distância é destruída, porque então o ser que vivia uma outra vida e parecia de outra raça tornou-se dos seus, vive a sua mesma vida, com as mesmas necessidades, psicologia e dores. Este é o veemente egoísmo do pobre, tão cheio de avidez que não concede ao rico nem mesmo o supérfluo que o rico lhe dava. Mas o nosso protagonista, que sentia a justiça de Deus, sentia também que aquele egoísmo era em grande parte um direito à vida e ao progresso, e que era seu dever dividir as suas vantagens, pois não passava de verdadeiro furto tentar monopolizá-las para si. Sentiu que a esmola não é completa se não se tomar nos próprios ombros a cruz do pobre, para carregá-la com ele, ao seu lado. Sentiu que somente essa é a verdadeira esmola, que irmana, que nos faz, sem distinções, todos iguais, como filhos de Deus. Sentiu que, - não

importa se as religiões se descuidam desta questão vital -, só assim se podia aplicar o Evangelho e ter o direito, sem mentir, de se dizer cristão.

Assim ele, como cristão, não quis fugir ao comprimento de seu dever, nem acomodar-se na passiva solidão contemplativa, onde há excesso de tempo e de paz, ou em ociosa pobreza de resignada e inerte aquiescência, indiferente às fadigas e às dores do mundo. Mas abriu, como cristão, os braços às fadigas e às dores alheias, fazendo-as suas, e quis, como cristão, o seu posto de luta na vida. Sentiu que nenhuma espécie de penitência pode justificar o imponderável pecado do isolamento, que nos afasta da fraternidade na luta e na dor, ou o pecado capital do ócio, que nos afasta do grande dever individual e social do trabalho. Não é acaso suficiente matéria de penitência a dor do mundo, para que se deva artificialmente buscá-la de outra forma? Fixada a sua posição, preparou-se para agir. Quem verdadeiramente crê numa coisa, ao invés de pregá-la, começa a praticá-la. Amava a fé criadora, as virtudes dinâmicas e operosas, e se lançou à obra. Até que as suas intenções não se manifestaram em fatos concretos e não se tornaram claramente visíveis no exterior, as coisas andaram discretamente. O mal-entendido o defendia; os seus atos podiam ser interpretados de maneira diversa. Deixaram-no viver. Mas quando, pouco a pouco, começaram a compreender o que ele, de fato, queria fazer, os seus dependentes, que receavam perder as suas posições e ser despojados das suas utopias, ocultamente se congraçaram para tomar conta de tudo, antes que qualquer outro o fizesse, e começaram o cerco. Quando principiaram a compreender as suas verdadeiras intenções, deram início às apreciações, aos juízos, e com estes à condenação. Começava assim, econômica e moralmente, o trabalho de sua demolição. Eram essas as leis normais e naturais; devia suportá-las. Agem inexoráveis no seu plano, seguindo a própria justiça. Não importa se se trata de um mártir ou de um santo. As suas reações pertencem a outros mundos, que a natureza terrena ignora e dos quais não se dá conta. As compensações surgirão depois, noutro lugar, não aqui na terra, onde reina contra lei, a do mais forte. Ele encontrava-se entre os vencidos; aqui em baixo não importa que um destes se destine a elevar-se mais tarde. Tinha de sofrer, portanto, a sorte impiedosa dos vencidos. Suportar todas as torpezas do aniquilamento.

Não pediu ajuda a ninguém, porque sabia que este era o seu caminho e queria segui-lo até o fim, para não renegar o Evangelho. E, além disso, sabia muito bem, que quem sabe negociar gosta de fazê-lo apenas em benefício próprio. Assim superou a tentação de recorrer a parentes e amigos, e o cerco continuou. Enquanto os interessados no caso o atacavam e espoliavam, o mundo o julgava. Os primeiros a assaltaram com trapanças e traições, o segundo o cercou de uma atmosfera surda de desprezo. Desprezo, porque não sabia vencer no plano humano dos valores comuns; desprezo, porque perdia o poder que já possuía e tinha de cair entre os pobres, os deserdados, os mendigos. Devia, pois, sofrer a mesma sorte destes, ser considerado um falido na vida, como estes eram considerados: coisas sem dono, carne feita de miséria, que se pode pisar impunemente, feita mesmo para ser pisada. Sentia a injustiça do julgamento, mas se confortava na tranquilidade e na satisfação da sua consciência. Restava-lhe, porém, a humilhação, e esta queimava. Não como humilhação, porque o seu interesse ele o colocava em coisas bem diversas, e sabia que o juízo do próximo não o podia elevar, nem abater, mas queimava porque o isolamento é doloroso para todos, mormente para os espíritos mais retos e sensíveis, que sentem de maneira mais viva a necessidade da fraternidade humana. Foi julgado sem piedade como inepto, pois só assim se podia explicar e admitir o empobrecimento. Reprovaram a sua inaptidão, suspeitaram da sua má-fé; quanto mais ignorante era o seu próximo, mais se apressava a julgá-lo, da maneira mais inexorável. Perdeu todo o respeito da parte dos outros. Compreendeu amargamente que a estima e a atenção dependiam da sua posição social. Tornou-se o imbecil, o alvo preferido dos críticos fáceis, triunfantes, sempre heróicos diante de um vencido, mais animaizinhos tímidos e obsequiosos diante de um forte. Aprendeu a conhecer toda a vileza humana. A experiência da verdadeira imitação de Cristo começava a se tornar trágica. Que seria feito dele? Atrás da sua posição social, teria naufragado também a sua alma? Que horas de desespero o aguardavam, a ele, o louco?

O julgamento da opinião pública, no seu ambiente, se fixava, se consolidava e se divulgava. Ao seu redor, em lugar da antiga auréola de estima e de atenção, expandia-se agora um odor de apodrecimento. Há seres vis na sociedade; vivem, como certos vermes imundos, de todos os produtos em

desagregação, e os farejam de longe, para correrem prontamente, ao primeiro sinal, em busca da presa. Eles cumprem a função biológica de apressar o fim e de transformar aquela podridão em outra forma de vida, seja embora inferior. Ousara desafiar as leis do mundo; era justo que este se vingasse. Ninguém poderia já agora detê-lo. A princípio o sacrifício é belo, livre, generoso, heróico; mas, por último, nos ligamos inexoravelmente a ele, que é então miserável, forçado, atroz, impiedoso. A sua nova posição trouxe consigo os piores Judas do mundo dos negócios, espertalhões, ávidos de liquidá-lo, sugando-lhe tudo o que fosse aproveitável. Amargamente, estudou aqueles rostos ávidos e a sua psicologia. Com que prudência farejavam a vítima a distância, como giravam depois ao seu redor, cautelosos, assegurando-se de que ela já não podia morder! Com que garbo felino a cercavam de todas as astúcias, a amarravam, como faz a aranha com a mosca, para que não mais pudesse mover-se, e então amparados na justiça, a envolviam na sua baba e a sugavam! Com que olhar ávido de vampiro espreitavam os seus últimos arrancos, para desferirem o ataque final e se banquetearam sobre a vítima enleada! Aparecia-lhe então horrorosa aquela riqueza que atraía semelhantes espíritos. Maldisse o esterco do demônio, ídolo do mundo!

Vamos ao fim. Os vampiros, afinal, arrancaram as máscaras. E a luta se tornou, então, sem quartel e sem escrúpulos, a verdadeira luta corpo-a-corpo, a luta feroz pela vida, sem tréguas e sem piedade. E em breve ele se encontrou por terra, pobre, abandonado, desprezado. Cumpria-se o primeiro grande ato de seu destino. Estamos no momento mais desolado, no mais profundo ponto da descida. E eis que ele tem de abandonar seu ninho, tem que se pôr a vagar pelo mundo sem ter mais a sua casa. Arrancaram-no se seus caros e velhos hábitos; foi destruída toda a sua delicadíssima sintonização vibratória, que ele ajustara ao seu ambiente; foram dilacerados todos os doces afetos. Todas as suas coisas, recordações de outros tempos, que eram a sua passada vida, foram atiradas, sacudidas para todos os lados, servidas, pedaços de sua alma jogados ao vento! Que destruição! Era seu próprio cérebro que estava disperso. Que desolação não ter mais um lugarzinho próprio para descansar a cabeça; um lugar onde pôr em ordem as suas coisas, para poder ordenar, sobre elas, seus próprios pensamentos. Desordem que penetrava também em sua alma,

sobretudo a sua mente. Encontrou-se de súbito longe de sua casa e dos seus, perdido numa desolada região da Sicília, num pobre quarto de pensão, com uma cama e uma mesa, pobres e não suas. E os ajuizados desprezavam-no, repetiam-lhe sábios e prudentes conselhos de sua própria experiência - e o faziam com tanto maior autoridade porquanto os fatos lhes davam razão. Ele fora um rebelde, um teimoso e em sua intransigência sem seguir seu absurdo escopo, atraíra a inimizade de conhecidos e parentes que não estimavam pobres perto, que são um contínuo perigo, gente para ser mantida. No entanto, quanto mais atraente e simpático se torna aquele que triunfa! Que respeitável, que estimável pessoa! É tamanha a simpatia, que todos fecham um olho voluntariamente aos casos de honestidade e outras coisas. Que fascínio a riqueza! Mas, de um tal projeto de pobreza, que poderia nascer, senão sempre novas derrotas?

As experiências evangélicas deste gênero fazem-se apenas em teorias; na prática, se forem feitas, o são muito superficialmente. Geralmente, esta parte mais real e substancial dos ensinamentos de Cristo - que foram ditos não apenas para serem pregados mas também aplicados - vem sendo, prudentemente, deixada no esquecimento e todos evitam chamar sobre ela muito claramente a atenção. Prefere-se fazer ressaltar os aspectos que dão autoridade, poder e que reforçam, em vez de enfraquecer, o homem no plano humano. E das conquistas e exaltações do plano do espírito fala-se em forma retórica, sem se pensar que elas possam ser realidade de vida. O homem normal considera espantosas as dificuldades das primeiras provas e inacessível o triunfo espiritual de que elas são a promessa; afinal, as duas coisas: condição e resultado estão igualmente acima da sua capacidade. E sem esforço, unicamente por instinto humano, ele se prende a um tácito acordo, com o qual a maioria concorda e que se transforma em uso geral: cuidar das belas coisas que se dizem mas não se fazem. Isto dá impressão de mentira e de contradição, mas o homem é o que é, e como se pode pretender que ele tenha a heróica coragem de se prender aos fatos ao invés de às palavras nestas tão terríveis experiências evangélicas? É mesmo natural que se algum temperamento de exceção quiser convencê-lo, o homem comum não o compreenda, não o admita e ainda o condene. Sabia tudo isto e não esperava nada e nada pedia aos seus semelhantes.

Mas tudo pedia e tudo esperava de Deus, ou seja, da força de uma outra ordem e de outro plano. Sabia que não lhe restava outro caminho a seguir e que assim devia comportar-se se desejasse progredir na estrada da ascensão espiritual. Pois que a lei justa e fatal é que, sem uma limitação no plano humano, não se pode alcançar a correspondente expansão no plano divino; que o crescimento do espírito pede a mortificação da matéria; é lei também que não se pode realizar uma conquista sem renúncia.

XII

TRIBULAÇÕES

Um outro fato agravava a sua posição. Estava doente. Grave e imperdoável erro! Porque um doente é um débil que se deve expulsar ou um peso que se deve suportar - sempre igualmente detestado.

Na luta pela vida não há margem para auxílio nem repouso. E qual era a sua doença? Os médicos giravam-lhe em torno havia vinte anos, sem compreender nem concluir nada. E ele, pacientemente, se transformara em campo experimental das suas infrutuosas tentativas e em fonte de rendimento. Despesa e sofrimento, o único resultado. Há gente que acredita que para sarar basta ir ao médico e tomar seus remédios. E isto pode acontecer, sem dúvida, em muitos casos, sobretudo naqueles evidentes e bem definidos por sua natureza mais acessíveis a uma ciência necessariamente mecanizada em sua aplicação. Mas, há doenças que são um temperamento e há temperamentos que são uma

doença.

Existem constituições que, por estrutura orgânica congênita, trazem consigo um insuprimível desânimo de viver, uma sensação fundamental de mal-estar ao invés de bem-estar. A dominante medicina atual agarra-se ao lado físico do indivíduo e não cura o lado espiritual que, em algumas pessoas, pode ser preponderante.

Ele não tinha lesão alguma; todos os órgãos estavam em perfeito estado, portanto, teoricamente, devia estar bom. Tinham-lhe feito os mais disparatados e inconciliáveis diagnósticos - tanto que a medicina não lhe parecia mais que uma opinião. Mas, todos se agarravam a este ou àquele órgão; ficavam de fora, eram analiticamente parciais embora sinteticamente totalitários, enquanto que a chave estava num dissídio no funcionamento mais íntimo das trocas celulares, quase um dissídio entre espírito e matéria, entre o aparelho elétrico diretor, rebelde aos que desejam dirigi-lo no metabolismo bioquímico de seu organismo. Foi-lhe afinal aconselhada uma intervenção cirúrgica: cortar para ver. Mas, certas coisas não se vêem nem ao microscópio, nem na análise química; não se percebem por métodos mecânicos ou racionais. Sentem-se apenas por intuição e alcançam-se por síntese.

Um médico que tivesse compreendido o caso especial, teria dito, honestamente, que não sabia a causa da doença e nada poderia fazer, sua origem era uma questão de temperamento e que o doente encontrasse por si e seguisse o regime mais conveniente. Mas, como se pode pretender o antibiológico, isto é, que o homem que mora dentro do médico, o homem biologicamente normal, reconheça a sua própria ignorância e o edifício construído por meio de afirmações se destrua a si mesmo para admitir a própria incapacidade? E as exceções não se podem encontrar a cada passo. Certas visitas médicas são planejadas em série sob a necessidade de lucro e feitas a um público que, pelo fato de pagar, impõe mais ou menos ao médico a sua psicologia e que oferece alterações de grande importância situadas no plano físico.

Estas visitas médicas são apenas, por sua própria natureza, um rápido exame externo no qual é o doente que, declarando os sintomas, prepara o diagnóstico. Não podem ser uma observação longa e profunda que só o doente pode fazer por estar em contato constante e direto com o fenômeno.

Este gênero de auxílio médico não lhe podia trazer senão fastio. Isto se concluía pela habitual prescrição oral, ou pior, por injeções, isto é: a forma mais violenta inassimilável e mortífera.

Mas seu organismo era de ferro: resistiu durante vinte anos. Um médico tratou-o com lavagens gástricas e, para sofrer menos, ele acabou fazendo-as sozinho: engolindo um comprido tubo de borracha. Outro havia declarado uma doença do peito por vários sinais descobertos na radioscopia. O diagnóstico dependia muito da especialização do médico. Um homeopata aplicou-lhe, naturalmente, a homeopatia. Uma vez recorreu a um famoso doutor de doenças nervosas e foi tratado como neurastênico. Não lhe escapara, durante a visita, o aspecto nervoso e agitado do médico e não tinha compreendido como tal sumidade não soubera curar-se a si mesmo. Escapou por pouco de cair em uma clínica onde já se projetavam tão sábias complicações que não lhe seria fácil sair dali vivo e são.

Não se prejudicam com isto os maravilhosos e benéficos progressos da medicina, nem o mérito dos grandes que com tanta abnegação e fadiga os conquistaram. Nem se afirma que o médico seja sempre assim; mas apenas que assim se afigurara ao nosso protagonista. O leitor saberá se o caso é freqüente ou raro.

Sem dúvida, existem na medicina orientações sadias ao lado dos sistemas de equilíbrio que a natureza ensina e deseja; mas, a medicina oficial tende, com freqüência, à intervenção forçada e unilateral; em vez de se impor por meio de síntese e intuição nas leis da vida consciente do paciente, tenta convencê-lo, por via de análise e cerebralismo, não conseguido com este instinto másculo da imposição e constrangimento senão perturbar os complexos equilíbrios da natureza.

Todo o nosso tempo - também nos outros ramos da ciência, como na música, na pintura e na literatura - é uma hipertrofia de cerebralismo, de virtuosismo técnico, de mecanização, onde a luz do espírito sintético, intuitivo e criador é sufocada e extinta. Mas esta é a hora da matéria e é preciso vivê-la enquanto o ciclo não for superado.

E assim ele se enfastiou até à náusea; foi sugado enquanto teve dinheiro e seu organismo ficou saturado de medicamentos. Eis que o

mundo lhe dera. Não era a ciência, a medicina - era o homem o responsável que, sob qualquer pretexto social, atirava-lhe sempre a mesma verdade biológica: lutar é a lei; ai dos fracos que não sabem se defender, ai daqueles que imploram socorro! Esta é a substância permanente, infalível, presente em todos os diagnósticos, mesmos os mais discordantes. E tal foi, portanto, a sua conclusão desta experiência: defender-se.

E um dia disse: "é melhor morrer que chamar o médico" - e manteve a palavra. Foi esta uma das primeiras vantagens de sua pobreza- a necessidade de aprender, antes de mais nada, com um sábio regime, a defender a sua saúde, pois que só ele podia conhecê-la bem, evitando o perigo de pedir ajuda, de colocá-la sob a administração de manuseio de outrem. De resto já percebera que, em qualquer assunto, aquilo que se confia à administração de outros, está perdido. Estes são os perigos da riqueza. Esta insinua que pode fazer com que se fuja da luta, do sacrifício, da disciplina das leis da vida. Tudo isto é uma insuprimível norma da natureza e o convite ao repouso e ao arbítrio não passa de mentira.

A vida é séria e dura. Cada um precisa saber defendê-la e discipliná-la por si mesmo. A tarefa da proteção da própria saúde não pode ser mediante pagamento. As leis econômicas têm um limite e o dinheiro não pode tudo. A saúde será naturalmente resguardada com a observância das leis biológicas que a outorgam - não a troco de qualquer riqueza, mas apenas àqueles que a merecem.

No entanto, ele havia aprendido a conhecer o próprio organismo: o estudo, mesmo elementar, da medicina, fora para ele muito atraente. Como em tudo o mais, desejava, antes de tudo, compreender-se. Para sobreviver a vinte anos de tratamento, seu organismo havia dado provas de uma resistência excepcional. E de fato, seu sofrimento não o impedia de estar sempre ativo, sempre trabalhando - dinâmico, criador, temperado pelo cansaço físico e intelectual, rico de uma produção contínua. Naquele corpo magro, todo pensamento, nervos, sentimento e vontade, existia um espírito extremamente rico, indômito, inexaurível, que comunicava a cada fibra do organismo a sua força e a sua resistência. Parecia queimá-lo e decerto o fazia, exigindo dele uma atividade que é natural ao espírito, mas que o corpo não pode seguir.

Esta exuberância espiritual parecia manter-se à custa do físico, ao qual depauperava continuamente. O segredo de seu sofrimento parecia estar neste desequilíbrio de proporções, nesta hipertrofia evolutiva psíquica e sensitiva - desequilíbrio que se recuperava continuamente em algum misterioso contraste no fundo do fabuloso processo da vida que é a troca das células. Ali, por certo, as qualidades espirituais do indivíduo se põem em contato com os mais complexos processos de química orgânica. É ali que as zonas inferiores do espírito, representadas pelo sistema nervoso, se confundem num estreito abraço com as zonas superiores da vida da matéria. E aí estaria, certamente, o desequilíbrio não percebido pelos médicos, não acessível à medicina. O inevitável contraste entre espírito e matéria, que estava na linha do seu destino, estava tão profundamente impresso em seu ser que se projetava ativo e sensível em seu organismo. Como a sua vida espiritual demasiado intensa não se adaptava ao ambiente humano, assim também seu organismo espiritual não se adaptava ao seu corpo físico, com o qual não estava em acordo, mas em contínua desavença.

O homem do nosso século, dinâmico e esportivo, não achará simpático que o protagonista seja apresentado como um doente, ficando justamente desconfiado com a exaltação de mentalidades elevadas em corpos doentes, o que vale para a média, pois que as criaturas normais devem ser, antes de tudo, sadias de corpo. Mas a sua não era doença no sentido comum, implicando inferioridade orgânica. Era a pseudo-doença da evolução, era o pseudo-patológico que a tantos induz em erro, caracterizado pela maior fecundidade e dinamismo construtivo, com a febre resultante da intensa maturação do espírito, pelo desequilíbrio das profundas transformações biológicas.

Realmente, no fundo de seu sofrimento estava o germe de suas mais potentes criações intelectuais e morais. A sua tentativa de superação humana tinha raízes tão profundas em toda a sua natureza que se revelava, primeiro, em seu organismo. Dos planos superiores do espírito, aos ínfimos planos da matéria - ele era um só e mesmo fenômeno, a mesma tensão do destino, a mesma transformação, alma e corpo - todo ele estava projetado para diante na evolução. No fundo, era o mais dinâmico entre os dinâmicos, o

expoente do tipo século XX, o tipo do espírito que é sobretudo ativo, o tipo biológico da nova civilização do III milênio. Realmente, amava o trabalho e tinha a coragem para as mais arriscadas aventuras espirituais. Magro, ágil, sempre em movimento, resistente à marcha, à escalação de montanhas, ao calor e ao frio, bronzeado pelo sol, robusto, filhos de pais longevos - destinava-se a ser também longevo. Sempre ao ar livre, amante de banhos, tomava-os quentes e frios e a toda hora, não obstante a suposta doença do peito - nada mais que um resfriado. Detestava a calefação e vivia entre ásperas montanhas, numa choupana exposta, no inverno, a todos os ventos.

Isto não era senão um efeito. O centro de sua vida estava no espírito, como todas as suas maiores alegrias: conceber, criar, conquistar, progredir. Ele parecia a célula nervosa da sociedade, projetada para diante, especializada em funções evolutivas. Era inútil pretender que a medicina compreendesse e curasse o íntimo dissídio físico-espiritual do seu ser e que fosse possível acalmar seu tormento. Não se podia reequilibrar no plano humano. Fora construído para a luta, nascera em um século de luta e devia correr com todos e a frente de todos. Não lhe restava senão equilibrar-se na luta. No repouso não vivia. Esta era a sua natureza, das suas qualidades morais às suas características celulares. Tal era ele, alma e corpo. E se podia ter a aparência e o sofrimento de um patológico, aprendera a compreender a função biológica deste patológico, tal é a significação evolutiva daquelas aparências e as razões que justificavam aqueles sofrimentos. Estes continuavam, mas o espírito resistia. O espírito suportava, afrontava, resolvia e superava tudo. Ele deixava agir a grande sabedoria da natureza que deseja a vida e não a morte e protege a laboriosa gestação da evolução.

A DIVINA PROVIDÊNCIA

Aquele primeiro ano de exílio em região perdida no extremo da Sicília, tão espiritualmente longe da sua mística Úmbria, foi de profundo sofrimento. Era este o primeiro gole do cálice da sua amargura. Parecia-lhe impossível descer mais baixo. Que desolação de alma, de trabalho, de ambiente! Os habitantes do lugar, muito corteses, lhe diziam: "Mas, fique conosco. Aqui é tão bonito!" E ele pensava: "Oh, poder fugir!"

Parece seja necessário, para que se possa manifestar alguma lei superior da vida, que uma alma deva primeiro ser espoliada de tudo; parece que antes de se revelar por atos, aquelas leis esperam que ela se tenha flagelado ao extremo. Parece que essas leis exigem como garantia a prova do máximo que o indivíduo possa suportar, segundo suas forças. O espírito deve chegar a um vértice de tensão e desespero, que é o momento crítico no qual o fenômeno da catarse espiritual se realiza. Chega então um ressurgimento pelo qual as forças negativas assaltantes ficam vencidas. De negativas se transformam em positivas e, em vez de demolir, constroem. Para que se possam verificar tais prodígios, são necessárias condições especiais de espírito e de ambiente. Mesmo sem o saber, guiado por seu instinto, ele as havia preparado. Estas culminâncias não se improvisam. Só podem emergir de longos períodos e preparação subterrânea que progridem sem que a consciência o saiba. Quando tudo está maduro, então o fenômeno se precipita rápido e irresistível como uma explosão. Apenas as forças do destino o fizeram tocar o fundo do abismo, logo se transformaram para elevá-lo e salvá-lo. Em vez dos impulsos que poderiam lhe aparecer como demônios enfurecidos desejando destruí-lo, ele se viu circundado de impulsos que eram como anjos que, amorosamente, o rodeavam, confortando-o.

Que houve e como se deu essa transformação? Fora obrigado a atuar na sua heróica experiência - mas, era, por certo, uma interrogação colocada diante daquela Providência à espera de uma resposta decisiva. Neste momento crítico houvera uma complicação no seu destino e ele a ligara ao nome

de Cristo. Tê-lo-ia Cristo escolhido? O seu destino estava naquele momento crucial em que surgia a trágica pergunta: "O Evangelho seria humanamente aplicável", ou "Quem o aplicasse deveria ficar destruído"? Esta pergunta era uma força, porque se fundava em fatos e pedia aos céus uma resposta concreta. E não podia calar. O nosso homem acreditava-se no direito de impor-se uma questão: Ter-me-ia o Evangelho enganado? E de levantar o dilema: Se o Evangelho é verdade, Deus deverá me salvar: se Deus me salvar, o Evangelho não é verdade! Com seu empenho tão sincero, pleno e definitivo com respeito aos ensinamentos evangélicos, tinha dado às forças da vida um tal impulso que a sua posição atual exigia solução e resposta.

Gostava de se retirar, para suas preces, à solidão de uma colina rochosa, sobreposta à região, entre cardos e figueiras bravas. Ali esperava nova revelação interior. Fora, nos trâmites da vida, esperava a passagem da divina Providência na sua já agora necessária manifestação. Sentia indistintamente que alguma coisa havia de nascer, de dentro e de fora, e que aquela hora era o ponto convergente em que se manifestariam os resultados de toda a precedente preparação de sua vida.

A divina Providência operou sua intervenção nos dois campos: o interno e o externo. Observemos, primeiramente, o que sucedeu exteriormente. Na situação de pobreza a que se reduzira espontaneamente, o trabalho já não era um dever apenas: era também um direito e uma necessidade, porque não dispunha de outros meios para viver. Sentia que a consciência lhe dava o direito de pedir e obter de Deus, em nome de sua própria lei, que aplicara -, um trabalho adaptado às suas capacidades. E quando, em consciência, se sentia autorizado a obter - miraculosamente aconteceu. Já considerava seus semelhantes como vontades nem sempre autônomas, mas movidos por motivos mais altos. Desta vez viu que realmente numa vontade superior guiava as vontades humanas. Deu-se maravilhosa convergência de circunstâncias as mais diferentes, de atos dirigidos sempre ao mesmo alvo, em sucessão, devidos às pessoas mais diversas - uma sorte tão sagaz, previdente e inteligente, que ele não podia absolutamente concluir, se quisesse continuar objetivo, e os resultados obtidos pudessem ser fortuitos. O acaso não constrói, não pode construir todo

um edifício que traz uma fisionomia de evidente lógica. E tratava-se de fatos externos, combinações só mais tarde compreendidas; tratava-se não de atitudes do espírito, mas de mutações radicais, das quais derivava uma posição econômica e social - coisas que não se realizam por sugestão. Nem sempre se concretizam aspirações preparadas desde longo tempo e com sagacidade, cuidadas com atenção e esforço, defendidas por uma forte vontade e habilidade - e aqui tudo se realizava, de golpe. Um resultado complexo, apenas preparado e incertamente desejado.

Quem preparara e desejara de forma tão adaptada às necessidades, medidas com tanta precisão pela força e capacidade do interessado? Quem, em lugar dele, fizera isso por ele? O resultado ali estava, e tinha de existir uma causa. Agradeceu a Deus e concluiu que a Providência não abandona os justos e que, ao menos até agora, o Evangelho não o traíra.

A sua utopia fora confirmada pela realidade - confirmação objetiva do método experimental, demonstrada pela intervenção da divina Providência. Esta intervenção não era uma afirmação teórica e genérica, um puro ato de fé, mas um ato experimental, para ele, pelo menos, um documento indestrutível, de valor comprobatório indiscutível. Pusera o Evangelho à prova de Cristo, milagrosamente, lhe respondera: Sim.

Libertado por justiça de seus bens hereditários, em poucos meses encontrou-se numa posição social verdadeiramente justa - porque exclusivamente dependente de seu trabalho. E eis que não sofreria a falta do necessário, como receara e como, em conseqüência de sua conduta, do ponto de vista humano, se podia logicamente esperar. E agora, esse lucro era seu. Podia viver, agora, também economicamente, como era justo.

A intervenção da Providência, a presença de seu auxílio, a prova da verdade do Evangelho não se demonstraram só em fatos exteriores, mas também em acontecimentos interiores, em seu espírito. Para ele estes foram mais comprovadores. A maior transformação não realizou no plano físico, mas no plano espiritual; não na sua posição humana, mas em sua alma. Tudo lhe

apareceu iluminado por uma luz diversa, que a tudo dava um sentido mais profundo. Toda a personalidade se transformara em seus meios de percepção e o universo lhe aparecia sob nova revelação. A mudança de sua posição social era coisa de valor secundário para ele. O verdadeiro resultado era este, espiritual. Aqui estava o rendimento verdadeiro de todas as provas superadas; este era o fim maior, diante do qual tudo o mais era um meio, apenas. E que significação evolutiva teriam as provas se não fossem dirigidas para o campo espiritual?

Ele semeara e já colhera. Começa, para nosso protagonista, uma outra fase de seu caminho, que vai dos quarenta e cinco aos cinquenta anos. Este período, que é a continuação lógica e a maturação dos precedentes, assim como é a preparação dos que se deverão seguir, tem um conteúdo típico e particular de ressurreição. É, sobretudo colheita, mas é também sementeira: é conclusão do período precedente, mas é também princípio para o seguinte, em que se desenvolverá aquele destino. Por dez anos, é a nota triunfal, a que domina. Veremos depois aonde conduz este Domingo de Ramos.

As três estradas a que ele, quando jovem, se atirara, tinham sido, por vinte anos, estradas de trabalho e de martírio. E transformavam-se agora em três estradas de ascensão e de triunfo. Aqueles três motivos do seu destino invertiam-se, agora. A cada precedente negação sucedia agora uma afirmação correspondente; a cada renúncia e constrangimento - uma expansão; a cada tristeza - uma alegria. Tudo agora ressurgia no plano do espírito, tudo o que estivera sufocado no plano da matéria. E estas constatações exprimiam as leis daqueles fenômenos. Parece que a negação das coisas humanas é a condição da ressurreição nas coisas divinas.

As estradas que seguira por vinte anos juntavam-se num primeiro resultado, em uma sua e primeira solução. "Compreender, Agir, Sofrer" chegavam a um único fim.

Compreender. - O problema de consciência que ele se propusera em sua juventude, ao entrar na vida, estava, finalmente, resolvido. Continuara, depois de seus estudos universitários, a procurar nos livros,

interrogando as filosofias, as religiões, a ciência. Essa fonte secara. Poucos livros tinham sentido profundo. Abandonara-os. Substituíra-os pela maceração interior, silenciosamente dirigida à intuição imediata da verdade. Sentia que apenas esta o satisfaria. Por intuição, obtivera uma visão do funcionamento orgânico do universo. Tivera deste a profunda sensação que só a persuasão oferece. Tinha posto de lado as vias da razão, impotentes diante do absoluto, e se avizinhou de Deus pelas vias da fé. Tinha feito do sistema da intuição um verdadeiro método de pesquisa.

Em seu espírito fizera-se luz completa. Resolvera, ao menos para si, o problema do conhecimento. Como acontecera isto? Conseguira-o, não seguindo as vias comuns de aquisição de cultura, mas um caminho bem diverso. Não enchera sua mente de erudição, mas conquistara um novo sentido de compreensão, como um novo olho para ver. O conhecimento era para ele uma nova forma de consciência, resultante não do estudo, mas da maturação na dor. Esta maceração produzira nele uma transformação de personalidade, levando-o a um novo estado no qual o conhecimento é como um novo sentido, uma qualidade espontânea do espírito. Estas não são coisas habituais no mundo dos outros, mas são fenômenos que, embora excepcionalmente, ocorrem. Ao passo que a cultura não seria senão uma aquisição exterior, um verniz cerebral - neste caso todo o seu ser adquirira, por maturação evolutiva, uma transformação de consciência. Em outros termos: ele se encontra no mais fundo de si mesmo, onde existe a mais completa consciência de si e do universo. Trata-se de um processo completamente diferente da aquisição de cultura com a qual o homem comum procura compreender as coisas. Consegue-se apenas através da experiência da vida, na escola das provações, na luta e na dor, pois que não é algo que vem de fora trazido para o nosso eu, mas uma revelação de sua profundidade. Só se pode conseguir através da purificação, porque é como que uma sensibilização, um mergulho à consciência dos estratos mais profundos da personalidade. O mundo de sensações e concepções latentes que ali se contém ressurgem junto à consciência, pois a evolução é apenas a expansão de consciência, sobretudo nos planos internos do eu, que são os planos superiores. Deus, que é a sua meta, está de fato no interior de nós. A luta e a dor conseguiram a capacidade de utilizar a

casca física da alma, torná-la mais transparente, permitindo-lhe revelar sua íntima potência. Era este, precisamente, o fenômeno que agora se verificava. Esta descoberta de seu eu mais vasto, orientado para o funcionamento orgânico do todo, dava-lhe um indestrutível senso de equilíbrio, de domínio sobre os eventos, de independência, de paz. Divulgou, em publicações, os resultados deste seu reencontro. Foi compreendido, entendido às avessas, não compreendido, condenado - tantos são os pontos de vista humanos. Mas isto não importava. O que realmente importava para ele era ter conseguido a plena maturidade. A divulgação dos resultados interessava apenas à cultura e ao melhoramento dos outros. Ele estava agora consciente de sua verdade e isto lhe bastava.

Dentro desta mais vasta verdade, compreendera o significado do seu destino de expiação e de missão, entendera a infrangível verdade do Evangelho e o seu direito de confiar nela.

Perdera a riqueza de forma tão horrível, com tão nauseantes contatos, que não lhe ficara na alma nenhuma saudade, mas antes uma grande repugnância por ela e um sentido de piedade para os que a possuem. Portanto, a experiência dera plenos resultados e a lição fora definitivamente aprendida. Em compensação, encontrara uma riqueza inalienável e indestrutível, isto é, a libertação de tantas necessidades que a civilização impõe e ainda imensa satisfação espiritual, uma sensação de agilidade e leveza e de quase superioridade moral ante o mundo juiz e pronto a desprezar. Tornara a encontrar, muito viva em seu espírito, a sensação de Cristo e esta era a sua maior alegria. Já agora acontecesse o que acontecesse, compreendera também isso e era uma bússola sempre orientada. Sabia para onde estava destinado e para onde queria e devia seguir. Via, nitidamente traçada, a estrada que tinha de percorrer.

2. Agir. - Resolvido o problema universal, definido e enquadrado nele o seu problema particular, podia realizar-se a si mesmo, dando a própria contribuição, livre e consciente, ao funcionamento do organismo universal. Sabia que não passava de um grão de areia no deserto, uma gota no

oceano, mas estava consciente e operante. Sendo mínimo, podia dar tudo e, dando-se, entrar na comunidade universal dos seres que agem e vivem na execução do pensamento de Deus. Nesta direção podia agora, conscientemente, coordenar os seus esforços aos de todas as criaturas irmãs, para subir até Deus. Tornava-se membro e parte funcional do grande organismo, como roda que, por menor que seja, é indispensável ao mecanismo imenso. Sua vida adquiria significação tanto mais profunda e tornava-se música harmonizada com as mais longínquas esferas do universo. Nesta vastíssima atmosfera, unia-se a uma imensa realização do seu mais profundo eu. Sua vida movia-se em uníssono com a vontade de Deus e seu destino se desenvolvia de acordo com a Sua lei.

A realização de si mesmo atuava também de forma mais concreta, não apenas naquele sentido, mas ainda na prática de ações humanas. Sua maturação não o levava apenas ao conhecimento, mas à consciência de si e do universo; não à simples percepção das coisas, mas a um novo modo de existir que desejava ser ativo e operante, para se realizar também externamente, nos outros, nos seus semelhantes. Se ele havia conseguido sentir-se membro da comunidade de todos os seres do universo, tal se sentia, de modo particular, da comunidade terrestre, mais próxima, onde devia especialmente agir e realizar-se. Compreendia então que o grande passo de sua transformação não dizia respeito apenas a si mesmo, por mais importante que isso fosse - mas completava-se e se valorizava com outra finalidade. Enfim, a transformação implicava a explicação de sua missão terrena que se manifestava agora pelas forças em ação no seu destino e que era a valorização prática de sua vida. Não podia guardar só para si os resultados conseguidos. Divulgando-os, podia dar imediata contribuição ao conhecimento e ao bem da coletividade humana. Suas canseiras não ficariam encerradas nele; não dariam rendimento evolutivo para ele apenas. Podia, finalmente, explodir e expandir-se também na alma de seus semelhantes. Devia dar público testemunho de suas experiências íntimas, para o bem de todos, mas também a uma atuação mais íntima o levava esse período de sua vida.

A transformação interior que o atingira, difundia-se e,

naqueles dez anos, continuava a se desenvolver, fortificando-se como sensação, progredindo como poder e elevação. A realização do grande sonho da compreensão de tudo continuava, completava-se na realização daquela sensação das coisas divinas e da união com Cristo. A maceração interior que o amadurecera até à síntese do conhecimento, conduzia-o agora pelos caminhos da ascensão mística. No período de dez anos que o esperava, percorreria esses caminhos, extremamente apressado, pois desejava alcançar a mais profunda assimilação, a maior profundidade. Esta forma de agir encontrava seu desenvolvimento e assim se completava.

E todos eram caminhos de afirmação, de expansão máxima. Expansão de pensamentos, de atividade, de sentimento. Cada fibra de seu ser fora joeirada, mas dava agora seu rendimento elevado à superior potência do espírito.

3. Sofrer. - A dor, como meio havia agora alcançado seu fim. Fora posta de parte, porque era preciso assimilar os resultados conseguidos. Sem esta assimilação, as provas não teriam sentido. Vencera corajosamente e o destino lhe concedia uma trégua, pois que a lei de Deus não quer a dor pela dor, como inexorável punição, por malévola vingança. O fim não é fazer sofrer, mas fazer compreender, macerar para progredir. Através da dor ele conseguira certa purificação, alcançara luminosidade, realizara um refinamento - que lhe permitiram emergir, viver e construir, nas mesmas proporções, no plano espiritual. Agora, a negação se convertia em afirmação proporcional. Aquele destino ressurgia, demonstrando que não se sofre em vão, sobretudo quando se sabe sofrer. O passado dava seus frutos. A lei de esmagamento se convertia em lei de expansão. O Evangelho de Cristo era verdadeiro. Ele, não só se tornara douto, mas fora fartamente compensado no espírito e as coisas da terra lhe haviam sido dadas em abundância. O voto de pobreza fora substituído por uma nova posição social. O conhecimento dos grandes problemas fora alcançado e seria divulgado em triunfo. As provas tinham sido compreendidas por ele, tinham dado o seu resultado e sua personalidade encontrava-se transformada. O seu destino, superadas as dissonâncias e harmonizando-se com o universo,

estava em paz. A missão de bem revalorizava agora a sua vida. A fase mística coroaria a maturação espiritual completando-se-lhe a transformação biológica. À fase de expiação sucedia agora a realização em todos os campos. As três estradas convergiam para uma completa revalorização, no plano do espírito, de tudo quanto em seu ser fora destruído no plano da matéria.

XIV

AFIRMAÇÕES ESPIRITUAIS

Durante dez anos sua vida foi uma festa de criação, uma contínua exuberância de espiritualidade, uma intensa alegria de viver, bem-fazendo e subindo, na mais profunda realização de si mesmo. Ele se harmonizara com o Criador e todos os seus atos eram um hino de gratidão ao Criador. Sua existência tornara-se um fervor contínuo de concepção e esta era a sua maior sensação da alegria de viver. Ele, que jamais pudera encontrar a alegria no plano humano, encontrava-a finalmente no plano do espírito para onde se transferira o centro de sua vida. Tudo isso representava para ele, em verdade, uma existência nova, plena de novas satisfações. Gozava dessa sensação de liberdade e de domínio que só o vôo pode dar e que os répteis não admitirão jamais como coisa possível. Parecia-lhe possuir novos sentidos, sentidos da alma, pelos quais esta podia, finalmente, revelar-se, agora que a sua casca corpórea, macerada pela dor, tornara-se mais transparente. O seu ser sentia-se como mergulhado num oceano esplendente e vibrante onde ele se multiplicava e se expandia, onde a sua consciência podia agora transpor os limites impostos à natureza humana - os limites do espaço e do tempo. Ele, que desde menino a

julgara inaceitável e sufocante, sentia que encontrara, agora, as verdadeiras dimensões do próprio ser, que chegavam ao infinito, e da sua verdadeira natureza livre, que estava no espírito. Assim, intensa de embriaguez, foi essa alegria que lhe pareceu quase uma orgia - a orgia da superação e da evasão que existe na velocidade; a orgia de liberdade e de luz a que se entrega o prisioneiro finalmente liberto do cárcere estreito e escuro. Ele havia encontrado a si mesmo, as suas alegrias espirituais, as verdadeiras alegrias, a sua vida, a verdadeira vida. O paraíso não é um lugar, mas um estado d'alma. É a completa realização do mais nobre de si mesmo - e ele alcançara esta realização.

Os caminhos do mundo se abrem diante de todos, tão bem adaptados e proporcionados aos seus desejos, como caminhos de afirmação, tinham sido para ele caminhos não adaptados à sua natureza - caminhos de negação. Fora, no mundo, um desastrado, um inepto e o mundo o condenara. Rebelara-se. Destruíra as circunstâncias de vida que o ambiente tentava lhe impor, afastara-as e agora encontrara a sua verdadeira vida, que não podia ser de matéria, mas de espírito; não podia estar com o mundo, mas contra o mundo. A adversidade, afastando seu espírito da natural projeção exterior, recalçando-o para o interior, guiara-o, não à natural dispersão, mas a uma concentração dinâmica, até à compressão do explosivo - constringendo-o àquela profunda elaboração interior de que puderam nascer as grandes maturações. Dor salutar e preciosa que o obrigara a reagir em busca de uma saída que não pudera encontrar senão elevando-se às formas de vida mais altas.

É na reação que o homem se revela. Tudo isso o forçou a demonstrar a sua verdadeira natureza e a sair, para se encontrar num mundo maior, aí conquistando a sua posição. Mais tarde havia de compreender ainda melhor as funções criadoras das provas e da dor, a cujo duro agulhão devia o ter-se despertado em tempo e o ter percorrido um caminho que, de outro modo, jamais teria coragem de empreender. Se não fosse a dor, que outra coisa teria a força de mover e fazer avançar o homem pelo caminho exaustivo da ascensão?

Na maior parte dos casos, os seres humanos lutam com seus

semelhantes e desabafam com o outro sexo. Repetia com Beethoven: "Se eu tivesse sacrificado de qualquer modo a energia vital, que teria acontecido de melhor?" Era cioso, mas em outro plano. Elegera seus termos de comparação - seu rival e seu amor - um tipo ideal e se pusera a lutar desesperadamente para alcançar o supremo amplexo na identificação. Só neste terreno sentira-se digno de combater. Tivera que triturar para conseguir superar a animalidade humana. Mas, não se pode abdicar da própria natureza, nem das afinidades fundamentais do próprio tipo e destino. Neste campo, do qual a maioria nem mesmo suspeita a existência, tivera que se mover, porque ali ouvira o apelo do destino, a única verdadeira realização de si mesmo, porque fora irresistivelmente atraído por aquela santa inveja de se exteriorizar, na qual se manifesta o choque de forças contrastantes que são a base da evolução.

Conseguira uma forma de pensamento e de ação onde não existia o frustrado, o desviado, o fora da lei, o expulso da normalidade. Havia equilíbrio e harmonia na sua lei, com a qual se impunha à atenção dos seus semelhantes. O mundo não o podia aceitar senão como um desafio. O mundo só entendia à sua própria lei de luta que impõe a rebelião aos que querem ficar destruídos.

Finalmente, um fato novo viera transformar a situação. Um fato que emergia do mistério, enviado pela divina Providência, incrivelmente determinada a proteger aquela mesma decidida fé que ele tivera nela, naquela sua vontade férrea que o mundo tanto condenara e que agora produzia frutos tão altos. E todos quantos o haviam desprezado olhavam-no agora admirados da inesperada revelação de capacidade de um inepto e interrogavam o seu rosto sem compreender. O mecanismo dos instintos é suficiente para guiar uma existência primitiva; é porém, instrumento muito impróprio para compreender o mais. Surgiam efeitos em seu ambiente que não podiam ser tocados com as mãos, mas de presença real. As causas, para as pessoas ignorantes, do complexo organismo das forças do destino, deviam permanecer um enigma. Andava agora, firmemente, pelo seu caminho, sem se preocupar com outras coisas. As novas atenções surgidas depois de tanto desprezo, deixavam-no indiferente

como as anteriores, que eram de condenação. A incompreensão permanecia a mesma, na derrota como na vitória. A realidade interior e profunda da sua vida continuava sempre igualmente distante da psicologia de seus semelhantes.

Como eles não tinham podido compreender o seu maior sofrimento, que fora a razão de o seu espírito permanecer inconciliável com o mundo, nem aquele temperamento original que o impedia de participar da vida terrestre, agora não podiam compreender a sua maior alegria que era a de ter encontrado no plano do espírito o seu verdadeiro centro vital de atividade. Deste novo estado, das incompreendidas afirmações espirituais, restavam as conseqüências, restavam os fatos. E os fatos não podem, mesmo para quem não os compreenda, deixar de existir. As conseqüências sensíveis da invisível intervenção das forças da divina Providência chamavam a atenção geral. Ele tinha agora uma posição social. Escrevia e publicava; seus livros se vendiam. Estava cheio de vigor e de entusiasmo. Trabalhador incansável, dava provas de inteligência e de vontade. Em vez de ficar esmagado com seu fracasso econômico, mostrava-se muito satisfeito e corajoso, de muitos modos, provava ser um vencedor. "Caprichos da sorte", diziam alguns. "Cada um tem seu gosto", diziam outros, sem saber ir mais adiante.

O que impressiona as pessoas são os efeitos. As causas são muitas e podem ser uma opinião; mas os efeitos não se discutem. As pessoas olham, julgam e correm fanaticamente, cegamente, atrás dos que vencem. São atraídas pelo instinto, inspiradas pela lei biológica da seleção. Fascinadas, como a falena, giram em torno de uma chama até queimar as asas. Aqui estavam fatos, aqui estava o sucesso, essa coisa estupenda sobre a qual não se raciocina mais, tão admirável que não admite perguntas e indagações a respeito da procedência, do mérito que existe nela, até mesmo dos erros que possa conter. A vitória é vitória - adora-se; assim como a derrota é derrota - despreza-se. Assim é o mundo. Se o vencedor é um assassino e o derrotado um mártir, o mundo não compreende senão mais tarde, quando o mártir for liquidado sem remédio. E o mundo lhe fará um monumento, não para glorificar o mártir, mas para sufocar os remorsos de tê-lo massacrado e para melhor utilizar-se, em vantagem

própria, daquele pretexto de mérito e virtude. E ele, agora, aos olhos de toda a gente, vencera. O inepto, o sonhador inútil, o miserável - sabia agora fazer muitas coisas e, portanto, os seus sonhos não deviam ser tão idiotas, se no que ele escrevia se encontravam tantas verdades, e, o mais importante era que se encontrava bem economicamente, porque o seu trabalho lhe rendia o bastante para fazê-lo independente. Os intrigantes, os que o desprezavam, começaram a levantar a cabeça e a olhá-lo, pasmados. Convenceram-se de que a realidade dos fatos era inegável e, diante da constatação irrefutável, não puderam resistir ao desejo da admiração. Não há nada mais instável do que os estados psicológicos. É o que se diz dos outros que é digno de fé. Parece que apesar de toda a mania de julgar, ninguém sabe julgar a si próprio. A admiração de terceiros, dos estranhos, aquela que vem de fora de casa, de longe, é a mais convincente. E quanto mais de longe vem, mais convincente é. E assim, para se fazer admirar e conhecer do vizinho de casa, é necessário, às vezes, que a admiração tenha feito a volta do mundo, porque, se ela vem do ponto cardeal oposto, então sim, é plausível. Se vem do exterior é interessante e se vem do outro hemisfério é irresistível. Assim, a admiração se reforça, cresce, se estende e se torna estima - isto é, aquela corrente de favor com que socialmente se circunda e se define um indivíduo.

Assim se realiza lentamente, em torno dele, a estranha reviravolta - estranha para quem atribui um sentido sério à vida, aquele que aqui se sustenta. Reviravolta que era como o lento girar para o sol dessa flor que se chama justamente girassol. E, parece mentira, ele era agora admirado e estimado mesmo por aqueles que antes haviam rido dele, mesmo por aqueles que, quando estava vencido, mais o desprezavam. Assim são as convicções humanas. Afinal, é lógico que a vitória seja tanto mais admirada e a derrota desprezada quanto mais o indivíduo que julga é fraco, vil e constrangido a mentir.

Ele olhava e sorria, sempre longe da algazarra humana. Este seu primeiro ensaio de notoriedade, em lugar de o entusiasmar, deixava-o desiludido. Os triunfos mundanos não o seduziam, porque os via dos bastidores.

Via que a glória não lhe dava o amor de seus semelhantes, nem a estima, nem a satisfação de os haver melhorado. Ao contrário, o aparecer em destaque no horizonte psicológico equivalia a excitar a cupidez, os instintos de exploração, de inveja e uma secreta reação demolidora. Repudiava tais frutos como prêmio aos seus trabalhos. Ser conhecido significava, pois, perder liberdade e paz - coisas tão necessárias à sua produção intelectual e profunda vida de espírito. Quanta gente vazia que corre ao primeiro rumor, se interessava agora por ele! E essa gente julgava, media tudo - e era preciso suportar o seu vão falatório! Que atribulação, aquelas apreciações sem sentido! Depois, lembrava-se de que os livros não lhe pertenciam mais. Pusera neles sua própria alma; não podia mais nada acrescentar, evitar ou modificar, pois que fixavam, irrevogavelmente, a sua figura espiritual. A cristalização de si mesmo, vivo, num passado formal, sufocava-o. A obra concluída encarcerava, ao menos por um lado, o seu espírito, e fechava a sua vida. Ocorreu-lhe então que o homem chegado à glória é uma estrada percorrida, um cadáver de que a vida deseja se desembaraçar depressa. Seu pensamento já agora não era mais seu, era o pensamento dos outros e, movido por outra vontade, andava por onde os outros desejassem. E isso lhe bastou para sentir o amargor que está no fundo das aproximações humanas; a vaidade e a ilusão que existem nas coisas da terra. E então sentiu bem claramente que, se tivesse seguido os caminhos do mundo, não lhe restaria senão a sensação final de anulação.

Voltou o olhar para horizontes mais vastos e confortou-se na verificação de sua novas realizações espirituais. Quando humanamente triunfava, estimava-se menos que antes, quando sofria; porque aquela era a hora maior de sementeira, e esta era apenas a hora da colheita. Ele se alegrava diante do resultado de seus esforços. Os espíritos eleitos compreendiam e ele podia fazer o bem. Era uma hora de abundância espiritual. A ceifa se faz sob o sol quente, depressa, sob a embriaguez da vitória que é sempre, em todos os campos, a maior exaltação da vida. Não há tempo agora para a mente se deter a prever qual será o rigor do próximo inverno. Quando ele chegar, veremos. Agora é festa, e basta. Ele estava todo entregue à grande colheita e ceifava em grande quantidade e messe abundante, e acumulava. Tinha pressa de colher

tudo. Não queria, não podia perder nada do instante intenso, mas sempre em fuga. A sua alma era um incêndio, mas ele estava ali presente em plena consciência e, embora ardendo, observava e registrava tudo. Uma grande, impetuosa, destruidora corrente de pensamento atravessava o seu espírito e ele tinha um duro trabalho para contê-la, dentro dos obstáculos da palavra, para canalizá-la na forma de redação, para discipliná-la no desenvolvimento conceptual que jorrava de sua pena.

Naqueles dez anos desenvolveu uma atividade enorme, sem repousar nem por um momento, num estado de tensão criadora que devia depois acalmar-se, pois de contrário o destruiria. Mas, a própria febre o sustentava. E, nesse estado lançou uma produção literária tamanha, que mais tarde o assombraria por ter sido capaz de tanto. Não se pode explicar o arrebuo e o triunfo de certas festas do pensamento a quem não as experimentou e não está espiritualmente desenvolvido para as compreender. As orgias humanas nada são em confronto. Todo o ser tem uma sensação de expansão além dos sufocantes limites do espaço e do tempo; navega no seu elemento infinito, acima de todas as dimensões humanas de poder, de domínio, de limpidez de visão. Numa exaltação não sensorial, de superfície, mas tão espiritualmente profunda, tão mergulhada na substância do ser, que se poderia definir como um arrebatamento. A verdadeira concepção é, realmente, um êxtase e uma visão. E tal era para ele. Um turbilhão de correntes espirituais envolvia-o, arrastava-o fora de si, não sabia para onde, de visão em visão. Seu olhar interior assistia, pasmado, à dilatação dos horizontes na vastidão dos planos da intuição, levado em novas dimensões conceituais, até à sensação da grandeza infinita do funcionamento orgânico do universo. O pensamento parecia-lhe verdadeiros relâmpagos, imprevistos, vivos, cegantes como centelhas. Acompanhava-o a custo sua pobre pena; não conseguia registrar tudo e seu coração entumescia na exaltação da alegria da concepção. Parecia-lhe até que este pensamento nascia de um novo gênero de amor espiritual que descia do céu, inflamando-o como um turbilhão de fogo.

E ali estava ele, pobre escriba, mas consciente registrador,

fiel e enamorado executor. Em torno, sobre a terra, silêncio. E o grande campo adormecido sob o céu estrelado. A luz débil de uma lâmpada, uma pena corre rápida e sem rumor, como sem rumor correm as estrelas pelo espaço sem fim. Não há ao seu lado senão um maço de papéis em branco. Mas por dentro há um incêndio de pensamentos, de fé e de amor. Certamente, lá do alto, o bom Deus olha e sorri, piedoso e benigno porque um desgraçado, no fundo do inferno terrestre, levanta o olhar para Ele e, cheio fé, acredita que o sente e lhe obedece. Quem sabe? Quem pode dizer qual o mistério daquelas horas sublimes? Quem pode dizer que coisas, realmente, ardiam naquele incêndio? Sabe-o a ciência? Sabe-o a religião? Ninguém foi testemunha; os metros comuns não servem para medir as expansões da alma. Ele sabia apenas de sua fé grande e sincera e na simplicidade desta fé, ardia, ansioso, somente por obedecer e dar-se. Será assim tão imperdoável culpa para o mundo o crer e dar-se? E por que se diz, então, que só a fé basta e tanto se exalta o altruísmo? Ele cria - e isto lhe bastava. E abandonou-se à infinita potência criadora da fé.

No entanto, diante do mundo prático e cético, um homem que assim age é desprezado. E a sua, não era uma fé inerte, mas feita de cansaço e sacrifício. No esforço para seguir e realizá-la, ele se dava e se consumia. Por que o mundo o considerava um ingênuo? Por que, na prática, se estimam e se exaltam aqueles que demonstram egoísmo e que são os hábeis acumuladores de riquezas, talvez tão sem escrúpulos que podem constituir um verdadeiro perigo social? Haviam-lhe lançando em rosto que seus esforços não rendiam dinheiro e retornaram ao tema de sua imperdoável inépcia... Mas ele estava absolutamente nos antípodas do tipo corrente de homem-máquina acumulador de dinheiro. Acumulava bem outros valores e no seu campo era o lavrador e o escrupuloso economizador. Se, por um princípio superior, desprezava o rendimento econômico, que rendimento moral tinha em compensação! Como se sentia hábil neste campo, e que resultados obtinha! Parecia estar em ócio; quanto mais intenso era seu trabalho, tanto mais procurava esconder-se, para não ser perturbado. Parecia repousar, e todos diziam: "Mas ele não faz nada!" - mas depois se surpreendiam vendo o resultado tão evidente brotar daquele nada e daquele ócio. Em cada passo, em cada movimento, em cada atitude que tomava,

encontrava-se em irredutível contraste com o mundo. Naturalmente, não podia ser compreendido, nem admitido, porque dava às coisas do espírito a mais extrema importância.

Por enquanto, estava protegido por um mal-entendido, graças ao qual o mundo o apreciava por efeitos secundários derivados de seu novo estado e ao qual ele não dava a menor importância. Realmente, só um mal-entendido podia servir de base a um acordo, que em verdade era fictício e breve, entre ele e o mundo. Ele podia gozar da inapreciável vantagem de ser deixado em paz. Que mais podia pedir aos seus semelhantes? O mal-entendido podia se manter e estender pelo fato de ele trabalhar em silêncio, sem fazer alarde de si, sem usar daquela propaganda que usam os que desejam figurar no mundo. Suas metas eram diversas. Movia-se não por vanglória ou por vantagens materiais, mas para obedecer à imposição que deriva da compreensão de seu destino. Nada tinha para exibir, porque nada pedia aos outros. Nada esperava dos outros, ai deles! Cuidava de construir como podia, sozinho, em plena sinceridade, crente em Deus, por íntimo sentido de missão. Também no método ele estava nos antípodas do mundo.

Mas, sob o mal-entendido incubava-se a discórdia, que era de substância, profunda e insanável. De um lado, ele, ativo no espírito, ligado ao Evangelho, progredindo sempre pelo caminho da ascensão mística, e de outro, o mundo, ativo na matéria, vivendo em desacordo com o Evangelho, sempre mais preso aos interesses terrenos. À medida que o seu destino se desenvolvia, as duas estradas se faziam mais divergentes e inconciliáveis. O desafio era, por enquanto, latente, mas era já uma semente que havia de se desenvolver e que lentamente chegaria à maturação. Muitas provas haviam tornado aguerrido aquele homem para que ele personificasse o desafio e dirigisse a batalha. Cedo ou tarde o mal-entendido deveria dissipar-se, para revelar o íntimo desacordo, e levá-lo a um embate, pois que tudo é luta na vida, também no espírito, e nada se consegue sem luta.

Sua alegria era grande e ele gozava agora um grande triunfo.

Mas, no contínuo progredir de todas as coisas, meta nenhuma pode exaurir-se em si mesma e nenhuma conquista deter-se com a sua consecução. Cada vitória que, dormindo sobre os louros, não queira transformar-se em podridão; cada vitória verdadeira, sadia e positiva, contém em si o germe de uma nova batalha, é a preparação de um novo esforço. Mas somente assim ela pode ser também a preparação de um novo triunfo.

XV

SOFRIMENTOS E VISÕES

A sua grande festa do espírito, a sua exultante euforia, o florescimento daquele complexo destino durou dez anos. Neste período, abandonou-se plenamente na alegria do cumprimento de sua missão. Nos únicos dois meses que, no verão, o seu trabalho lhe deixava livres, conseguiu escrever um milheiro de páginas que publicou em artigos e volumes. Sentia a concepção tão madura e pronta dentro de si, que não lhe tomava tempo. O trabalho normal de preparação cultural, bibliográfica, de assimilação do argumento estava já automaticamente realizado. Não precisava senão do tempo indispensável para a compilação material da escrita em duas vezes: uma primeira, ilegível para os outros porque feita com extraordinária rapidez, e uma segunda, cuidada, clara, para o editor. Os períodos nasciam já quase sempre automaticamente harmônicos e coordenados; a palavra vibrante e espontaneamente fundida ao pensamento, em estilo rebuscado, sem dúvidas, sem penosas incertezas, sem necessidade de corrigir ou refazer. A prosa era um ímpeto de paixão e de conceito. Alternadamente, segundo o argumento, ele sentia arder a mente ou o coração, e vivia nesta chama da qual sentia ter saído e

por cujo intermédio estava sempre alimentado. Esta chama tinha a função de criar os escritos ardentes que nasciam nele e em rápido incêndio e a de transformar o nosso homem, operando nele ainda mais intensa maturação espiritual.

Vários elementos e momentos se interpenetram cooperando para a maturação desse período:

1º A maturidade de um destino em pleno rendimento. O sujeito em alta tensão espiritual, da qual jorrava a produção contínua e no qual reside a sua realização no cumprimento da missão. Estado de grande rendimento também como resultado prático.

2º No exterior, um mundo surdo e negativo que admira só o lado espiritualmente insignificante do fenômeno, isto é, a posição econômica concedida ao sujeito pela Divina Providência, somente para que ele tivesse na terra em que se apoiar, sem lhe faltar o necessário. Ele está, temporariamente, afastado deste mundo por uma incompreensão que se transformará em agressão à medida que, continuando a publicação de suas obras, melhor se compreenda o seu pensamento. Há, todavia, pequena minoria de eleitos que será chamada a colaborar; que compreende e encoraja. Apoio concedido pela Providência para que a missão se pudesse cumprir.

3º A Alta tensão espiritual, a permanência do sujeito nesta elevada atmosfera, neste estado de graça - permitiram-lhe a aceleração da maturação evolutiva, a uma tão rápida expansão de todo o seu ser para o alto, que o fenômeno se precipita da fase inspirativa na catarse mística e o registro conceitual transforma-se em contemplação e visão. Com esta realização suprema conclui ele este período.

A grande força que sustinha tudo era o seu íntimo incêndio espiritual. No momento, vivia disso e, mesmo exaurindo-se, não desistia, não sentia cansaço. Depois, à satisfação interior juntava-se a pura e intensa do

triunfo exterior. Os seus escritos tinham encontrado subitamente os melhores editores e se traduziam e divulgavam no exterior. Como escritor, ignorado entre os mais ignorados, surpreendeu-se e explicou o milagre com a intervenção, também nesse campo, da Providência que agora tão decididamente lhe abria novos caminhos. Em sua vida privada, já obtivera provas surpreendentes. Também aqui uma inteligente convergência de forças queria, preparava e agia. Ele, marinheiro de primeira viagem, navegava em pleno oceano, na tempestade, entre tantos escolhos, sem os evitar e com êxito. Alguém devia, certamente, dirigir por ele, pois estava absorvido no trabalho de execução. Avançava com segurança e sucesso, sem hesitar, deixando-se guiar por um instinto que resolvia e concluía, sem lhe revelar a análise nem o segredo de suas operações. Era a hora da abundância e nenhum auxílio se recusava. Seu nome se divulgava e se tornava notório. Por um momento, ele foi quase tão humanamente ingênuo a ponto de acreditar na fama. Mas, não experimentara ainda senão uma pequena parte dela - e já compreendera que amargo engano ela significava e tratou de se livrar dessa ilusão na qual tão facilmente se cai. O mundo via os efeitos práticos, admirava e aplaudia - justamente esse mundo que de novo se preparava para a condenar. Alguns, de espírito de eleição, tinham compreendido não os rumores, mas as originárias alegrias e dores

No entanto, nem tudo era sempre festa no seu trabalho. Havia as horas de embriaguez da concepção; havia os auxílios da Providência, que pareciam miraculosos; havia a realização de si mesmo em resultados concretos. Mas havia também o cansaço do trabalho; as resistências estúpidas do mundo cego e inerte; o tormento de mil pequenas dificuldades que precisava superar por si mesmo. Já estava assoberbado por outro trabalho que lhe tomava as forças e a energia. Tinha que roubar horas ao sono e o organismo ressentia. Violava a lei do equilíbrio impondo-se um esforço demasiado violento, que a natureza havia de lhe fazer pagar. A alta tensão nervosa exauria-o. Em volta, tudo ficava indiferente ao seu fragílimo estado de hipersensibilidade. Continuava a caminhar pela sua estrada, ignorante da tensão que o empurrava, às vezes, brutalmente. Ninguém compreendia, nem admitia este segundo trabalho, esta sua segunda vida invisível em que se atormentava. Os seus

superiores exigiam dele, justamente, constante rendimento. A vida tem suas leis desapiedadas. E ele não tinha senão os seus pobres meios para avançar, e temia que lhe pudessem vir a faltar as forças antes de terminar toda a obra.

As férias de verão oficialmente significavam repouso. Quando ele, exausto de seu trabalho, retornava às ocupações humanas, os superiores o esperavam para lhe dizer: "Agora que repousou bastante, trabalhe". E ele trabalhava.

Era um trabalho monótono, insípido, tão anti-intelectual que o estupidificava. Fora apanhado justamente no período de mais violenta produção, por um superior sem energia, nem discernimento, mas em compensação implicante até ao exagero. Pobre infeliz! Quem sabe em que miséria física e moral terá lutado pela vida! Não era capaz de compreender que não tinha o direito de se fazer socorrer por quem estava em piores condições que ele. Quando, finalmente, se foi embora, foi uma libertação para todos.

Morreu a mãe de nosso protagonista. Pois tiveram a coragem de não lhe dar nem um dia de licença. Uma vez fizeram-no voltar de mais de cem quilômetro de distância, quando estava nas férias de verão, perdendo um dia de viagem, apenas para fazê-lo escrever duas palavras esquecidas numa ata. Coisa de loucos! O nosso homem amava o trabalho, o trabalho eficiente, não as inúteis formalidades burocráticas. A perda de tempo sempre lhe parecia um crime.

Nestes pequenos contrastes, na resistência cotidiana de uma vida simples e pobre, ele se temperava. Certas humilhações tinham a força de lhe aprofundar o pensamento e de lhe adoçar o julgamento de seus semelhantes, que são mais doentes que maus, embora relativamente culpados. Evangelicamente, suportava e exercitava as virtudes da humildade e da paciência, desprezadas pelo mundo que exalta a força e a vitória. Em certos momentos, desdobrava-se, e como esteta da beleza moral, contemplava as suas condições de vida. E achava moralmente artístico alguns contrastes violentos: achava moralmente

confortadores certas condições de abatimento humano. Em cada momento ele era, sempre, o irreduzível inimigo do mundo, a ponto de não encontrar a sua própria exaltação senão na renegação, na subversão, na destruição de tudo o que o mundo exalta.

O seu trabalho desenvolvia-se no local de um velho convento. Às vezes tinha de ficar trabalhando até tarde da noite para terminar qualquer serviço atrasado. Acontecia, com frequência, ter diante de si uma daquelas terríveis atas, prosa sem sentido em que o superior examinaria, depois, até as vírgulas. E tinha de preparar diversas. A mente fugia para outros lados. Por dentro ardia um incêndio de pensamentos vivos, anelantes, que não sabiam ossificar-se numa ata. Tinha de escrever e a mente rebelde divagava, tanto mais ativa quanto mais detestável era o trabalho a realizar. O edifício era frio, desolador, tétrico no silêncio, e na solidão! Das paredes nuas emanavam vibrações pesadas que lhe davam penosa sensação de tristeza. A pena parava e a mente divagava. Aquele mosteiro parecia-lhe a Cartuxa de Valdemosa onde Chopin, aterrorizado por íntimos pavores, compunha em seu pobre piano maiorquino, sozinho, na noite tempestuosa, os amargurados prelúdios. E também, como Chopin, ele via desfilar pelos tétricos e silenciosos corredores uma procissão de frades salmodiantes, à incerta luz de candeias. Fitava os olhos mortos e perguntava: "Quem sois? Por que a vida e a morte? Por que vivestes? Por que sofro? Por que se deve sofrer tanto?" E a fila continuava e desapareciam quem sabe onde, com o cântico lento e dilacerante. E ele despertava sobre a ata. A vida batia-lhe com ela na face, como bofetada.

Voltava para casa tarde, seguindo caminhos escuros e solitários. No inverno fazia muito frio naquele povoado de montanha e ele morava justamente numa garganta entre morros, onde a ventania soprava com violência. Mas, o que ele temia eram os homens e não os elementos.

Sua casinha estava situada entre ásperos escolhos, aberta para o vale onde dominava o vento. Era simples e pobre, e em torno, a força dos grandes movimentos telúricos parecia ter imobilizado as massas em atitudes de

gigantes. Essa paisagem estava em perfeita sintonia com seu espírito - paisagem toda feita de força, com evidentes lineamentos audazes e violentos nos quais a vertical era dominante. Estava em perfeita sintonia com seu espírito, exprimindo o mesmo doloroso anelo de ascensão, essa paisagem atormentada, contorcida como se o espasmo de uma íntima dor criadora tivesse ficado impresso na sua carne martirizada. Quanto devia ter lutado essa terra forte e ousada para elevar-se a essa altitude! Aquelas ciclópicas contorções telúricas pareciam falar-lhe do profundo tormento construtivo da ascensão, de que ele próprio sofria. Também a terra, no seu plano evolutivo, muito havia lutado e certamente sofrido, para poder chegar a formação daquelas soberbas catedrais de rocha, obedecendo ela também à lei que ordena que sem o profundo e íntimo trabalho não se pode construir coisa alguma. Ele que, com audácia semelhante, tentava construir a catedral do pensamento, via-se na tensão daquelas agulhas de pedra e se encontrava a si mesmo, meditando como, para chegar também ao vértice do espírito, fosse necessário atravessar e sofrer as mesmas convulsões, iguais desabamentos de planos inteiros de consciência e semelhantes reações de emersões salvadoras.

Em seu quarto não havia senão o leito; não havia ali outros seres humanos para disputar-lhe a estrada, livre para se comunicar com o céu. Quando voltava, a casinha estava deserta. Tudo estava em ordem, como deixara, mas faltava o calor do afeto. A temperatura da casa era muito fria, mas isto não era nada. Ela era fria, sobretudo para o coração. Era angustiante. Às vezes sentava-se, sozinho, nas escadas diante da porta, sem ter coragem de entrar, para não sentir aquele gelo. Também aqui se temperava. Certas solidões, intensamente dinâmicas e fecundas, são sofrimento útil e precioso. A sua solidão não era nem pacífica aquiescência, nem inércia de espírito. Era um silêncio desejado e apenas exterior, para melhor ouvir a voz de Deus; era uma calma aparente, plena das mais macerantes tempestades e laboriosas maturações de alma; era uma inércia das coisas admitida apenas para não perturbar o ardente dinamismo interior; era uma sufocante compressão de fora que condicionava a explosão criadora interna. A gélida privação de afetos humanos é, talvez, um constrangimento necessário para se encontrar o amor

evangélico pelo próximo.

Passava os longos invernos de montanha naquelas solidões geladas e nervosas entre as tempestades e os montes. A solidão é espantosa e sublime. O homem comum lhe tem quase medo. Encontra-se sozinho diante dos grandes mistérios da vida que dá vertigem. Sufocam-no os grandes silêncios onde falta o Eterno e a alma escuta. É como se ele não tivesse força para se apoiar nos pontos de referência situados no absoluto, por cima do seu cotidiano relativo. Mas o nosso homem não temia aquele silêncio. Solidão gelada, digna de ser vivida. "Bem - dizia ele - à porta da minha casa, a humanidade hesita, cala-se, não entra". E o seu vulto, batido pelo pensamento, curvado pela dor, o seu olhar triste e profundo, tornava a voltar-se para o alto, para o céu. Visões desciam, então, a confortá-lo e, então, mais forte se fazia o turbilhão de sua vida espiritual e o seu ser se expandia para o alto, inebriando-se de liberdade. Sentia quanto fazem bem à alma e quanto são necessários estes grandes e terríveis silêncios, para chegar ao fundo, onde está a realidade das coisas, além das aparências e das ilusões humanas. Renunciava à vida de todos para conquistar uma nova vida; recebia revelações que depois divulgava em seus escritos.

Tinha que descer muito profundamente para ouvir a voz de Deus. Seus leitores pensavam que o estro inspirador, que tudo parecia criar de golpe com tanta espontaneidade e facilidade vinha-lhe gratuitamente, sem esforço. Não! A lei é que, sem dor não há criação. Sabia quão duramente merecia aquela inspiração vertiginosa; com que profunda maceração na dor e com que lenta maturação fora preparada. Sabia que somente sob tremendas chicotadas do destino podiam nascer certas páginas que pareciam escritas com sangue; que somente sob o estraçalhar do espírito podiam surgir aquelas palavras que soavam com o timbre do bronze, aquela concepção lampejante e profunda que parecia mover a essência das coisas. E sabia também, e muito bem, que a vida do espírito tudo pede exige para si, não podendo competir com os lucros, os interesses, as satisfações humanas. Precisava, portanto, fazer o mínimo daquilo que é humano, que é terreno, e negar comodidades ao seu corpo, para ser livre no espírito, independente de tudo e de todos, para que nenhuma necessidade

material o fizesse cortejar os bens terrenos e aqueles que os possuem. Urgia possuir a coragem heróica de não ter piedade de si mesmo, pois que sem sacrifício e renúncia não se realiza a missão e não se consegue chegar a elevado destino para o bem dos outros. Sabia que para criar é preciso purificar-se e que para se purificar é preciso arder e consumir-se. Para ouvir a música de Deus e fazer explodir o irrefreável canto interior, teria que viver a trágica surdez de Beethoven, a consumpção de Chopin e os tormentos de Catarina de Siena; devia voltar as costas ao mundo para poder voltar a face para Deus. Sabia que o caminho empreendido implicava um empenho sério e tremendo com Deus e consigo próprio, de perseverar na luta contínua do espírito até conseguir a libertação no espírito. Tinha que morrer para renascer; devia ter, primeiro, sentido toda a sua dor e a sua parte da dor do mundo, porque só quem se dá em holocausto e superou o martírio da própria humanidade - pode ressuscitar no paraíso e ouvir a música divina.

Cada uma de suas palavras gritava ao mundo que, sem o sofrimento profundo, nenhuma grande criação é possível; sem despedaçar a alma a inspiração não vem, porque até ao céu não se chega. Para chegar ao triunfo era necessário trazer sempre alta em nome de Deus a chama sagrada, queimar-se no incêndio das labaredas para que levasse a Deus a voz de sua alma até o último alento. Sabia de tudo isto e se atirava ao duro trabalho, lutando tenazmente, em silêncio.

Assim vivia em simplicidade, reduzindo ao mínimo, para ser livre, as necessidades humanas que servem à matéria, totalmente preso a uma gigantesca vida do espírito. No exterior, nas maravilhas do criador, a magnificência da obra de Deus - no interior uma ciclópica tempestade de pensamento. Outras coisas mais próximas traziam sofrimentos à sua alma. O povoado era pequeno e, como todos os povoados estava ávido de tudo indagar, para se abastecer daquela nutrição cerebral necessária a todos. Os mexericos reinavam como mosquitos importunos, girando-lhe sempre em torno. Ele se reduzira à vida de um frade: solidão e trabalho são fraco alimento para o apetite dos curiosos. Parecia-lhe viver sobre o palco, diante de uma platéia. Aquela

observação contínua e, sobretudo, a frivolidade com que era exercida, incomodava-o. Nada é mais terrivelmente desapiedado que a inconsciência irresponsável. Só os maiores imbecis são capazes de cometer as mais atrozes crueldades e por isso mesmo merecem perdão. Os rapazes que andavam pelas estradas daquele povoado montanhoso sentiam-se no dever de, apenas o viam, insultá-lo com palavrões e, naturalmente, por excesso de coragem, sempre de longe. E ele indagava que grau representavam aqueles rapazes na evolução espiritual humana, que lei biológica do desconhecido instinto movia o insulto tão pronto e sinceramente sentido daqueles inconscientes. Nascidos ontem, eles sabiam perfeitamente repetir as cenas velhas de vinte séculos, mas sempre novas e renovadas, da crucificação de Cristo. Certos juízos que faziam dele, com superficialidade e ligeireza, amarguravam-no. Há vidas obscuras, tristemente aprisionadas no silêncio; dores mudas que, mais que as outras, merecem respeito. Não sabia explicar certa persistência na maldade senão levando-a à conta de profunda inconsciência e de completa insensibilidade.

O riso escárnio do julgador está perturbado pelo terror de poder compreender e dever admitir que, naquele silêncio existe um drama que não se ousa afrontar e, em conseqüência, há também um heroísmo que olha tudo de cima. Talvez haja nisso um destino de trabalho e de dor que, para ser mais trágico, se veste de ridículo. Faziam-se dele os mais disparatados juízos. Decerto, quase ninguém compreendia. Entre outras coisas, ele não era considerado religioso, porque era pouco praticante. O mau cheiro emana da multidão mesmo quando está nas igrejas. As verdadeiras preocupações que ele sentia dominar o espírito sufocavam-no. As emanções espirituais daqueles ajuntamentos tolhiam-lhe a respiração e ele tinha que fugir. E assim passava por misantropo, soberbo, incrêu. Sofria por ver em muitas pessoas devotas a virtude reduzida a pretexto para censurar o próximo, por ver tanto zelo na subversão do Evangelho.

De outro lado, como poderiam renunciar a isso se tinham conseguido, quem sabe com que estratagema, realizar a difícil tarefa de conciliar o ímpeto dos instintos agressivos com a persuasão, embora illusória, de assim

poderem conquistar o paraíso? Ele perdoava e não deixava passar ocasião de, em segredo, ajudar. Em lugar de se magoar sentia que ao julgamento de um pequeno mundo não devia dar importância alguma, pois era muito fácil compreender quão pouco isso valia.

Quando se encontrava diante da má vontade do próximo, dizia a si mesmo: "quem deseja me fazer mal não pode senão fazer-me bem; só pode fazer o mal a si próprio. Não posso nem devo tolher-lhe o direito de experimentar e, sofrendo, compreender. Não tem culpa da sua involução, insensibilidade, ignorância das leis da vida. É bom que sofra. Mas eu devo perdoá-lo e tenho que o ajudar a redimir-se".

Apreciava o contínuo recuo das coisas e das pessoas - porque o destacavam da terra. Aquele silêncio, aquela solidão desolada, aquele desconforto na luta contra os elementos, o trabalho, a tolerância e a incompreensão - ele sentia bem no coração - eram as condições de sua ascensão espiritual. Que profundidade de sensações íntimas naquela tristeza, que intensa vida interior, que fervor de maturação!

Ele que compreendia, apreciava e tanto amava estas coisas, nelas encontrava grande recompensa. Sabia como são necessárias, para se conseguirem certas conquistas espirituais, as condições de sofrimento, sobretudo morais: lacerando, destacam, destruindo, criam. E toda uma elaboração íntima que renova. E ele a gozava profundamente.

Algo do mundo do espírito descia para compensá-lo da falta de satisfação das necessidades mais elementares e fundamentais da vida de sentimento. Enquanto que aos estranhos parecia misantropo e egoísta, era, em verdade, uma alma ardente e apaixonada. Tinha necessidade de expansões superiores. As pessoas comuns, mesmo boas, lhe pareciam terrivelmente superficiais, vazias, inertes e absolutamente incapazes de compreender como se lhe afiguravam assim. Uma voz íntima lhe falava sempre na alma e ele se punha a escutar. Eram colóquios em espírito, feitos somente de pensamento, sem sons

nem forma de palavras, mas plenos de conceitos e de bondade. Havia toda a substância de um ser pensante, mas nada de sua aparência. Os seus sentidos não viam nem ouviam; percebia igualmente com os sentidos da alma uma vibração bem individualizada que se dirigia a ele e o tocava. E era confortante. Parecia que aquela voz tinha a faculdade de dissipar sua tristeza, de preencher sua solidão e o persuadia sempre para o bem, como se fosse pessoa viva. Ele ouvia com afeição. E a voz nunca o repreendia., mas o aconselhava e encorajava. Quantas vezes, na angústia de alguma contrariedade, tornara-se tranqüilo! Nenhuma voz humana proveniente de fora fôra jamais assim convincente como esta voz interior. Como poderia uma criação ilusória de sua fantasia chegar a tais extremos? Como poderia uma alucinação persuadir e acalmar? Como poderia um desdobramento de consciência conter um pensamento diverso e oposto ao do sujeito, a ponto de provocar discussão, um pensamento superior a ponto de discordar do outro pensamento e no entanto deixar o indivíduo satisfeito? E, depois, aquela voz era tão sábia, tão elevada, tão bondosa! Parecia-lhe ouvir a voz de Cristo. E o doce sonho, às vezes vivo como uma recordação, embalava-o e, em todas as suas atribulações, sempre o pacificava.

Às vezes o colóquio se fazia tão intenso, tão forte aquele pensamento batia às portas de sua alma, que lhe parecia encarnar uma forma branca, luminosa e diáfana, que lhe recordava a figura de Cristo. E ele a olhava para fixar-lhe os lineamentos feitos de luz. Às vezes, sentando-se à mesa, era tão viva a impressão da presença dessa figura, que ele, sem o querer, punha outro talher, como se tivesse um comensal. E este lhe sorria com um sorriso todo seu, de quem compreende e perdoa e mirava-o com um olhar que parecia atravessar-lhe toda a alma. Surpreendia-o, acima de tudo, a força de penetração daquele olhar que, no entanto, mal se distinguia. Parecia que nada se poderia esconder dele, nada lhe poderia resistir e que cada pensamento se tornava, para ele, transparente. Aquele olhar era uma tal síntese de vida, uma vibração tão intensa e total, um raio tão potente, quente e profundo, que persuadia com a sua simples presença.

Não se explicam tais fenômenos dando-lhes, apenas, nomes

de origem grega e com os definir como anormais ou patológicos. A ciência das vibrações está apenas nascendo e não temos autoridade para negar "a priori" a possibilidade de fatos de ordem suprasensorial, só porque não se deixam medir pelos nossos grosseiros instrumentos. E mesmo que se tratasse de ilusões, cometeria delito uma ciência que desejasse privar a alma deste conforto, sem saber fornecer nada capaz de o substituir.

Assim, ignorado do mundo, na paz e na solidão, de uma vida simples e obscura, protegido pelo silêncio, florescia este doce sonho fervoroso e tranqüilo, em que palpitavam as recordações da Galiléia. Era como se o céu, às vezes, desejasse e pudesse descer à Terra, a esta nossa terra infernal -, mas furtivamente, protegendo-se com formas sutis e evanescentes, que, para os sentidos grosseiros do mundo, permanecem invisíveis e assim podem escapar à sua intervenção agressiva e destruidora. E assim o alto pode, com tranqüilidade, operar sua irradiação de força, inundar com ela alguns seres, produzindo aquelas profundas saturações espirituais que são a premissa necessária de certas explosões que depois o mundo se limitará a comprovar, a aceitar, sem ser capaz de lhe traçar a misteriosa preparação.

Ele as absorvia lentamente, num estado de idílica simplicidade, defendido ainda pelos mal-entendidos em que caem a ignorância e a insensibilidade humana que, nada vendo, nada pode destruir. Ninguém podia imaginar que tempestades se preparavam naquela serenidade, quantas dores já continham aquela alegria. Nada de estranho, afinal. Se certos fenômenos fossem compreendidos, neles se veria a lei que, para o grande e o pequeno, é sempre a mesma.

Assim como a profunda elaboração da matéria na formação do feto se processa oculta à luz exterior, protegida de invólucros, toda entregue a um fervoroso trabalho interior, e só nestas condições pode o novo ser vir à luz e lançar o seu grito de vida, assim a profunda elaboração do espírito na catarse mística se desenvolve igualmente escondida e protegida e só à custa do trabalho interior de maceração e de aperfeiçoamento, de destruição e reconstrução; só

quando um período de paz e de alegria produziu a completa saturação pode o novo homem vir à luz do mundo e aqui se afirmar com o seu grito de desafio. São necessários anos de silêncio, de vida oculta para fazer um homem, prepará-lo, dotá-lo dos meios de combate. A ingenuidade deste sonho idílico, do Evangelho sentido como alegria que desce do céu antes de ser a batalha que se terá de combater sobre a terra, como primavera doce de amor em vez de tempestade de desapiedado martírio, não era satisfação gratuita, mas premissa necessária.

E nesta espera o destino dava uma hora de repouso. Assim em paz e alegria se cumpria a catarse mística de nosso personagem. Houve uma hora culminante que é preciso narrar.

Uma tarde, voltando à pequena cidade onde vivia, tarde de inverno, sozinho, em carro de 3ª classe de um pequeno trem gélido e chocalhante, acomodara-se sobre o duro assento, com a alma amargurada pela solidão, num pressentimento de qualquer coisa dolorosa que se preparava. Ninguém o esperava à chegada. A casa estava gélida e vazia. Sentia a alma apertada num torno, uma tristeza mortal. Começou a orar, pensando na paixão de Cristo, revendo, na contemplação, especialmente a íntima cena espiritual do Getsêmani e revivendo-lhe a profunda angústia. Apenas mergulhara nesta visão interior, quando lhe pareceu ver, na cadeira defronte, aparecer, emergindo da sombra em que a luz incerta deixava aquele canto, uma como que fosforescência, uma luminosidade vaga que se ia fazendo mais intensa e definindo seus lineamentos em forma que, também desta vez, sem dúvida, tomava a semelhança de Cristo. E como de outras vezes, nascia primeiro o olhar e esse olhar lhe falava.

Observou longamente, para se orientar, para decifrar o pensamento que estava nas vibrações daquele olhar, que era um olhar triste e piedoso no qual parecia fundir-se toda a dor do mundo. Aquele olhar parecia descer de um vértice de amor e dor - a Cruz -, parecia evocá-la, como meio de redenção. E a voz internamente dizia:

"Eis que o meu amor te traz sofrimento. O mundo me foge e me engana, repele a redenção porque não quer sofrer. Eu dei o exemplo. Tu, que me amas e me segues, prepara-te. Eis que se aproxima a tua hora, a prova maior. Prepara-te. Eu dei o exemplo".

Aquele olhar anunciador fixava-se sobre ele e sobre o mundo. E ele o via reaparecer na doce figura de Cristo inclinada sobre cada homem que sofre. Quantas dores diferentes! E cada homem tem a sua dor e sobre cada dor se curvava aquela figura e aquele olhar. Quantas faces de Cristo apareciam ao mesmo tempo em tantos lugares diversos, junto a tantas almas angustiadas, com tantas diversas dores, dispensando a cada um o conforto! Ele via em fileira infinita multiplicar-se a figura de Cristo para a multidão imensa do mundo e a cada um repetir: "Prepara-te. Eis que tua hora se avizinha. Eu dei o exemplo".

Uma sacudidela mais forte acordou-o, advertindo-lhe que tinha chegado. Saltou do carro e se foi, sozinho, para a casa vazia, pelas ruas escuras e desertas. Aquele olhar o havia fitado por último, imprimindo-lhe na alma um sentimento inesquecível de amor e de dor. Talvez fosse um aviso de paixão, uma prova de união, uma ordem. Esse foi um momento culminante, que ele jamais pôde esquecer.

XVI

OS ASSALTOS

Há tantos tipos de destino quantos são os homens. Destinos que elevam, que estacionam, que descem. Uns ardem na ânsia do aperfeiçoamento moral e se entregam a provas intensas por um caminho acelerado; outros estacionam, vagabundando pela margem da vida; outros destroem seus valores espirituais, brutalizando-se na matéria. E cada um, segundo aquilo que é, julga a vida - mas no fundo, não julga senão a sua vida e a si próprio. Os que estão destinados ao céu dizem que a terra é um purgatório, um lugar de sofrimento e que a vida não pode ter outro valor ou significado além da redenção através da dor. E sofre, sabendo que sofre utilmente, numa dor consciente e construtiva. Este tipo de destino tem a sua meta além da vida e nessa meta se realiza, permanecendo em irreduzível contraste com a vida terrena. Trata-se, em geral, de almas caídas na terra para expiação ou missão.

Há também os que, equilibrados em posição estável no ambiente terrestre, não tem função de suportá-lo apenas para que aprendam e avancem, mas sim para trabalhá-lo a fim de que a animalidade terrestre evolua. E podem ser honestos trabalhadores, mas ainda não sabem se realizar nos mais altos planos da terra. Para eles, aqui é um lugar de trabalho e aqui querem colher seus resultados. Para eles são inconcebíveis os superamentos e as fugas. Enfim, aí está o grande lodaçal onde estagnam em putrefação os que vivem no estado de inércia. Ignorantes, indiferentes, gozadores, oportunistas, incapazes de crer em outra coisa senão no seu bem-estar, guiados pelos poucos instintos através dos quais imperam as leis da vida - esses consideram a terra não como um lugar de expiação ou missão, nem como lugar de trabalho, mas como lugar para o gozo. Vegetam na animalidade e são agarradíssimos à vida e aos seus prazeres. Acham-na, às vezes, espinhosa, mas são dotados de tal diferença, insensibilidade e egoísmo, que conseguem assim mesmo encontrar alegria. E ficam satisfeitos, não sabendo conceber nada melhor. Esses louvam a vida e concluem que, apesar de tudo, chora-se muito bem neste vale de lágrimas. Para

esses, a dor não é senão um inimigo que se deve combater e destruir por todos os meios. Ignoram a sua função evolutiva! Esta inútil escumalha humana vai à deriva; é o rebanho amorfo, a grande massa social a cujo nível devem descer todas as concepções religiosas, políticas, sociais, se desejarem na massa sobreviver e agir. É natural que os pontos de vista e a posição de cada um, sendo assim diversos, os juízos estejam em desacordo e as mesmas coisas tenham, para os vários indivíduos, significação e valores diversos. O contraste entre o nosso personagem e o mundo não é, no fundo, senão uma divergência de tipo individual e de meta.

O destino que aqui estamos observando pertence ao primeiro tipo, que se pode chamar de irreduzível ou inadaptável. Suportam tudo com heróica paciência, mas consideram sempre a terra como um exílio e um inferno. E tal é, para sua tristeza. Tanto mais quanto eles compreendem tudo, não tendo a proteção nem da ignorância, nem da insensibilidade, como aqueles outros. Diante dos destinos estacionários ou descendentes, estes podem se qualificar destinos ascensionais: destinos felizes e desgraçados a um tempo - desgraçados pelo caminho a percorrer, mas felizes pela meta que deverão alcançar, e que são sempre um tremendo trabalho.

Para dar repouso e trégua à expiação, permitir a assimilação das provas, a explicação das missões; para não destruir o homem sob a cruz, estes destinos ascensionais saem muitas vezes não segundo uma reta, mas por ondas em cujos vértices estão sempre mais alto e nos mínimos sempre menos baixo. Isto implica uma ascensão de todo o conjunto, mas também depois de cada período de ascensão, um de descida ou queda. Neste ponto estamos no fim do período que vínhamos narrando. O nosso personagem havia chegado a um vértice e foi a própria altitude deste que o precipitou pela descida da onda, pela depressão que fatalmente se abriu diante dele. Ao fim desse período, os motivos nele dominantes conseguiram sua plenitude; todos os valores anteriormente acumulados tinham dado o seu rendimento. E a expansão, exaurido o seu ímpeto, susteve-se.

Continuemos a observar o desenvolvimento das várias forças que operam neste destino que, presentes ao nascimento, deverão desenvolver-se até à morte, já delineadas precedentemente, mas continuamente corrigidas pela livre vontade do indivíduo, que as utilizava para continuar sua ascensão. Estas forças sempre em ação, mutáveis no seu desenvolvimento, são os verdadeiros personagens deste livro. Este não é apenas um conto: é um estudo dos mais íntimos impulsos da vida, que para nós sempre assume um significado orgânico, lógico e profundo. Tão lógico e profundo que naquelas forças se sente e se reconhece aqui uma inteligência motriz que cintila de pensamento divino, uma inteligência que nos permite saber cumprir o destino de cada personagem. Esperamos que não seja inútil e que sejam compreendidas as afirmativas deste livro, elaboradas para dar um sentido sério e substancial à vida.

Veremos ao fim deste período, que vai dos quarenta e cinco aos cinquenta e cinco anos do nosso personagem, que cada germe amadureceu o seu fruto e que em cada campo foi feita a colheita. Cada um dos três motivos, continuando seu desenvolvimento, expõe sua posição.

1o - O conhecimento, inicialmente esperado e procurado, foi conseguido em primeiro lugar e foi neste período registrado e divulgado com sucesso.

2o - Isto representa o remate da atuação: aquela vida dava todo o seu rendimento no cumprimento de sua missão. Aquela força amadureceu o seu fruto, para o bem dos outros; tornara-se ação humana operando na sociedade. Os resultados que esta atuação trouxe ao mundo, uma vez quebrado aquele mal-entendido temporário, provocariam agora a agressão. A atuação é um desafio para a luta.

3o - Os dois motivos precedentes se completam num terceiro que se desenvolve paralelamente. No estado de graça durante a regização e no cumprimento da própria missão, amadurece no sujeito a catarse mística que tínhamos descrito, na qual a expiação na dor tem uma pausa e um

conforto, sobrevivendo, qual ascensão espiritual, uma primeira libertação e redenção.

Depois de um período de formação primárias e depois das afirmações individuais, aquele destino assumia um significado coletivo. Os três impulsos se cruzavam e fundiam numa única realização. Conseguida a transformação do sujeito, eles agora se irradiam em ação exterior mais vasta, da qual ele era o centro. Mas, para chegar a este novo rendimento, era necessário voltar ao grande trabalho purificador da dor, ao esforço da redenção.

Encontramo-nos, neste momento, diante de três vértices de realização e são justamente os vértices que atraem o assalto. Um vértice é, no fundo, uma culminância de forças, uma concentração de impulsos num só ponto - um desequilíbrio que exige compensação. As leis da vida não vêm se aquele desequilíbrio no seu plano se formou em vista de equilíbrios mais elevados e complexos que se hão de realizar em outros planos. A natureza não sente esse gênero de escopo que a supera. Será, naturalmente, uma compensação mais longínqua; toda embebida na tensão do trabalho em seu próprio plano, não o leva em conta. Suas leis assinalam o desequilíbrio no seu nível e se limitam a corrigi-lo automaticamente. Quem se atira ao vácuo cai e se esfacela, embora seja herói ou mártir que arrisca a vida para salvar uma outra ou para o bem do mundo. A lei humana terrestre diz: "Serás compensado, mas agora tens de pagar".

Por essas razões, chegado a esse ponto do seu desenvolvimento, os três motivos daquele destino que se tinham reunido em três vértices, devem sofrer três assaltos. A continuação do desenvolvimento não poderá se dar senão através da correspondente inversão de posições. As três estradas continuam, as três forças devem avançar, mas se invertem e agem em direção contrária. Cada impulso favorável transmuda num impulso oposto de reação. A Lei dera gratuitamente e agora se apresenta como um credor que tem o direito de exigir o seu preço. Tinha exaltado e agora abate. E volta a hora das provas, na qual o sujeito, triunfante por efeito do auxílio daquelas forças, vê-se

justamente por elas severamente examinado.

O caminho do conhecimento havia-lhe produzido um máximo de rendimento individual e coletivo. A divulgação se cumpria. A semente estava definitivamente brotada e era agora impulso autônomo, como um filho que já não precisa da mãe. Não restava ao nosso personagem senão ser o administrador do ideal, isto é, de acompanhar praticamente a divulgação. Mas esta afirmação implicara numa negação; este superior equilíbrio produzira um equilíbrio inferior que agora exigia a sua compensação. Todo o seu organismo, a expensas de cuja energia se realizara grande parte do trabalho, sofria agora as conseqüências. A alta tensão nervosa em que vivera durante anos para produzir, nas condições mais desfavoráveis, tinha-o esgotado. A "matéria" que se havia prestado ao esforço do "espírito" devia agora pagar por isso. Quando cessou a febre de exaltação produtiva, quando voltou a calma normal, ele viu que sua saúde estava abalada. O esforço intenso e contínuo reduzira-o a um farrapo. Chegara à mais alta realização de si mesmo no conhecimento, mas com isso violara o equilíbrio da natureza econômico e conservadora que o fazia ver agora, no seu plano, o quanto ele lhe devia. Nada se dá de mão beijada e ele devia agora amontoar em seus ombros esta nova dívida. E caiu em profunda exaustão.

O trabalho demandado pela atuação produzira a colheita, a alegria das messes maduras e abundantes. O conhecimento divulgado tornara-se força operante no mundo; a missão estava afinal realizada. Fora, mesmo, um sucesso exterior que provocara admiração e exaltação, exaltação necessário para que aqueles livros pudessem penetrar e alcançar os espíritos maduros, prontos para compreendê-los. Mas, era preciso pagar. O vértice de exaltação do mundo é justamente o desequilíbrio que exige compensação. É a preparação lógica e natural da agressão do mundo (Domingo de Ramos). No caso particular que narramos, não fazemos senão aplicar uma lei de caráter universal, sempre pronta a se fazer valer a qualquer momento para quem quer siga a estrada da ascensão. Trata-se de lei universal, válida para casos singulares como para coletivos (determinismo histórico). O momentâneo compromisso de paz mantido pela incompreensão já não tinha razões morais nem possibilidades

materiais para se manter ainda e devia cair. Em seu lugar não poderia tardar em aparecer a substância daquela atuação que era desafio e luta e a substancial inconciliabilidade entre o ideal e o mundo. Ao divulgar-se os escritos, isto deve ter sido compreendido, bem como o que o autor em verdade pretendia e, ante esta revelação inesperada, haveria a rebeldia. O mundo ali estava para se vingar. Ele mexera com as leis de interesse humano, tinha acusado em nome do bem e da verdade, havia tentado destruir para superar. Portanto, devia pagar. Era chegada a hora da traição.

Afinal, mesmo o caminho da expiação havia conduzido aos seus frutos, ou seja, à purificação e com esta, à ascensão espiritual na catarse mística. Chegara até à inspiração e às visões; que mais podia sonhar? A realização que para ele era máximo, exigia uma compensação adequada. Aquele vértice era uma antecipação muito apressada de evolução, um desequilíbrio das forças da natureza, agarrada, não é renovação, mas à mais segura estabilidade das posições já conquistadas. Este misoneísmo conservador é uma posição de inércia dominante e de todo negativa ante as superconstruções biológicas. E enquanto aquele misoneísmo assim oferece ao homem normal larga base de apoio e garantia de sobrevivência - deixa aquelas superconstruções sozinhas, abandonadas às próprias forças, à própria responsabilidade e ao próprio destino.

A regra protesta e se levanta contra a exceção, exprobrando-lhe a imperdoável lei divergente. Ele ficava lá em cima, sozinho, suspenso entre o céu e a terra, entre dois planos, entre duas leis diversas, desprotegido de ambas. A sua posição era o produto de um esforço excepcional; não podia resistir muito nesse equilíbrio de vôo. Para o triunfo da mediocridade imbecil, Ícaro devia precipitar-se. Assim também aquele píncaro espiritual que alcançara exigia que caísse, para que o equilíbrio fosse restabelecido. Quando, um dia, a natureza se negou a fornecer energias antecipadamente e retraiu-se ao risco da aventura, contrapondo sua lei de conservação à lei da evolução que se atirava muito longe, então se aclamou a febre criadora, arrefeceu o entusiasmo da ascensão. E para que ele não fosse queimado e sobrevivesse, a alta tensão

espiritual caiu e a luz interior se apagou. Cai sobre a terra um fragmento. Jazem no lodo os restos piedosos do anjo que queimara as asas ao sol. Aqui também, ele tinha de pagar. E chegou a cegueira espiritual. Perdida a força capaz de alcançar a alta tensão, as doces visões desaparecem, e assim a sensação de Deus. Ficou sozinho sobre a terra inimiga que o renegara e agora renegava, muito cansado para saber voltar ao céu; muito forte ainda a memória da grande experiência vivida para poder adaptar-se a viver na terra. Sentiu-se então abandonado por Deus e na sua alma não restou senão a visão do espantoso inferno terrestre. Não teve diante de si senão a realidade humana que contra ele se voltava.

Assim, com a sua completa destruição, tudo pagava. E estas são as provas que esperam aqueles que enveredam pelos caminhos do espírito. E caiu, desfalecido, sob a cruz.

XVII

OS CAMINHOS DO MUNDO

Encontrava-se bem esgotado quando chegou ao fim. É humano que, quando se chegue ao fim da luta, se espere encontrar, senão um triunfo, ao menos uma compensação adequada. E é indispensável encontrar um pouco de alívio, para se confortar e recobrar força e coragem. O normal para ele,

nesse nível, era encontrar as mais duras provas. Tal é a lei desses fenômenos. Ele que superara a vida inferior animal para ressurgir na vida superior do espírito. Ele que saíra vitorioso dessa prova, assimilando-lhe toda a significação; encontrava-se agora diante de uma tarefa maior, constrangido a arriscar-se a uma prova mais árdua. Suas novas conquistas e qualidades eram subitamente provadas e examinadas. Chegava ferido no próprio espírito, privado subitamente de todas as suas alegrias e afirmações, golpeado no centro de sua nova vida, na sua nova consciência.

No decênio que agora findava todos os nós de seu destino se tinham afrouxado e desfeito; iniciava-se, agora, um período em que todos aqueles nós se apertavam de novo. Eis a compensação que ele encontrava depois de tanto trabalho e dedicação. Também a colheita é dor. Caminha, caminha! Quantas estradas percorrera para chegar e eis que estava, novamente, no começo! Quanto trabalho! Quanta canseira! Como é longa a vida de quem luta e sofre! Mas, eram necessárias novas dores, novas quedas e experiências, para não apodrecer sobre os louros e para poder ressurgir sempre mais alto! Por agora, porém, eram as trevas! Geralmente, vistos de fora, certos sentimentos incompreendidos parecem desfalecimentos que o mundo julga com desprezo. Mas é sempre grande o destino de uma alma que sofre e sofrendo se redime. Desgraçados dos que não se redimem, porque ninguém é perfeito. Se fosse perfeito não estaria na terra.

No belo sonho espiritual esqueceram-se da realidade da vida humana. Até agora a sua existência fora projetada para o alto, fora uma estratégia de fuga do plano humano, da terra para o céu. E agora se lhe antepunha a experiência de sombra, como reação à precedente experiência de luz, uma fase de desolação, mas também de aperfeiçoamento por um lado ainda não explorado. Não escolhia nem desejava.. As reações que o rodeavam arrastavam-no, tornadas fortes pela sua fraqueza, e ele foi atirado em cheio àquele estado e teve que superar o embate desapiedado da realidade humana

O primeiro impulso do mundo, diante de uma construção

nova, é agredir. Destarte avalia o valor e a solidez da mesma. É o exame da escola da vida, a garantia biológica. Era chamado a descer dos seus céus e constrangido a viver sobre a terra, que lhe impunha suas leis, reprovando-lhe a fuga. A realidade biológica esperava-o de emboscadas, para cair-lhe sobre os ombros e submetê-lo a exame, bem diverso da espiritualidade a que se habituara . O exame seria tanto mais severo quanto ele era menos preparado e sempre desejoso de fugir. A sua emersão de espírito se projetava sobre a terra; os seus superamentos o tornavam visível, o mal-entendido protetor de sua paz caía; compreendia-se que ele era o amigo do Evangelho e o inimigo do mundo. A luta devia, logo, provar a sua resistência, índice de seu valor substancial. Esta era a lei biológica que lhe impunha o seu férreo dilema: ou vence e reforçar-se, ou perder a ser eliminado.

As leis da terras são antes de força que de justiça; e de justiça apenas através da força. Não se tinha, dirigindo-se ao céu, colocado em posição de desafio para com a terra? Devia aceitar a luta. Não podia mais recuar, nem deixar-se ficar entre o céu e terra. Tomara uma posição extrema e decisiva. Obrigado, assim, a vir a campo, devia enfrentar, num desafio supremo, de vida ou de morte, o mundo que o afrontava e decidir: Vencer, ou morrer. O seu ideal devia ainda superar a prova da luta. Não era este, afinal, o ponto essencial de seu destino e não se cumpria nele a realização de sua missão?

Os seus livros, a sua vida, eram contra o mundo. A simples presença do autor e da sua obra eram para o mundo uma exprobração, uma acusação mútua e contínua. Isto era perturbador porque a vida real detesta o Evangelho e aquele que o vive seriamente. Quando se compreendeu qual era o seu verdadeiro pensamento e sua verdadeira vida, ou seja, a aplicação a sério do Evangelho, muitos se revoltaram, sinceramente escandalizados, mas sobretudo aborrecidos com as conseqüências práticas lesivas aos acomodamentos que tanto trabalho tinham custado para serem subtraídos à vigilância do espírito. Com palavras e ações ele perturbava o mundo e o mundo reagia. Condenava o mundo com suas medidas e o mundo retribuía-lhe do mesmo modo.

Achava-se em estado de exaustão nervosa e precisava de repouso, encorajamento e conforto. Mas, assim como estava, tinha de entender a suas obrigações, para ganhar o pão. E nem mesmo o fruto do seu trabalho, que de direito lhe pertencia, o guardava para si; dava-o para ajudar os pobres. Se algo sobrava, ele se considerava apenas como depositário que guardava para alguém que pudesse precisar mais do que ele. Cansaço, cansaço - era o que lhe minava cada vez mais a saúde. Não lhe restava senão um duro trabalho mecânico e uma vida oprimida por todos os gêneros de contrariedades. A natureza vingava-se asperamente de quem violara suas leis fundamentais de conservação. O menor dos incidentes parecia encarniçar-se contra a pessoa. Não sobrara para ele, que saboreara a grande alegria da vida do céu, senão a amargura da vida bestial da terra. E o grande incêndio interior, que o animara, extinguiu-se. O facho tombara e jazia sobre a terra em cinzas. Vivia nas trevas, nas quais dominava uma sensação, certamente irreal mas não menos viva por isso, do abandono por parte de Deus. Essa sensação abria as portas à dúvida infernal: "Estarei enganado? Ter-me-ei sacrificado por um sonho, por nada?"

Todos os valores, construídos com tamanha fadiga, rolavam por terra, demolidos. Sobre eles passara uma tempestade destruidora, gelada. Seria forçoso, mais tarde, depois de passado o tufão, saber reencontrá-los, pegar aquele impulso e tonar a desenvolvê-los, refazendo-se desde o começo, para reassimilá-los desta vez em profundidade, com mais calma e consciência do que na primeira e precipitada conquista. Só isto lhe poderia dar estabilidade. Agora era necessário resistir, sobreviver ao esgotamento físico e mental, ao abatimento, ao abandono, à noite espiritual, aos assaltos materiais - sobreviver contra tudo com seus próprios meios e à sua própria custa.

Nos momentos mais difíceis, em vez de se desesperar, esperava, sentindo que há na própria força dos acontecimentos uma tendência a resolverem-se automaticamente, pela lei da vida. A experiência era terrível. Sentia-se acabado e tudo era contra si. Não havia meio de escolher. Não importava senão uma coisa: sobreviver. Os motivos triunfais de seu destino giravam agora como impetuoso vento de morte. A primavera era uma

recordação longínqua - ela dera o seu fruto, que já fora recolhido. Era preciso, agora, atravessar o inverno e recomeçar o trabalho de preparar, desde o início, uma nova colheita. Tudo se lhe afigurava muito longe, inatingível, impossível, além de toda a esperança.

O mundo que condenava era extraordinariamente dividido em opiniões, credos, escolas e sistemas filosóficos, sociais, religiosos, científicos, políticos, literários e artísticos. Cada um proprietário de sua própria terminologia, freqüentemente centro de uma exclusivista construção orgânica de interesses que representa e sintetiza, armado contra todas as outras escolas e sistemas. A forma dominava a substância. O mundo era uma cacofonia de vozes discordes e rivais. Ele preferia a verdade simples do Evangelho, única, esquiva de forma, toda substância. Resolveria todos os problemas com simplicidade, indo direto ao coração do homem. O mundo estava dividido em muitos campos, separados, exclusivistas, sempre em luta entre si, mas todos igualmente lutando pelo monopólio - única coisa em que todos estavam sempre concordes e eram sempre iguais. Não era tanto verdade universal, igual para todos, o que interessava, mas a solução do problema relativo, limitado, humano e imediato. Isto dominava na substância. E depois, no fundo de tudo, embora camuflado de mil formas, atrás de todas as fachadas, sempre a mesma verdade biológica do egoísmo e da luta. Em meio a tantas distinções, ele via que o mundo não fazia, em verdade, senão uma distinção: a do eu e do não-eu. Por outras palavras: "Você é do nosso grupo? Está conosco? Então, está com a razão. Não está conosco? Então está errado". Cumpria-lhe estar acima de todas as divisões e de toda luta, ser imparcial e universal. Tinha, ainda, necessidade de unificar tudo aquilo que tende sempre a se dividir. Procurava, em lugar da cisão, a unidade — unidade superior jamais disposta a cindir-se e abastardar-se para se transformar em interesse particular. Aquelas singulares verdades separadas apareciam-lhe como castelos murados e armados, onde a vida transcorria como na era medieval, dos tempos ferozes, obrigada a refugiar-se para não ser destruída. As barreiras materiais dos tempos medievais tinham caído, mas as barreiras morais permaneciam, impedindo o caminho a cada passo. A causa era a ferocidade dos tempos.

As verdades particulares estavam prontas para aceitá-lo, assim que ele circunscrevesse o seu pensamento e a sua atividade dentro de seus âmbitos. Ofereciam proteção, mas impunham a domesticação, a prisão. Impunham, sobretudo, o exclusivismo e o interesse dos homens que as professavam e a guerra contra o exclusivismo e os interesses de todos os outros, pois que nenhum homem defende outro se não vê nessa defesa a defesa de si próprio. Naturalmente, a culpa não era desses homens, a luta é a lei mais imperiosa da vida; coisa alguma poderá existir sobre a terra, até mesmo o céu, se a ela descesse, se não estiver preparada para guerrear e se defender. Não era culpa deles se "ataque e defesa" são a linguagem dominante na terra, onde tudo que deseje existir deverá assumir essa forma. Não era culpa do homem se tudo, para poder vencer, deve fechar-se em grupos, em coalizões de interesses, onde o egoísmo é necessário; cada um defende o seu grupo na proporção em que ele é o seu próprio eu, defendendo-se a si próprio. Não é culpa do homem se assim cada um é inimigo do grupo onde não se vê a si mesmo. E assim cada grupo combate todos os outros grupos, como nada "eu" combate todos os outros "eu". Não é sua culpa se o homem está imerso no relativo. Ele não pode compreender verdades mais universais do que as que cuidam de sua defesa sua vida.

Se se observarem as opiniões e teorias que em cada grupo cada um defende, ver-se-á que, não obstante a grande diferença, elas são invariavelmente iguais no fato de que as suas conclusões e a moral que trazem são tais que se dá razão a quem as professa, colocando-o em posição de superioridade em relação aos demais. Assim, o forte sustentará a filosofia dos fortes porque é forte; o astuto, a do astuto, porque o é. O mesmo com os fracos e com todos os tipos humanos. Nos fatos cada um sustenta a filosofia em que triunfa, jamais a em que permanece fraco e derrotado. Portanto, a verdade, praticamente, está na defesa de cada um contra todos os outros; cada opinião e filosofia em cada campo não é mais que um ato de afirmação egocêntrica, ditada pela exaltação do eu e pelo menosprezo dos outros. Neste nível, cada verdade mais alta se vê reduzida ao mínimo. É por isso que os grandes princípios, as grandes leis, as grandes metas não são alcançadas pela maioria. O homem

comum limita-se ao trabalho de conservação individual e coletiva. Ele não é a célula social de exceção, especializada na função de órgão nervoso de seleção, de antena que antecipa a evolução. Este tipo de exceção, que sente o universal, supera os grupos particulares e professa verdades mais vastas situadas acima dos interesses próprios e do grupo, não tem defesa contra nenhum dos outros, porque está fora do seu egoísmo. Ao contrário, é agredido por todos. Mais tarde, se um grupo se apoderar dele, usá-lo-á como estandarte. E assim se progride, mesmo que a divulgação e a assimilação não se possam atingir senão através do desfrutamento. O ponto de partida humano para o universal é o particular; para o altruísmo é o egoísmo; para o absoluto é o relativo; para o progresso coletivo é o progresso individual. Para sobreviver, e fazer-se entender, é necessário entrar no grupo, no particular, no relativo, no egoísmo individual; é necessário que o ideal (para não ficar letra morta, se os tempos não têm força para se elevarem até ele) desça, se avilte até ao nível dos tempos.

Tudo isto o nosso personagem compreendia, mas sentia também que a verdade pura e completa não pode ser senão utilitária e universal; aquilo que um inimigo vê no vizinho - não é a verdade. Ele amava a grande verdade unitária, totalitária, compreensiva, a verdade de Deus, que abraça tudo e todos. Sem distinções nem preferências, as particularidades interessadas, todas indistintamente o repugnavam. Amava a verdade que, mesmo compreendendo e admitindo as lutas humanas, permanece sempre acima delas. Não a sabia compreender senão assim. Sem tomar o partido de ninguém, negava razão a todos, pela falta de senso que em todos havia. E por isso, porque não tomava partido, era repudiado por todos. Foi assim que, achando inaceitável a verdade cindida, relativa e utilitária, não podendo fechar-se num castelo particular, ficou só, expulso de todos os lugares, mas livre.

A irresistível necessidade de liberdade atirou-se sobre as costas todos os mal-entendidos. Foi tomado por irreligioso; incrédulo para alguns; excessivamente zeloso para outros. Em cada campo era visto com maus olhos, porque perturbava os hábitos; era rebelde às tradições, pretendia ter direito a uma independência de consciência que, mesmo dirigida para o bem,

era sempre insubordinação e escândalo. O Deus das religiões é também um rei; não é lícito falar-lhe muito diretamente a sós, sem os devidos intermediários humanos. Ele tinha a sua consciência e assumia sinceramente a sua responsabilidade. Era um homem não alinhado, o que não pode viver com o rebanho. Isto podia ser também santidade, mas, seguramente, cheirava anarquia e rebelião, enchendo de suspeitas as almas piedosas. Exigiam-se dele as coisas que todos faziam - justamente as menos adaptadas para ele.

Fora julgado de sem maneiras diferentes, segundo o ânimo de cada um que o observava. Cada um lhe aplicava sobre as costas a sua própria etiqueta. O mundo gostava de catalogar, enquadrar, na prática terrena. Assim, ele fora definido como - médium espírita, espiritualista, modernista, panteísta, monista, cientista, filósofo, estudioso, inspirado, místico etc... Cada um, vendo-o com seu olho particular, classificara-o definitivamente, segundo acreditava, sem perceber que ele, se naquele momento atravessava o campo de sua classificação, pouco depois, seguindo seu caminho evolutivo, já estaria muito fora dele. Fora tomado pelo que não era; fora confundido com as coisas mais diversas. Ele era todas elas e não era nenhuma. A sua verdade era dinâmica, em evolução contínua, e não podia ser senão um produto seu, filha de suas experiências. Ninguém era, por princípio, mais respeitador de todas as autoridades do que ele. Mas, tinha necessidade de compreender e ver por si mesmo, guiando-se nas grandes coisas do espírito e não podia delegar a ninguém esse direito fundamental inato em sua consciência.

Que atribulação, não poder dar um passo no mundo sem esbarrar subitamente num obstáculo de pensamento, numa das muitas divisões humanas - todas prontas para encaixá-lo, esperando fazer dele uma peça a seu serviço! Que desejo de libertar-se de todos estes empecilhos! Que repugnância ao ver todos os problemas em prática transportados da substância para o plano dos interesses e ver que nisto quase todos concordavam! No entanto, isto era lógico. Nem sobre a terra poderia ser de outro modo, dado que aí vigora a lei da luta, a qual não deixa outra forma de vida senão o ataque e a defesa. O pensamento puro, o ideal, a bondade que não estejam fixados no invólucro de egoísmo e de

interesse - não tem defesa, e não podem sobreviver em tal mundo. Não se arriscando a degradar-se no lodo, o ideal não pode funcionar sobre a terra e não age sobre o homem. Se ele não se avilta na matéria, a matéria não o fixa, não lhe conserva a impressão. As adaptações, as traições do ideal são naturais, e são condições indispensáveis à sua descida ao mundo. É naturalmente isto o que espera na terra o homem superior que professa um ideal. A cruz é uma lei biológica - é a matemática resultante do encontro das forças do céu e da terra. O êxtase horizontal da terra, combinado com o dinamismo vertical da ascensão, forma, também geometricamente, a cruz. Sem cruz, o ideal não sobe. Sem traição ele fica inacessível e inassimilável. O céu não pode tocar a terra senão em um ponto, que se chama martírio. A reação é o natural exame do ideal, é a prova da sua presença, o índice do seu valor, a medida da potência substancial de uma idéia.

Ele atravessara todos os campos e verificara quão poucos homens verdadeiros existiam em cada um. E, em vez de se interessar pelas categorias que mantêm os homens divididos, procurava aquilo que poderiam unir. Procurava o homem, o verdadeiro valor, tão raro, tão pouco agarrado aos interesses; procurava o homem em si, sem se importar com a aparência; procurava a substância, sem deixar enganar pela forma. Uma coisa, sobretudo, repugnava-lhe, e essa ele não a perdoava aos seus semelhantes: a de ser um homem, sem ser honesto e sincero. E uma coisa, sobretudo, o fazia rebelar-se: as estudadas transigências humanas que prostituem os princípios em favor da comodidade. Achava preferível ser e não parecer. Este era o verdadeiro, insanável dissídio entre ele e o mundo. Tomava as coisas a sério e fazia de modo terrivelmente sério aquilo que os outros sustentavam apenas com palavras e com tanto mais ruído quanto menos acreditavam e quanto mais faziam empenho em fazer crer que acreditavam. À insolência desta forma estampada na face de todos, ele respondia com a substância, vivida em silêncio. Este era seu desafio. A sua religião do trabalho, do amor ao próximo; mais que a religião das prédicas e das práticas, era a religião da bondade e do sacrifício. Não acreditava na discussão porque sentia que por trás das palavras havia um pensamento diferente daquele que era expresso. Não acusava e perdoava, mas sentia que seu

antagonismo não era contra esta ou aquela doutrina, mas sim contra o homem - sempre o mesmo sob todas as doutrinas. Via sobre a terra um mar de interesse que permaneciam os mesmos sob os mais variados estandartes. Não encontrava senão egoísmos utilitários e coligações de tais egoísmos. E ele não procurava senão o Evangelho. Os dissídios de forma podem ser superados, mas quando são profundos em substância, se tornaram insanáveis. Fugiu a todas as discussões e em sua alma se fez um grande silêncio.

XVIII

CONDENADO

Um dia, enquanto ele se encontrava neste estado, uma classe de homens julgou oportuno condenar o mais significativo de seus livros. Seu pensamento via-se, assim, rechaçado naquele meio. A notícia colheu-o de surpresa em sua laboriosa solidão, numa triste tarde de novembro. E então renovou o cotidiano exame de consciência e não encontrou no fundo de si senão a sua habitual harmonia com Deus. Sua alma sentiu que nada tinha a se reprovar - e permaneceu em paz.

No fundo, era lógico que, entre tantos pontos de vista, alguns deviam existir que não podiam ter sido previstos. Não lhe fora possível tomar conta de tudo, tão solicitado estava por suas metas e métodos. Não se

admirava senão de que a aplicação ao seu pensamento de uma unidade de medida não prevista, tivesse dado aquele resultado. Num exame formal (baseado em que premissas!), que ele não pudera perceber, pois estava inteiramente tomado pela grande voz dos fenômenos, preso à sua terminologia e a uma orientação individual, era natural que concluíssem que ele, feito de substância e não de forma, retinha um mal entendido. "A letra mata, o espírito vivifica." Procurou, por todos os meios, esclarecer; mas o juízo permaneceu agarrado à letra.

Procurou esclarecer, especialmente pela imprensa, que não tinha intenção de se fazer rebelde. Por princípio de ordem, daquela ordem universal em que vivia, respeitava a autoridade, sem indagar, deixando-lhe toda a responsabilidade dos próprios atos. Obedecia à autoridade, dando a César o que era de César e ficando livre, na inviolável liberdade do espírito, para dar a Deus o que é de Deus. A autoridade, seja quem for que a personifique, é um princípio de alto valor, por ser um ponto sólido na organização da ordem cujo fim é a ascensão humana. Demolir esse princípio é atentar contra a evolução. Aqueles que compreendem têm, para com os rebeldes e ignorantes, o dever de dar o exemplo e a obediência. "A autoridade - dizia ele - respeita-se. Se se deve temer e se não se pode obedecer, esquiva-se; mas sempre se respeita." Ele procurou esclarecer em particular; não era possível o entendimento através do espaço e de forma mental, por entre a burocracia intermediária. A sua complexa questão de pensamento e de consciência não se podia resolver formalmente como fora exposta, mas apenas por íntima comunhão de espíritos, em presença de Deus. Ficou esmagado, vendo o seu caso, tão importante para ele, no qual estava o significado da mais intensa paixão de sua vida, tão denso de sacrifício - tratado e resolvido friamente, de acordo com os manuais em vez de o ser com a consciência. Foi-lhe exigida uma clara retratação. Já fizera, voluntariamente, o seu ato de obediência à autoridade, mas a sua consciência lhe proibia isto, que seria, para ele, um suicídio espiritual. Se tinha podido e espontaneamente querido humilhar a sua pessoa, à qual não dava nenhum valor e de quem era dono - não podia abjurar a verdade que valia mais que sua vida e da qual não podia dispor. Compreendeu que, não sendo possível compreenderem-se as duas

linguagens diferentes, ele não tinha, também, direito de se autodestruir. Refletia a frase do IV Concílio Laterano: "Quidquid fit contra conscientiam, aedificat ad gehennam"¹¹.

Pela imprensa, não procurou discutir; queria esclarecer. Mas também aqui a compreensão e o esclarecimento lhe foram negados. Não obstante todos os sinceros esforços, o mal entendido se agravou. Os jornais fecharam-lhe as portas. Não teve outro remédio senão calar-se. Um último artigo, no qual voltava à questão para concluí-la foi suprimido por mão oculta do campo oposto. Ele, que conseguira pelo menos ser coerente, sentiu-se abatido com o triste prova de falta de lealdade justamente por parte das pessoas de quem tinha motivos para esperar caridade cristã. Esta verificação foi para ele o último e irremediável golpe. Aceitou sem reagir, mas ficou profundamente abalado. A impressão permaneceu indelevelmente estampada em sua alma. Tudo foi sufocado no silêncio. E silêncio foi a sua última palavra. Renunciou, então, tristemente, a fazer-se compreender, e calou. Perdoou com o Evangelho. Mas que ruína fora feita naquela alma! Acreditara ser seu dever explicar-se sinceramente. Nas suas boas intenções, na sua ingenuidade evangélica, em vez de unificar as almas elevando-as, ele não produzira senão perturbações. E esses fatos atiravam ao seu espírito a semente da dúvida. Sacudiu-o aquela diversa realidade da vida na qual o homem é quem manda. E também aqui o mundo era inimigo.

As apreciações do mundo, diante do fato novo de sua condenação, foram diversas. Qualquer um teria visto aí uma oportuna publicidade para melhor lançar os seus livros. Mas ele não se interessava por tais questões econômicas, que não tinham sentido diante do seu trabalho espiritual. A sua moral lhe impunha fugir de qualquer compensação pelas atividades deste gênero. Ter-lhe-ia parecido uma horrenda profanação mercadejar e vender o fruto sagrado da inefável alegria de poder elevar-se até Deus. Os meios para viver deviam vir-lhe de outras ocupações. Não trabalhava com o espírito para ganhar, mas para realizar seu próprio destino. Por isso, tinha necessidade de o conhecer a fundo. Exigia em pagamento muito mais do que a conquista da

riqueza - exigia a conquista das almas. Mas, nada podia fazer senão observar a crescente divulgação de suas obras que, como sempre acontece, foram depois condenadas e nisto viu ele a ação da Providência, que auxiliava a sua difusão. Confortou-se com isto. Se não os homens, Deus, pelo menos, parecia estar com ele e sua missão, não obstante tudo, continuava a se cumprir.

No entanto, aqueles livros iam sendo lidos e estudados e seu pensamento se difundia, sobretudo no campo de onde lhe viera a condenação e isto era importantíssimo para o bem das almas. Não são justamente as batalhas que mais difundem as idéias? A semente fora lançada naquele campo e lá poderia germinar nas almas, pois que não obstante as desconfianças e os preconceitos, a convicção se adquire do modo mais inesperado. Quando se trata de uma verdade, a consciência, que a recebe por intuição, apossa-se dela, mau grado a vontade e a razão, porque já a incorporou, antes que aquelas intervenham. Abaixam-se as barreiras das resistências negativas, que se surpreendem penetradas, antes que o próprio homem se aperceba, sem que se tenha pedido permissão ao acordo das convenções humanas. A consciência, que tem espontâneo o sentimento e o desejo da verdade, incoercivelmente sente, reconhece, julga e irresistivelmente atrai e obriga, por esta atração, a aceitar as coisas que vêm de Deus. É este íntimo e secreto método de funcionamento do espírito, por si mesmo dirigido à verdade e construído para alcançá-la, que explica como a verdade funde automaticamente todas as coerções racionais feitas mais para ocultá-la do que para revelá-la. A verdade penetra, convence e conquista a consciência, não por constrangimento de lógica, ou de luta, mas por atração espontânea e juízo intuitivo da alma. Os processos de raciocínio se reduzem a excitar, na rixa, as razões defensivas da consciência e não podem, por isto, descer em profundidade. Assim, o método racional, por um simples erro psicológico, fica na superfície e jamais persuadiu realmente a ninguém. Deus armou a substância da verdade e protegeu-a do assalto e das armadilhas de todos os sistemas humanos, comunicando-a diretamente ao espírito ao qual fala e que o ouve e compreende muito bem, sem intermediários.

Outros viram, na condenação, uma ocasião para assoprar o

fogo, turbar as almas com a semente da rebelião e ficarem de lado. Aqui também o mundo lhe era contrário e ele se rebelou por todos os meios contra esta intervenção. Não lhe agradava aquele sistema das verdades particulares e antagônicas, rivais e agressivas. Não queria se tronar instrumento da psicologia do mundo. Também na defesa e na reação perturbavam-no aquelas realidades tão diversas da vida na qual manda o homem.

Sem distinguir de que ponto particular da psicologia humana, nem de qual das muitas divisões do pensamento humano lhe vinham os ataques, o fato era que a batalha estava travada, era contínua; o mundo se tronava seu inimigo e o assaltava cada vez mais profundamente. E desta vez os assaltos vinham dirigidos justamente contra os centros mais vitais do seu destino, ou seja, a explicação de sua missão. Era esta repudiada, negada totalmente. Nós, que havíamos seguido o desenvolvimento lógico do seu destino, podiam agora compreender que aquela negação significava paralisar cada valor o escopo de sua vida, dar-lhe a morte espiritual. A retratação significaria, para ele, aceitar a morte e ser cúmplice do próprio suicídio moral. A condenação era formal e ignorava estas coisas, que, no entanto, permaneciam. Ela se dirigia contra a sua fé, para a destruir, para atirar ao chão o produto de tanto trabalho e tanto sacrifício, para lhe tolher toda a esperança e subverter a significação de sua vida. Talvez tudo isto não tivesse nas intenções da condenação, mas estava, com certeza, nas suas conseqüências. Tinha o dever do respeito e aceitava a imposição do silêncio. Tudo estava tranqüilo na superfície, mas a preço de que destruições nas profundezas! Não lhe restava senão o recurso de se aturdir, já que não se podia anular.

Acreditara sincera e profundamente e estes resultados lhe demonstravam agora o absurdo de sua fé. Sentia-se traído em suas mais elevadas aspirações. O ataque do mundo conseguira destruí-lo. Para não ver sua fé vacilar e desmoronar, procurava aturdir-se, começando por quebrar a sua pena e renunciar a escrever, a compreender e a pensar. Não querendo se rebelar nem podendo se justificar, não lhe restava senão o caminho da própria destruição espiritual. Saberá ressurgir de tamanho desespero? Acreditara com tamanha

força que caminhava em direção a Cristo pela estrada do bem; e agora recebia este golpe dos homens com os quais devia estar em perfeito acordo sobre o caminho da ascensão espiritual! E este ataque chegava, agora que ele fora sacudido por tantas outras coisas, somando-se às suas já graves atribuições. Poderia a sua fé resistir a tanto? E ele invocava: "Meu Deus, por que me abandonaste?"

Que distância da filosofia fácil e feliz dos que tão facilmente se atiram à solução de seus problemas, afogando-os em qualquer gozo material! Diante do mundo unicamente ávido de prazeres, até parecia que ter uma alma, um ideal, era uma anormalidade. A sinceridade, a fé no superamento de todas as misérias terrestres - uma anomalia patológica! Rebelde à vida animal da terra, fora inexoravelmente isolado. As leis biológicas impeliam o homem ignorante à destruição da exceção, da emersão do pântano da mediocridade. O encontro era sempre entre ele e o homem, entre o espírito e a matéria. Sempre o mesmo desafio dele contra o mundo, não importa sob qual aspecto isso se apresentasse. Ele perdoava. Repetia aquele sublime, mas tremendo: "Perdoa-lhes, que eles não sabem o que fazem". Olhava os homens e perguntava: "Serão eles realmente culpáveis de não saberem emergir do plano animal, de que saberem superar as leis da realidade biológica?" E de sua parte, da parte do espírito, encontrava Cristo e a Cristo, desesperadamente, se agarrava. Esta união era toda a sua razão, justificativa e força. O mundo, imerso na luta pela vida, atentava também contra seu refúgio vital. Ele não condenava o homem, cego executor, através dos instintos, das leis da sua vida. Observava a batalha apocalíptica, que se travava entre o bem e o mal, como se fosse não espectador, mas ator. E perguntava a si mesmo: "Por que o encarniçamento da matéria contra o espírito? E por que tem de sofrer a sua hora de trevas e sentir o peso da derrota? Por que aqueles que se elevam mais alto devem atravessar a prova de ser atirados à lama como Cristo sob a cruz; devem ser expostos, inermes, ao assalto do que existe de mais baixo e devem saber resistir às mais ferozes tentativas da demolição? Por que Deus os permite, que significam na sua harmonia os atentados e este dever de resistência dos que estão mais avançados no caminho que vai até Ele? Por que o bem, em vez de ser encorajado, é perseguido? Por que o tormento do justo; por que a

condenação justamente de quem é reconhecido entre todos o melhor; por que a impotência da bondade diante da força, a debilidade do evoluído diante da bestialidade do involuído; por que a luta de todos contra todos? Por que a falência do ideal, a rebelião contra ele da parte do mundo que justamente o proclama e venera; por que o terrível trabalho do homem para subir, a luta dentro dele próprio para fugir do inferno e a necessidade de ficar e demorar? Por que o instinto do homem de fazer-se teoricamente um modelo superior para si mesmo e por que a sua impotência prática de realizá-lo?"

Ele se sobrepunha aos atores humanos do drama. Procurava a substância, a significação de tudo. Recordava o drama de Cristo sobre a cruz. Havia, então, uma lei de rebelião pela qual o inferior fareja o superamento que o ofende, que o castiga por sua incapacidade de subir, que o condena como uma derrota no seu dever de se elevar? E isso não lhe deixará outro desejo senão o de se revoltar contra o exemplo de seu maior dever, que ele não soube cumprir. Ou talvez seja o temor do inexplorado, o terror da dilaceração na certeza das velhas estradas; a resistência à vertigem avassaladora do ignoto e do novo; o ódio ao trabalho exaustivo; o instinto de conservação; o horror do vazio; o pavor da descontinuidade da certeza transformada em dúvida, que implica o tormento de encontrar uma nova certeza à custa do próprio risco e do próprio trabalho? É a rebelião das trevas contra a luz. É a luta que, contra o cérebro, está no ventre do mundo. Por que este drama? Por que a verdadeira bondade, a verdadeira superioridade intelectual e moral ofendem tão imperdoavelmente aqueles que a olham de baixo, por não sabê-la atingir? Por que a animalidade humana está tão convencida da própria importância, a ponto de não tolerar superamentos? Ah! Que luta! Que cansaço por haver ousado avançar! Ele sentia-se aterrorizado e desejava a morte. De que servia lutar? Não era contra os homens que lutava, mas contra as inexoráveis leis biológicas de que eles eram o inconsciente instrumento de execução. E como vencer as leis biológicas?

Por mais que se esquivasse aos aplausos do mundo, quem fosse além dos seus íntimos superamentos era acoimado de soberba. Tudo isto lhe era doloroso. A inevitável atitude de solitário não era perdoada. Difícil

vencer a repugnância pela descida até o nível da multidão e conseguir desembaraçar-se da posição especial que os outros definiam como soberba. Sentia a injustiça e o peso deste juízo e a tristeza do isolamento conseqüente. E não lhe vinha nenhum auxílio para encorajá-lo a suportar o árduo trabalho. Em meio ao terrível desbaratamento que o constringia à solidão dos incompreendidos, atentava-se também contra a última alegria que lhe restara - a consciência de sua posição, o íntimo sentido de sua função e missão.

E então, apresentou-se-lhe a nova posição em toda a sua crua nudez. Extinguiu-se-lhe nos olhos a doce miragem evangélica; caiu a venda do seu fascínio e percebeu em que infernal realidade de vida estava jogando. Compreendeu que nova e terrível experiência o esperava. Viviam no mundo; este era quem mandava e o seu reino vencia. Não mais a fuga. Tinha que viver no mundo, pertencer ao mundo, debater-se sob a sua inexorável lei. Tinha que descer ao inferno terrestre. Tratava-se de experiência inteiramente diferente da anterior, complementar e indispensável. Tratava-se de recomeçar e exame, sob nova luz, de todos os valores já conquistados e joeirá-los agora nesta prova de fogo. Estava demasiado exausto para resistir ainda a tudo e a todos. A maioria submergia-o. Ele estava só. Tudo o impelia para baixo: seu cansaço, o abandono do céu, os assaltos da terra. Luta, luta e um dia as forças do espírito abandonaram-no. De qualquer modo, não importava a que preço e com que meios - precisava sobreviver. O barco afundava. Era preciso aliviá-lo de tudo o que fosse dispensável. Quando a vida está em perigo, a natureza se apressa, para salvá-la, a demolir mesmo superestruturas. O edifício, com tanta dificuldade construído, desagregava-se. Era a hora das trevas. Para não morrer fisicamente tinha que reagir a todos os assaltos, com reação puramente humana necessária para sobreviver. As forças do destino chegavam agora em ondas violentas. Era preciso sofrer-las atravessá-las, superá-las antes de poder livrar-se delas. Lutar, rebelar-se era a lei do mundo e ele tinha que aceitar. Precipitando-se do céu luminoso ao palude tétrico, viu-se submergido até ao pescoço. Um feroz riso de escárnio o recebera. Aos seus olhos assombrados a vida aparecia no seu aspecto bestial e ele retomou o caminho com a coragem do desespero. Tornou-se normal. Então compreendeu e foi compreendido. Abandonou a convicção de

superioridade, de exceção, de missão; meteu-se na fila, na multidão, lado a lado com os outros e viveu a lei de todos. Sua vida degradou-se até ao plano animal comum e o espírito emudeceu. Por agora, o mundo o vencera-o.

XIX

NO INFERNO TERRESTRE

E então, uma dúvida atroz se apossou dele. Dúvida que o impeliu a engolfar-se em nova realidade da terra, antes negligenciada. Qual seria a lei que o condenava com tanta segurança e convicção? E, no dissídio entre ele e o mundo, não podia ser que fosse ele quem tivesse errado? Conheceria, em verdade, este mundo que sempre reprovava? Por que as coisas aconteciam de tal modo? Podia ser que o mundo tivesse boas razões e que houvesse nele uma lógica diferente, que ele não compreendia ainda, por não a conhecer. Que lógica seria essa, e por que seria assim? Havia ali em ação qualquer força ignorada, que escapara à conquista dos seus conhecimentos? Além das afirmações já experimentadas pela inteligência e pela bondade, poderiam existir afirmações diversas ainda não exploradas por ele? Quem teria razão: ele ou o mundo? Quem era superior? Se o mundo era sedento de prazeres materiais, não era ele sedento de prazeres espirituais? Se o mundo procurava fugir à dor com o gozo de seus sentidos, não procurava ele igualmente fugir à dor no gozo do espírito?

Começou, então, desde esse novo ponto de vista, a revisão de seus valores espirituais. O mundo cercara-o, assediara-o, penetrara-o, estava agora dentro dele e ele próprio continuava agora a obra do assalto, cumprindo a própria auto-destruição. Os fatos levavam-no a crer que toda a precedente direção de sua vida fora desbaratada e lhe era necessário, agora, uma direção inteiramente nova e que, uma vez começada, teria que seguir até o fundo. Como um culpado, seu espírito era chamado a prestar contas à razão prática, pelos seus sonhos e ideais. Queria ver que teria acontecido com estes, uma vez estraçalhados pelo inferno terrestre. As partes, se invertiam. Agora era o mundo, no qual ele tivera que cair, que com ele desafiava o Evangelho. Que teria este respondido? Que teria acontecido àqueles delicados sentimentos de bondade, perdão e amor transportados ao reino da força, onde o maior mérito está em saber rebelar-se e vencer. Se a lei do Evangelho, no céu, subverte as leis da terra, estas, na terra, subvertem aquela. Tornava-se, assim, arruinado o motivo fundamental de sua vida. Já não se tratava de olhar, do alto do céu, as misérias da terra; mas, destas, ver quanto o céu estava intangível e longínquo.

Era a hora de pôr em contato com a crua realidade aqueles ares de super-homem do espírito, que vai à cátedra para julgar e condenar o homem comum. Era a hora de encolher-se às suas medidas, responsabilizando-se pelas próprias desgraças e misérias. Era a hora de se tornar vil e desgraçado, humilde nulidade dos caminhos, despindo o orgulho de passados superamentos, deixando a aristocracia do pensamento e do sentimento que se reduzia, a isenções de privilegiados, por uma realidade em que havia necessidade de olhar face a face. Eis o que o mundo lhe dizia, agora que se tornara um deles: oferecia-lhe uma rude lição, em cuja brutalidade devia encontrar salutar lição de humildade. "Fica sob o jugo, conosco, se, em verdade, como dizes, somos todos irmãos segundo o Evangelho". Era isto que o mundo lhe dizia. A experiência era importante. Num retrocesso involutivo, devia perder as vantagens da liberação e arrostar todos os gravames da matéria. Então o que é mais importante: aperfeiçoar-se para fugir do mundo, voltando-lhe as costas, ou esquecer-se de si próprio, para imergir no mundo, suportando com os seus semelhantes as sua penas? Não tinha ele, livrando-se da riqueza, e aceitando o

trabalho comum como um dever, escolhido esse caminho? Provavelmente, a ascensão não pode ser completa sem a descida e o progresso se aprofunda e completa nos retrocessos.

A descida era terrível. Não tinha experimentado a lição da bondade e do ideal e não fora, pelo menos por agora, traído? Por que insistir na utopia do Evangelho, se tais eram os resultados? Talvez Cristo lhe tivesse sido grande ilusão de que o mundo não compartilhava e que insistia em reprová-lo, demonstrando-lhe a falsidade com seu oposto teor de vida. Aqui em baixo não tinha sentido o insensato amor por Cristo, a tola fé em Deus, o espírito de sacrifício na intenção de atingir, quem sabe quando, um céu longínquo e, por agora, inatingível. O mundo dava-lhe uma lição de senso prático e utilitário.

Por que andar em busca de resultados tão afastados, quando os havia mais próximos sobre a terra? Sem dúvida, pelo menos por agora, a experiência da bondade fracassara para ele. Isto levava-o a mergulhar na experiência da bondade e da força, na esperança de que estas não o traíssem, como o fizera o ideal. É provável que estas eram igualmente falazes, mas ele não as experimentara e, talvez por esta única razão, não fora traído ainda. Já realizara a experiência da inteligência e do coração. Não lhe faltava senão a experiência puramente humana e viril da vontade e da força. E assim entrava em nova fase de vida. Superada a prova da dor como instrumento de redenção (concessão altruísta feminina da vida), atirava-se agora à prova da luta como instrumento de conquista (concessão egoísta masculina da vida). A velha experiência trocava de natureza e se completava na outra, que era inversa e complementar. A aceitação passiva se transformava em ação viril. Por um momento, desprezou o aspecto negativo e passivo do ideal feito de sacrifício, de piedade, de bondade, de força, de luta, de conquista. Era uma descida do céu à terra, talvez útil para assegurar a sua posição.

Tinha, agora, que fazer suas não as leis do céu, mas as da terra, e aguardar os resultados. Tinha que realizar nova experiência, sabendo bem que esta não se pode fazer por intermédio de outros, mas somente com

meios, perigos e também resultados próprios. Precisava mudar. Não se tratava mais de ordem, de harmonia do divino, de amor ao próximo, de bondade e justiça; tinha que sair deste paradisíaco concerto e entrar num mundo caótico de luta e dissonâncias, de agressão e prepotências, onde o necessário não é coordenar-se, mas reagir e vencer impondo-se a tudo e a todos. Seria isto verdadeiramente diabólico e infernal, ou havia certa nobreza na ferocidade, certa justiça na força, certa respeitabilidade na baixeza?

Às vezes, parecia-lhe quase maravilhoso o novo ponto de vista. Havia, sem dúvida, admirável coragem no insignificante homem para ousar, sozinho, desafiar o caos e impor-se a ele, sem o conforto das harmonias divinas, de auxílio superior. Havia terrível coragem no franco reconhecimento de ser fera e de querer adaptar-se à lei das feras, com todos os riscos e perigos. Havia na inferioridade de grau evolutivo, na primitiva insensibilidade, na rudeza elementar - a potência do bloco de mármore ainda não esculpido e sempre, embora em germe e menos evidente, a mesma centelha de vida de Deus. Do ponto de vista da rude virilidade, a piedade e a bondade pareciam-lhe debilidade e incapacidade. Visto pelo homem da terra, atleta da força, aquele outro homem do ideal parecia abandonado e inconsciente, embora fosse um atleta do pensamento.

No entanto, aquele tipo de homem comum que ele tanto condenara, era perfeitamente equilibrado no seu ambiente terrestre, ao passo que ele não o era. Via que a natureza premiava com o sucesso a prepotência e a astúcia, garantia a vida aos que sabem usar a força para vencer. Via que, na prática, o triunfo pertence àqueles que destroem o inimigo; os que não sabem se defender e oferecem a outra face têm um fim brutal. Agora via o que o mundo é, não o que será e deveria ser. A lei que os fatos lhe mostravam não mandava ser bom e altruísta, mas forte e egoísta. Via uma natureza desapiedada que não socorre os fracos, antes os condena, e persegue-os para liquidá-los. O tipo que o mundo exaltava, o modelo que se apresentava como ideal a se imitar, é completamente diferente do modelo evangélico que adotara, para imitar Cristo.

Quando de sua experiência neste sentido, não fora compreendido; ao contrário, fora condenado. O mundo tratara-o como um imbecil, porque estava convencido de que o era. Via no mundo completa indiferença para tudo aquilo que não significasse vantagens imediatas para o próprio egoísmo; completa indiferença para com o sacrifício e o altruísmo, que só interessavam quando podiam trazer vantagens pessoais. Que importava aos outros se ele pudesse ser mesmo um gênio, um santo ou um mártir? Os seus semelhantes não podiam se interessar senão pelo rendimento prático e o seu valor era avaliado pela medida em que pudesse ser utilizado para vantagens dos outros. O super-homem é um fraco no campo humano; o supernormal é, por compensação de equilíbrio, condenado à miséria do anormal. O caminho de ideal é caminho de sacrifício e de martírio. O gênio é um inepto para a prática da vida. Compreende, onde os outros nada compreendem; mas em compensação não compreende nada onde os outros tudo compreendem. É insignificante onde os outros são tão exuberantes. Tudo isto nada importa ao homem comum, que apenas se interessa em descobrir qual o ponto fraco do tipo de exceção, para aí o ferir, para desfrutá-lo ou destruí-lo.

Via que a lei altruísta do Evangelho não era nesse mundo sentida como verdade senão pelos fracos, os quais, procurando proteção no altruísmo, dele esperam tudo. Não era sentida senão como mentira pelos fortes, para os quais o altruísmo dá prejuízos. Em suma, a terra não era lugar de paz, de segurança paradisíaca, como o Evangelho pregava, mas de grande miséria, onde urge a defesa e impera sem tréguas a lei desapiadada da luta de todos contra todos. Um ambiente em que se procura, se exalta, se adora a força. Bondade e justiça são refinamentos dos grandes senhores, são luxos criados para os anjos que estão no céu, não para os demônios que vivem na terra. Aqueles que dispõem de força usam-na para si mesmo; apenas os fracos em busca de auxílio se refugiam no Evangelho. E o Evangelho, feito para a ascensão humana em direção ao espírito, redundava em refúgio de inaptidões. O exército que o segue não passa de multidão à procura de acomodamentos parasitários e de evasão da inexorável e desapiadada justiça das leis biológicas. Se essa justiça é salutar para arrancar do refúgio todos os retardatários da evolução, todos os refratários ao

trabalho que o progresso impõe, todos os preguiçosos e ineptos que resistem à lei de seleção do mais forte, ele se perguntava que resultados antibiológicos, que seleção às avessas a lei evangélica acabaria por produzir, de tal modo alterada em sua aplicação, e de tal modo transplantada para o ambiente terrestre. Não era esta adaptação uma terrível vingança da terra contra o céu, não era a demonstração do absurdo da prática do ideal, uma traição contínua ao martírio de Cristo? E, se sobre a terra o Evangelho não podia existir senão assim alterado, de que servia havê-lo proclamado? Se estes eram os resultados práticos, não era uma aberração insistir nesse caminho? No entanto, não se podia negar que sobre a terra também havia uma lógica, embora terrível. Mas as duas lógicas - do céu e da terra - não podiam se encontrar senão fatalmente se invertendo, traindo-se e destruindo-se mutuamente.

Ele, que vivera a experiência da vitória da lógica do céu sobre a da terra, deveria viver a experiência inversa. Ao menos, agora, no mundo, esta segunda era uma realidade. Duas posições exclusivistas, inconciliavelmente contrárias. Cada uma das duas afirmativas, no seu absolutismo, implicava a completa negação da outra. E ambas investiam profundamente sobre o homem, que, para viver uma, tinha que necessariamente renegar a outra. E ele era tão irredutivelmente honesto e leal que não mais podia se adaptar à aviltação de um acomodamento.

Aqui estava, então, a terceira posição, cuidadosamente elaborada nos séculos, aninhada agora no centro da fé e bem armada de defesas - uma posição na qual se triunfava jogando com palavras, à força de prudentes silêncios sobre os princípios mais profundos, sofismado a consciência, refugiando-se nas formas, até pôr de acordo, ao menos em aparência, a terra com o céu.

Tinha-se a doce ilusão de se poder conquistar o céu sem se incomodar o corpo. Isto se formou por tácito consenso, tão profundamente instintivo que todos estavam de acordo sem o saber: uma convenção tão estável que se fixara em costume. O instinto da vida animal, o impulso das leis

biológicas adaptavam-se à subversão celeste, aceitando-a parcialmente, em parte repudiando-a e em parte reagindo contra ela. Resultava daí a formação de um tipo híbrido, nem animal nem anjo, em íntima contradição consigo mesmo. Compreendia como a medíocre natureza do homem comum podia se adaptar a essa vida de anfíbio. Talvez fosse a sua natural fase de transição na evolução. Revoltou-se contra isto. Queria continuar sendo ele mesmo, ainda na queda, e preferiu cair inteiramente, mantendo-se coerente. Detestava os sonolentos, os prudentes, os acomodaticios, as meias medidas. Queria um equilíbrio estável na terra, não um incerto esvoaçar sobre o pântano; queria afrontar com coragem o inferno terrestre, em vez de se colocar como indigno às portas do paraíso, Na terrível aventura, queria ser coerente e honesto. Seguia o seu instinto e a sua natureza. A fundamental retidão do seu caráter, a sua inadaptabilidade às combinações e à mentira, a sua revolta contra a vileza de pensar só no próprio interesse foram o fio que não se rompeu nunca e que ainda o mantém, mesmo nesta hora de trevas, ligado ao céu. O único fio que lhe permitiria, embora não previsse, tornar a subir.

XX

REVOLTA

Foi por este tempo que Nietzsche lhe falou no seu "Also Sprach Zarathustra12".

"Repara, ó meu amigo, na solidão!

Onde termina a solidão, aí começa o mercado.

Longe do mercado e da glória, tudo o que é grande se retrai.

Foge da solidão! Inumeráveis são os pequenos e os miseráveis. Salva-te da sua invisível vingança. Contra ti, todos eles desejam vingar-se.

Sim. Os vis são prudentes.

Pensam muito em ti na sua pequena alma - tu lhes deste motivo a suspeitas!

Punem-te por tua virtude. E no fundo não te perdoam senão teus erros.

O teu orgulho taciturno irrita-os. A sua miséria arde contra ti no desejo de uma vingança invisível.

Aquilo que em ti é grande não faz senão torná-los mais desejosos de fazer o mal".

Depois destes conselhos, Nietzsche punha a nu toda a sua revolta:

"Parece-me agora o mundo obra de um Deus sofredor e crucificado.

Aquele Deus que eu criara era a louca obra de um homem, como são todos os deuses.

Aquele outro mundo está muito bem fechado para os homens. Aquele mundo humano e desumano é um nada celeste; e o útero do ser não fala absolutamente ao homem.

Na verdade, é muito difícil provar que o Ser é; mais difícil fazê-lo falar.

Não escondas mais a cabeça na areia das coisas celestes, mas levanta-a com liberdade: uma cabeça terrestre que cria o sentido da terra.

A guerra e a coragem realizam coisas maiores que o amor do próximo".

Na sua descida involutiva, o nosso personagem ia-se habituando a esta outra orientação que lhe oferecia visão diferente e dava novo sabor às coisas.

Assim via os homens e a vida - não mais colocando-se no alto dos céus, mas da própria terra e, naturalmente, tudo lhe parecia diferente. No profundo de sua nova miséria, compreendeu que ia precisar de terrível coragem para viver assim sem Deus, sem a doce música espiritual do Evangelho, sem esperança, sem poder pedir auxílio, no meio de uma realidade impiedosa. Certamente, a figura de Lúcifer tinha sua grandeza e sua beleza, um Lúcifer revoltado que ousa, sozinho, desafiar o universo. Já não era o tempo dos doces sonhos. Era preciso dar-se aquela coragem amarga e terrível, de saber viver por si, entre cegos perdidos no universo. Não era homem para apiedar-se de si mesmo e pedir socorro. Preferia ir até o fundo, enfrentando o problema sem acomodamentos. Precisava fazer, com urgência, para si mesmo, uma filosofia objetivamente sólida que o orientasse na realidade. Precisava fundar outras bases objetivas para nova verdade que explicasse este mundo, uma verdade mais

resistente e concreta que a outra destruída, uma verdade que pudesse, afinal, não mais desmoronar. Fora desiludido; queria agora coisa segura, sólida - uma realidade de ferro, materializada em fatos, indiscutível, universal e sempre presente, sempre válida e aceita pelos seguidores de todas as verdades. E onde encontrá-la senão no mundo dos fatos, na realidade da vida? Só a verdade biológica representava, ao menos na terra, a linguagem universal, entendida por todos, permitindo entender-se, mesmo com os animais; uma verdade finalmente aceita por todos, verdadeira, sempre aplicada aos seres, vivida por todos, mesmo pelos que a ignoram, ou não crêem nela, ou a negam. Esta era, finalmente, a verdade do consenso unânime imposto pelas leis da vida. Era a indiscutível. Era preciso fazê-la contar pela voz dos fenômenos que a exprimem no ambiente terrestre. Só essa podia ter a solidez que apenas a aderência experimental à realidade pode dar. Só com esse método mais universal poderia medir tudo e explicar a conduta dos homens, religiosos ou ateus, de todos os homens, fossem quais fossem suas afirmações teóricas. Desejava compreender por quais razões biologicamente verdadeira tinha o homem, que ele agora observava, agido assim. As delicadas construções espirituais do céu não resistiram. E desta derrocada queria compensar-se com a conquista de solidez sobre a terra. Já que tinha de limitar seu campo, queria, ao menos, resultados seguros. E a terra tinha a ciência materialista, já orientada neste sentido, objetiva, experimental, concreta, utilitária. Sem mais imersões no imponderável, já agora negadas à sua cegueira, como à de seus semelhantes, a sua verdade não podia já ir além dos resultados oferecidos pela percepção dos sentidos. Tinha de se limitar a ouvir a voz dos fenômenos, para que estes lhe revelassem o próprio significado e com ele a verdade terrestre que continham, porque neles ela devia estar sempre presente. Devia agarrar-se às manifestações dos fenômenos e da vida, porque certamente elas exprimiam as suas leis. Podem existir, também, outras leis, mas esta é, sem dúvida, a lei do ambiente terrestre, a sua verdade. E encontrou a realidade biológica, impiedosa, bestial, lei de luta pela vida, de seleção dos mais fortes; encontrou-se diante dos instintos primordiais da animalidade, os motores elementares da existência: a fome, o amor, a evolução para a conservação individual, como para a conservação da espécie. Era uma verdade bem magra, esquematicamente animalesca, mas indiscutível. Certamente, era triste esta

mutação de quem reduz todo o seu ser à sua própria estrutura animal. Mas, não era esta a realidade da vida? Não era vão tentar a superestrutura do ideal? Não era essa a hora da degradação involutiva? Ele poderia ter-se retraído e permanecer no centro morto de seu espírito, ali se deixando extinguir sem reagir, em triste depressão e renúncia à vida. E em verdade, foi esta a primeira tendência de seu espírito, logo depois dos casos descritos. Viveu, depois dos golpes recebidos, um período de anulação que o teria levado à morte se não tivesse sobrevivido um irresistível instinto de vida. Tinha de reviver, senão mais no céu, ao menos sobre a terra, não importa se diferente. E seguir um período de renovação, mesmo em sentido inverso. Ao abatimento da morte seguiu-se, então, a reação da vida; à resignação do vencido, a revolta de Lúcifer. Tudo era lícito, menos renunciar à vida. Não era hora das virtudes passivas da paciência, mas das virtudes ativas da força. "Quero viver!" gritou ele. E sua vida foi um grito de revolta. Aliás, não tinha escolha. Se desejava sobreviver, não lhe restava outro caminho. Não era esta a hora das trevas? Portanto, coragem! Precisava suportar até o fim a prova da animalização. Quem iniciara este suicídio espiritual? quem o provocara? Ele procurara-o, ou desejava-o? Tudo estava disperso, condenado, repellido - tudo o que era o melhor de sua alma e que ele dera pelo bem.

Suas intenções tinham sido alteradas; os seus livros, acusados; a voz mais alta e verdadeira de sua vida fora negada e sufocada. Semeara sobre terra envenenada; atirara seus trabalhos, suas dores, seu sangue, na lama. Não podia mais. Não lhe era possível deter as conseqüências, impedir as reações. Desenvolvia-se nele um drama terrível, superior às suas forças, drama do qual ninguém se ocupava, ninguém via e no qual ele morria. Um turbilhão gigantesco arrastava-o, mais forte que sua vontade e sua resistência.

Que o mundo era inimigo, ele o sabia; mas que Deus o abandonasse assim, quando estava naquela exaustão e sozinho! Não possuir forças para se voltar para Ele, não poder salvar-se - isto estava acima da sua compreensão e das suas forças. A suprema ironia do mal vitorioso ria-se em torno dele, enquanto se desmoronavam as ruínas do edifício espiritual

construído com tanto trabalho e tantos anos de sacrifício. O último foi de vida gritava: "Quero viver! Não posso morrer!" Este era o delito de sua revolta. Com certeza Deus, sempre presente, observa, vigilante, o fundo destes desesperos. Mas ele não o sabia. Se o inferno existisse sem a sensação de Deus, que inferno seria!

Jamais se procura tanto a Deus do que quando se está perdido; jamais Ele é tão afirmado, do que quando é negado; jamais está tão presente, do que quando parece ausente.

Aprofundou-se lentamente, por sucessivas demolições, enquanto Cristo ficava longe de suas sensações, na glória dos Seus céus. Ao contato da dura realidade humana, as passadas visões tinham-se pulverizado. No seu novo estado, perguntava se verdadeiramente elas tinham existido, se não teriam sido unicamente criações de sua fé. Assombrara-o o súbito abandono do alto, a inesperada cegueira e a observação de que, quando já não tivera forças para subir até Deus pela própria tensão da fé, Deus desaparecera de suas sensações. Perguntava a si mesmo: "Se os caminhos da fé podem assim fechar-se, se tais realidades estão na dependência do meu estado nervoso, da minha capacidade de percepção, existirão elas objetivamente ou são as condições que as criam? E quando a minha força de percepção vem faltar elas logo desaparecem, que valor probatório pode ter uma realidade experimental que a cada momento está sujeita a desaparecer? Naturalmente, não são os nossos sentidos, os objetos que percebemos, mas é certo que sem esses sentidos, os objetos, ao menos para nós, não existem e a dúvida, nesses momentos, é a justificada. Tratando-se de coisas menos garantidas do que habitualmente, menos valorizadas pela experiência de todos, a dúvida é mais plausível". E concluía: "A fé é uma ilusão ótica pela qual vemos como reais as projeções das criações de nosso pensamento. As verdades estão em nós e não fora de nós. Por isso, existe aquilo em que cremos, mas apenas porque acreditamos. Os conceitos em si não existem; são vibrações de pensamento no cérebro humano. Os ideais não existem: há pessoas que acreditam neles. O homem realiza inutilmente o esforço de criar com a fé uma realidade diversa da horrível realidade da terra, porque o projeto de

construção que ele antecipa com sua fantasia, o modelo em torno do qual trabalha, é tão alto e inacessível, tão cercado de obstáculos da resistência da terra rebelde, que não se realiza nunca. Na prática, nada cria, nada move".

Uma dúvida o atormentava sobretudo, natural consequência do seu novo ponto de vista: a sublime utopia do Evangelho é aplicável na terra, ou ter-se-ia enganado, sacrificado inutilmente a sua vida e teria, talvez, de recomeçar do princípio? O problema não interessava a ele somente, mas tinha um âmbito muito mais vasto. Por que o irreduzível contraste entre o Evangelho e os instintos animais do homem, expresso nas leis biológicas? Será o Evangelho antibiológico? Como se poderá pretender que a lei do céu seja aplicável na terra, onde existe a matéria humana e não o espírito angélico, onde os instintos, o corpo, as exigências do ambiente, as leis da vida, tudo é tão diverso? O mundo guiava-se por outra tábua de valores, por cima da qual está a força, ante a qual todos se prostram e que tem o seu decálogo, no qual é condenada a resignação, a miséria dos fracos e é exaltada a revolta, virtude dos fortes. Condena-se a fraqueza, pecado capital e condena-se o Evangelho, refúgio dos vencidos... A paciência e o perdão são tolices supremas... Os dois mundos tinham cada um o seu sistema completo, que se contradizem. Ele perguntava se os ideais espirituais não seriam antibiológicos, antivitais, um verdadeiro suicídio no plano animal; se seria absurda e impossível a pretensão de os realizar no ambiente terrestre e se não seria suprema utopia a tentativa de transplantar a ordem de valores, construídos para o céu, a um ambiente criado para a terra. Não faltava claro a inconciliabilidade congênita, a revolta da matéria contra o espírito? Não lhe mostrava a realidade prática que, em lugar de se compreenderem e fundirem, os dois princípios lutavam para excluírem-se? Tudo lhe dizia que o Evangelho é uma linda, mas irrealizável utopia.

A tal ponto descera no mundo, que assumia e fazia sua toda aquela psicologia. Só assim poderia compreendê-lo, metendo-se antes de tudo, na sua posição, no seu ponto de vista, que justificava seus atos e considerações. Precisava viver no mundo, com o mundo, tornar-se mundo. Sua posição atual tinha uma lógica impiedosa que, em consequência dos últimos acontecimentos,

não podia ser diversa. De resto, essa lógica seria a mesma que, prolongando-se inexoravelmente, deveria, mais tarde, salvá-lo. Ele podia ser tudo, menos um preguiçoso inerte e hipócrita. Era o tipo indômito no espírito. Esse tipo não se pode imobilizar. Poderá ceder, mas não renunciará à própria atividade. Não era um homem de acomodações, já o dissemos, nem para se conformar a vegetar. Já vimos que o céu lhe fora fechado por muitas forças contrárias e convergentes para aquele resultado. Não lhe restava, para sobreviver, outra escolha senão seguir a experiência do mundo - ou seja, a da força e da vontade.

Dada a derrocada imprevista de suas superconstruções espirituais, a sua reação tinha de ser, por força, inferior. Importava que ele trouxesse em si mesmo o princípio da reação, que é o princípio da vida, aquele que faz o homem vencer no plano da matéria como no plano do espírito. Os que possuem este princípio de vida sempre se salvam e isto é uma riqueza de recursos, uma potência congênita que supera os vagalhões da tempestade e guia ao sucesso. Vale mais uma alma pronta e ativa do que cem almas inertes. A primeira cairá em todas as crises, de que as segundas sentirão o dever de se escandalizarem, mas se salvará. As outras, com suas práticas metódicas, permanecerão no pântano onde o espírito morre. As almas ardentes, feitas de tempestade, se têm os grandes vícios e as grandes fraquezas, têm também os grandes recursos. E se são capazes de muito pecar, são capazes, também, de muito amar e muito subir.

A primeira reação, dirigida ao plano inferior muito escandalizou os métodos bem-pensantes, mas foi para ele o meio de alcançar a segunda reação, de que aqueles jamais seriam capazes. E esta o salvou, reconduzindo-o ao bem, muito mais alto do que antes.

O destino prepara-lhe essa prova, que era de novo gênero, e ele aceitou-a, como aceitara todas as outras. E não só aceitou, como utilizou-a. Encontrou ocasião de observar este mundo, para compreender-lhe bem a estrutura, estando dentro dele, depois de o haver observado sempre de longe. E ele, que sempre figurara como um fracassado, procurava, por instinto, o pontos

débeis para vencê-lo, já agora com maior competência. Assim, aquele mal se transformaria em bem. Se as adversidades o prostravam, nem por isso ele se transformara em outro. O tipo de um homem não pode ser profundamente mudado por circunstâncias exteriores. O tipo não se destrói. E já que, por agora, não podia viver segundo a lei do céu, ele se enquadrava na lei do mundo, para ver se assim lhe seria possível viver. Se o sistema precedente havia dado tão tristes resultados, não lhe restava senão modificá-lo. E concluía que a vida, embora horrorosa pelas adversidades e pesada pelos trabalhos, superamentos e provas, é sempre uma experiência muito interessante. Embora brutal, sempre era digna de ser vivida. E já que era necessário entrar no mundo onde não existia piedade para os fracos, mesmo mártires, e onde a revolta é condição de vida, o seu grito foi: "Rebelião".

Colocado no mundo, olhava agora todas as coisas com um senso diverso e tornava a fazer, de um ponto de vista prático, a pergunta: Seria o Evangelho antibiológico? A ação das religiões, julgadas através da realidade biológica, parecia-lhe desastrosa. A realidade biológica deseja a seleção do mais inteligente, ativo e forte em todos os campos. Ora, o princípio religioso da bondade, que na origem tinha uma sadia função biológica, criadora de coesão social, transformara-se, à força de desvios, acomodações e, digamos mesmo, traições humanas, num sistema protetor que, possibilitava o pacífico crescimento dos ineptos, dos fracos, dos parasitas. Olhava tristemente o lânguido exército, a tépida corte de seguidores que a chama original dos mártires, por eles também imolados, não conseguia mais agitar nem inflamar. Praticado na terra, qual melancólico sonho, esse reino dos céus foi falsificado para enquadramento de débeis acomodados. Repugnava-lhe a virtude mutilada da ação e reduzida ao negativo; a bondade abastardada; a indolência; a religião transformada em sinecura hereditária. À sombra protetora daquela bondade se conseguira suprimir o trabalho da luta, que é a base do progresso da vida, e se pudera operar uma seleção inversa. Assim modificadas, as religiões invertiam suas funções e resultados. E ele perguntava a que criação do estranho tipo biológico se chegaria depois de algum tempo, se se continuasse nesse caminho. Afligia-se ao ver tão poderosas forças espirituais, assim falseadas, falirem e

deformarem-se até se tornarem o oposto do que deveriam ser. Só a salutar reação das leis biológicas, inferiores e condenadas, poderia sustar esse adormecimento, desalojar os parasitas, agitar o lodo, para evitar a putrefação.

Tentara falar, mas a sua voz, perturbadora dos adormecidos, fora sufocada. A palavra estava, agora, com as leis da vida. Pois que é absurdo tentar matá-las com a preguiça. A vida sabe se defender e insurgir-se; solta seu brado de guerra, que afasta as incrustações antivitais que sufocam o progresso. A esta lei sujeitam-se todos os que vivem sobre a terra. Quando o espírito trai a sua missão e se degrada no ócio, então as leis inferiores da terra são chamadas para lhe dar uma salutar lição. Então, a terra é mobilizada para despertar, com a dor, o apetite das coisas do céu. Quando o espírito se afoga na forma e a religião é um convite para vegetar; quando se exalta a obediência para que seja mais fácil o comando do homem sobre o rebanho - são sem dúvidas salutares todas as tempestades que sacodem os ângulos mortos da vida e trazem tudo à luz da luta, à luz do sol. Então, o espírito que renunciou à sua supremacia verdadeira, não conseguindo libertar-se das leis da terra, a esta se liga, colocando-se em seu nível, indefeso diante da lei do mundo, que o macera até à sua primitiva pureza.

Nessas comprovações, ele encontrava a explicação da inconciliabilidade prática entre a lei do céu e as leis da terra. Se o Evangelho era elevado demais para ser aplicado ao mundo, o mundo estava baixo demais para ser erguido até o Evangelho. Compreendia o homem e compadecia-se dele. Como pretender que este superasse as leis biológicas? No mundo, a luta salutar e esclarecedora adoece na preguiça; a coragem tem a sua sombra na astúcia; cada virtude tem uma irresistível tendência para enfraquecer.

Ao lado do triunfo do vencedor está a miséria do vencido. É natural, por isso, o parasitismo e a busca das posições protetoras. É natural a presença dos fracos e é natural que, na luta sem tréguas de todos contra todos sobre a terra, a miséria se refugie onde puder, inclusive nas religiões. Como se poderá pretender aplicar a tais seres a lei dos santos, dos super-homens heróicos? Que se poderá conseguir de uma tal aplicação, senão adaptações, seres

híbridos, naturezas contorcidas, mentiras? Como poderá a massa fornecer certos heróicos superamentos, como se poderão pedir certos sacrifícios supremos a quem não é forte e maduro? Como pretender que num mundo onde tudo é ataque e defesa, a piedade não venha a ser utilizada como elemento de defesa.

Todavia em meio a tantos contrastes, contrafações e traições ele não podia deixar de admirar a sublime ingenuidade e a coragem do espírito que, descendo do céu, pretendia, inerme, desdenhando os meios humanos, impor-se a este mundo infernal de força e de miséria; não podia deixar de admirar aquele espírito tanto mais que, muitas vezes com tão estranhos meios, conseguira vencer. Haveria pois, no espírito, uma arma, uma força secreta, um método de luta que, apesar de tudo, lhe permitia vencer? E como o mundo, mestre nas lutas, não percebera o novo meio de lutar? Fazia tais perguntas, agora que estava no mundo, e assumia seus pontos de vista, suas dúvidas e suas incertezas. Agora, que estava no mundo gostava de revirar a face da verdade que já conhecia para contemplar o lado oposto. Com isto exercia controle sobre si mesmo, conseguia um equilíbrio mais seguro e consciente, de modo que a sua nova verdade fosse para sempre temperada e fortalecida pela vitória sobre todas as tempestades. Nesta revisão e nestes contrastes, não encontrava contradições nem renegações, mas um cumprimento de um dever - o dever de continuar a vida a qualquer preço, de consolidar, se possível, a sua posição, tornando a encontrar o Eu mais profundo de si mesmo. O dever de corrigir eventuais excessos e de compensar concessões eventualmente unilaterais, com outras, tomadas do ponto de vista oposto. Sua natureza era muito rica de valores espirituais para que um contato com o mundo pudesse apagá-las e substituí-las. Momentâneo admirador de Nietzsche, não cairia no trágico epílogo: a louca exaltação do super-homem ao qual fugiram todas as verdades. Nada desta unilateralidade havia em sua natureza rica de contrastes, pronta a perceber todos os aspectos das coisas.

Algo aprendia agora, abrindo os olhos para a realidade humana do mundo. Aprendia que, onde tudo é luta, é natural que a força tome

para si todas as coisas, e que o Evangelho seja considerado como verdade pelos fracos que nele se amparam e como mentira pelos fortes que o repudiam. Aprendia que o tão condenado egoísmo é necessário e que o altruísmo, tão exaltado, é individualmente uma utopia e um prejuízo. Compreendia que as virtudes são coisas para serem recomendadas e exigidas do próximo, pois constituem um ótimo meio de submetê-lo e explorá-lo, mas não são as coisas que se pratiquem, porque só trazem sofrimento e limitação. Compreendia a utilidade da astúcia, do apego aos bens, da elasticidade de consciência, do ataque e da defesa. Aprendia que aquilo que se exalta em público é apenas uma atitude, a qual, como o louvor, procura-se compensar e mesmo incitar, enquanto traz utilidade. Compreendia agora muitos embustes, o jogo dos bastidores e muito do mecanismo secreto da vida social, tão agradável, vista de fora, com sua distinta aparência. Persuadira-se também que é idiotice iludir-se com esta realidade infernal. Que em verdade, aqui em baixo, Deus está longe, tão longe que não se pode ver. Sua ação custa tanto para se mostrar no fundo destas trevas que, praticamente, é como se Deus não existisse e assim se explica como tantos podem viver como se Deus nada fosse. A cada passo, neste mundo a matéria nega o espírito, a terra é vitoriosa sobre o céu, a experiência é contra a fé, a realidade esmaga o ideal. Que lhe pedia o mundo? Além da mentira das palavras, que coisa, realmente, lhe pediam todos? Que ganhasse riquezas e as acumulasse, porque só o rico é respeitável. Ser besta de carga, ávida e impiedosa; ser máquina de fabricar dinheiro. A gente só compreende e admite o triunfo sobre a terra. Os triunfos do céu não se vêem, não se compreendem, nem se admitem. São sonhos de exaltados. Enquanto ele se consumia em tais afirmações, era um ocioso; enquanto não dava provas de saber vencer no mundo, obtendo o sucesso por qualquer meio, era um imbecil. No fundo, diziam-lhe que atirasse fora do supérfluo, demolisse o espírito, se tornasse normal, entrasse na fila, se tornasse homem do tipo em série, como os outros que vivem na terra e não no céu. Enquanto ele não tivesse adquirido todos os defeitos, as culpas, as fraquezas, as baixezas humanas - seria visto como suspeito. A tentativa de evasão, não se podia admitir e gerava desconfiança. Isso não era fraternidade na miséria, mas declaração de superioridade e desafio. Era pretensão de estar subordinado a outra lei, para se eximir da lei de todos, era

soberba imperdoável e ofensiva soberba. Para ser compreendido, admitido e tolerado no mundo, tinha que fazer suas as leis da terra, onde a revolta é virtude; devia operar um processo inverso àquele já realizado na ascensão mística: o processo de bestialização.

XXI

A TRAIÇÃO DE JUDAS

Por um ano viveu este drama, fazendo seu drama do mundo. Tentara a arriscada aventura por uma questão de lógica excessiva, mas em plena consciência. Recordava o passado e sentia que ele não podia estar completamente destruído. Não compreendia ainda como poderia ressurgir. Sentia que agora, com respeito ao céu, estava cego e que seu espírito se dirigia para outros pontos. Compreendia e perdoava ao mundo muitas coisas. Trocara de posição; pretendia, porém, arar mais fundo no sulco da vida. Sofria e trabalhava com o espírito. Seu sofrimento era mais fundo e mais maduro. A descida aos estratos inferiores da evolução, de onde sempre emerge a vida que ascende, se o embrutecia, também o fortalecia, alimentava o seu ideal, robustecia-o na escola da luta, reforçava-o ao contato com a força, muitas de

suas ingenuidades e de suas simplicidades caíam. Achava que o homem nem sempre era mau e nunca o era pelo prazer de fazer o mal pelo mal. O mundo dera-lhe respostas rudes, impiedosas, mas razoáveis e honestas. Havendo necessidade e dever de viver, ao que se pode agarrar a conservação individual senão ao próprio egoísmo, desde que o altruísmo não passa de retórica? Portanto, o egoísmo é necessário para completar o dever de viver, logo, não é culpa - é dever. Inicial no mundo a aplicação individual e integral do Evangelho é caminhar para a morte certa. Como se pode viver em oposição ao ambiente e em contínua revolta à lei dominante? A ferocidade dos outros impõe a ferocidade própria. O reino do Evangelho não pode ser senão uma conquista coletiva. Os pioneiros isolados não podem fazer mais que ficar despedaçados. Com isto justificava-se a si mesmo por sua queda, mas procurava também justificar o mundo pelo delito de não ter, depois de vinte séculos, aplicado quase nada do programa de Cristo. Assim compreendia como o belo sonho do céu tivesse permanecido estéril para a massa, justamente porque, dado o estado de coisas humanas, aquele sonho seria integralmente irrealizável. O homem normal não é, certamente, o herói possuidor de força sobre-humana, em especial se tomado isoladamente, para erguer a pesada lei da matéria até os rarefeitos planos do espírito; a lei da justiça biológica, que é a do mais forte, para a transformar na lei da justiça evangélica, que é o Bem comum. E estas leis, naturalmente fortes na ação, não se deixam anular. Onde a conservação individual está presa ao egoísmo, o altruísmo é absurdo e impraticável. É bem árduo querer fazer um acordo entre o Evangelho antibiológico e a vida terrestre antievangélica. Se o Evangelho for a lei do futuro, isso não impede as condições irreconciliáveis do presente. Por isso, Renan, em sua Vida de Cristo, pôde dizer que "o ideal, bem no fundo, é sempre uma utopia". E Platão disse: "Sem loucura não haveria nada de belo e de grande no mundo".

Cristo bem compreendera que o acordo não seria fácil, tanto que o seu Evangelho toma uma posição clara: é desafio permanente ao mundo, inconciliável inimigo... Jamais foi declarada uma guerra mais terrível e profunda, sem possibilidades de paz, como essa movida por Cristo sob a amorável forma de suas boas-novas. Neste encontro entre o céu e a terra, entre o

espírito e a matéria, entre o bem e o mal, entre o Evangelho e o mundo; deste titânico embate Cristo e Judas são dois protagonistas, os representantes das duas leis e das duas vidas que demonstram o assalto das potências contrárias em forma de drama vivido. Tratava-se de duas leis inimigas e a luta era inevitável, o encontro fatal. E a relação é a mesma do caso atual. Quem vencerá? Quem está com a razão?

Cada um dos antagonistas tem os seus recursos, as suas armas, a sua lógica, a sua justificação. Judas, em seu plano, é uma força, representa uma psicologia, uma lei, e, em certo sentido, um direito. E daí, a sua capacidade de agir. O drama é todo baseado na posição inversa do ponto de partida. Judas via as coisas do ponto de vista da terra e Cristo, do ponto de vista do céu. Partindo desta base, é lógico que Judas se considere traído por Cristo, tanto quanto Cristo se poderia considerar traído por Judas. Se as metas eram opostas, era fatal o encontro das forças e a tragédia da traição. Judas aspirava a uma grandeza terrena e por isso seguia Cristo. Quando percebeu que o Mestre não trazia senão bens espirituais, quando descobriu que a grandeza que se poderia esperar de Cristo não era terrena, mas apenas celeste, então Judas se desiludiu e, na sua lógica, sentiu-se no direito de se considerar traído e, portanto, de se vingar, restituindo a traição recebida. Esta é a psicologia do mundo, que deseja alcançar os seus fins e não admite outros. A base da traição é esta anteposição de uma finalidade a outra e esta diferente valorização das coisas. Se o mundo compreendesse o maior valor do céu, seria absurdo, para ele, continuar a olhar para a terra. Mas não o compreende porque ainda é involuído, está no plano animal, é o bruto que espera sua redenção.

Aí está o drama da terra, que cumpre a sua lei. Cristo foi, em verdade, crucificado. Mas alcançada a meta, as coisas se transformam. Judas mesmo, a besta cega, compreende que sob os despojos do homem que ele acreditava haver morrido, há um outro ser, que não está morto, mas que vive sob uma lei muito diversa, que lhe dá o triunfo. Judas percebe que a terra, que para ele era tudo, não era para Cristo senão um lugar estranho, como se Cristo tivesse outra pátria e fosse de outra raça. Ante esta descoberta, Judas ficou

atordado. Viu o Crucificado na ignomínia triunfar na glória. E esta transformação misteriosa apavora-o. Vê que Cristo, com a morte, realizou totalmente o seu sonho e que ele, Judas, ficou abandonado no fundo, porque o verdadeiro traído e vencido é ele, transformado em instrumento cego nas mãos de quem desejara trair. Ele, Judas, sem o compreender, representara naquela paixão a parte pior e fora um dos fatores fundamentais e necessários para que chegasse o triunfo agora concluído. Primeiramente, traíra, mas vencendo a seu modo. Depois, fora derrotado. Não fizera dano senão a si mesmo e daí o seu desespero suicida. A sua lógica é férrea até ao fim e isto demonstra que, tal qual ele era dado o seu tipo como premissa, a conclusão era fatal, tanto mais que a sua vontade livre, dando um impulso suplementar à vontade fundamental do seu temperamento, revalidara-a e reforçara de tal modo que o arrastaria até ao fim. Arreperder-se teria significado mudar de rota, trocar de natureza, entender o valor do céu - o que ele jamais compreendera, e não sabia absolutamente compreender. Ao contrário, ávido como era, procuraria salvar qualquer coisa e conhecia os caminhos para isso, porque Cristo sempre lhe dera o exemplo do perdão. Eis o resultado de tal jogo de forças. No fundo, porém, o dominador foi Cristo, que compreendia Judas, ao passo que Judas não compreendia Cristo. Isto mostra que Deus domina o mal repassando-o e apertando-o nos confins do bem. Livre, Judas estava entregue aos impulsos do seu tipo, a um destino "seu", que continha os germes que se deveriam desenvolver e foi, tal como era, utilizado. Mas houve um momento de livre arbítrio, de hesitação, no qual Judas vacilou. Por um átimo, a paixão de Cristo dependeu dele. Um átimo de liberdade, suficiente para estabelecer a responsabilidade, mas não capaz de suspender a paixão, pois que naquele fermento de povo de traidores em breve haveria uma fileira deles.

No fundo, está é a posição da terra perante o céu. Judas é a voz da terra que acusa e mata; Cristo é a voz do céu que vence, mas depois da morte, isto é, depois que as forças interiores foram libertadas para alcançar sua finalidade. Estranha vitória, para a terra que não o compreende. A lei da terra é a lei de curto alcance, de realizações próximas e pequenas. A lei do céu é, ao contrário, de realizações afastadas e vastas, tanto que há tempo até para o

abandono de Deus. O mundo desempenha a parte ignorante, do pressuroso logrado. Realiza depressa, mas de forma instável, quando não é pura ilusão. O céu vai sem pressa, seguro através dos insucessos momentâneos, lento porque profundo. O mundo acredita ter vencido, mas perdeu; o alvo que pensa ter alcançado lhe escapa das mãos e a vitória se esboroa. É esta uma característica dos métodos satânicos: a instabilidade do equilíbrio e a precariedade dos resultados. Trata-se de um método de construir que não se rege por si, baseado na força; assim que esta o abandona, ele desmorona. Trata-se de um método desarmônico, isto é, isolado do funcionamento orgânico do universo; método do egoísmo, isolado do amor universal; uma dissonância que faz centro em si mesma em vez de ter como centro Deus que é a harmonia universal.

A terra parece em ruínas, no céu; o céu parece em ruínas, na terra. Ambos se renegam reciprocamente. O céu, na terra, não pode existir senão como negação da terra; só será positivo quando no próprio céu. Aqui ele tem que se submeter à reação, à vingança das forças humanas. A terra é o campo de batalha onde as duas forças se encontram. Primeiro vence a terra. Quem desce a ela, tem que sofrer esta prova. Aqui o céu está em casa alheia; deve se submeter às leis locais e aceitar os erros que lhe são impostos. No entanto, ele triunfa, não na terra onde desfaleceu; a compensação realiza-se no céu do qual a terra não percebe senão um reflexo. A grande luta da humanidade está nesta invasão apocalíptica que o céu deseja operar na terra e contra a terra, luta que se chama redenção. Os grandes campeões desta batalha são os santos. Por estas poucas palavras se vê quanto o problema de sua afirmação é mais complexo do que parece nas ingênuas e simplistas narrações de suas vidas.

Parece grande pretensão querer vir praticar na terra a lei do céu; adaptar ao homem comum esse manto feito para espáduas muito diferentes. Se há seres superiores que aqui descem, como vindos de um outro mundo e de uma outra raça, eles devem ser aprisionados, ao menos enquanto estão vivos, por esta realidade humana. Eles não a ignoram; ao contrário, devem sofrê-la. Superam-na, mas devem atravessá-la. O nosso personagem aplicava tudo isto a ele próprio. A sua fuga, afinal fora apenas uma tentativa de evasão.

Mas, fugir é um luxo para os grandes senhores do espírito, um direito apenas dos mártires. Não estava ainda maduro e não podia fugir. Era e devia ser ainda inexoravelmente prisioneiro da realidade humana. A nossa vontade pode alguma coisa dentro dos limites dados da estrutura e posição daquele organismo de forças em ação e desenvolvimento que é o destino. Não se pode fazer tudo totalmente só pela vontade; de outro modo, adeus ordem do universo. O santo não se improvisa. E o martírio não se fabrica por vontade própria - seria um suicídio. Certos epílogos rápidos e gloriosos presumem uma preparação profunda e orgânica, a maturação de um destino: são a conclusão de uma vida e não de seus ensinamentos. Por isso podem ser rápidos.

Ele se perguntava por que razão e por que justiça a paixão de Cristo - e não era o único caso - pudera se exaurir numa labareda violenta de poucas horas, ao passo que seus sofrimentos e de tantos outros simples mortais, duravam mais de meio século. A razão é que Cristo concluía, ao passo que ele e os outros estavam começando e um incêndio não pode lavrar como lavra um estilicídio¹³ cotidiano.

Por isso, não lhe tinham chegado ainda os meios para se sacrificar por sua idéia. No entusiasmo da primeira hora, se os meios se tivessem apresentado ele os teria aceito. Mas é raro que a imitação de Cristo se possa fazer na terra de forma tão rápida. E então, não sendo possível manter longamente certas tensões heróicas, nem o esforço de certas posições de projeção para fora da terra, em direção ao céu, nem lhe tendo sido dada a possibilidade de sair por meio da morte - pois que certas atitudes arriscadas não se poderiam resolver de outro modo - ele tivera que se precipitar. O desenvolvimento dos germes teria fatalmente recommençado mas por agora era preciso impedi-lo. Certos heroísmos, já completamente aquecidos por sua chama inicial, não resistem na terra, não se podem prolongar definitivamente. O ideal não se pode manter abrasado num indivíduo por mais de meio século, porque queima o organismo, e para se alimentar precisa de combustível do sucesso ou de reações que excitam a vida.

A astúcia moderna, que compreendeu isto, já não comete o

grosseiro erro de exaltar um homem e valorizar sua idéia só pela força da perseguição. Não comete o erro de criar o mártir, que nas fileiras alheias será sempre um maravilhoso estandarte, uma força criadora que o inimigo não se cansará de aproveitar em proveito próprio e contra os outros. Hoje evita-se perseguir abertamente, porque isto seria criar mártires e dar força ao inimigo. Prefere-se destruir em silêncio. Assim o ideal se extinguiria em suas mãos, como aconteceria a qualquer um que se tivesse encontrado em suas condições e, como ele, não tivesse merecido a solução rápida e conclusiva.

A civilização moderna, voz da terra, tem um sistema muito seu para sufocar o espírito. Não o combate frente a frente; não o nega, mas observa-o. Não lhe diz: "Tu não existes", porque isto seria um reconhecimento do direito à defesa. Diz-lhe: "Eu existo, apenas eu", e assim o suprime sem o matar. Aturde-o com os rumores externos, com distrações contínuas, com o dinamismo mecânico e vazio que lhe dá a ilusão de fazê-lo viver, mas que em verdade o deixa morrer. Rouba-lhe cada minuto do tempo que ele tem para refletir, para se encontrar a si mesmo. Arranca-o da solidão para atirá-lo no vórtice das metrópoles. Não lhe dá tréguas. E a vida exterior exige, de fato, toda a nossa atenção. Não nos podemos deter nas margens. Nos raros momentos de paz percebemos que há dentro de nós um estranho descontentamento, uma insatisfação amarga, um vazio e uma fome, uma tristeza que a civilização não admite porque não tem meio algum para a curar. O mundo desistiu de se opuser deste problemas do espírito, tão importantes em épocas que hoje se chamam de primitivas, atrasadas. Parece que o homem perdeu completamente o sentido das coisas espirituais, tanto que nem mesmo as discute e nada se preocupa com elas. Esta é a solução mais radical, ou seja, a supressão do problema, a extirpação das qualidades necessárias para o enfrentar. O mundo preocupa-se com outras coisas. O seu gênio construiu a máquina e agora está certo de que com ela ganhou mais um escravo que lhe torna mais cômoda a vida. E a máquina é quem manda e se faz servir. O homem criou a máquina, mas não criou ainda o juízo para servir-se dela, o que é muito mais difícil. E corre, freqüentemente só por correr, para servir à máquina que corre.

O homem hoje se preocupa com a situação das massas. Os problemas individuais e aristocráticos não mais interessam. Hoje a evolução é em superfície e a consequência natural é que se tenha de renunciar a evoluir em profundidade. O fermento do progresso não ataca somente alguns pioneiros; ataca a massa enorme dos povos. É um movimento vasto e superficial. A civilização está em grande desenvolvimento e seria grave erro ignorar-lhe a importância. Trata-se de um grande trabalho social dirigido a grandes fins coletivos e que merece todo o respeito. Isso não se pode considerar senão como um rumor oceânico de fundo. Diante da maré enchente de massas humanas deve ser lícita a sobrevivência, embora isolada e por exceção, de indivíduos que se fizeram por si e que pensam por si. E este livro não é senão a história de um aristocrata do espírito, de um solitário que se rebela contra todas as correntes do seu tempo, para não ser esmagado pelo número, para não ser submergido e anulado pela multidão. Justamente hoje, que se fabrica e se valoriza o homem em série, este tipo fora de série poderá se tornar uma interessante raridade. É claro que tais experiências de caráter aristocrático, conduzidas em profundidade, não são para a massa, que, por sua natureza, é rude e grosseira. Certas provas são observadas por muito poucos. Os direitos e deveres do rebanho são proporcionais à sua capacidade e não são iguais aos de um ser isolado. É natural que a massa não possa ser individualista; tentá-lo seria criar a anarquia e o caos. Por isso, nem mesmo ela tem o direito de o tentar. Mas, quem é mais individualista que os chefes, e quem mais totalitário que o individualista? E que homem será mais detestado e mais imitado que o homem fora de série? A lei biológica é sempre a mesma: seleção dos melhores e abandono da multidão amorfa para os inconscientes. Esta história é a reação, com funções equilibradoras, do individualismo contra a multidão, da minoria contra a maioria - uma reação contra a classificação como tipo ideal, do indivíduo normal de valor duvidoso, uma reação contra a uniformidade mecânica moderna que invade até os valores espirituais - uma reivindicação da liberdade interior que pela lei da vida é sempre inviolável, filha que é unicamente do próprio destino. Este livro é, portanto, a exaltação da liberdade do espírito contra a escravidão da matéria e é também reação contra os tempos. É uma luta e um desafio. Mantém-se em forma elevada e abstrata, justamente para colocar

distante desses problemas o vulgo ignorante e ávido de se imiscuir e demolir. Poderá não interessar, mas contém elementos que hoje a sociedade pôs de lado ou esqueceu; conceitos atrofiados hoje, mas que poderão ser úteis amanhã, quando as concepções dominantes se demonstrarem, pela amplificação do horizonte, insuficientes para resolver todos os problemas da vida.

Pode acontecer que a sobrevivência destes poucos seres aos quais as leis da vida confiam a conservação do sutil fio da espiritualidade, para que não se destrua e se perca orgia de forças; pode acontecer que o trabalho silencioso destes poucos seres isolados, incompreendidos e condenados, seja um dia considerado como providência e salvamento em tempo de naufrágio entre os preciosos tesouros conquistados pela civilização.

É inútil discutir. Cada força deseja o seu desenvolvimento, que se processa completamente independente da compreensão humana. O pensamento das leis da vida exprime sem discutir, por assomos, não com demonstrações e arrazoadas, mas com fatos. O mundo é uma realidade concreta; cada um de seus pensamentos se revela em forma de ação. Não se diz - vive-se. Obedece-se sem pedir explicações. As leis da vida fazem-se obedecer e não se preocupam de fazer-se compreender. E cada um vai pelo seu caminho, com seus riscos e suas metas instintivamente, irresistivelmente, com suas boas razões para segui-lo, mesmo que não o compreenda. O mundo vai pelo seu caminho, tentando a sua grande aventura épica e sanguinária.

O nosso personagem ia, também ele, solitário, por sua estrada; cumpria, também ele, o seu destino.

MENTIRAS E JUSTIFICAÇÕES

Assim, ele entrara no mundo, decaído, mas livre e consciente para conhecer toda a verdade, qualquer que ela fosse, em todos os seus aspectos. E assim continuava a avançar na vida, sem temores nem preconceitos e em plena sinceridade. Desta sinceridade terá o mundo rido como de um sistema de ingênuos. Mas isto era, também, uma força. Esse era o seu método retilíneo e ele não o mudaria e aqui se revelava e sobrevivia o seu tipo inflexível, caído na terra, mas não pertencente a ela e que jamais poderia aceitá-la definitivamente. Aqui ele era sempre um estrangeiro, em exploração. Olhava o mundo francamente, de frente. Se o mundo tivesse uma verdade a dizer-lhe, seria constrangido a dizê-la. Se era mentira, ele a desmascararia. Aceitava, fazia sua a lei do mundo para a experimentar seriamente, mas também para atirar à face do mundo o resultado de sua experiência, se esta não fosse digna de um homem. Ele devia experimentar tudo e tudo saber. Estava, já agora, disposto a agarrar desesperadamente pela gola as leis terrestres e dissecá-las a fundo. Exigia a mesma sinceridade que oferecia. Assim poderia encontrar a significação do mundo para justificá-lo, ou por seus pontos débeis e suas contradições, acusá-lo e condená-lo. No entanto, aprazia-lhe a luta apocalíptica pelo ideal, mas queria a franqueza honesta e corajosa. Teria considerado respeitável a fera em seu ambiente, desde que esta desse provas de coerência. Mas jamais lhe perdoaria a vileza de defraudar a sinceridade sob falsas aparências. Estava pronto a desmontar, consciente e honestamente, todas as suas construções e conquistas, pronto a perder a cabeça no suicídio espiritual, pronto para tudo. Mas metera-se com o Evangelho. Sua vida tinha sido uma experiência do Evangelho. Se ele tinha de cair, também o Evangelho devia cair e, caindo este, cairia também tudo quanto ele continha: justiça, bondade, fé, religião, ideal. Então, adeus tudo. Adeus tudo, se tivesse que haver mentiras. Ou honestidade, ou nada. A cruz é

um símbolo supremo e terrível. Olha-se de frente e com seriedade. Se for um símbolo falso, que caia. E que haja a coragem de o fazer cair abertamente, mas que isso jamais resulte da vileza e da mentira. Esta, no reino da força dirigida, embora para a violência, mas dirigida, é incoerência e a incoerência é violação, é traição de todas as leis, tanto da terra como do céu. Seria vileza e vergonha imperdoável sobre a terra. Se a cruz é um símbolo falso, tenha-se a coerência de fazê-la cair honestamente. Mas se é um símbolo verdadeiro, ai do mundo! Ai, sobretudo, dos responsáveis espirituais pelo mundo! Não é lícito mentir diante da cruz, não é lícito mentir diante dos mártires que o seguiram.

Ele procurava, mas encontrava não a coragem da revolta; mas a verdade, espremida, explorada, falseada até se tornar irreconhecível; o bem tão pervertido até se tornar mal; o sumo espiritual da vida manipulado até se transformar em veneno. Observava, aterrorizado, a dissolução moral do mundo, o seu método de falsificação do ideal, de traição ao céu. O fato de ter querido observar a vida por trás dos bastidores havia demolido nele todas as ilusões. O mundo não era senão simples representação de coisas nobres e virtuosas, de exaltações convencionais, de acordos tácitos não revelados aos ingênuos. Não era possível entender-se com duas linguagens tão diversas: a sinceridade e o fingimento. As verdades que ele dizia eram recebidas como mentiras, ao passo que ele tomava como verdades as mentiras dos outros. Não havia possível entendimento entre quem procurava o ideal com seriedade, e o mundo que dele fazia um estandarte para seus desígnios, para com ele conseguir vantagens materiais. Ele não compreendia por que, sobre este terreno de utilidades, era sempre vencido enquanto os outros saíam vencedores; as mesmas coisas, assim diversamente tratadas, produziam efeitos opostos.

Era tomado por ingênuo. Se ousara dizer qualquer coisa, sua simplicidade provocara escândalo, sua sinceridade era ofensa. Não se gosta de ouvir certas verdades que devem permanecer ocultas. E pensou quanto seria útil para ele aprender um pouco do lindo jogo das pessoas respeitáveis. E pensava isto não com espírito de sátira, mas com profunda amargura. Não pretendia dar a estes julgamentos valor absoluto. Tratava-se simplesmente da impressão que

as coisas lhe faziam, vistas de sua posição. Eram inconciliáveis com o seu temperamento, e ele reagia, eis tudo. Sua reação era lenta, complexa, profunda. Tinha que demolir com consciência e pela consciência, conservando íntegras a honestidade e a justiça. Mas sentia já indistintamente que não poderia resistir a esse ambiente por muito tempo, adaptando-se e esquecendo o seu passado; que com o tempo não poderia fazer menos que reagir a esta nova realidade tão inferior aquela já conhecida; que, dado o seu temperamento e os precedentes, seria inevitável uma nova revolta e, depois, uma ressurreição. A nova experiência que ele acumulava atravessando o mundo das trevas não viria justamente para devolvê-lo, com maior impulso, com maior vigor, em direção à luz?

Sentia no mundo um conteúdo inaceitável que, decerto, já formava dentro dele, ainda claramente declarada, a base da revolta. O primeiro impulso para a sua nova transformação não era tanto a atração do alto, mas uma invencível repugnância pelos métodos do mundo, uma repulsa pelo inferior. Realmente, nada lhe parecia mais inaceitável e insuportável do que a falta de sinceridade e de retidão. Ademais, sentia que era inútil acusar, pretender reformar, ou pedir, porque o mundo desejava seguir pelo seu caminho e estava bem equipado para isto e bem armado para defender a sua vontade. E, se era impossível dobrá-lo, entenderem-se, e se ele também não podia dobrar a si mesmo, que lhe restava senão voltar-lhe as costas?

Continuando sua exploração, observou como a sociedade funcionava segundo esquemas que cada geração deixa para a seguinte e nos quais se enquadram todos os homens e o seu trabalho. No âmbito destes esquemas, as categorias sociais, políticas, religiosas, militares, econômicas, as distinções e agrupamentos que, pelas mais disparatadas razões, unem ou dividem os homens, dentro desses recintos artificiais devem-se acomodar os tipos biológicos mais diversos, cada um com sua capacidade e que podem também, estar em irreconciliável contraste com a posição socialmente ocupada. E então nasce a luta entre o esquema e o homem, entre o tipo verdadeiro e a roupagem falsa, luta em que cada um deles procura dobrar o outro: o esquema

procurando transformar o homem segundo o modelo prefixado; o homem procurando transformar o esquema e adaptá-lo ao seu próprio temperamento.

Dada a possibilidade que sobre a terra tem o homem de disfarçar a sua verdadeira personalidade e dada, também, a impossibilidade de conhecer sua verdadeira natureza, os esquemas são forçados a considerar apenas as aparências, as formas, sob as quais é sempre possível ocultar qualquer substância. Daí, os mais estridentes contrastes e contradições. E ele percebia que caíra no reino da forma, onde dominam os esquemas. Dedicou-se, pois, a ir direto ao indivíduo, sem tomar em conta os esquemas; procurar o homem e nada mais, prescindindo, absolutamente, de sua posição e aparência exterior; decidiu demolir todo o edifício da catalogação social, libertar o tipo das vestes que o envolvem e disfarçam, e sem dar nenhuma importância às transformações da forma, conseguir alcançar a substância.

Este era o método do espírito e ele verificava que na terra o que reinava era o método da matéria. Quanto mais o ser é involuído, tanto maior importância dá à forma, à aparência exterior; quanto mais é pobre em valores reais, mais procura se proteger com o manto de valores fictícios. Subir conduz à luz o verdadeiro eu interior, tornando-o, ao mesmo tempo, mais digno de poder aparecer. Assim, para fugir aos enganos e alcançar a realidade, ele não considerou mais a forma e o esquema; não deu mais atenção à veste exterior do homem.

Procurou arrancar a máscara das coisas, as formas fictícias sob as quais tudo se esconde na terra. Compreendia que, onde a luta é motivo fundamental da vida e o universal meio de realização, é necessário o egoísmo, é necessária a mentira. Quem não tem força, se não recorrer à astúcia, ficará sem defesa; e um ser indefeso, sobre a terra, está liquidado. Portanto, é indiscutivelmente muito mais útil apresentar-se como cheio de virtudes. A palavra raramente diz alguma coisa; raramente diz coisas dignas de serem ditas e quase sempre serve para esconder, em lugar de exprimir o pensamento. O ilusionismo faz parte do armamento protetor da natureza. Mas ele, que sentia a

elevação dos ideais horrorizava-se com esta profanação, com esta inconsciência que pretendia pôr o céu a serviço da terra, considerando as coisas mais preciosas e elevadas como vulgares meios de proteger a vida. Repugnava-lhe a triste necessidade de reduzir tudo, até o céu, ao plano humano; de usar tudo, sem distinção, em função da luta pela vida.

Grande inconsciência, mas também grande miséria, esta triste necessidade. A luta universal e impiedosa invade tudo, exige e se impõe a tudo. E aqui ele compreendia a significação e a lógica da imperdoável mentira. Mas que pavoroso terreno inseguro e escorregadio, que realidade de duas faces, que miséria o ser constrangido a tais meios para sobreviver! Que inconsciência, para poder ter a coragem de realizar tais profanações. A mentira pareceu-lhe a exaltação mais irrespirável da terra, a que tornava a sua atmosfera mais impura e sufocante. Agoniava-o o método tortuoso, a realidade inconsciente que se desfazia facilmente, o mundo feito de ilusões. Neste terreno, em tal atmosfera de falsidade, devia o homem trabalhar, penosamente, procurando realizar-se. Devia fazer da desconfiança um hábito e uma qualidade e neutralizar, a cada passo, a astúcia traiçoeira do seu vizinho. Que terrível e infernal peso e que paradisíaca libertação pode emergir em plano mais alto, de sinceridade e de fé! Temeroso, olhava este mundo de aparências, o fazer-se e desfazer-se daqueles mutáveis e fictícios vultos das coisas, sem poder acreditar em mais nada sobre a terra.

Que respondia o mundo a estas suas acusações? Primeiro, isto: "Vós acusais-nos de mentirosos, mas vos esqueceis de que na terra o regime não é de justiça e de verdade, mas sim de luta, onde a mentira é uma arma de ataque e defesa. Tudo isto caminhará para a justiça e a verdade e será um recurso para conquistá-las; mas são coisas longínquas e estão hoje ausentes da realidade da nossa vida. É absurdo pretendê-las. E se vós exigis a nossa sinceridade neste mundo, não pode ser senão para nos tirar nossas defesas e deixar que, assim, sejamos mais facilmente vencidos".

E respondia ainda: "Somos os involuídos, ainda não

redimidos. E quem nos dá força para transformar a vida, levando-a, dos estridores da luta às harmonias evangélicas? É inútil o convite, ou a ordem do céu. Quem poderá transportar estes densos invólucros de matéria até aquela rarefeita atmosfera? Quem poderá afinar a nossa rústica sensibilidade ao ponto de podermos perceber a evanescente realidade daquele elevado mundo? Cada um é feito para o seu meio. Vós, anjos, não sois feitos para a terra e estarão mal aqui em baixo, como nós não somos feitos para o céu e estaríamos mal lá em cima. Nós somos inferiores. E aqui temos a nossa animalidade, à qual nos sabemos adaptar e que temos a força de suportar. Vós podeis ter os olhos voltados para o alto, mas nós estamos presos à terra e nosso olhar tem que estar voltado para baixo. Quem nos julga egoístas, impiedosos e agressivos dá provas de uma grande ingenuidade e ignorância da realidade da vida. Mas o ambiente terrestre não é um paraíso de alegrias gratuitas: é um mundo de forças inimigas, onde nada se obtém sem violência e imposição. O anjo tem razão, porque vai partir. Mas, se tivesse que ficar aqui, teria que se transformar ou seria eliminado. Estas são as condições reais e é inútil procurar suas causas. É verdade que tudo isto é bem rude e tem sabor de punição. É verdade que se o nosso destino é chegar a Deus, isto significará sempre um pavoroso trabalho. Condenação e trabalho não impedem que o nosso egoísmo feroz seja, dada a vida humana e seu ambiente, uma necessidade normal. Esta punição e abjeção, se não determinadas pela justiça divina, quem sabe por quais culpas nossas, já que nascemos hoje e morremos amanhã sem nada saber, decerto fazem parte do fatal determinismo inerente ao destino humano e são um tremendo peso que cumpre carregar pois que, depois de vinte séculos, parece que nem mesmo o holocausto de Cristo conseguiu libertar-nos. Portanto, se se tenta transplantar para a terra as coisas do espírito, estas, na atmosfera imprópria, fenecem rapidamente e são levadas a morrer. São demasiado delicadas e sutis para serem percebidas, demasiado leves para terem peso entre gente de sensibilidade de ferro, em meio à feroz realidade. As leis biológicas não são um princípio abstrato, mas sim uma vontade concreta que exige obediência.

Seguir o evangelho significa rebelar-se a essa vontade e expor-se à vingança daquelas leis, que na terra dominam e imolam quem as

viola. Ai de quem não as respeita! Será triturado. Todos as suportam e aplicam, inclusive os teóricos que pretendem dominá-las e superá-las. Não é culpa nossa se o Evangelho e o mundo são inconciliáveis. Não podemos, para cumprir o dever de aplicar o integralmente o Evangelho, eliminar o dever de viver. Não temos direito ao suicídio. Para se realizar qualquer coisa sobre a terra é preciso, primeiro a força, depois a astúcia; a bondade vem por último. A bondade é o meio mais inadequado em um ambiente onde se trata de agir e não de amar e sonhar e com ela aqui na terra nada se faz. Temos que nos realizar primeiro na terra e depois no céu. O contrário é absurdo, nem há margem para semelhantes experiências. Temos que nos ater ao positivo: fugir à dor, procurar a alegria e nesta conseguir, rapidamente, o prêmio da luta. É preciso que o bem seja útil. Os resultados longínquos e hipotéticos não interessam. Aqui é preciso viver, não cair. Os que caem são arrastados. A luta é árdua e não sobram energias para ajudar aquele irmão que caiu, porque ele é sempre um rival e a piedade por ele rouba-nos a vitória. Na terra não há lugar para o Evangelho, não há possibilidade de fraternidade nem de altruísmo. O que surge é uma só coisa; lutar e vencer. Sob todas as máscaras e sob todas as modas do tempo, esta é a única substância estável, que jamais muda. O que nos vindes contar? Não. Não nos metais nos vossos ideais altruísticos. Desejais destruir e enganar a natureza? Ela não pode admitir a piedade onde se desenvolve a luta pela seleção. A justiça, então, se obtém não pela piedade dos superiores, mas pela rebelião egoísta dos inferiores ou seja, não por amorosa conduta evangélica, mas por extorsão, porque a luta é contínua e apenas os mais fortes conseguem vitória. A realidade biológica não tem interesse algum no prolongamento da piedade maternal além de suas funções protetoras da maternidade. Proteger além destes limites é anti-seletivo. A vossa lei é fraca e só produz ineptos. A nossa justiça é férrea, inexorável e cria fortes. A lei biológica não pode aceitar o Evangelho. Em nosso mundo, a piedade e a bondade não funcionam, ninguém paga o sacrifício e não há espaço para os ideais. A lei suprema é: agir por si mesmo, sabendo bem que não se deve pedir auxílio, que não se encontrará piedade, porque o nosso vizinho está, mais empenhado do que nós. Não nos resta senão negar todo o auxílio e não ter piedade. Esta é a nossa justiça. O nosso mundo é um vórtice que nos impele e a todos arrasta. Isolar-se, rebelar-se, é impossível. E nos agarramos

desesperadamente ao vórtice, com todos os meios e alegrias, repelindo a dor como podemos. Por que faríamos esforços por resultados longínquos, quando temos que lutar pelas necessidades imediatas? Pelos caminhos do Evangelho, o cansaço é próximo e o resultado hipotético e longínquo, e por isso é natural que a natureza evite tais caminhos. Ela é positiva, utilitária, econômica, prudente. Não admite riscos; se alguns loucos despendem energias perseguindo ideais e resultados incertos ela não tolera o cansaço que deixará o homem extenuado aos pés de um sonho.

A natureza, que está no instinto, faz suas contas e exige o pagamento tangível, seguro, na terra, para si, para viver. Não lhe interessam os pagamentos de após morte, aquele abismo de trevas além do qual a vida humana não vale nada. Talvez sejamos cegos, mas somos feitos de bom senso prático, somos positivos. O céu não pode existir sobre a terra. O além é um mistério; não se fazem os sacrifícios heróicos, exigidos pelo Evangelho, por um mistério.

Sim! Passam às vezes por aqui esses estranhos seres chamados santos, com os olhos sempre postos no alto. Que coisas verão eles lá em cima, não sabemos. Talvez seja um outro mundo, com outros fenômenos e outras leis; não os podemos negar "a priori", mas não o conhecemos. Suas realizações ideais estão longe demais para que possam ser tomadas em consideração. Fogem completamente à nossa experiência, e o que está fora desta é para nós praticamente inexistente e não interessa à vida. Visto dos planos biológicos, o ideal se afigura muito diferente e não pode ser avaliado senão em relação ao seu proveito utilitário, de acordo com o que possa render em nosso plano. É natural, pois, que tudo seja revirado, falseado, explorado. E realmente, aqueles superiores seres do ideal, são perseguidos pelas leis da terra, são incompreendidos e maltratados, porque estão deslocados. A maioria tem razão em repudiar estes seres que saem do plano normal da vida. Em vez de viverem como os outros, na luta e na miséria da terra, pretendem ser exceção e com isto eximir-se aos trabalhos que são o quinhão de todos. Quem superou as divisões humanas se torna expulso de uma vida feita de divisões. O universal não é normal, não é compreendido, não é permitido. Aqui na terra, o relativo impera

no seu reino e condena o absoluto. Que importa se a inteligência do gênio, sublime instrumento de música divina, não possa ser usada como bastão de ataque e defesa?

A culpa é do gênio, por ser um anormal. Na terra ele está só, ou quase, e quem está só não tem razão e quem não tem razão está fora da lei e pode ser impunemente destruído. De resto, a superioridade se paga. Que ele se normalize, desça à fossa comum da miséria e da ignorância e faça seus os instintos primitivos de todos. E se não souber fazer isto, e morrer, pior para ele. Dele nos riremos. Não nos interessa o espírito, mas sim o estômago. Se Deus está com ele, por que não desce à terra para o defender? Isso são luxos, utopias. A terra é feita para os involuídos, para nós, que somos muitos, e não para eles, que são tão poucos. Talvez sejamos inferiores, grosseiros e mereçamos desprezo, mas estamos em nossa casa, temos a nossa lei e somos proporcionados ao nosso ambiente, ao passo que aqui na terra eles não o são. Tendo isto em conta, somos bem feitos e não desejamos nos refinar e enfraquecer. Não podemos confraternizar com seres de outras raças. Se eles exauriram suas provas aqui e superaram nosso mundo, tanto melhor para eles, e que se vão.

Nós não o superamos. As nossas provas são aqui na terra e devemos ter a força e a coragem de as afrontar. Hoje o nosso Deus não pode ser ainda a bondade, mas é a força. Este é o reino da matéria e a matéria só obedece à força. Aqui, os que sonham coisas ideais são verdadeiramente imbecis.

E o mundo me responde ainda: Nós não somos apenas involuídos, isto é, seres que vós, das alturas do vosso espírito, tratais como inferiores: somos, também, desgraçados. Vós nos condenais, mas conheceis, superseres julgadores de vós anjos sentados em vossos tronos de glória — conheceis a infinita miséria de nossa dor?

Não somos apenas involuídos. Estamos ainda esmagados sob o peso de mil trabalhos e nossa natureza humana está acorrentada à matéria, aprisionada em cárcere de ferro. Aqui não há margem para doces sonhos nem para contemplanções. A realidade é dura - se não se luta, morre-se. Aqui os fatos

provam a todo momento que o ideal é sonho e a realidade é dor. A nossa posição humana de desgraça, o grande peso da expiação - tudo isso nos dá direito a certas reações desesperadas, a certas horríveis descidas que negam o céu porque, no limite das forças tudo se abandona, mesmo o ideal, para que se possa ter um pouco de repouso. No alto há muita potência, muita justiça, muita bondade, muita felicidade. Aqui na terra há muita miséria, muita injustiça, muito mal, muito sofrimento. Temos a dor que, mesmo quando nos atormenta, pesa sobre nós como ameaça. Conhecerá o céu esta miséria dos desesperados? E não é fácil a libertação porque ela destrói de preferência aqueles que trabalham para o bem e procuram salvar-se, na esperança de poder deixar a terra. Se é cansativo ficar, é mais árduo sair. E por isso, pouco se tenta fazê-lo. Esta dor é um direito terrível de levantar a cabeça envilecida e impõe respeito. Ela é a expiação que nobilita o condenado e justifica a sua baixeza. Sobre este lado de que se diz que somos feitos cai continuamente uma chuva de fogo. Pouco mais sabemos. O conhecimento nos foge. Somos cegos. Olhamos em vão o mistério e nada vemos. A única coisa que verdadeiramente sabemos é que somos condenados a sofrer com a vida. E aquele Deus que é a razão e causa de tudo, esconde-se numa abstração vertiginosa e inatingível".

Ante estas respostas, o nosso personagem tomou-se de profundo sentimento de piedade. E, então, compreendeu quão mais vasto é o significado do Evangelho; desceu da cátedra, esqueceu-se de si mesmo e da sua posição de combate e compreendeu que só quem se eleva pelos outros e com os outros é que sobe verdadeiramente. E voltou-se para seus semelhantes de braços abertos. O mundo dera-lhe a sua grande lição. A nova experiência não fora feita em vão.

XXIII

O EVANGELHO E O MUNDO

Cristo disse¹⁴:

1. "Felizes os pobres de espírito. Ai de vós, ricos, que neste mundo mesmo encontrais consolo!
2. Felizes aqueles que choram, porque serão consolados!
3. Felizes aqueles que têm fome e sede de justiça, porque serão satisfeitos!
4. Felizes os misericordiosos, porque encontrarão misericórdia!
5. Felizes os de coração puro, porque verão a Deus!
6. Felizes os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!
7. Felizes os perseguidos pela justiça, porque deles é o reino dos céus!"

E o mundo responde:

1. "Os pobres são os vencidos. Nós, os ricos, somos os vencedores da vida. A riqueza é a felicidade que se espera, porque é o justo prêmio por lutar e vencer.
2. Desgraçados os que choram. Os vencidos merecem

desprezo. Não há piedade para os fracos. A vida deseja os fortes. O mundo pereceria se, graças à piedade, fosse reduzido a um asilo de ineptos.

3. Aqueles que têm fome e sede de justiça nada conseguirão esperando-a de braços cruzados; devem procurá-la à força. Sobre a terra reina a justiça férrea e feroz, que se curva ao mais forte, ao que soube merecer sua posição pela coragem, arriscando e trabalhando; reina uma justiça que não deixa lugar aos fracos, aos sonhadores, aos idealistas inconseqüentes.

4. A terra não é lugar de misericórdia. Estas piedades desequilibram as sadias leis da vida, levando a uma seleção de ineptos, de vagabundos e hipócritas. As sadias leis biológicas devem afastar estes parasitismos misericordiosos que detêm a vida e a levam à degenerescência.

5. A vida pertence aos fortes e não aos puros. Aos que vencem nada se pergunta, porque eles têm razão; aos que perdem pergunta-se tudo, porque eles estão errados.

6. A lei da seleção não deseja os pacíficos, mas os lutadores e vencedores. Assim, realmente, fala a natureza no instinto feminino da escolha sexual.

7. Sobre a terra, a justiça é o triunfo do mais forte. Os perseguidos, enquanto não se revoltam e vencem, estão sempre errados. Na terra não existe respeito pelo céu. Não se respeita aquilo que está fora de nossa experiência e da possibilidade da nossa ação".

Assim responde o mundo. E poderia ainda ajuntar: não fomos nós que fizemos a lei que impera sobre a terra. Está escrita em nossos instintos, que nasceram conosco; está escrita sobre toda a vida em nosso planeta. Portanto, pelo menos em nosso plano, esta lei não exprime a vontade e o pensamento de Deus?

Quem tem razão? Por que o céu desmente a terra e a terra continuamente desmente o céu? E Evangelho diz: "Ama o próximo como a ti mesmo". Mas o mundo, na realidade, aplica este outro princípio: "Destrói o teu próximo, se não queres que ele te destrua". Como será possível conciliar sistemas tão opostos? Não é apenas um problema do Evangelho e do mundo,

mas o problema do destino do nosso personagem, que empenhara sua vida na aplicação integral do Evangelho. Ele procurava uma solução para o problema que se lhe apresentara assim que enfrentara a psicologia do mundo. Estava neste contraste a grande batalha de sua vida, assim como nele estava a trágica luta entre Cristo e a realidade biológica, as duas grandes verdades contrárias. Bem sentia as titânicas dimensões, a vastidão apocalíptica da batalha. Ousar contra a lei suprema da terra, desafiar as leis da vida do planeta - afigurou-se-lhe a mais gigantesca aventura que um homem poderia empreender. E assim vivia o maior drama já concebido pela mente humana - o de Cristo em sua paixão, o de Dante na Divina Comédia, o de Goethe no Fausto; um drama cujo epílogo estava no céu, o desenvolvimento sobre a terra como um desafio e a substância era a humana destruição de si mesmo, para elevar mais alto a própria ressurreição.

Ele tudo ousara e jogara na palavra de Cristo. Se fosse derrotado, aquela palavra seria desmentida, ao menos no seu caso.

E agora revivia plenamente aquele motivo central do seu destino, na hora trágica e intensa em que era disputado pelas duas vidas, cada uma delas ansiosa por chegar às suas conclusões.

Quando Cristo e Pilatos se encontraram, as duas verdades se fitaram em silêncio, desafiando-se. Pilatos perguntou a Cristo o que era a Sua Verdade¹⁵, porque a sua própria ele a conhecia. Era a verdade biológica, prática e concreta, que lhe dizia: "O teu chefe é o imperador, o vencedor pela força, aquele que manda, o único que tem sempre razão. Obedece-lhe, e conserva teu posto. Além disso, há uma ordem social e tu, que a representas, não a podes subverter. Não tem sentido a verdade de quem vive fora do mundo". Pilatos era, simplesmente, um homem prático, e teria compreendido Cristo se Ele lhe tivesse falado com a linguagem do mundo. Naturalmente, nem mesmo esperava pela resposta, que Cristo não deu. Nem um nem outro falou e a verdade não passou desta pergunta. Mas os dois responderam com fatos e conclusões diversas. Os fatos e não as discussões são as respostas mais sérias; uma vez determinados, temos que lhes assumir a responsabilidade e suportar as conseqüências. Cada

um seguiu o seu próprio caminho, alcançando sua meta diferente. Era inútil explicar, mesmo porque não seria possível compreender. Assim situadas nos antípodas, as duas verdades se acusavam mutuamente de extrema ignorância. Pilatos não pretendia, realmente, dar fim ao mártir, coisa sem importância, embora com o pior dos significados para ele e seu ambiente. Pilatos é o verdadeiro símbolo do mundo que se baseia no cálculo utilitário, não admite o ideal, considerando-o loucura. E o ideal não tem outra resposta senão o silêncio e o martírio.

Ante estas afirmativas mudas e terríveis, a terra continua a exprobar ao Evangelho a ignorância das condições de fato, tão adversas ao homem que, se este quiser sobreviver deverá saber dobrá-las ao seu próprio domínio. Em tal ambiente, uma bondade que vá além da função feminina da proteção de sua prole - é antivital. A direção da vida está confiada ao homem - conquistador sem escrúpulos e sem piedade. O martírio, conclusão lógica da vida do pioneiro evangélico, é um absurdo, antibiológico e anti-humano. A verdade é vencer. Seu eu for generoso, o meu vizinho me arruinará; a minha bondade será tomada como fraqueza e a minha derrota será o seu triunfo. Sobre a terra não se admitem outras verdades senão as que são úteis para viver e vencer. E o Evangelho, de início, desarma o homem e manda-o combater na terra sem armas. E isto, tendo pela frente lutadores violentos, sem escrúpulos e que espezinham seus próprios deveres - significa morrer. O ideal evangélico poderia ser realizado se, durante alguns anos, fosse mantido em condições especiais, à custa de uma contínua tensão espiritual, com o alimento de um grande sacrifício. Mas, não podendo se reger continuamente por leis opostas, depressa cairia, arrastando consigo o seu primeiro autor ou intérprete. Esta é a verdade dos falidos e a terra não a aceita.

Eis o mais rude ponto do drama do Getsêmani. Talvez, naquele momento, Cristo sentiu todo o absurdo biológico de sua lei sublime, a sua imensa distância da verdadeira natureza humana, a sua inaplicabilidade à terra, tal como esta é. O supremo martírio não seria, séculos afora, uma suprema derrota? A realidade da vida não terá neutralizado muitos sacrifícios;

não terá sido vão o esforço para levar o homem ao alto, através de impossíveis superamentos? Havia fartos motivos para a dúvida, a dúvida humana mais atroz, que pode assaltar o gênio, o herói, o santo - justamente às portas do holocausto supremo. Porque tal é, em verdade, a realidade da vida que eles contam superar. E depois de tanta dor, em lugar de recompensa, eles receberão indiferença e condenação. Mas de quem é a culpa por ser a lógica da terra tão diferente da lógica do céu? Chegou o momento de enfrentar o problema e resolvê-lo.

A lógica da terra se exerce através de "três leis" que todos vivem, inclusive os que as ignoram e as negam, e que se encontram presentes sempre e em qualquer lugar como linguagem universal da vida. Essas leis não são somente uma norma; são uma imposição concreta que fala e obriga à obediência através dos três instintos fundamentais: a "fome, o amor, a evolução".

A "**fome**" é a lei fundamental que preside à conservação individual, que implica, impõe e justifica o egoísmo a que está confiada a função básica da vida: proteger-se contra tudo e sobreviver a qualquer preço. A vida funciona por unidades egocêntricas que jamais abdicam. Aumentando, a fome se torna o centro de todos os outros apetites e o egoísmo o centro de todas as aspirações. Esta é a primeira, irrevogável e fundamental posição da vida, que é egocêntrica e afirma: "**eu sou**".

O "**amor**" é a segunda lei, continuação e complemento da primeira. O egoísmo cinde-se e se prolonga em outro instinto, que preside à conservação da espécie. Aqui, o indivíduo não luta para proteger a si mesmo, mas para proteger seus filhos. É a segunda posição da vida, já não individual mas social, nascendo a família como primeiro núcleo, e partindo do menos para o mais - família, cidade natal, região, nação, raça, humanidade. E a coletividade humana, posição egocêntrica mais vasta, afirma: "nós somos".

A "**evolução**" é a terceira lei. Como a segunda não aparece

depois de satisfeita a primeira, também a evolução não pode atuar senão depois de satisfeitas as duas primeiras. Esta lei, a última a aparecer, continua, completa e coroa as duas precedentes. Segundo ela, o indivíduo não luta pela sua conservação, nem pela da espécie. Superando o problema da proteção, trava-se a batalha da seleção do melhor, para que a espécie atinja formas de vida sempre mais altas. É a terceira posição da vida, posição coletiva, dinâmica, que diz: "nós avançamos". É, portanto, a lei da evolução, seleção e expansão e por meio dela a humanidade se mantém em marcha pelos caminhos do progresso.

Estas três leis correspondem às três dimensões do espaço - linha, superfície e volume. São como os três planos de um edifício: não se podem edificar os andares superiores sem ter edificado primeiro os de baixo. Os três instintos correspondentes surgem e agem sucessivamente, sempre após a satisfação dos precedentes que são a base. O primeiro é mais importante que o segundo e este mais que o terceiro. Com isto, a natureza demonstra a solidez de seu sistema de construção. Assim o instinto mais alto desponta após a saciedade do precedente. Atendido o imperativo inferior, passa-se ao superior. Satisfeita a fome, satisfeitas todas as necessidades egoístas da conservação do indivíduo, obtido o bem estar, passa-se à procriação. Então a exuberância demográfica faz pressão, nasce a necessidade de expansão material e se fazem as guerras e as revoluções. Logo, o homem, que é tão impiedoso e ávido na conquista da riqueza que lhe custa tanto trabalho, tudo desperdiça durante a guerra, tornando fundamental pagar tributo em benefício da seleção. Assim progride e a ascensão se completa na expansão espiritual representada por novas formas de convivência, de pensamento, de civilização. Satisfeitas as necessidades de conservação do indivíduo e da espécie, levanta-se, exigindo satisfação, o instinto de progredir para servir a uma necessidade mais alta, situada no ápice do edifício, onde impera a lei da evolução.

O instinto do progresso, sendo o último aparecido, ou seja, biologicamente de formação mais recente, é, naturalmente, o menos radicado em profundidade e, por ser menos sólido, é o que mais depressa cai às primeiras dificuldades. É quando a vida se apressa por reequilibrar-se mais em baixo, na

posição mais elementar e mais estável das leis inferiores, pois que a natureza antepõe a segurança da conservação ao risco da seleção.

A essas três leis correspondem três formas de luta: pela defesa pessoal; pela defesa da família e pela expansão material e espiritual. Correspondem ainda a essas leis três principais órgãos do corpo humano: o estômago, o sexo e o cérebro, com suas funções - digestão, sentimento e pensamento. A cada função corresponde um instinto e uma voluptuosidade específica que pode levar ao excesso e criar um vício.

O cérebro, com o sistema nervoso, é realmente o órgão da evolução, o órgão condutor que, como antena sensibilizada, escruta em torno e se atira adiante tentando novas experiências. Ao espírito pertence o poder, a conquista, o futuro, mas igualmente o risco e o cansaço de vencer a resistência do passado conservador.

A atuação destas leis depende de um impulso que se manifesta como instintivo desejo de satisfação e de um contra-impulso que é o sofrimento causado pela insatisfação. Alegria de um lado, dor do outro. E por este sistema, a natureza consegue fazer-se obedecida por todos. Ela premia com a alegria a obediência ao impulso que leva à vida e pune com a dor a desobediência, os abusos, os excessos e tudo quanto põe em perigo a vida. Alegria e dor, refinando-se, afastam-se da animalidade. E para cada ser são fundamentais e instintivas as funções do plano onde, segundo a sua fase de evolução, se equilibra o centro de sua vida.

As três leis correspondem ainda três egoísmos de amplitude diversa, igualmente sagrados, imperiosos e importantes em seu próprio plano, porque presidem à defesa de um dado tipo de trabalho e à consecução de uma diversa função biológica. O homem preso à primeira lei, nada percebe além da defesa de si mesmo; está encerrado numa casca de pequeno egoísmo pessoal. E isto é necessário para que ele possa viver. É um direito que se respeita.

Quando o homem se eleva à segunda lei, o seu egoísmo dilata-se até abranger a sua família de tal modo que, diante do egoísmo mais restrito da primeira lei, parece altruísmo mas é uma ampliação capaz de cobrir um campo mais vasto. Quando, afinal, o homem passa a viver no plano da terceira lei, o seu egoísmo se dilata ainda até abranger o próprio grupo; depois, a nação, a raça, e finalmente toda a humanidade. Cada tipo de egoísmo é, em confronto com o precedente, uma dilatação, e como altruísmo é visto pelos homens dos planos inferiores.

Eis porque o altruísmo se considera virtude. Porque é superação, dilatação da consciência individual, ascensão evolutiva. É um processo de expansão e liberação daquela casca do egoísmo restrito onde ainda o homem superior vê confinado o homem inferior. A passagem de um tipo de egoísmo para um mais vasto, isto é, a sua dilatação no seu relativo altruísmo, é cansativa. Nessa fadiga está o valor da virtude da qual o conceito, o valor construtivo, a lenta graduação são exigências da lei ao longo do eixo central da vida que é a evolução. O cansaço do retorno de Deus pelos caminhos do progresso tem de ser nosso. É o sacrifício do eu quando rompe a casca do egoísmo individual, que dolorosamente se abre e se dilata em altruísmo. O retorno a Deus é conquista de felicidade que não se pode alcançar senão através de renúncia e sacrifício, ou seja, a demolição do separatismo egoísta para a comunhão evangélica. Os homens da primeira lei já tentam, identificar-se no egoísmo familiar que supera o individual. Eles amam egoisticamente, sem elevações altruísticas. Ao contrário, o homem da terceira lei se vê em toda a humanidade, sente o seu eu nos seus semelhantes, em cuja defesa e bem-estar encontra a própria defesa e bem-estar. A essa defesa ele se entrega com a mesma espontaneidade e energia com que o faz o homem da primeira lei na defesa de si mesmo, pois que seu semelhante é ele próprio e, por isso, merecedor de proteção a todo custo.

Por aqui se vê que compacto organismo de interdependência é a vida. Quando uma criatura se eleva, separando-se dos seus irmãos que ficaram, a lei o impele, pelo instinto, a voltar-se para eles, para ajudá-los a

elevar-se consigo. As três leis são como três fases, três etapas contíguas de evolução, que o homem tem de percorrer na trabalhosa ascensão. E quanto está mais próximo de Deus e da realização em si do pensamento de Deus, o homem da terceira lei! E aí está a profunda significação do conceito evangélico: "Ama o próximo como a ti mesmo". É uma ordem dada ao homem para que alcance e viva na terceira lei, difícil e cansativa, porém mais vizinha da ordem e do amor, que é Deus. E isto é suficiente para se formar a moral na qual é virtude o poder evolutivo e vício a tendência para regredir, afastando-se de Deus, em direção involutiva.

Da gradação de fases e de leis se deduz e conclui que o ideal e o Evangelho não podem encontrar campo senão no ápice da evolução, ou seja, nas mais recentes conquistas biológicas, menos consolidadas na assimilação humana especialmente nas zonas de maior risco e maior incerteza, aquelas em que o misoneísmo dá segurança. É um plano verdadeiramente nobre e excelso. Mas sobre a terra dominam pelo número os homens da primeira e da segunda lei. O domínio da maioria que procura se realizar não tolera o homem da terceira lei - um rival que lhe disputa o campo da vida. É natural que este seja incompreendido e perseguido, porque sua missão é soberba e suprema. Mas o seu destino é o martírio e ele terá que correr todos os riscos. Se fracassar em seu ideal, ninguém o lamentará.

Se isto for verdadeiramente útil ao progresso, então o sangue do mártir se espalhará no mundo como chuva fecundadora e a luz do espírito iluminará a terra e a seu tempo a sementeira germinará. Eis a posição do Evangelho na terra. Que fio frágil sustenta essa vida! Não é ainda senão fraca semente caída dos céus sobre a terra nua e exposta a todos as intempéries.

No entanto, essa semente é uma realidade futura e nenhum centro dinâmico luta com maior energia pela sua realização. Cada ação deve ser seguida por uma luta que tem função de eliminar os incapazes, exigindo a resistência que é a garantia do valor íntimo. E enquanto o céu e a terra lutam como inimigos, o fio da evolução liga-os e uma lei de complementariedade os

atrai e, afinal, mesmo se combatendo, um cairá nos braços do outro.

Este foi o nó fatal do Getsêmani: amor e dor. Os que superam a terra só podem esperar a morte na cruz, mas a sua suprema função biológica é a exploração do futuro e sua obrigação a de ditar ao mundo a nova norma de vida. Sua missão é inderrogável. A superioridade implica, pela lei do equilíbrio, tremendos deveres. Entre as lutas da terra, a que se supera a todas é essa entre o divino e o humano, pela qual o céu quer e deve imiscuir-se e fundir-se na terra rebelde. A terra revolta-se. Mas trata-se de sublime e irresistível violação. Na descida violenta do espírito sobre a matéria há qualquer coisa do mecanismo da fecundação. O gênio e o santo descem das inacessíveis alturas para atirar-se ao lodo, ao mar de dor e de miséria; o divino se abaixa até o humano; o absoluto vem chorar no relativo. É esta fatalidade que esmaga e oprime o escolhido, até à cruz.

XXIV

A LUTA PELO IDEAL

Estranho ser o super-homem, envolto em terrível tragédia de

incompreensão e de martírio, destinado a ser odiado pelos homens normais, inferiores, egoístas, invejosos e rivais; odiado porque detestamos quem destrói o que nos parece superior. Aceita-se o que se pode desfrutar. O gênio é sobretudo sensibilidade e isto é sinônimo de sofrimento. Todo mundo parece refletir-se no espírito superior; tudo encontra eco em seus nervos e em seu cérebro - como se eles fossem órgãos nervosos e cerebrais do ser coletivo. Ou a antena com que o super-homem explora o futuro, o centro da síntese consciente da humanidade, o extremo limite das dores e dos esforços de toda a vida terrestre. É como se o super-homem fizesse seu todo o cansaço da ascensão do mundo, bem como todos os seus perigos e sofrimentos. O ser superior, o gênio, seja ele pensador, herói, chefe ou santo, não tem atrás de si senão um rebanho brutal que desconfia, destrói, rouba-lhe a tormentosa conquista que, no entanto, lhe reprova. Tem diante de si a vertigem do mistério e o dever de explorá-lo. Ninguém o ajuda. Todos o consideram anormal e o condenam porque ele não compartilha do gosto e opiniões dos demais. Debate-se numa terrível inaptidão para viver como os outros, que o olham com suspeição. Mas ele é um hipersensível e não pode senão viver em plano mais alto e enxergar mais longe. Quando se é de tal tipo, tem-se irrevogavelmente uma missão e se está fatalmente destinado ao martírio. Isso é certo, pelas leis da vida, para todos os que subiram àquele nível. Não lhe resta, então, outro caminho senão a do heróico triunfo do mártir. É inútil querer recuar.

A humanidade, que alimenta a sua vida e deve o seu progresso às conquistas do gênio, já fez notar, historicamente, que não o protege nem o encoraja, nem mesmo o deixa trabalhar em paz. O que costuma fazer é condená-lo e persegui-lo. Ela é, portanto, uma ladra daqueles atormentados produtos a que, num regime de justiça e não de violência e de usurpação, não teria direito. O sistema pelo qual a grande massa dos medíocres trata os homens superiores, a quem tanto devem, é sempre o mesmo: indiferença ou perseguição. Depois, tarde demais, compreensão, exaltação e desfrutamento. Mas nada de auxílio nos momentos úteis. Assim deve ser, porém, porque o inferior ignorante deve ser arrastado para cima mesmo contra sua vontade, para que o gênio nada deva à sua imbecilidade e, afinal, porque a missão que o gênio cumpre nutre-se

sobretudo de luta e martírio.

Serão tais seres felizes? Em confronto com a fácil e alegre inconsciência de uma existência vegetativamente satisfeita, a sua vida é muitas vezes uma pavorosa sensação de viver, cheia de ânsia e de tristeza. Uma inteligência maior não pode se manter iludida pelas miragens comuns e traz consigo novas necessidades, uma grande insaciabilidade e um cansaço oriundo de mais vastas indagações. A inteligência é um dom que cria para os outros, e não apenas fonte de prazer para o seu possuidor. Somente os tolos acreditarão o contrário. A inteligência é apenas uma posição de vanguarda para um trabalho de vanguarda, mais difícil, mais forte, mais perigoso e de mais pesado dever, porque é mais consciente que os outros. Se o gênio tem uma felicidade, ela é diferente da comum, cansativa e heróica, produzida principalmente pelo poder da criação. Neste poder está a desforra daquela alma que, no plano humano é abatida, sozinha e sofredora. Neste poder está a sua ressurreição, seu triunfo, sua justificação. Mas a insatisfação das coisas humanas não se estagna num estéril pessimismo, não parece como negativa amargura, mas se torna agente de reação, impele para subir e descobrir. Só os insatisfeitos são levados a criar. E essa angústia, que os normais chamam de loucura, conduz a um trabalho que termina sempre por encontrar alguma coisa que servirá para todos, inclusive para os ociosos e ignorantes que julgam e condenam. O gênio trabalha, pois, sobretudo, para os outros. Essa é a sua missão, a sua felicidade. Para si mesmo, é um infeliz; não lhe é dado conforto algum, apesar de tanto o necessitar e merecer. Tem diante de si imenso trabalho; sabe que sua vida é um martírio, e sabe também que lhe está confiado o progresso do mundo. Gostaria de ter mil braços para trabalhar, mil bocas para falar, não podendo deter-se na autocompaixão, coisa insignificante, que para os outros merece tanto cuidado e proteção. A sua alegria é criar; criando, ele esquece o próprio tormento. Sabe que faz o bem e, se o presente o compreende, lança sua voz às gerações futuras, porque sabe que suas palavras serão recolhidas. Sua comunhão com os próprios semelhantes é comunhão de sacrifício e de dádivas.

Às vezes o gênio oferece o trágico espetáculo de um ser que

parece do outro mundo, descido a uma terra que não é a sua, caído aqui embaixo, onde fica se debatendo desesperadamente com as asas mutiladas, ferindo-se e sangrando ali, onde para os outros a alegria é tão fácil. Fecha-se, então, num isolamento carregado de tristeza e aí canta, cheio de melancolia, uma estranha melodia de arrebatamento que jamais se cala, de fome que jamais se sacia, de tristeza que não tem consolo. Este canto de dor é o mais profundo canto da vida, é a música mais intensa e sutil, que piedosamente nos embala ou tragicamente nos abate. O homem comum fica do outro lado a ouvi-lo, sentindo que naquele canto um raio desce do céu e o véu que cobre o mistério foi arrancado ao sangrento cansaço do gênio.

Mas há também a tragédia oposta, a tática do humano para alcançar o ideal. Ao lado da fatalidade desejosa de que o alto se faça humilde para se tornar acessível, há uma outra fatalidade, que persegue o humano com toda a sua impotência em direção ao inacessível divino. É estranho: o mundo, detesta e combate tudo isto, no entanto se sente dominado por uma instintiva atração, por um pressentimento de futuro que o deixa fascinado. A matéria odeia o espírito, mas depende dele. O inferior detesta o superior e rebela-se contra ele, mas sente a sua força e acaba por obedecer-lhe. É o que ordena a invencível lei da evolução.

Pois se o mundo se rebela; se a realidade biológica impede os passos rumo ao ideal; se a terra é ambiente absolutamente inadequado às afirmações do céu, mesmo assim percebem, por um instinto em formação, ainda confuso, a superioridade do espírito. Mas que canseira a do espírito, para dominar a matéria! E que impotência a da matéria para seguir o espírito! A maior luta do mundo é travada contra si mesmo para vencer a atração que o impele irresistivelmente para o espírito. O ideal evangélico é um enigma para o homem, porque lhe repugna, lhe é difícil, cansativo e, ao mesmo tempo que um convite, uma censura muda, uma ordem: e esse ideal se lhe apresenta como atração e repulsão, contradição de forças que, por caminhos opostos, o agita e interessa. Há para o homem, naquelas doces palavras desarmadas, uma ordem irresistível como uma ameaça.

A grande tragédia humana está se aproximando deste dualismo: reconhecer no íntimo a superioridade do ideal e não o saber realizar; sentir a sua grandeza e beleza e convencer-se da própria impotência, o que gera a aversão e a revolta; compreender que existem formas mais altas de vida que se podem viver, e que são inacessíveis; ver de longe o céu e não poder alcançá-lo; conceber na mente o sonho, mas não ver senão a própria miséria. No fundo da utopia do ideal há esta grande paixão humana de não o poder realizar.

Todos sabem que a vida humana é a que o homem deseja, mas ninguém sabe desejar acima da animalidade, porque elevar-se, isoladamente, para o mais alto é martírio e do martírio se foge. Cada um de nós espera que o vizinho o faça, como o vizinho o espera de nós. E se um homem de exceção o tenta sozinho, todos se encarniçam em destruir esta insuportável vergonha de todos. A guerra que se move aos que realizam o ideal mostra que os homens o sentem, até demais. Nada o ofende mais do que a visita de um ser que se empenha em ensinar e que já conquistou aquelas virtudes que ele receia jamais poder alcançar. Desta ofensa nasce uma guerra que, se é vingança da impotência, é-o cheia de lágrimas. Assim, com um suspiro nascido do coração, o homem volta as costas ao arriscado impulso do ideal que pretende revolucionar a vida para melhorá-la e, preguiçosa mas seguramente, contentando-se com os velhos costumes, recai na solidez das leis biológicas conservadoras, econômicas e prudentes.

Homem e super-homem não são nesta batalha senão os atores movidos por forças profundas. A verdadeira guerra se trava entre as duas fazes contíguas da evolução; cada semente enfrenta a luta para germinar e cada vida para vir à luz. Sem dúvida, o passado sempre criou muito e representa o caminho mais experimentado e seguro, de resultados peneirados na aplicação prática, cujas vantagens o presente desfruta. Mas se estas normas construídas pelo passado são um guia, são, também, uma mentira e uma prisão. Os princípios foram recobertos por tantas incrustações, desviados por tantas adaptações humanas que já não se reconhecem. A alma humana continuou do

mesmo modo a se desenvolver concebendo novas necessidades a ponto de não poder mais cingir-se aos antigos moldes. Se o passado representa segurança e o novo, ao contrário, representa risco, o progresso há de tal modo amadurecido tantas coisas que a pressão destas acabará impondo o dismantelamento daquela cômoda segurança, a tarefa da destruição do velho e a coragem e o risco da construção do novo. E um dia aparecerá a necessidade de se romper a velha casca protetora, porque a vida transborda de seus limites.

Assim, cada geração tem a vantagem de se utilizar das construções dos seus ancestrais e sente o ímpeto de se superar, destruindo e reconstruindo. A substância do fenômeno está sempre na fatal maturação evolutiva e na pressão interior do progresso que deseja romper e realizar-se. E então, finalmente, agarra-se a mão que o gênio inutilmente estendeu e se procuram avidamente, como elementos vitais, os progressos brotados de seu tormentos e que o homem, na sua louca agressividade inconsciente, não conseguiu destruir; e com essas centelhas se ilumina o caminho das ascensões humanas. Só então se cumpre a missão do gênio.

É, assim, compreensível a posição do problema evangélico ante o mundo e a razão do contraste entre terra e céu, colocando a questão não em forma racional e abstrata, mas biológica e prática.

Assim o nosso protagonista se orienta claramente, em plena consciência diante de sua última experiência no mundo e dessa compreensão tirara todo o possível rendimento da nova prova. Ele tinha agora diante do seu olhar as duas realidades: a do céu, que conhecera primeiro, e a da terra, que agora compreendia. A vida real apresentava-se-lhe como um duplo jogo; duas visões opostas que, exprimindo-se em linguagens diferentes, não se compreendiam. De um lado, o jogo curto do materialismo, hedonista e epicurista, que se apoia no passado, escolhe os caminhos da animalidade e os resultados imediatos, como o gozo, o bem-estar, a expansão no plano da matéria. De outro lado, o jogo longo do idealismo altruísta, que se apoia no futuro, escolhe o caminho do espírito e a realização longínqua, sacrificando a

isso o presente, não se expandindo na terra, mas sim no céu. Em nosso mundo a vida oscila entre estes dois extremos. Míopes ou presbitas esbarram em dificuldade; cada vantagem é paga e compensada.

O jogo curto leva a vantagens imediatas e tangíveis. O resultado está próximo e é alcançado subitamente. É um método positivo, concreto, humano, o preferido pelas pessoas práticas. Conquista-se apenas o que se vê e já existe realmente sobre a terra. Mas este jogo tem um defeito grave: acaba-se com a morte, quando tudo desmorona deixando apenas as cinzas da ilusão. E mesmo antes disso, quantas traições, quantas lágrimas, que íntimo sentido de vacuidade nos resultados com tanto trabalho conseguidos! Por fim não resta na alma senão uma triste amargura de insatisfação, uma pavorosa sensação de vazio, a certeza da inutilidade dos esforços realizados. O secreto instinto da evolução deixa-se prender pelo desespero final que é a herança de todos os que viveram inutilmente, isto é, sem progresso, sem evoluir.

O jogo longo é de resultados longínquos e de realizações demorada. Conquista bens imperecíveis, mas colocados fora da terra, num mundo que foge aos nossos sentidos. Compreende-se como dever ser construído com sabedoria e sofrimento, ao passo que os que gozam e vivem no ócio desperdiçam a vida e se destroem a si mesmos, o que é uma desvantagem, porque aquela conquista custa graves sacrifícios e lutas na vida presente. O instinto secreto da evolução satisfaz-se com as conquistas realizadas - mas quantos riscos e sacrifícios, que cansaço e que tensão em toda a vida!

Seja qual for o caminho escolhido, não há uma saída gratuita que nos livre do trabalhoso dever de evoluir. É inútil procurar animalizar-se. Há na alma humana uma necessidade instintiva de melhoramento, um irresistível sentido de insaciabilidade que fatalmente estimula e impele. E os caminhos terrestres são cansativos e inseguros. E então valerá a pena sacrificar a consciência e tanto trabalho por um resultado tão incerto? Sim! A moral biológica do mais forte, sempre vencedor, é viril e grandiosa; mas quantas tristezas, quantas traições, quanta miséria atrás da cena; que vís explorações,

que instabilidade implica o sistema da força! Isso se reduz a uma luta sem tréguas.

Destas considerações devem ter nascido na Idade Média ideais de pobreza absoluta, de renúncia a tudo, que, do ponto de vista humano, são os ideais do desespero. Quanta paz dá à alma o Evangelho com sua confiança em Deus, ante esta atroz lei biológica que desencadeia todos os apetites, sem lhes garantir a satisfação! A que preço se vence! Que fadiga é a vida! E que decepções se recolhem! Então a dificuldade move o instinto do progresso que estimula as tentativas de evasão do pestilento pântano terrestre. Então se realiza o esforço para elevar-se a qualquer custo. É assim que nos nossos tempos loucos de sapiência, doidos de dor, desesperados no bem-estar, torturados nos gozos, esta pobre humanidade, insatisfeita de tudo, armada até os dentes para defender a sua insegura posição, agita-se sem repouso em busca de caminhos mais altos, mais civilizados, mais dignos.

XXV

RESSURREIÇÃO

“Durch Sturm empor”¹⁶
BEETHOVEN

Já agora, o nosso personagem tinha diante dos olhos, bem clara, a visão da verdade biológica, como da verdade evangélica e podia dirigir com perfeito conhecimento a continuação do seu caminho. Compreendera que, colocado assim biologicamente, o problema se tornava compreensível e que não a erudição, a abstração, os processos racionais, mas apenas o bom-senso prático e o contato experimental com a vida é que podiam oferecer a solução.

Encontrara, assim, na realidade, uma lógica que não é a dos silogismos e compreendera que a sábia resposta do oráculo especulativo de nada serve para a vida prática onde um homem qualquer sabe mais que um grande filósofo. E é este mínimo e sólido bom-senso do homem comum a pedra de toque dos grandes filósofos, o filtro que controla o seu valor prático, a medida de sua atuação. Se o homem da terceira lei não quer que o seu pensamento seja letra morta, deve estar sempre em contato com os homens da primeira e da segunda lei aos quais aquele pensamento se dirige para sua aplicação. Muitos problemas propusera o nosso personagem a estes homens e obtivera a resposta.

Compreendera que era incompleto qualquer conhecimento que não levasse em conta a realidade biológica, à qual todos devem descer para atuar e onde tantos fenômenos falam, revelando seu pensamento diretor e animador. Aí estavam os pioneiros na vanguarda da evolução, os especializados na obra criadora de novos modelos de vida, as células sociais de função nervosa e cerebral, quais delegados da raça para cumprir o específico trabalho de antecipação evolutiva das futuras formas a serem realizadas pelas massas. Compreendera a razão de seu desequilíbrio e de seu fatal destino de solidão e martírio. Mas compreendera também a sua inderrogável função biológica, tão importante como a conservação individual da espécie; compreendera que, apesar de todos os obstáculos, a sua posição era verdadeira e se mantinha inviolável, acima de todas as condenações. Compreendera toda a lógica do complexo fenômeno da redenção humana e a fatalidade de suas leis;

compreendera também a que explorações humanas os ideais se haviam de submeter no ambiente terrestre onde tudo se deve prestar, se deseja sobreviver, a produzir o rendimento útil: condição indispensável de sobrevivência na terra. Compreendera que degradação deviam os ideais suportar para que fosse possível sua assimilação na terra e como o homem normal impõe os seus limites e as suas condições, reduzindo tudo, inexoravelmente, à medida de sua própria compreensão; que aviltamento, que deformações são necessárias para fazer descer o céu aos usos comuns da terra, para que o homem comum possa apossar-se dele e utilizá-lo na sua própria evolução! Que imensa resistência oferece a inércia das grandes massas humanas e que dificuldades para vencê-la.

Mas só assim o ideal germina e frutifica. A visão da fatalidade da traição do mestre por parte de seus companheiros, das explorações e acomodamentos humanos, das distorções de consciência, das adaptações deformadoras mas necessárias à aplicação a uma realidade diversa - eis os maiores tormentos do homem que luta pelo ideal.

Não são os discípulos, geralmente, os maiores deformadores? No entanto, são necessários. Ele sofria com esta fatalidade que assalta a criatura mais querida do homem da terceira lei, golpeando-o justamente no coração de seu trabalho.

Chegado a este ponto, o nosso personagem se impunha algumas graves questões:

O ser evoluído tem realmente, e até que ponto, o dever de se sacrificar pelo involuído? Tem o ser inferior, para sua elevação, o direito de tudo abaixar até si próprio e o ser normal o de trazer até seu próprio nível o supernormal, para ascender à sua custa? Quais são as relações entre o superior e o inferior e ao contrário, na hierarquia dos verdadeiros valores da vida que o homem representa? Tem o gênio o direito de se sacrificar, de descer e aviltar sua superioridade em homenagem ao amor evangélico a serviço do próximo? Por que a um homem que sofre não é uma injustiça que outro homem, embora seja

um gênio, tente eximir-se, fugindo ao peso da inferioridade, isolando-se no culto único da elevação individual? Ou o super-homem tem o dever de se salvar primeiro a si mesmo, fugindo, se necessário, à normalidade e, para servir à sua própria elevação, terá o dever de se isolar e voltar as costas impiedosamente aos inferiores, deixando-os entregues ao seu triste destino? Este abandono será um dever ou um crime? Se não se devem dar pérolas aos porcos, dever-se-á deixá-los na pocilga? Ou cada aristocrático refinamento no espírito, seja ciência, arte ou santidade, não é um roubo a vida subterrânea dos primitivos e abandonados que pedem fraternal socorro? Por que um homem irmão sofre, tem-se direito à isenção de sua dor e à tentativa de fuga na alegria do triunfo espiritual do próprio e egoístico superamento? Pode-se, diante de um ser involuído, pensar primeiro e somente na sua própria involução? Deve-se, então, ser impiedoso e deixar para trás os que valem menos, para que estejam à frente os que valem mais? Na luta entre homem e super-homem, quem tem mais direito à vida? Até que ponto a piedade se pode impor à justiça e qual será o limite dos direitos do amor ante os direitos do progresso? Que valerá mais, biologicamente, a evolução ou o altruísmo evangélico? E a qual deles dar a preferência?

Orientemo-nos. Todos os homens se podem individualizar, agrupar e distinguir segundo as três leis biológicas que, como vimos, presidem ao funcionamento da vida. Estas três leis são os três planos ou níveis de altura do edifício da evolução. Destes três planos, os homens que neles estão situados e os representam, mantêm-se em posições diversas pelas quais lutam mesmo sem o perceber. Mas é uma luta de seres que se procuram porque têm necessidade de se unirem, já que não podem existir senão vivendo no mesmo edifício. Cada homem luta para defender e afirmar os valores da própria lei, porque neles está a sua própria função vital. A vida é sempre luta que forma as qualidades, reforça as posições e as defesas, garante os valores reais. Assim os homens de cada uma das leis são rivais entre si, porque cada um vê apenas o seu próprio campo, acredita-se no centro da vida e, no impulso pelo cumprimento do próprio destino vital, é levado a invadir o campo dos outros, chocando-se com eles. Todos se acreditam reciprocamente e cada um não tem valor senão em seu lugar: o normal da 1ª lei pensa na conservação individual com o seu egoísmo, o da 2ª

lei pensa na conservação coletiva e na reprodução; ambos, porém, não se preocupam com o progresso social, que é o escopo do homem da 3ª lei.

Mas se o super-homem não se encontra com o normal, representante dos seres humanos mantidos em vida pela proteção necessária e salutar do seu egoísmo, o normal que, com o seu instinto de reprodução, não frustrasse a obra da morte provendo a continuidade da raça - com que material poderia ele trabalhar? Nada teria para plasmar, para fazer progredir, para imprimir sua própria visão de um mais elevado modelo de vida. Sem os menos evoluídos, ele seria um solitário pregador no deserto e não poderia realizar a própria missão. Mas, do lado oposto, se os normais não se encontrassem com o supernormal que conhece, antecipa, guia e, reservando-se a função cerebral e espiritual da vida, o faz progredir - também todo o seu trabalho seria estéril e sem sentido. Tal é o edifício das funções da vida. Coloquemos cada coisa em seu lugar neste edifício e teremos respostas para as perguntas precedentes.

Em primeiro lugar, para cada homem segundo a sua natureza, lei e posição no edifício, é um dever a realização da própria função vital. É um dever para cada um alcançar o máximo rendimento da própria capacidade e para cada um o egoísmo de seu nível leva à defesa do cumprimento deste dever. Se os outros, por inconsciência, tentam invadir o seu campo e prejudicar a sua função, ele tem o dever da defesa, pois que, no pleno respeito de todos os representantes das outras forças da vida, ele tem o direito ao respeito a si mesmo pela força que representa e que, como as outras, se deve conservar e frutificar.

Assim, se o super-homem não é compreendido, tem o dever de expulsar os profanadores inconscientes de sua missão, porque seria crime não a impor para seu bem, ceder aos obstáculos, renunciar à utilidade coletiva que poderiam produzir os recursos de sua personalidade. O super-homem que representa o bem de todos seria um traidor de sua função se permitisse que os que não compreendem fossem obstáculos à sua missão. Seu dever é defender o bem de todos que ele representa. Se isto implica para ele o direito à própria

defesa e ao próprio trabalho, implica, também, o dever de se dar até ao extremo, de fazer frutificar suas qualidades para o bem geral, está implícito o direito à proteção e ao reconhecimento necessário para que o fruto possa amadurecer, pois que o seu interesse é o interesse de todos.

Portanto, também o super-homem deve lutar pelo que é, na defesa das coisas superiores que ele representa. O espírito de sacrifício, a piedade, o altruísmo evangélico encontram um limite neste dever. Aquele que têm qualidades não têm o direito de sacrificar seu rendimento para o prazer dos que não merecem tal sacrifício, porque, assim fazendo estariam privando dos resultados aqueles que o merecem. O amor ao próximo se torna defeito quando se desenvolve no sentido destrutivo e não construtivo. É verdade que a dor é a grande mestra da vida, mas não basta sofrer — é preciso sofrer utilmente. A resignação estupidamente passiva, o desperdício das próprias energias na suportação paciente de contrariedades é inútil porque moralmente improdutivo. Não é virtude, mas culpa. Não se tem o direito de se consumir para se suportar um choque, nem se sacrificar um nobre trabalho para se renunciar ao necessário. A vida deseja rendimento e não sufocação das qualidades. A dor deve ser escola e instrumento de ascensão e não suicídio. Não deve ser renúncia senão enquanto esta é dinamismo construtivo para o alto. É luta sem piedade para si mesma, porque somente o ideal triunfa. Mas quando do outro lado está o rendimento espiritual, então é lícito o martírio que maltrata o corpo. Não sendo assim justificado, o martírio se torna suicídio. Ao contrário, seria justificada a renúncia a este rendimento por um errôneo senso de sacrifício votado à comodidade do próximo - o verdadeiro suicídio. É justamente a finalidade do bem, o rendimento da ação o que distingue o suicida que foge inutilmente da vida por vileza, do mártir que, pelo triunfo de um ideal capaz de fazer progredir o mundo, se oferece em holocausto.

Concluindo, a moral biológica não tolera esbanjamentos, dispersão ou desfalecimentos; quer cada um corajosamente colocado em seu posto de combate, como vencedor; quer que cada um faça frutificar utilmente para si e para os outros as qualidades que lhe foram confiadas e que ele

representa e personifica. Aos que têm qualidades corre o dever de tudo sacrificar por seu rendimento e de defender esse sacrifício, para que alcancem o seu fim.

Finalmente, admite-se apenas o sacrifício evolutivo que conduz ao alto, apenas a queda que leva à ascensão. As leis da vida não admitem que o egoísmo, agindo na defesa do ser, ceda lugar ao altruísmo que é a sua negação, a menos que, em compensação, se consiga adquirir um rendimento que supere ou ao menos valha aquilo que se perde. Um sacrifício louco, um altruísmo simplesmente destruidor, uma perda de utilidade que não consegue ressurgir em alguma reconstrução, é um erro biológico, um condenável ato antivital.

Colocado diante de tais conclusões, o nosso personagem quer orientar-se em nova posição. Ele era inexoravelmente o homem da 3a lei. Sentia-o claramente e não o podia negar a si mesmo. Tinha, então, o dever de aceitar e proteger a sua missão, de dar rendimento completo de acordo com a natureza e capacidade. Enfileirou-se ao longe, atrás dos grandes idealistas. Considerou a situação reconhecendo, em primeiro lugar, suas próprias limitações. Sabia que era limitado e que não lhe competia reformar o mundo, mas simplesmente dar a sua contribuição, fazendo florescer e frutificar aquele pouco que possuía. Não podia compreender o delito de desperdiçar o que tinha e que devia oferecer e daria até ao limite de sua capacidade e de suas forças. Mais não tinha, nem podia. Entre o limite do que era e o além que não sabia ser, queria agir em plena consciência e a fundo, até à exaustão de todas as possibilidades interiores. Tinha o dever desse rendimento máximo dentro do relativo. Além disso não ia o direito de sua própria realização, nem o seu dever de explicação da própria missão. E aqui ele parou, consciente de sua relatividade e pequenez, confiando o resto a Deus. Os anos seguintes seriam para ele uma lenta realização do bem alheio, o que daria à sua vida o máximo rendimento, e um sacrifício de si mesmo que não era suicídio, mas maceração elaboradora de espírito; não uma aniquilação, porque sua morte lenta dava vida aos outros. Morreria, pois, exausto de fadiga, mas satisfeito em sua paixão de bondade e amor para com o próximo, tendo cumprido o dever de nada esbanjar de si - nem

um minuto de tempo, nem um grama de força, dando tudo quanto tinha, fazendo tudo o que sabia e podia, tudo utilizado para o bem dos outros. Dados os limites da sua vida, essa mesma era a medida de sua completa realização na oferta e no sacrifício.

Portanto, sua posição agora era clara. Sendo homem da terceira lei devia, em primeiro lugar, aceitar todos os trabalhos e deveres. Oferenda e sacrifício eram regras para ele. Sentia, de resto, que todos os caminhos de evasão, até agora tentados, não exauriam e não resolviam o problema da sua vida de espírito. Era impossível a fuga da terra através da ascensão mística, impossível a sua anulação na tentativa de se animalizar no plano da realidade humana. Não lhe restava senão o caminho da cruz. Os últimos obstáculos, ofensas e condenações não tinham feito, afinal, senão reforçar nele o sentido de sua missão. Sua queda fora profunda e a reação fora enérgica, mas breve, e se exaurira em doze meses. Isso fora necessário para que pudesse resistir a todos os assaltos. Mas a reação continha um impulso de ressurreição, embora iniciada por baixo, e este impulso não se podia deter. A experiência fora útil e ele trazia consigo agora uma nova sabedoria e nova solidez. E as forças do espírito que se moviam no seu destino agarravam-no pelos cabelos para arrastá-lo novamente ao alto, para que tudo se cumprisse. O homem é indestrutível em sua notas fundamentais e o ataque das forças contrárias jamais tem o poder de desviar um destino fora de seu binário. Neste período de prova, conseguira dominar a onda. Era necessário, agora, tornar a sair, por aquela mesma lei de sua vida que primeiro o derrubara. Os assaltos estavam esgotados. Pagara em moeda de dor, ao mundo inferior, o seu preço pelo progresso conseguido. Agora, podia retomar o seu trabalho. E, admirado, observava como o espírito, em vez de se esgotar, temperava-se no trabalho do superamento das provas. E que novos conhecimentos, que nova síntese experimental trazia consigo ao emergir das profundidades do mundo em que fora atirado! A sua fé superara a prova e fora consolidada. Durante um ano ficara cego, no inferno terrestre, mas agora, o vórtice da paixão santa por Cristo apanhara-o de novo. Retomava o caminho nas pegadas Dele para vencer o mundo não com ódio, mas com amor. Recomeçava a sua missão, corrigida,

temperada, purificada. Ninguém a poderia destruir porque isso significaria a possibilidade da anulação de um espírito e de um destino. Bastava uma centelha para reacender o velho incêndio, grande demais para acabar assim. Que misteriosa sabedoria das leis da vida se manifestava nestas provas da alma! O retrocesso não fora senão um meio de tomar impulso em direção a novos superamentos no caminho da evolução, para a própria realização e para o bem de todos. Então, Cristo não o traíra, o Evangelho era verdadeiro, ele é que não tinha aprendido o seu significado mais profundo e agora tudo, em vez de desmentido, ficava reafirmado. Agora que viajara tão tempestuosamente pelo mundo podia retomar, plenamente, no mundo, ante o mundo, em completa consciência, a experiência evangélica. Tudo isso lhe mostrava que a ascensão espiritual nem sempre é retilínea e que muitas vezes ela não se consegue senão por ação e reação, como as oscilações de um pêndulo entre o bem e o mal. Não devemos temer as quedas quando temos a paixão da ascese e uma alma ardente e capaz de se reerguer. O terrível é, ao contrário, possuir uma alma inerte, restrita, formal, incapaz de qualquer oscilação, de grandes quedas e especialmente de grandes impulsos de reação. O rebanho em geral está adormecido; ninguém cai por isso, mas também ninguém ressurge. E com grande virtude do não fazer, julgam, escandalizam-se, e tudo desejando reduzir à sua vida negativa, pesam o homem de Deus.

A última palavra que escrevera fora "Silêncio" e mantivera-a. Decidira quebrar a pena, renunciar e escrever, renunciar a compreender e, afinal, renunciar a pensar. Sua vida estava no pensamento e isso significaria para ele o suicídio espiritual, aceitação pelo senso do respeito e do dever da morte da alma. Oferecera a Deus o sacrifício máximo. Impusera-se, sem indagar, os últimos limites. Mas não compreendera que sua vontade não bastava e que não é possível, mesmo que se queira, sufocar o espírito. Deixara-se precipitar, mas não podia se destruir. Sua mente não podia se fechar e, com o tempo, sem mesmo o saber, pelo simples fato de continuar a existir, ela continuou a funcionar, superando, inevitavelmente, os limites impostos, ultrapassando instintivamente a decisão de não pensar e não compreender, elaborando, inadvertidamente, um novo pensar e um novo compreender. Se

bem que estivesse armado de retidão e decisão, a suspensão das funções da alma acabou em alguma coisa superior ao seu próprio poder. Certamente as leis da vida não permitem a consumação destes atentados, embora ditados por nobres e heróicas intenções. Não conseguiria fechar o pensamento, que assaltou os limites impostos, vencendo o abatimento e a crise, ressuscitando mais fortalecido. Não é divina a impossibilidade de uma autodestruição, apesar de todas as dores, de todas as adversidades, de todos os assaltos, da própria fraqueza e abatimento e mesmo a nossa vontade demasiado cansada de sofrer? Não é divina a impossibilidade de se anular? Não é, pois, a vida um irresistível superamento contínuo mais forte que nós mesmos? É impossível inverter a essência das coisas.

Assim ele experimentou o funcionamento da lei do equilíbrio que é justiça para os que estão esgotados, indiretamente destruídos, tanto mais quanto menos reagira. Ele compreendeu então o mecanismo da falsificação evangélica pelas leis do mundo que faz a derrota se transformar em triunfo. Compreendeu que além do simplicismo brutal da lei biológica havia outras forças que, mesmo agindo plenamente num mundo mais alto, irrompem também sobre a terra, impondo-se, invisíveis e imponderáveis. Assim, depois de ter sentido o sabor amargo da injustiça do mundo, pode saborear a justiça do céu e compreender a superior potência e a maior estabilidade do equilíbrio das leis do céu ante as leis do mundo. Para os astutos da terra as leis parecem ingênuas; para os fortes são fraquezas. Alguma coisa, nos mais elevados planos da evolução, sentira e registrara o fato de sua queda. Dir-se-ia que, além das aparências, pesara a substância, tendo encontrado, além da forma condenável, uma realidade de sacrifício, um organismo de forças conscientes - interviu em defesa do inviolável princípio da divina ordem da justiça e agira na terra transformando a derrota, a queda, a mutilação - numa ressurreição.

Tudo isto lhe demonstrava como em sua vida, em todas as coisas, além da injustiça superficial havia a inviolável justiça de substância, ou seja, uma ordem que compreende, domina e absorve os elementos de desordem. E tudo isso lhe dava nova e evidente demonstração da verdade prática daquele

Evangelho que a terra considera absurdo.

Observava em si mesmo o fenômeno da ressurreição e admirava a fatalidade da lei do retorno a Deus. Deus é invisível e irreal sobre a terra. Quanto mais se desce para o humano, mais sua imagem se reduz, apagada, antropomorficamente diminuída, mas se tornando compreensível, acessível e confortante. À medida que se avizinha do divino, a imagem mais se assemelha ao Deus verdadeiro, fazendo-se também mais alta, abstrata, longínqua, inabordável, já que o espírito se encontra diante de um abismo tão profundo que Deus se desvanece e se perde no vácuo do inconcebível. E o Deus verdadeiro se coloca tão alto que não se sabe mais invocá-Lo, ama-Lo, como Deus antropomórfico, que se sente que não é Deus. E não obstante a imensa distância que assusta os que desejam medi-la; apesar de sua altura e de Sua profundidade e a abstração em que Deus se oculta a ponto de sugerir o ateísmo aos cegos do mundo - que atração para este centro invisível e inalcançável, que necessidade suprema de subir para se avizinhar Dele, para o retorno a Ele, desde que uma vez O tenhamos conhecido! E que cansaços, sofrimentos e lutas enfrentam as almas para O reencontrar! A marcha do progresso do mundo não é senão uma afanosa busca de Deus, uma insatisfeita tentativa de retorno.

Nosso personagem poderia ficar no mundo em que caíra. Algo, porém, o impedia. Não era um inepto, o teria sabido realizar o ataque para vencer pelo sistema da terra. Por que não o queria? Por que não o podia? A rebelião que ele começara morria-lhe na mão. Por que? E tudo pela utopia terrível do Evangelho, pelo insensato amor a Cristo, pela doida fé em Deus. E ele se sobrecarregava ainda como peso de novos deveres e, destemido, retomava, após tantas desilusões, como se nada tivesse acontecido, o velho e cansativo caminho.

Agora que reencontrara o sentido do Evangelho - a realidade biológica na qual acreditara, colocada diante da consciência evangélica, parecia-lhe uma torpe paródia. Apesar de tudo e de todos, surgia em seu espírito a suprema contradição da cruz repelida e amada, martírio e triunfo, longínqua,

inatingível, traída, maldita, mas sempre invencível cruz. Em sua luz, ela o fitava, muda e chamava-o, símbolo do trabalho da redenção humana, síntese da superação biológica que leva da fase evolutiva humana à super-humana. E devia agora retomar a tarefa na qual bem sabia estar o único significado da vida. Se não desejava involuir e destruir-se, seguindo o caminho do animal, não lhe restava senão seguir o caminho da cruz.

Que é que acontecera com ele? Como ocorrem estas estranhas maturações que aparecem subitamente como síntese realizada? Sentia-se ressurgir como um homem diferente, tão diferente do que fora no último ano que nem mesmo se reconhecia. Que misterioso reencontrar-se é a vida, sobretudo a vida do espírito, para os seres amadurecidos! É uma revivescência além de todas as mortes, um renascer de todas as crises, um triunfar de todos os abismos. Os velhos germes, em vez de morrer sob a neve, tinham amadurecido e agora germinavam. Em lugar de ficar abatido, o espírito reforçava-se na tempestade. Tais experiências estampam-se tão profundamente na alma que se tornam inesquecíveis e nenhum assalto, nenhuma vicissitude as poderão destruir. E ele compreendeu então a grandeza da divina lei de justiça pela qual, quando uma vez se conquistou uma realidade, esta jamais se poderá perder, e o caminho percorrido, o cansaço, embora estacionados, não se perdem mais. Compreendeu, então, a impossibilidade, para ele, de se animaliza, de descer, involuir; a impossibilidade de a matéria vencer o espírito; de o mal anular o bem. Compreendeu a indestrutibilidade dos valores morais, das conquistas realizadas. As próprias leis da vida se opunham à sua degradação, que seria injusta.

Uma vez elaborado, o eu cedo ou tarde desperta. E o seu despertar não foi o tatear do novato inexperiente, não a trabalhosa conquista do inexplorado - mas o reencontrar-se rápido de quem reconhece o caminho, por havê-lo percorrido. Despertou nele a velha fome do espírito e ele reencontrou e retomou as velhas experiências que já possuía em síntese, porque cedo se lançara pelos caminhos do espírito.

Não começara pela vida física, que é a fase normal da juventude, mas tinha, desde os verdes anos, alcançado rapidamente a plenitude espiritual à qual chega às vezes a maturidade do velho, que tarde demais adquire o sentido profundo da vida.

Assim voltaram-lhe os grandes silêncios, túrgidos de pensamento; reabriram-se os abismos do céu; reacendeu-se o vórtice de sua paixão; voltou a tempestade de seu destino para que reencontrasse, continuasse e completasse o caminho da ascese.

XXVI

AMA O TEU PRÓXIMO

O nosso personagem voltara-se para as últimas fases de sua vida. O processo de animalização falhara no sentido em que fora tentado e produzira resultados opostos. Desta prova máxima seu espírito saía mais consciente e mais forte. A chama de seu espírito vacilara até quase se apagar sob o sopro gelado; mas o sopro mesmo acabara por reavivá-la. Sentia-se, assim, restituído à fase precedentemente conquistada. Compreendia, no entanto, que não se tratava de uma simples restituição, de um mero retorno.

Uma nova experiência, e bem diferente, passara sobre as

anteriores realizações e elaborara algo de novo, uma face inexplorada de si, criando um conhecimento e com ele um novo dever. Escrutava-se para compreender o que significaria, no desenvolvimento de seu destino, o ter superado aquela nova prova a qual poderia ser o seu rendimento. E, no entanto, sentia-se insatisfeito. O passado, embora reconquistado, já não o satisfazia, não lhe bastava. Procurava o que lhe poderia faltar para completá-lo. Havia ali uma lacuna que procurava preencher e tudo isso era a continuação lógica do desenvolvimento de seu destino. A experiência humana dera-lhe nova semente, o germe de um motivo que procurava decifrar e desenvolver.

Começava a distinguir, graças a uma sensibilidade moral mais sutil, como que um sentido de culpa egoísta, em sua mística fuga. E perguntava por que teria sido tão bruscamente truncada sua ascensão mística. Não poderia ela, então, continuar sozinha, ou constituiria de tal forma um perigo, ou teria necessidade de se combinar com algum outro elemento para que não fosse frustrada a sua função evolutiva? Era uma colheita e não é necessário demorar muito sobre os louros. Parar e adormecer é apodrecer. O necessário é atirar-se ao trabalho, começar nova sementeira. Mas como?

Sentia que era restituído às passadas alegrias espirituais, não para continuar no seu plano de fuga e tentativas de evasão da terra. Este fora, afinal, o ponto fraco de sua precedente direção, ou seja, a finalidade, a superação procurada para alcançar, só por si, a própria liberação das dores da terra. Esse era o caminho do Nirvana das filosofias orientais. Mas ele se recordava de que no Evangelho havia algo mais completo e profundo. Que seria? Procurara fugir da terra para o céu. Quase o conseguira e o destino lhe dissera: Não! Procurara, então, livrar-se do céu para se destruir sobre a terra, renunciando à fuga. Mas isto também lhe fora vedado. Para onde dirigir-se então? Certo, muito lhe fora dado, mas em troca de que novos trabalhos? Sentia que não poderia ser mais o homem da fuga. O campo a arar seria, então, a terra? Pesquisou mais profundamente, interrogou o Evangelho e música mais íntima lhe respondeu que mais aceito e completo que o amor que chega a Deus, solitário em sua alegria, é o amor que chega a Deus através de Suas criaturas, através de sacrifício

da cruz pela redenção do mundo. Realizara, pois, a prova de cruz pela redenção do mundo, tendo que imergir nele; se queria, agora, reencontrar Deus, teria que passar através do mundo. Já não se tratava de fugir da terra para o céu, como o fizera, ou do céu para a terra, como o tentara, mas tratava-se de assumir uma posição nova e trazer, com seu trabalho e sacrifício, o céu à terra e levar a terra ao céu. É certo que ele já iniciara esta obra, com o abandono da riqueza e a aceitação do trabalho como dever de todos. Mas nisto não vira senão o aperfeiçoamento de si próprio na realização de um ato de justiça. Era preciso ir adiante, saber esquecer-se de si mesmo e, na anulação de todas as metas individuais, ressurgir na vida dos outros. Era preciso abrir os braços aos trabalhos e às dores do mundo, não para ganhar por cálculo egoísta um paraíso particular, mas para auxiliar, em completa ignorância de si mesmo, a todos: amigos e inimigos. Era preciso incendiar-se e arder em amor pelo próximo, às vezes ingrato e repugnante; ter a heróica coragem de cortar as asas anelantes no vôo, para se precipitar abaixo e aí viver até o último alento.

Assim se iniciava para ele uma nova fase ainda mais madura, mais fecunda, uma realização mais completa do verdadeiro espírito do Evangelho. Mas, para cumprir a nova tarefa tivera que, primeiro, conhecer o céu e a terra. A nova fase era a síntese das duas precedentes e nelas se completava, reforçava, ampliava sua missão que os assaltos não tinham podido destruir.

Neste sentido o Evangelho lhe falava e nova ordem lhe vinha de Cristo: era necessário retomar a cruz a carregá-la na terra, seguindo o Seu exemplo, e não por si, mas para o bem dos outros. Esse o grande e novo motivo que ele devia desenvolver: o bem dos outros. Renunciar própria fuga para se deter, agora que havia aprendido a ensinar aos outros. Não fugir só, mas salvar também os outros; não evoluir sozinho, mas com todas as criaturas irmãs. O novo e mais profundo sentido do Evangelho estava neste recuo, sobre os próprios semelhantes, não mais desprezados como inferiores, involuídos, primitivos, mas amados e ajudados como irmãos. Não é, pois, através da fuga da terra, seja em busca de perfeição, mas através do amor ao próximo, que se encontra mais completamente a Deus e se realiza plenamente o Evangelho. O

caminho é mais extenso, mas que vastidão de realizações! O antagonismo entre a terra e o céu não existe para que se lute ao infinito, mas é um contraste na mecânica da evolução que se deverá resolver em progresso.

Trata-se de fatos que devem ser compreendidos: o antagonismo acaba por ser reabsorvido pelo progresso - é um meio que se dissolverá quando for atingido o fim.

Ele acreditava que Deus estava no alto, tão longe da miséria humana que para chegar a Ele seria necessário separar-se daquela, esmagando-a, impiedosamente; vira o céu tão longe da terra que acreditara ser necessário abandonar a terra como coisa indigna para poder tocá-lo. Agora via um Deus mais próximo, não já uma negação da vida humana, um poder que julga e condena - mas uma afirmação presente e operante também na terra, uma bondade de pai que sabe descer até aos humildes para amá-los, protegê-los e ajudá-los, a todos chamando para colaborar nesta obra de elevação.

Via, agora, o céu dobrar-se sobre a terra e, enquanto dava de si mesmo o fruto de todas as experiências e os recursos acumulados em meio a tantas provas, corria para colaborar. atirou-se de braços abertos para seus semelhantes e olhou a terra com confiança; céu e terra aparecem-lhe pacificados, unidos numa obra de colaboração. Reapareceu-lhe, então, o Cristo que já vira, um Cristo de mil rostos que, se multiplicava colocando-se ao lado de cada homem e aí permanecendo com aparência diversa, um Cristo muito maior sob o peso desta humanização. Mas só agora compreendia o sentido, antes fugaz, daquela visão que fora como que uma advertência.

Precisava, então, procurar, encontrar, realizar Deus não apenas no céu, mas também no inferno terrestre. Precisava imitar Cristo, fazer com Ele a sua mesma descida. O desafio ao mundo não devia ser mais de desprezo, mas sim de amor. Devia se encaminhar para seus semelhantes não armado como o quer a terra, mas sim como o quer o céu. Da reação que divide, ele devia passar à compreensão que une. A luta deve produzir um resultado

benéfico - não guerra pela guerra, pela vitória da terra, mas guerra pelo progresso, pela vitória do céu. Era preciso, com o céu, fecundar a terra, canalizar, numa corrente ordenada, as forças caóticas. A vontade e a força não mais dirigidas à destruição, mas sim à construção. Neste gesto de estender a mão aos seus irmãos sem distinção de inferioridade ou superioridade, podia estar a única conclusão digna da vida de nosso personagem, como também pode ser a única conclusão deste livro.

Nada vale saber vencer por si, se não se sabe vencer pelos outros. Ele devia procurar a sua valorização máxima não mais em si, mas em seus semelhantes. Esta sua nova diretriz correspondia não só à orientação evangélica, mas também à biológica e social. Para ai convergirem todas as vozes, todos os espasmos da humanidade sofredora e todas as ofertas das almas preparadas. Era a síntese da bondade da palavra de Cristo, das necessidades de coordenação social, do anelo evolutivo da raça humana para um mais alto e compacto futuro biológico coletivo. Anular-se para si e reviver nos outros. Esse era, para o nosso personagem, o caminho da maior afirmação de si mesmo nos outros, pois que quanto mais intensamente se viver nos outros, mais se dá e mais possui. Em lugar de exaltar o altruísmo no próximo, o que seria a demolição do seu egoísmo para vantagens próprias, começar a sentir respeito pelo egoísmo alheio, o que seria a demolição do próprio egoísmo para vantagens dos outros.

Fazer, afinal, da virtude algo que começa do próprio dever que dá e não do próprio direito que pede; algo que começa em si mesmo com obrigação e não se dirige aos outros como um pretexto, deles exigindo aplicação para a própria vantagem. Ocupar-se do trabalho positivo de construção do qual tantos fogem e abandonar o trabalho negativo de negação e destruição do qual tantos se ocupam. Se o mundo é mau, ele não devia perder tempo reprovando-lhe essa malvadez, mas devia consumir-se para torná-lo melhor. Tinha que se oferecer em sacrifício para opor um dique à corrente da maioria de egoístas que exigem o altruísmo nos outros para melhor afirmar seu próprio egoísmo. Devia se oferecer para reerguer o exânime estandarte do amor evangélico, o desfigurado princípio do altruísmo; tinha que começar a aplicar o

ideal antes de mais nada a si mesmo, como honesto respeito pelo egoísmo alheio, como dever em favor de outrem e não como direito contra alguém. Em vez de pregar o ideal para vantagens próprias, tinha que se dar ao trabalho de conseguir vantagens para o próximo.

O Evangelho pedia-lhe fatos e não palavras. A própria razão lhe dizia que não se pode chegar à atuação do altruísmo através de uma absurda e antivital supressão dos egoísmos necessários à vida, demolindo as necessárias defesas biológicas - mas apenas através da dilatação destes mesmos egoísmos. Realmente, o homem é espontaneamente altruísta naqueles casos em que vê a si mesmo nos seus semelhantes. O ver os outros em si mesmo, em ampliação sempre progressiva, é o verdadeiro caminho biológico e evangélico para chegar ao altruísmo.

O motivo final de sua vida não podia ser senão este: "ama o próximo como a ti mesmo". Já vimos a profunda significação evolutiva desta ordem evangélica. Só assim podia agora sair realizando a aplicação total do Evangelho. Era a sua última fase e a substância de sua ressurreição.

Mas a atuação de tudo isso não era fácil. Ele, que experimentara o mundo, compreendia agora todas as dificuldades de sua nova tarefa. O gesto era lindo e entusiasmava-o, mas a execução era dura, cansativa, esgotante. Agora que ele atravessara a experiência terrestre, compreendia a que homens devia se dirigir e sabia que terríveis experiências continha a realidade biológica. A dedicação altruísta, quando não é falsidade e retórica - é um grande sacrifício e estrada de martírio. E, seguramente, toda a sua extenuante fadiga ficaria confusa e submersa na grande maré da mentira humana; o seu esforço para o bem seria inutilizado pela potência do mal. Por isso, tinha de colocar em segundo plano a divina fuga do místico para mergulhar ainda, depois de ter conhecido toda a sua brutalidade, na infernal experiência humana. Precisava, com ânimo diferente, saber reentrar no impiedoso reino da força e ter a coragem de perdoar, de amar, de compartilhar e atuar. Precisava procurar e saber encontrar Deus, também no lodo. Precisava renunciar ao céu para si, para

entrar nele mais tarde, mais forte e com os outros. Precisava abraçar seus irmãos, embora estivessem sujos e repugnantes e nesse abraço reencontrar Deus presente e vivo como em seu céu, ou mais vivo ainda. Heróica renúncia ao Deus dos céus para reencontrá-lo maior no amplexo com a miséria e a dor. Supremo sacrifício da descida para um maior irmanamento. Precisava fazer seus a miséria, o cansaço, a dor do homem irmão - não como o fizera antes, mas como o irmão sobre os ombros, retomar o trabalhoso caminho da ascensão já tentado e facilmente concluído a sós. Precisava deter a própria emersão demasiado rápida, para voltar atrás e fazer sua a grande tragédia da impotência humana para a realização do sonho do ideal, o pressentimento do futuro. Precisava fazer sua a aflição da animalidade que não sabe se superar e oferecer o fruto da própria vida, já agora maduro, para ajudar esta superação e esta libertação. Precisava, livre no espírito, reduzir-se à escravidão na matéria, para oferecer liberdade. Só assim suas anteriores experiências poderiam verdadeiramente dar seus frutos. As forças do seu destino continuam inexoravelmente a arrastá-lo para o seu fatal e lógico desenvolvimento.

Assim, à fuga do mundo, sucedia o sacrifício no mundo e pelo mundo. Era difícil e heróico. Mas se era verdade que ele estava mais no alto, tinha que descer. A superioridade tem os seus deveres terríveis. A vida não pode ter senão este sentido: evoluir e fazer evoluir. O caminho fatal não podia ser senão o da cruz, com o exemplo da paixão de Cristo. Compreendia, agora, claramente a fatalidade da lei biológica da cruz, sem a qual o ideal não vinga. Essa é, já o dissemos, a matemática resultante do encontro das forças do céu e da terra, polarização horizontal da primeira combinada com o dinamismo vertical da ascensão. Compreendia que num só ponto o céu pode tocar a terra esse ponto se chama martírio. Eis a lei e não havia escapatória, se o seu destino era lógico, a sua missão real, a sua superioridade verdadeira. A menos que renegasse a si mesmo, as leis da vida, a palavra e o exemplo de Cristo - o seu caminho era o da cruz.

Era preciso descer, ser novamente incompreendido, ser repudiado. E ele, que já percorrera esse calvário, sabia bem o que isso

representava. Precisava ser humano, fundir-se na luta do homem. Mas assim encontrava nova razão de existir, contribuindo para a atividade social. Era preciso anular-se, perder-se no mundo para se reencontrar a si mesmo e a própria missão. Era doloroso. Mas é inegável que no fundo do caminho da cruz haveria a ressurreição. Mas, até lá, quantos deveres, quantos trabalhos! E estes trabalhos e estes deveres de se dar seriam neutralizados pela inércia, se perderiam no mar de indiferença que é o mundo.

Encontrava-se amedrontado ante o instinto dominante de se deixar destruir passivamente por culpa alheia. O ter se abaixado até o indivíduo dava-lhe a sensação de sufocação espiritual. Os inferiores agarram-se desesperadamente, sugam incontinentemente o melhor do espírito e o fazem sem remorsos, sem culpa, porque não compreendem e tudo trazem até ao próprio nível, destruindo, demolindo e matando com a inocência da inconsciência. Como alcançar certas distâncias instintivas sem se mutilar a si próprio? Como conseguir se tornar rebanho, mesmo para o bem do rebanho? Como conseguir fazer-se compreender e não ser repudiado, se tudo em si mesmo, o próprio modo de compreender e agir, visto do plano da normalidade aparece tão longínquo e inaceitável? Como resistir com a regra divina, que é dar sempre e pedir nunca, sobre a terra onde a regra é roubar sempre e dar nunca? Como difundir justiça num mundo onde o homem se lembra dela senão quando se trata de satisfazer o próprio egoísmo e as próprias vantagens? Como resistir se, enquanto ele se esgotava de trabalho espiritual, os outros procuravam roubar-lhe todos os recursos materiais, e lhe pediam auxílio, espremendo-o até à exaustão e à miséria? E estavam prontos a tomar-lhe tudo, rindo de seus sonhos e explorando-o em tudo quanto pudesse lhes servir! Como resistir com o método do altruísmo num mundo de egoísmo? Como afirmar onde tudo é negado? Como conseguir viver assim em terra, como uma planta cujas folhas estão soterradas e as raízes fora do solo? Como sobreviver como homem do dever no mundo dos direitos? Sobre a terra exalta-se o dever dos outros porque isso convém à própria vantagem e aos próprios direitos; sustentam-se as virtudes quando praticadas pelos outros; encoraja-se a obediência por ser a primeira condição do comando; invoca-se o altruísmo nos outros, para se servir

melhor ao próprio egoísmo. Eis o que, na prática, se faz do ditado "ama o teu próximo".

Era preciso andar por um mundo onde o Evangelho está tão demolido, para reconquistá-lo com o exemplo e com o sacrifício. Era preciso sanas essas híbridas acomodações, essas posições falsas, com as quais a realidade biológica da terra alterou e falseou, para adaptá-la à lei do céu. Tratava-se de enfrentar e dobrar os instintos mais arraigados e resistentes, por serem de mais antiga construção na evolução humana - os instintos fundamentais de ataque e defesa postos pela natureza nas bases da vida.

Como abandonar-se à divina Providência num mundo que diz: "Defende-te ou serás morto"? Como dar garantias sobre os seus lentos equilíbrios tão afastados da realidade da terra, tão pronto a agredir? Como não ficar triturado em tal batalha de egoísmos que não sabem dizer senão isto: "Toleraremos a ti, ao teu ideal e aos teus sacrifícios apenas enquanto eles servirem para tirarmos vantagens de ti. E enquanto tu dás e te matas por um ideal, recorda-te que os outros te louvam apenas para te explorar e com a intenção de transformar o benfeitor em servidor próprio; recorda-te de que os admiradores procuravam tornar regular, normal e estável o teu serviço de concessões altruístas".

Como viver o Evangelho em meio a uma moral que, com os fatos, constantemente e desvirtua? Como resistir com as leis de bondade num mundo onde dia e noite se preocupa explorar os simples e destruir os débeis? E se procuras te libertar para sobreviver e gritas no martírio por não teres mais forças para o suportar, vê que os outros, bem acomodados, não querem renunciar e se escandalizam com a tua fraqueza, com a tua pouca solicitude em servi-los. Com santo zelo, atirem mais lenha ao fogo onde tu te queimas e te consumes; e te animam, para que a tua bela figura moral não se desmereça e continues admirável e edificante para as suas almas. Que magnífico ideal o sacrifício dos outros! Como resistir onde todos te atiram em rosto o egoísmo dos fortes, como a falsa virtude dos fracos, dos ajuizados, onde todos se

agrupam em torno daquele que conseguiu, com tanto trabalho, subir um pouco, para agarrá-lo e atirá-lo ao lado de todos.

No entanto, era preciso decidir. Se não queria se tornar um egoísta e um solitário, o contato social com um tal mundo não podia senão assumir a forma de sacrifício. Postas as virtudes em contato com uma realidade invertida, ficam amestradas na arte da astúcia e da mentira. Já não é necessário oprimir e sufocar, mas compreender e educar. Que desastroso resultado chegar, assim, ao oposto do verdadeiro alvo! A realidade não foi dobrada, mas obrigada a deixar-se contorcer. Na verdade, sobre a terra não aparece senão uma triste deformação do céu. A verdade torna-se, então, uma luzinha ainda não descoberta e o ideal, em vez de ser modelo, é apenas uma zombaria. E então os princípios são utilizados como instrumentos de luta, de ataque e defesa, a serviço da realidade biológica.

Surgem então hábeis formas para salvar as aparências! Mas que discurso diferente se faz intimamente, na consciência! Como tudo parece belo para os de fora, ótimo, irrepreensível, honesto! E quanta arte para escapar à ameaça contínua da malignidade do próximo, sempre alerta para surpreender, feliz, quando pode agredir e demolir, especialmente quando o pode fazer sem riso, refugiando-se sob o estandarte da virtude! E assim o ideal, os princípios mais elevados se tornam não só um refúgio dos ineptos, como vemos, mas também um precioso manto de proteção para os parasitas, os ladrões da vitória humana, não lealmente ganha pela força, mas surripada pela astúcia.

E o respeitável homem deixa o seu castelo bem defendido e fortificado. Ele vem armado de toda a astúcia, sorridentemente, cortês, limpo, impecável, autoritário, fazendo-se idealista e filantropo. Quem acredita nele? Ninguém, porque o jogo é igual para todos. Quem não sabe que a mentira é o método da terra? Todos fingem crer, porque assim está tacitamente convencionado. "Por conveniência", dizem: que deliciosa troca de palavras cortesias, de respeitosos obséquios, de altissonantes títulos, de protestos de estima e generosidade fraternal!" Todos exultam em fazer bela figura, enquanto

cada um calcula: "Quanto me poderá render este homem?" Porque, de qualquer forma, tudo deve render alguma coisa. E quanto mais importante é o outro (o resto pouco importa), mas profundas são as curvaturas, mais apaixonada a simpatia, mais ardente a sinceridade fingida da palavra. E enquanto em público se elevam altares aos políticos e religiosos - em privado se incensa o deus-poder-força-dinheiro. Quem não for vencedor nesta base, não receberá senão escassas palavras de compaixão, devidas por conveniência e será julgado imbecil. Parece que todos sabem quanto a honestidade e os princípios devem ser louvados, contemplados, admirados, invocados e abandonados. Sem dúvida, o homem honesto causa piedade, como se fosse um anormal, e a honestidade é considerada doença da consciência que lhe paralisa os movimentos. O julgamento é este: "Ele não sabe fazer, é honesto". E, depois de ser utilizado e explorado, não tem mais valor. Os círculos sociais se apressam a fechar-se sobre ele, isolando-o. "Grandes filósofos são os homens que suportam e consolam a desgraça alheia".

E se crêem que o ideal os poderá salvar, pior para ele e para todos os ingênuos que tarde se recordam de que Deus está longe e a luta e a necessidade estão próximas; que Deus está no céu sentado no trono de glória do qual a sua divina Providência não se apressa a descer, porque lá em cima tudo é eterno e o tempo nunca falta, enquanto aqui embaixo se pode comodamente morrer.

Em tal mundo era preciso descer, dar-se e sacrificar-se pelo bem de tais seres, porque, apesar de tudo, o inflexível Evangelho repetia: "Ama o teu próximo". Em que medida? "Como a ti mesmo". Medida máxima, cuja unidade é tomada do egoísmo mais limitado que o homem da primeira lei — egoísmo que se transporta inteiro até ao nível da terceira lei, exigindo a mesma potência e valor. Aquela ordem nos diz que o mais completo egoísmo que o homem conhece deve se dilatar e explodir no supremo altruísmo sem nada perder de sua força. Esta foi a última ordem de Cristo depois da última ceia: "Dou-vos um mandamento novo: "amai-vos reciprocamente. Amai-vos uns aos outros. Amai-vos como eu vos amo, é o meu mandamento. Assim todos saberão

que vós sois meus discípulos". Portanto, não há outro caminho para os que desejam ser realmente cristãos, para os que não querem renegar e trair o supremo e o mais profundo desejo de Cristo.

XXVII

ASCENSÕES HUMANAS

Aquele era o mundo a que cumpria descer; aqueles os trabalhos que o esperavam. Já não se tratava de colocar, mas sim de resolver a questão do Evangelho antibiológico, de conciliá-lo praticamente com a vida. Mas havia também o reverso da medalha, um outro lado onde conseguir ajuda. Todo este sistema pesa como uma condenação; o mundo está cansado de mentir, de suportar o peso desta desconfiança; procura compreender e luta por libertar-se dela, afrontando fadigas, riscos e revoluções. Já começa a pesar demais o jogo da astúcia e, se fosse possível jogar as cartas da vida a jogo descoberto, mais fraternalmente, mais evangelicamente - que grande alívio seria para todos!

Apesar de tudo, o mundo possui o vago e incerto instinto das coisas superiores; nascido no fundo da alma, há o sentido do bem. Isso sugere uma íntima insatisfação, um desajuste espiritual que o estimula a melhorar-se. O mundo nada mais pode obter da mentira, da luta, da força, da destruição, de tão fatigante sistema de vida sem repouso, de engrenagem tão pouco ágil que, para funcionar, exige o consumo de tamanhas quantidades de energia. No fundo, o mundo detesta a horrenda realidade biológica em que vive, a realidade do "Homo homini lupus¹⁷". Tem necessidade e ânsia de bondade e de justiça entre tanta malvadez e injustiça! É como se não se conseguisse nada de belo senão no sonho do ideal, irrealizável, mas ao menos não tão sufocante. A onda do mal que se submerge gera em nós uma reação desesperada para o bem. Há no mundo tal miséria gerada pelo abuso, pela traição, pela injustiça, que a fuga para o ideal é irresistível, embora se saiba que ele é impossível aqui. Proclama-se o seu absurdo e a sua inconsciência com fatos, repetindo-se: "Sede fortes, para vencer". E já não há mais repouso. Invoca-se e procura-se algo diferente deste inferno humano, mesmo que seja o impossível, qualquer coisa a qualquer preço por uma hora de paz. Há um processo de saturação no qual até a terra se cansa de sua própria lei e se rebela, ousando arriscar-se em formas de vida mais evoluídas. E então, a terra odeia o seu ódio, revolta-se contra a sua rebelião, renega-se a si mesma e decide-se a enfrentar o esforço necessário para mudar e obedecer o instinto de subir. Então, o homem da terceira lei é chamado a cumprir a sua missão, já que a lei da vida não é ódio, mas amor, não mentira, mas verdade, não o mal, mas o bem.

É necessário que o homem se canse de sua animalidade, considere insuportável o peso das leis biológicas e que se recuse a obedecer-lhe iniciando, em massa, a obra de elevação dos pioneiros. A lei ascensional da vida é uma, igual para todos e fatalmente, uns após outros, todos sofrerão o seu impacto. A experiência espiritual exposta neste livro, cedo ou tarde, em formas várias, serão sentidas por todos. E isso não pode ser um anacronismo senão relativamente.

Muitos, muitos outros, deverão passar por essas náuseas e

por essas reações. Dia virá em que a mentira, levada às suas últimas conseqüências, colocadas diante de uma sensibilidade nervosa e normal sempre mais aguda, tornará insuportável e impossível a convivência social.

A solução não estará na volta ao passado, porque é mais difícil involuir que evoluir. Será preciso enfrentar problemas novos com nova consciência e nova responsabilidade, e será preciso desejar que o desentendimento aumente, para que o homem tenha a coragem de enfrentar o esforço mental e de ação indispensável, para progredir. É necessário que o homem chegue ao mais completo desprezo pelo seu modo de viver, embora sufocado pela náusea de sua própria baixaza. É necessário que o atrito entre as duas vidas contrárias, a interna e a externa - entre o que é e o que deveria ser - leve a um tal cansaço de viver, a um tal desprezo por nós mesmos que fiquemos reduzidos à última miséria espiritual.

É verdade que à vacuidade das teorias que não dão solução completa, o homem tem respondido com a indiferença. Mas já vimos que o suicídio espiritual não é tolerado pelas leis da vida que contra isso se revoltam mais energicamente que contra o suicídio físico. O mundo reagirá como tem reagido o nosso personagem. Pois que o espírito existe mesmo nos que o negam e não se vive de nada, no vácuo, na animalidade. Um dia compreenderão que o mundo é verdadeiramente o que foi chamado (embora hoje pareça estranho), o inferno terrestre.

Sem dúvida o mundo está sempre amadurecendo. A maioria, se não conquistou ainda a plena maturidade do adulto, certo já perdeu a ingenuidade da criança. Mas hoje há necessidade de substância, de verdade sincera. Os velhos truques já não produzem efeito. O homem sabe o que há atrás dos velhos cenários. É necessário uma verdade clara, honesta, vivida. O homem quer compreender a fundo antes de aderir; sabe que seu espírito é livre e nenhuma vontade poderá dobrá-lo. Já não estamos nos tempos em que se aceitava de olhos fechados o narcótico do ideal administrado para tranquilizar os espíritos, e os pobres, os vencidos, os deserdados se contentavam com essas

consolações destinadas a disfarçar o desespero da pobreza e da renúncia com sonhos místicos de longínqua e hipotética realização. O homem de hoje conquistou uma forma mental crítica e positiva, não aceita as verdades do céu se não estiverem claramente ambientadas e justificadas ante as verdades da terra. Não se trata de mudar a verdade, mas a forma mental. Não basta mudar as roupagens, é preciso mudar de vida. Este livro é universal; não está fechado dentro de um determinado recinto humano. Não se dirige a nenhuma categoria humana em particular, mas a todos os que se sentem em contato com estes assuntos. Já dissemos que as formais categorias humanas não têm aqui nenhuma importância. Este livro não julga em particular, mas deixa a cada um o julgamento de si próprio.

É um fato que as verdades humanas são divididas e rivais, mas trata-se de uma questão de forma. É preciso superá-la e ir direito à substância. Há sempre no fundo da alma humana um instintivo e sincero sentido do verdadeiro em que Deus fala e que ninguém jamais poderá fazer calar. Mesmo contra a nossa vontade é um julgamento espontâneo e divino, irresistível e insuprimível, com o qual a consciência humana exprime o pensamento de Deus.

É preciso apelar para o sentido com que as almas se vêem mutuamente, se compreendem, se julgam, é preciso apelar para esta simples e sadia intuição que é a mais honesta e convincente medida das coisas, sabedoria natural e divina que todos trazemos em nós sem complicações eruditas de estudo. A consciência compreende e se deixa persuadir sem difíceis palavras, por meio das mais simples expressões quando atrás destas há a convicção de quem prega e quando há, ao lado disso, o fato real e concreto do exemplo, porque este sim, realmente, persuade a todos, mesmo sem saber falar. Os recursos de oratória dos grandes oradores são vaidade do mundo, são ofensa ao sentido do bem e do verdadeiro; a pretensão de convencer apenas pela força da lógica é uma tentativa vã, porque o espírito é livre. Impor-se pela força ou por via racional é tentativa de violentar a consciência; é um atentado ao qual ela tem o dever de resistir como realmente resiste por imposição do instinto, para se auscultar a si

mesma entre a prepotente palavra do homem e a espontânea palavra de Deus.

Se queremos que o céu desça à terra, que o Evangelho não permaneça um absurdo antibiológico; se desejamos que o progresso se cumpra e a evolução amadureça os povos (não importa a terminologia com que se exprime o fenômeno), é necessário seguir a lei sob a qual estava agora o nosso personagem, cuja história não foi narrada aqui para a vã curiosidade dos leitores ou para alegria literária do escritor.

Enquanto sobre a terra se continuar a agir segundo as leis da terra – não importa que ideais se professem, com que luxo de erudição se defendam, e com que coação de raciocínio se imponham – enquanto não se começar a viver, aqui, segundo as leis do céu, este não poderá jamais descer à terra; e o reino dos céus, de que se deu notícia e exemplo, mas que deverá ser construído pelo homem, não virá nunca.

A esmola piedosa que deixa um rico a grande distância do pobre não resolve nenhum problema, não anula nenhuma distância. Os que sabem e podem não esperam reformas, exemplos, julgamentos e deveres dos outros, mas começam por si e se põem a caminho fazendo em silêncio a pregação do exemplo.

Doutos e ignorantes – todos compreendem a realidade vivida, a muda eloqüência do exemplo, a força persuasiva dos fatos. A verdadeira verdade parece que refuga a sapiência erudita e prefere se revelar, sem complicações supérfluas, às almas virgens e simples. Há no homem comum, freqüentemente, um sentido instintivo profundo que parece atingir, quem sabe como, as eternas fontes da vida, um sentido que conhece por intuição e por síntese e sabe julgar sobretudo quando ele se encontra ante a habitual realidade que é feita de ação.

O futuro está no povo, nesse grande reservatório de germes dos quais tudo emerge. Se o povo é o receptáculo de todas as misérias é também

a reserva de todas as ascensões. Se é o fundo ao qual tudo desce, é também o "húmus" em que tudo se elabora, onde tudo germina e revive. A evolução é uma lei fatal, em constante pressão – é pensamento, é vontade, é ação. Quer realizar-se e a humanidade hoje está numa grande curva de sua história e todos os homens da terceira lei estão mobilizados, porque representam o princípio ativo do espírito, para fornecer a semente e fecundar o "húmus" do povo. As células nervosas e cerebrais do organismo humanidade devem funcionar plenamente. Não é lícito permanecer adormecido nas velhas fórmulas, seja qual for o campo. Refregas violentas convulsionam o exterior sem alcançar o fervor das maturações interiores. O mundo tem que chegar à fase do espírito. A sociedade caminha sempre do primitivo estado caótico para o estado orgânico e isto impõem a necessidade de confraternização, o que significa o início da aplicação do Evangelho. A luta não pode cessar, mas a sociedade encaminha-se para a organização e a elevação qualitativa da luta, que será conduzida mais organicamente e inteligentemente para finalidades mais elevadas.

Esta organização transforma em parte a lei da luta em lei de solidariedade. A estrutura celular dos organismos prepara-se tanto tempo antes e nos oferece o exemplo que encontramos em forma já completa. Também isto é um início de fraternidade, um pouco de céu que força a terra, aqui descendo e se fixando. O espírito humano se encontra sempre mais a contragosto na ferocidade de formas da vida remanescente do passado e a casca, sob a pressão interior, terá que rebentar. É claro que a velha realidade biológica é resistente; aquele desajuste faz nascer as tentativas destinadas a desenvolver-se e fixar-se na raça. No fundo, o homem é sempre uma fera, mas tem tanta sede de progresso!

A atual crise do mundo deve-se ao contraste entre um passado que não quer morrer e um futuro que não tem ainda força para nascer. Mas a humanidade habitua-se cada vez mais à marcha que leva da desordem para a ordem e se preocupa com a realização da justiça social, como já o predissera o Evangelho. A lei do progresso impõe fatalmente, apesar de todas as resistências, o caminho que vai do egoísmo ao altruísmo, do separatismo à solidariedade, da rivalidade à fraternidade, da mentira à verdade, da barbárie à

civilização.

Esta é a lei divina. Ao esforço do homem está confiada a sua realização sobre a terra para chegar ao reino do céu. No plano da criação, Deus quase deu ao homem esse particular encargo. Entre os limites, o homem é o operário, o executor dos planos divinos. A criação é contínua, no futuro como no passado, criação que é evolução ou seja, manifestação progressiva da divindade. Assim, o homem é o verdadeiro filho do Pai, colaborador divino plano da criação. O esforço é grande, mas também o resultado será grande. É como se Deus tivesse dito ao homem: " Vai e trabalha este campo do Universo. Ele já contém tudo: força, sementes, leis, pensamento e energia. Entrego-te. Transforma o caos em ordem – isto significa reencontrar Deus. Provê para ti mesmo; multiplica-te, transforma essa desordem de elementos desencadeados num mundo civil onde tu sejas o chefe. O mundo será como tu o quiseres fazer, como quiseres ser. Serás livre. Quem semear, colherá. Assim realizarás, com a tua obra, a manifestação de Deus, conquistarás o caminho da redenção e reencontrarás Deus. Reconstrói. Esta será a tua redenção. Redime-te através de teu trabalho e da tua dor. Constrói o teu reino e ele será teu e serás rei".

A visão radiosa de um futuro longínquo e melhor apareceu, então, aos olhos do nosso personagem, depois de tantos trabalhos, ao fim do longo caminho. Era o prêmio depois do trabalho, a alegria depois da dor, o reino dos céus depois da cruz. E ele compreendeu que o mundo não era mais um inferno de onde se deve fugir, mas um lugar de criação, onde cada rastro fica impresso e cada esforço frutifica levando a Deus. A nossa construção não pertence ao passado, mas ao futuro e é coisa que temos de realizar sem adormecer sobre as recordações, esperando o sinal e o auxílio do alto. Só os que subiram na escada da evolução e ajudaram os outros a subir não terão vivido em vão. Nenhum pensamento, nenhum ato nosso se perde. Feliz quem semeia o bem e desgraçado quem semeia o mal. E os que não tiverem semeado não colherão. O jogo curto da terra logo termina e resta o jogo a longo prazo do céu. Cada semente, segundo a sua natureza, dará o seu fruto para o bem ou para o mal. Será o nosso fruto, o fruto de nossos irmãos. Só o míope, o que vê a

pequena distância da sua pequena vida, pode rir dos modelos ideais com que o mundo antecipa e idealiza suas realizações futuras. Mas esta solidariedade entre as gerações, esta necessidade de coordenação e organização indispensável para a realização da grande obra coletiva, a utilidade da cooperação entre os especializados, segundo suas capacidades – em suma, uma concepção anti-egoísta e anti-separatista, mais fraterna da vida, se impõe também como problema utilitário ao homem de bom-senso e a todos como coisa mais elevada, mas profícua, mais digna.

Dentro de prazos mais longos, uma humanidade mais orgânica, capaz de compreendê-lo e realizá-lo, o ideal se valoriza, perde o caráter utópico e se torna útil, prático, necessário. É fatal que o homem, evoluindo, alcance a consciência, que hoje nem sempre tem, desta mais vasta utilidade. Então ele trabalhará, lutará e se sacrificará por isso como o fazia antes por um pequeno egoísmo pessoal. O homem do ideal, hoje deslocado no mundo, injuriado e condenado, será cada vez mais normal e um povo composto de homens conscientes poderá realizar obra de gigantes. Eles formarão um grupo orgânico que se imporá ao mundo como força diretriz, pelo direito que dá a maturidade e a capacidade de saber cumprir a missão de civilidade. Aos outros, indivíduos ou povos, que continuam raciocinando na medida do jogo curto do egoísmo e da mentira e que tenham gozado depressa a pobre colheita imediata, desprezando e condenando os semeadores dos ideais como utopistas, a estes não poderá restar senão a condição de servos aos quais caberá o prêmio ou a punição com os quais termina a lei de seleção.

O nosso personagem concebera o idílico ideal do céu, mas não o havia colocado "depois" ante a férrea realidade da vida humana. Sua concepção era, agora, completa.

O leitor, embora céptico, que decerto riu primeiro, encontra-se agora diante de uma solidez toda biológica, de que lhe será difícil fugir, pois que nela está a sua própria realidade, como a realidade de todos, o seu caminho, como o caminho de todos. E terá que admitir que não se vive só de

pão, que a vida coletiva tem gravíssimos interesses que não se exaurem no campo material e que ninguém está mais insatisfeito que os homens ricos e os povos ricos. Terá que admitir que a progressiva complexidade da vida coletiva precisa, ao lado das massas de nível medíocre, de elementos superiores que não se possam aviltar na normalidade e enquadrar no rebanho sem paralisar as funções fundamentais da própria vida, com danos para a vida de todos. Isso seria para eles o mesmo que paralisar, para a maioria, as possibilidades de nutrição e reprodução. Não compreender, importunar, condenar, explorar aqueles seres é violar e mutilar as leis da natureza que fornecem a cada organismo individual ou coletivo suas células nervosas e cerebrais sem as quais não há diretriz nem evolução no indivíduo como nos povos. Enquanto se condena o tipo superior, a seu tempo todos os alcançarão. Uma sociedade consciente deverá, antes de mais nada, ser capaz de reconhecer estes seres em meio à multidão e deverá ajudá-los, tanto mais que eles não desejam senão poder dar os frutos que valorizam toda a sua vida.

E se a atual sociedade não é capaz de fazer isto, porque as vantagens são para os mais espertos e rapaces, que as sabem conquistar – tenha ao menos o pudor de se calar quando se lembra tarde demais do erro cometido e o queria reparar; tenha a coerência de deixar em silêncio, até depois da morte, que sempre foi desprezado em vida.

XXVIII

ÚLTIMOS ACORDES

A vida é uma obra na qual o fruto dos nossos trabalhos está humanamente destruído. Onde se construiria, então, com estabilidade? No espírito. A vida é, como a criação, uma afirmação que, com a evolução sempre criadora, se faz sempre mais clara e mais forte.

O nosso personagem chegava, já agora, ao outono da vida e não enfrentava a velhice e a morte com a amarga desilusão de ter perdido o seu tempo, após as instáveis construções do mundo. Vários anos se passaram desde a sua reação e ressurreição, durante os quais ele aplicara o preceito evangélico "ama o teu próximo", prodigalizando-se por todos os meios, superando todos os obstáculos, consumindo a sua existência para o bem dos outros. Assim ele cumpria inteiramente a sua fadigosa missão e coroava o edifício espiritual de sua vida, fazendo recair sobre os outros o fruto de sua própria experiência.

Os impulsos de seu destino estavam, assim, saciados e tranqüilos pela sua realização. O seu destino cumpria-se. Ele o compreendera e seguira-o. Percorrera o seu Calvário e dera sua pequena mas obrigatória contribuição para o bem dos homens. O espírito vencera, mas seu instrumento físico já não reagia, estava abatido, exausto. Mas já agora ele podia partir. Tinha esse direito, depois de haver carregado a sua cruz e cumprido a sua missão. Antes não o poderia ter feito. Não se tratava da fuga antecipada para fugir às provas, mas era a paz da alma que se coloca nas mãos de Deus depois de ter cumprido sua obrigação. A sua vida dera seu rendimento. As adversidades, em lugar de serem evitadas como obstáculos, tinham sido compreendidas e guiadas de modo a ajudar. Ele falara, trabalhara e agora se retirava em silêncio para ceder o passo aos novos rebentos, a esta maré de humanidade que tem sede e dever de viver no seu reino terrestre. Ele, que vivera no espírito, podia agora ressuscitar no outro mundo, além da morte.

Que imensa fila de gerações o precedera e quantas o

seguiriam! Quantas lutas, que infinitas dores antes da sua para reparar as conquistas espirituais e materiais de que ele se beneficiara! Organicamente, intelectualmente, moralmente, no bem e no mal, ele era o resultado de um interminável caminho percorrido e do qual seguira apenas um último trecho. E consignava agora aos outros o patrimônio comum de miséria e de força, como dos outros o recebera com o imperceptível acréscimo da pequena semente deposta pelo seu cansaço de uma vida – uma gota no oceano, um átomo no infinito. No entanto, uma gota e um átomo são mundos.

No fundo de sua infinita pequenez, sentia a infinita grandeza do indestrutível, a beleza da confraternização entre as gerações, a sabedoria do plano orgânico da evolução. E se abandonava à lei de Deus, sorrindo – do providencial pequeno egoísmo posto em defesa de cada um para que o todo se cumpra, sorrindo da aparente dispersão do seu pequeno eu, ele que se sentia saciado de sua ressurreição no todo e de sua indestrutibilidade numa tão vasta vida coletiva.

Retraía-se, agora, em silêncio para contemplar o trabalho realizado. Como os outros, envelhecendo se comprazem na contemplação dos filhos que os circulam, e as terras, as riquezas, o poder, a glória conquistadas com seu trabalho – assim ele se satisfazia contemplando sua obra literária, nascida da sua mente e do seu coração, a sua obra construída com tanto amor e trabalho. Como os outros, dera o seu fruto, embora diferente. Como os outros deixavam filhos e obras, ele deixava o seu pensamento e o seu exemplo, atirados sobre a terra como semente para que se multiplicasse no coração dos homens. Se na primeira parte de sua existência enfrentara o problema e carregava a cruz da própria vida, só na segunda parte contemplara a obra enfrentando o problema do bem dos outros, ajudando-os a carregar a cruz de suas vidas. O trabalhador fica satisfeito com a contemplação da própria obra e recorda a fadiga suportada, as dificuldades superadas e só agora, contemplado o trabalho, tem dele inteira consciência. Só agora, também, ele compreendia a lógica de seu destino e a justiça das provas humanas e compreendia que só quem cumpriu o seu dever é que se pode apresentar de cabeça erguida diante de Deus na hora da morte. O

que está feito será creditado.

De outro lado, esquecendo-se de si mesmo e do seu passado trabalho e olhando para frente, aparecia-lhe cada vez mais clara a radiosa visão do futuro do mundo, que viveria em maiores medidas, com a sua mesma lei, a sua mesma pequena experiência. Quantas lutas, trabalhos e perigos desfeitos! Mas a vitória final estava garantida. Via as forças em ação no destino do mundo, observava a direção dos impulsos, e as sementes, apesar das dificuldades, deviam amadurecer. E via esplendor, no alto, o triunfo do espírito, via realizada a utopia, compreendendo que o Evangelho não o enganara e não enganava o mundo e que o reino dos céus anunciado por Cristo desceria verdadeiramente à terra.

O futuro biológico dos povos não está apenas no progresso econômico, social, científico, cultural –, mas sobretudo na ascensão espiritual e moral que é a base de todas as outras ascensões, sem a qual essas não poderão se sustentar. Via, agora, frutificar o sangue dos mártires, o tormento dos incompreendidos, o cansaço dos solitários repudiados e condenados. Via os ideais, depois de tanta luta e tantas quedas, realizados numa humanidade melhor para a qual o inferno terrestre se transformara num paraíso terrestre. Então, também para o homem o trabalho estaria terminado e ele poderia se comprazer na contemplação de sua obra e, junto à conclusão de seu destino humano, entregá-la nas mãos de Deus, dizendo: "Eis, Senhor. Obedeci às tuas ordens, o teu pensamento está realizado, a obra que me confiaste está pronta. O teu operário, ao fim de sua jornada no mundo, entrega-te. O caos se tornou ordem. Carreguei tanto a tua cruz que a dor se transformou em alegria. Tanto erre que a ignorância se transformou em sabedoria. Tantas vezes caí que o mal se transformou em bem. Tanto caminhei que cheguei ao fim e te encontrei. Retomei, com meu trabalho, o caminho da redenção. Agora, o antagonismo entre a terra e o céu já não terá sentido. Cairá e ambos se confundirão num único abraço para que a redenção se complete. Terminará a grande ilusão do mundo. A figura de Cristo brilhará na glória dos céus, triunfante e vitoriosa".

Neste triunfo longínquo o nosso personagem via reviver o seu sacrifício, sua pequena contribuição, dada com tanta fé, com tanta paixão, com tanto trabalho e sem restrições. Nesta visão ele podia morrer satisfeito, agora que seu caminho chagava ao fim. Via tudo reviver ao longe, no tempo, nas gerações futuras. Seu egoísmo dilatado eclodira no altruísmo e não era aquela utopia que o mundo julgava. Em verdade, ele renascia e revivia nos outros. O altruísmo não fora vão, nem mesmo para ele. Haver-se dado não fora perda, mas lucro. O maior rendimento lhe vinha justamente da segunda parte de sua vida, na qual se esquecera de si mesmo para se ocupar apenas do bem alheio. No triunfo das gerações futuras ele revalorizava o seu trabalho e se reencontrava.

Compreendia agora que o amor e não o ódio, o bem e não o mal, são a verdadeira lei da vida, tão fundamente potente e irresistível que supera todos os obstáculos. Compreendia que aquela lei é a espinha dorsal do organismo do mundo, a estrada real sobre a qual caminha e avança a evolução. Compreendia a vaidade final do contínuo esforço das trevas para vencer a luz. Compreendia que os assaltos do mal e a queda do homem não eram senão pequenos episódios ante uma ordem maior que dizia: " Progresso e amor". Compreendia que destes se esperava a vitória final, não obstante as resistências e os sofrimentos.

Sua vida terminara como se termina um processo experimental do que ele tivera lúcida consciência em sua significação interior. Seguiria o seu caminho pelas imponderáveis estradas do espírito e com os métodos e as diretrizes objetivas da ciência positiva. Vivera o fenômeno do seu destino sempre controlando o seu desenvolvimento. Chegado à última fase, estava diante do resultado final: para ele, a significação de sua vida e para o leitor talvez a conclusão do livro. Este resultado diz que quem vence na vida não são as forças negativas e destrutivas, mas as que afirmam e constróem. A luta será longa e terrível, a fadiga enorme, os assaltos atrozes, os obstáculos tenazes – mas ao fim, o bem e a luz triunfarão, porque o homem é feito para o bem e para a luz e não para o mal e para as trevas que ele sente, com inflexível instinto, como sendo a sua infelicidade e a sua mais triste condenação.

A moral de sua vida, como a deste livro, é que o mal está contido entre os limites do bem, somente permitido para os fins do bem; que diante do verdadeiro Deus do bem não há um contra-Deus do mal. O dualismo é apenas humano, transitório e aparente – é um contraste necessário para permitir o movimento ascensional. Mas no centro, na substância, reina um único princípio, e seria absurdo que ele abrigasse o germe de sua própria destruição. Um Deus que tem que descer para lutar frente a frente com um contra-Deus já não é Deus; é uma gradação de potências diretoras seria politeísmo.

O bem vence. O bem é o padrão. Há, sem dúvida, no universo, uma grande lei de dualidade segundo a qual tudo o que existe é composto de duas partes que se completam, dois impulsos contrários que se equilibram. Cada unidade é dada por este par de forças que é um contraste e um acordo e que está na base da existência. Mas, se cada coisa e cada conceito tem o seu oposto, os dois termos não têm a mesma força. O termo afirmativo está na direção da evolução e da vida, o termo negativo é contrário. O primeiro segue a corrente, o segundo é resistente. Não bastando este fundamental antagonismo, necessário para o trabalho do progresso, quem está destinado a vencer, dada a construção orgânica do universo – não é o mal, mas o bem; não as trevas, mas a luz; não a dor, mas a alegria; não é o não, negador e destruidor de Satanás – mas é o sim, a afirmação construtora e criadora de Deus. Esta é a conclusão da vida e do livro. Aqueles que concluíram ao contrário pertencem às forças negativas, satânicas, de destruição. Este livro é construtivo. Não demole negando, mas cria afirmando. Está do lado de Deus. De tanta dor nasce para o nosso homem, para si e para o mundo, o mais radioso otimismo. Estas afirmações, feitas com tanta segurança e firmeza, baseadas na experiência, servem de conforto aos que lutam e sofrem pelo bem. Se outras vidas e outros livros querem concluir em contrário, isto quer dizer que o homem tem a liberdade de fechar os olhos para não ver e de se mutilar e suicidar para não progredir. Mas quem nega destrói primeiramente a si mesmo, dirige-se à morte e não à vida. E as trevas são terríveis e a descida é espantosa para o ser que foi feito para subir. Os que têm olhos amam a luz e

quem tem pernas precisa caminhar. A evolução dirige-se para a alegria e a vida; a involução se dirige à dor e à morte.

A caminhada humana do nosso personagem chegava ao fim. Ele a compreendera e vivera em plena consciência, como indivíduo por si e depois pela coletividade. Compreendera o momento histórico em que vivera e procurara integrar-se plenamente nele. Harmonizara-se não só com as forças do seu destino, mas também com as que operam o destino do mundo. Considerava esta areia sutil dos homens que formam os povos, como as praias do oceano sobre as quais se abatem as grandes ondas da história. E essa areia recebe e registra a marca dos grandes golpes dos gênios, das revoluções, das reformas sociais. A marca se imprime e a resposta nasce na alma do homem comum, mas tão multiplicada no número que se torna tão grande como o oceano. A alma é memória conservadora, acumuladora e elaboradora. É a grande reserva biológica da qual tudo nasce e à qual tudo chega e se estampa. Tudo o que se vive permanece este imenso reservatório de registo, de experiência, de sabedoria e de valores biológicos como uma síntese constante de vida que depois renasce a cada passo na vida e para a vida.

Quem nela atirar uma semente, reviverá com ela. O passado é uma força criada por nós, que ressurgue sempre, indestrutível no destino individual como no coletivo. Bem e mal, vitória e derrota, mérito e culpa – tudo se escreve no sangue dos povos e forma o patrimônio da própria riqueza ou o fardo dos próprios débitos. Tudo volta a nós, como uma onda propícia ou inimiga e temos que a suportar e esgotar. O nosso passado nos segue e nos persegue e não haverá paz senão quando vier a exaustão. É esta fatal solidariedade que encadeia uma à outra as gerações, como no indivíduo liga os vários momentos de sua vida. Quem no passado concebeu um ideal, seja ele homem ou povo, moveu uma força naquela direção, cedo ou tarde verá que ela ressurgue, ativa, para se realizar, ajudando-o a elevar-se até àquele tipo. A concepção ideal é um impulso que, uma vez excitado, tem irresistível tendência para se realizar. E assim, de modelo em modelo, se faz a escalada para a evolução. Aos povos sem ideal falta também a capacidade de plasmar o futuro,

falta o impulso do progresso, falta a linha vital da renovação e do aperfeiçoamento. Os povos que não têm um alvo sempre mais alto para atingir, são povos incapazes de ascender, sem futuro, destinados à desapareição. Quem se fecha, morre. Onde falta o ideal à frente da vida, os povos não tem história e são inexoravelmente sobrepujados e submersos.

No caso de sua vida, o nosso personagem olhava em torno. Via que, apesar de tudo, o mundo lutava para avançar, tentando realizar a justiça social, em direção a um novo estado orgânico harmônico, moral, consciente. Era este o trabalho construtivo que se cumpria em sua hora histórica. A nova realidade se preparava, estava iminente. Na plena consciência do momento, ele dera a sua pequena contribuição apesar de todas as dificuldades, lutando e sofrendo na sua dura vida de trabalho. E nessa semente ele sobrevivia. Sua missão era, portanto, verdadeira; ele a cumprira e seu destino se desenvolvera logicamente até o fim. Apesar de todas as tentações, jamais renegara a Cristo e Cristo não o traíra. A árdua experiência evangélica dera resultado. O bem vencera contra todas as forças do mal. O ideal não fora utopia; permanecia, contra todas as negativas do mundo. Isso dera uma grande luz á sua pobre vida, transfigurando as provas e as dores, dando-lhe uma significação potente e uma altíssima finalidade.

Estas conclusões lhe vinham dos fatos, da realidade de uma vida que fora vivida no mundo, uma vida que o conhecia bem, por tê-lo enfrentado. Seguira pelo caminho do espírito como força viva e vital. E agora levava consigo o resultado moral desta gigantesca experiência. Individual e coletivamente, sua vida não fora vivida em vão.

Percorrera corajosamente até o fim o caminho da cruz, vencendo todos os obstáculos e todas as resistências. Compreendera e vivera a fatalidade da lei biológica da cruz, sem a qual o ideal não desce à terra. Mas tinha, depois de tanto lutar e sofrer, compreendido por fim a fatal continuação e conclusão daquela lei, vivera a fatal conclusão do ciclo que, a todos os que têm a coragem e a força de segui-lo até o fim irresistível e inexorável, impõe esta

conclusão: Ressurreição.

XXIX

ADEUS A IRMÃ DOR

“Sem dor não há salvação.”

Passaram-se anos e o nosso personagem prosseguiu fielmente o caminho traçado. Continuou corajosamente a sua luta para aplicar, não obstante a resistência do mundo, a lei do amor no reino da força. Mas isto o cansava sempre e o obrigava a repousos, pela necessidade de recuperação material e espiritual. Tornava-se-lhe extenuante descer à atmosfera sufocante do mundo que o negava, o aturdiava, o despedaçava com impressões baixas e choques violentos. Ao desencadear-se brutal das suas forças, aquela alma de hipersensível, cada vez mais refinada na dor, onde as menores vibrações eram como ciclones - parecia estar sendo esfolada viva. Morria de cansaço, exausto de trabalho e de sofrimento, num martírio lento e profundo vivido em plena consciência, sentido e assimilado a cada minuto. Dera em holocausto tudo o que podia dar. Mas que sacrifício da vida, ofereceu consumir-se gota a gota para que sua existência não fosse uma fácil fuga indolor e sem resultados para os outros, mas fosse, para si e para os demais, obra tenaz de reconstrução espiritual. Superada a sensualidade, o amor era nele sacrifício e viril força criadora. Para satisfação de sua consciência, reconhecia ter seguido o caminho máximo entre

todos os que o determinismo de seu destino, dentro do vasto destino humano, poderia permitir. Mas a excessiva tensão de trabalho com a qual ele, dada a sua riqueza, tinha continuado a dar-se a si mesmo, acabara por estraçalhar a resistência orgânica de sua robusta constituição. Assim ele morria, talvez com alguns anos de antecipação, por haver pedido demais às suas forças. Morria de fadiga e sem riqueza, mas amado por todos e imensamente contente. Morria dizendo a Deus: "Mais que isto não posso; mais do que isto não soube fazer e não pude dar".

Compreendia agora que toda a sua dedicação não podia mudar o curso das coisas, precipitando o fenômeno evolutivo do mundo, nem eximir a terra do trabalho da ascensão e das sanções das leis terrestres, nem impedir que as conseqüências de tantas violações devessem ser inexoravelmente pagas. Dera o exemplo e o auxílio; mas não podia forçar a liberdade humana e nem tornar gratuita a redenção. Para se redimir, também o mundo deveria livremente compreender por si, com trabalho, embora com a ajuda de Deus. No entanto, aquele desprendimento e esgotamento num trabalho para o bem dos outros; aquele constante espírito de sacrifício na sua decida; aquela renúncia aos bens do céu para receber a cruz da terra, não interrompera, mas apressara a sua maturação interior, que se fazia mais profunda e intensa e lhe abria, com a sensibilidade sempre mais clara, como que uma nova vista sobre o céu. Este último trabalho fora para ele qual maceração contínua que o deixava agora não é só em profunda prostração física, mas também em exultante luminosidade espiritual. Em algum pouso, nos longos e verdes silêncios de sua mística Úmbria, a maturação interior parecia-lhe às vezes inesperada e o surpreendia como revelação. O corpo estava exausto, afastava-se da vida, mas o espírito estava lépido, reforçava-se, aproximava-se da vida. O seu espírito dinâmico estava cada vez mais luminoso e vibrante. Assumia, agora, a tarefa de manter aquele corpo que mais se abatia. Consumia-se lentamente, mas com um vivo sentimento de ressurreição. Tais eram, para ele, as alegrias do espírito, que esquecia os sofrimentos do corpo. O seu organismo, sabiamente conduzido por um regime são e sóbrio, atravessava tranqüilamente o ciclo da exaustão física, diminuía sempre o ritmo das trocas renovadoras, pacificava-se

espontaneamente, sem abalos e sem revoltas, rumo ao repouso final.

Não temia a irmã morte. Via em paz o seu aproximar-se lento e natural. Aceitava o repouso que estava para chegar e no qual confiava, por tê-lo merecido. Aprontara-se cedo e trabalhara nas melhores horas da jornada, no viço de suas forças. Pela tarde, o repouso chegado, esperado e agradável. Não sentiria o travo das desilusões e não correria agora a fazer apressados reparos como os que, apegados às vãs quimeras do mundo, procuram refazer-se e remediar. Não acreditava em certas bondades outonais, em certas tardias conversões com as quais o homem pensa poder tornar-se melhor e merecer a salvação. Esta tem que ser o resultado de lenta maturação, de um caminho que tem de ser percorrido inteiro. Não se podem aplicar, no campo das severas mas justas leis do espírito, o sistema da abreviação e do arrivismo que dá resultados no mundo. O céu não se violenta pela força e não se conquista com a astúcia, como se dá com as coisas da terra. Estas brutalidades não conseguem subir até lá em cima: permanecem em seu reino. É preciso ter trabalhado no tempo próprio e vãs devem ver as tardias invocações piedosas, pois que a lei divina é verdadeiramente justa. Converter-se e trabalhar no fim já é muito, mas é apenas começar; urge trabalhar e concluir.

Ele amava a irmã morte depois de tanto haver amado a irmã dor, que só ao fim se haviam separado. Para quem tanto sofrera, a morte era bem-vindo repouso. Para quem viveu no espírito e aprofundou e consolidou a vida, a morte não é apenas o fim do corpo, mas é, sobretudo, a ressurreição da alma. A própria natureza, que aborrece o vácuo e a morte, goza tais triunfos supremos que só sabem reafirmar a vida onde tudo parece acabado. A morte não é um fim, mas um começo; é a exaustão do ciclo de forças fechadas no próprio destino, é um aperto que se afrouxa, é a fuga da terra e de suas aflições para o céu e a sua paz. Amava a irmã morte e esta o sobrecarregava de dádivas. Enquanto que o irmão trabalho tanto lhe havia ensinado na severa escola da vontade e da disciplina, o sábio auxílio da irmã dor gradualmente lhe ensinara a distinguir e a desprender-se dos vínculos terrestres, a ponto de não temer nem sofrer agora uma separação súbita e violenta.

Agradecia à irmã dor por ter realizado a sua maceração e, com isto, tê-lo preparado para a ressurreição. Acariciava-a com o coração cheio de gratidão, porque agora compreendia a sua lógica e maravilhosa função. Beijava o seu beijo amargo e sua mordida dilacerante. E agora, no fim, o amigo mais severo era o mais verdadeiro e fiel. Agora que recolhia os frutos podia concluir experimentalmente que a sua concepção da dor, oposta à concepção do mundo, demonstrava-se inteiramente verdadeira e ele podia cantar vitória contra o mundo. No entanto, quanto aquela dor lhe parecera dura e inimiga ao princípio! Se o seu brutal impulso não o tivesse atirado, quisesse ou não, sobre a espinhosa estrada da ascensão humana, imprimindo em sua vida aquele trágico tom de luta e tempestade; se a irmã dor, amiga sábia e preciosa, não o tivesse arrancado de todas as posições cômodas e não o tivesse premido a reagir, lançando-se em direção ao céu; e se ele não tivesse, de sua parte, com paciência e grande vontade, respondido a este apelo do destino; se ele, preguiçosamente, tivesse abdicado do seu sagrado direito de combater e sofrer para subir - que teria sido dele agora, sem esta bagagem de martírio por toda uma vida, sem este terrível cansaço ao qual devia toda a sua elevação?

Que vazia e triste conclusão seria a de seu caminho terreno se tudo tivesse andado bem como se deseja, sem o peso das provas e os salutares golpes da irmã dor? Agora ele o compreendia verdadeiramente, agradecia e amava. Isso não fora senão uma espécie de poupança forçada que a divina Providência lhe impusera para que ele conquistasse a sua redenção. Fora uma espécie de trabalho extraordinário ao lado da natural tarefa da vida, destinado a apagar o seguro obrigatório de sua felicidade futura.

Tudo aceitara sem se rebelar; sabendo sofrer fora um grande economizador e era agora rico em capital espiritual. Acumulara tanto que uma chuva de ouro lhe caía em torno. Do lado de fora estava sempre a algazarra humana. Mas por dentro, que festa diante da morte, que tripúdio sobre a dor, que estupendo canto de vida! Por dentro havia a carícia e o sorriso de Deus que transforma em alegria cada sofrimento. Encontrava-se na sensação

estupefaciente da transmutação da dor na alegria divina. A irmã dor, cumprida a maravilhosa tarefa de lhe plasmar a alma, e ele, abraçando-a cheio de gratidão, dava-lhe adeus.

A dor o havia ajudado a demolir lenta e profundamente a sua animalidade, que ele podia agora abandonar de modo definitivo sem sofrimento. Ele não pensava em morrer como tantos outros que olham um corpo que era tudo para eles e que agora está se desfazendo; mas ele pensava em ressurgir, olhando um espírito que era todo o seu ser e que agora estava em plena eficiência. A sua mente, com a qual tanto trabalhara, reforçada por contínua atividade, permanecia límpida e ágil porque desde algum tempo para ela se transportara o centro de sua vitalidade. E ele contemplava a justiça das leis divinas que premiam, o seu quinhão, a evasão final da dor na mais completa paz. Contemplava a lógica do seu destino, o harmônico contraste de seus impulsos. Assimilava o seu profundo significado, agora que tudo podia ver num olhar retrospectivo. Desta visão voltava à contemplação do funcionamento orgânico do universo; ouvia suas sublimes harmonias; compreendia seu equilíbrio e justiça e agradecia humildemente ao bom Deus o grande dom de haver podido colaborar, embora como o último dos servos, na grande obra das ascensões humanas.

Ele tudo dera de si, e agora, ao finalizar a sua vida, meditada no maravilhoso fenômeno da transmutação da dor, na evasão final de sua constrição.

Este fenômeno, que afinal é muito simples e que o nosso personagem no final de sua experiência vivia - teve sua comprovação - parece um mistério para a mente humana porque o mundo hoje perdeu completamente a noção do que significa a dor. Ela não é, como hoje se acredita, um incidente secundário da vida, devido a qualquer erro, de que se deve fugir, e, pois, evitável. A dor é a chave da vida, a sua nota fundamental, o mais ativo agente de reações, plasmador de qualidades, é a sua mais alta e fecunda escola, a indispensável e insubstituível mola do progresso, ou seja, a ascensão para Deus, que é o alvo da

vida.

Esta fuga final à dor em que culminava a vida e se completava a lógica do destino do nosso personagem, concorda com a fundamental lei biológica da redenção, que o mundo possui, mas em torno da qual gira como se girasse à volta de um mistério, sem o compreender.

É esse, também, o centro das religiões, especialmente do Cristianismo. É, também, o pináculo da arte ("Parsifal", de Wagner; "Pietà", de Miguel Ângelo etc.) e das mais elevadas concepções humanas. E esta lei diz que, estando o nosso atual universo em fase evolutiva, isto é, reconstrutiva do caos a Deus, de uma ordem perdida (queda dos anjos, precedente período involutivo)¹⁸, a dor, sendo exatamente o agente desta construção e base da redenção, é com ela e por ela o conteúdo fundamental da nossa vida. Mesmo sem a compreender e procurando inutilmente fugir dela, o mundo não faz senão aplicar essa lei biológica universal seguida por todos, seja qual for a sua fé religiosa, filosófica ou científica.

Parece em verdade que, de acordo com as conhecidas lendas bíblicas, que devem ter um sentido profundo, uma maravilhosa ordem primitiva foi uma vez tragicamente desfeita, deixando o universo rolar num caos que o levou aos antípodas do ser, do bem ao mal, da felicidade ao sofrimento, da luz às trevas, de Deus a Satanás. Mas as primordiais não foram destruídas, porque nada se pode destruir. Apenas se confundiram numa horrenda desordem infernal. Não restou ao ser outro caminho senão reconstruir tudo através de infinitas tentativas, falências e dores. Isto, por uma lógica, justa e exata lei de equilíbrio.

Assim, se a espinha dorsal da vida é a evolução, esta não se pode realizar senão à custa de um trabalho que pertence ao ser, uma laboriosa tensão reconstrutora de felicidade na ordem, que se chama trabalho e dor, sem os quais não se pode refazer o caminho perdido, ou seria viver inutilmente. É assim que o profundo conteúdo da existência, o seu volume biológico é o de um

esforço, penoso mas frutífero e justamente remunerado por conquista correspondente.

É, pois, absurdo que o mundo que não conhece as leis da vida, creia que poderá fugir à dor pelo fácil caminho do prazer materialista e egoísta que involui, desce, caminha para a desordem, para a matéria onde está, justamente, a sede da dor, ao passo que a liberação não se pode encontrar senão na laboriosa reconstrução do progresso, no doloroso trabalho de ascese que evolui, levando àquela ordem, harmonia, bondade, paz, união na qual somente o atual satânico sofrimento do decaído poderá reencontrar, redimindo-se, a suprema alegria de Deus. O homem, impelido pelo seu instinto de felicidade, atira-se ao baixo prazer epicurista, mas sua natureza involui e leva-o para a dor. Assim o mundo, iludido, na verdade se atira para a dor, ficando-lhe sujeito, em vez de se libertar dela.

Aí está o erro. O momento de felicidade dura pouco e paga-se caro. Isso não quer dizer que a vida não seja feita para a alegria, uma alegria sempre maior. Apenas, esta tem de ser ganha por um trabalho proporcional. E é lógico e honesto que entre o homem e a felicidade que o espera, haja esta justa necessidade de a conquistar. Justamente por isso, as fáceis e baixas alegrias que se voltam para o passado biológico, descendo do espírito à matéria, e que parecem cômodas usurpações, são, em realidade, uma traição. A Lei justa exige um adequado trabalho para conceder a compensação merecida. Só se foge à dor trabalhando para evoluir para alegrias mais altas e não se abandonando ao prazer que arrasta a alegrias mais baixas.

É este o mecanismo da lei reconstrutora que se chama evolução. Sua primeira característica é que esta rude mas honesta lei de redenção é dever e herança de cada ser em cada plano de vida, desde o mineral ao super-homem; é a cansativa forma de existência para os mais afastados irmãos da vida universal. Essa lei está presente em todos os tempos e lugares, de modo que na raiz de cada gênese criadora há sempre um íntimo trabalho de contração e despedaçamento daquele eu egoísta que se limita no sacrifício, se

demole na renúncia - a redução por compensação (lei de equilíbrio) da primitiva culpa que as conhecidas lendas definem como orgulho. Assim, não há criação, ou seja, reconstrução de ordem e acesso, senão através da dor com que se deve pagar o perdido e reconquistá-lo. As revoluções telúricas não se assemelham a titânicos esforços imobilizados, de ciclópicos movimentos, qual o doloroso trabalho da informe nebulosa para se transformar em sol e planetas? E a própria multiplicação celular primitiva, por cisão, não parece conter um primeiro rudimento de sacrifício altruístico do eu egocêntrico que se despedaça e se dá em favor de outros egoísmos? E acima, até o doloroso parto físico da mulher, ao atormentado parto espiritual do gênio, até à redenção que Cristo não pôde realizar senão sobre a cruz - não se trata, sempre, da mesma lei? Lei tão universal que nem mesmo o mais elevado dos seres a ela se pode furtar.

Os próprios fatos confirmam que o princípio construtor não pode vencer e sair do princípio de destruição no qual se precipitou, senão por meio de um trabalho que se chama dor. Sem isso não se gera vida nova contra a morte, bem novo contra o mal, felicidade nova contra o sofrimento, luz nova contra as trevas, ordem nova contra a desordem. Sem dor não se evolui, não se reconstrói, não se reconquista o paraíso perdido, não se escapa do caminho da descida. Eis a titânica idéia fundamental e biologicamente central, que está no ápice das concepções humanas: o mistério do sacrifício pela redenção. Eis o que significa "amargo cálice", "efusão de sangue". Eis a função biológica do holocausto; eis o que nos diz o heróico grito dos mártires, os campeões da Lei, que antes de todos dão o exemplo. Também nos diz que não é através da dor alheia, que foi exemplo e não comodidade para eximir os medrosos, que se pode conseguir a própria redenção. Mas só através da própria dor, tudo vivido, compreendido, assimilado, ou seja, dor consciente e sábio instrumento de construção espiritual. Eis o profundo significado dos conceitos de expiação, imolação, vítima, sacrifício etc.

Implícita nestas causas maiores da dor está a causa menor do erro, que exige contínua correção e compensação, erro inevitável porque o trabalho de reconstrução é também reconquista de luz e de conhecimento e se

realiza nas trevas e na ignorância. Ninguém evolui senão através de incertezas, das tentativas e dos erros. O homem comum age, em geral, sem nada saber das conseqüências; move-se ao acaso, ignorante de suas relações com o funcionamento orgânico do universo. Às vezes, a má-vontade soma-se à ignorância como causa de desordem que implica uma parada, um retrocesso e tudo se expia com o sofrimento - um mal do qual para se livrar e ressurgir é preciso enfrentar novos trabalhos e novas dores. Às causas gerais da dor juntam-se, assim, o erro e a culpa do homem que deseja evadir-se rebelando-se, violentando e atirando-se fora do caminho. Então, é preciso pagar por tudo, pois que não se pode anular a lógica e justa lei de responsabilidade e de equilíbrio na qual o dar e receber devem se compensar exatamente em forma de alegria e de dor própria - lei estampada no instinto que sabe que cada erro ou culpa deve ser pago. Seria preciso ser bom e consciente; saber enquadrar-se segundo a direção das leis da vida. Mas é justamente a bondade, o conhecimento e a consciência que o homem tem de conquistar, é justamente isto que deve aprender: a não se atirar fora da Lei, mas a cooperar fraternalmente em seu seio. Assim, não resta ao homem senão debater-se, pecando e expiando, errando e corrigindo-se, rebelando-se e sofrendo, até saber encontrar por si, à força de penas e tentativas, o único caminho de evasão e de solução para a dor.

Dados estes princípios, dor e amor são os ingredientes necessários ao fenômeno da gênese reconstrutiva e da criação evolutiva. Só o sacrifício, que é contração e morte, pode nascer a vida, a expansão, o progresso. E é importante que, nas raízes do ser, o princípio que tem a chave da criação e da vida, seja o princípio feminino. Tal é o princípio da gênese que, num imenso amplexo aperta em si, fecha e protege toda a luta seletiva e evolutiva do princípio masculino.

No mecanismo do funcionamento desta lei, a alegria não é senão um descanso para o trabalho de subir, repouso e encorajamento para que o ser não renuncie à ascensão e retroceda, atirando-se à anulação. O prazer está no estômago, no sentimento, no pensamento - de acordo com as três leis a que pertença o homem. Mas vai sempre em frente, seja individual, coletiva ou

espiritual. Aquele perfeito júbilo de São Francisco que parece a mais absurda inversão dos valores humanos, não é senão alegria do mais elevado reconstrutor.

Por estas leis, tudo o que é ascensão e progresso é também evasão da dor, porque é elevação para Deus que é alegria, e afastamento do baixo, que é dor; o abandono do caos e reconstrução da ordem, é pagamento de débito, é restauração de equilíbrio segundo a divina lei de justiça. A felicidade, então, apresenta-se como um bem que se espera, já conhecido, mas não possuído e que é reconquistado. O Evangelho, especialmente em sua ordem suprema: "ama o teu próximo", é um princípio de coordenação social que limita a liberdade desenfreada, guiando-a para a colaboração fecunda, a paz fraternal e a grandiosa harmonia de Deus.

Assim se explica, então, o fenômeno da transmutação da dor que o nosso personagem agora vivia. Compreendido o verdadeiro sentido da vida que o mundo ignora, ele dera o seu óbolo para a reconstrução e agora a grande lei de redenção, sempre verdadeira, tanto individual como coletivamente, atuava em seu destino. Ele fizera mais ainda: exaurida a própria dor, dedicara-se à dor alheia, o único caminho para subir ainda; depois de se haver reconstruído a si mesmo, dava-se à reconstrução dos outros, assumindo a fadiga alheia. Toda a sua vida avançara pelo grande caminho da evolução, segundo o exemplo dos verdadeiros e grandes reconstrutores. Era bem natural, agora, que as mesmas divinas leis biológicas que ele seguira, fossem com ele e, como forças ativas, o elevassem à felicidade pelos seus justos e férreos equilíbrios, expressão do pensamento de Deus. Era natural que agora a dor desaparecesse do seu horizonte, reabsorvida por si mesma no seu automático processo de autodestruição que é a mais justa, sábia e boa de todas as rudes leis da vida.

Tudo isso ele compreendia e meditava, avizinhandose da morte, vendo estes mistérios, descobertos e atuando em si e, segundo a lei, sentia cumprir-se a significação profunda de sua vida. Compreendia que a felicidade é de tal modo nossa que, se não quiséssemos conquistá-la, a dor ali está, pronta

para agir, obrigando-nos a procurá-la e não se acomodará senão quando tivermos aprendido a encontrá-la. Compreendia que a felicidade, verdadeiramente esperada, é ganha por reação e que a dor é o estimulante dessa tão benéfica reação, ou, em outros termos, não é mais que o instrumento de formação da felicidade. Esta é a verdadeira definição da dor.

Só agora, no fim desta história, pode o leitor bem compreender qual fora o gênero do sofrimento e ao que principalmente devia sua dor o nosso personagem. A morte lhe trará a pacificação harmônica universal, que é sintonização com os paradisíacos ritmos do divino. Vemos assim que o tormento principal de sua vida humana fora do contato lacerante, dada a sua hipersensibilidade, com a brutal, caótica, infernal dissonância terrestre. Falou-se, a princípio, de sua inadaptabilidade, de sua construção invulgar, de sua posição de desajustado em contraste com o tipo dominante, muito diferente dele pelos instintos e sentimentos. Ao homem comum a princípio citado, para que não sinta o seu ponto de vista injustamente condenado, é preciso explicar o fato, para ele inacreditável. Tais tipos humanos de exceção vivem em outra fase de desenvolvimento evolutivo, em posição biológica mais avançada, implicando uma sensibilidade nervosa, intelectual e moral de que os seres normais não podem fazer idéia. Vista de uma posição tão diversa, a conduta destes representa um desencadeamento de forças, tão violento e brutal, que torna para o ser hipersensitivo o contato social um verdadeiro tormento. Trata-se de uma sensibilidade maior que não se pode explicar a quem não a possui, mas que se torna dolorosamente ofensiva para a conduta normal da maioria.

As posições e julgamentos do personagem estão muitas vezes em função da maior sensibilidade e só por meio desta se pode compreender e explicar. Dada a sua posição, ele tinha uma quantidade de necessidades individuais e sociais refinadas e complexas, inadmissíveis para os outros, porque inconcebíveis. Daí o desajuste, causa do doloroso isolamento. Para ele era de primordial necessidade o conhecimento, a bondade, a sinceridade, a retidão moral, o altruísmo, os princípios. Para os outros a primeira necessidade é o

prazer do estômago e do sexo, a sede de riquezas, as honras, o domínio, o egoísmo, o interesse. Impossível entenderem-se. A prepotência do desencadeamento das forças primordiais por eles apresentadas; a qualidade involuída e grosseira daquelas, devastavam a sua hipersensibilidade como o tufão por sobre um jardim florido. Impossível entrar em contato social, sem dano e sofrimento. Era constrangido a procurar esconder-se numa fuga da vida, porque lhe faltava a dura casca de insensibilidade e de ignorância das leis da vida, proteção contra a dor, bem como a instintiva e cega exuberância explosiva da força elementar, tão essenciais aos seres destinados à vida terrestre. E sofria em tal mundo, para ele muito selvagem. Tentara o processo involutivo, o retrocesso, e que para ele era a bestialidade. Mas não conseguiu demolir-se. Sua vida era um sutil fio de energia, de capacidades vibratórias esquisitas, a tudo reagindo, feita para se harmonizar com os acordes de mundos mais refinados e elevados. No entanto, sua sensibilidade moral proibira-lhe a fuga para a mística contemplação dos céus, fazendo-o descer e ensangüentar-se no ambiente humano, o qual lhe era verdadeiro inferno. Com a sensibilidade de um anjo, levou a cansativa vida do bruto, forçado a esbanjar em torrentes a sua refinada energia, até à exaustão.

Agora o leitor poderá compreender o martírio que foi para o nosso personagem o irmanar-se aos seus semelhantes, cingindo-se à lei evangélica: "ama o teu semelhante"; que heróico holocausto e que lenta e profunda agonia aquele martírio representou, até ao esgotamento; que desespero final representou a dedicação do ser assim hipersensível, e que direito isso tudo agora lhe dava, consumado o martírio que o conduzia para diante da morte, de poder finalmente fugir da terra e de seus infernais contrastes para o paradisíaco ritmo dos céus, sua verdadeira pátria. Toda a sua vida lhe fora espasmódica, procura da harmonia divina, da qual guardara sempre o instinto e a saudade, harmonia que trouxera em seu destino, em meio aos caos infernal da terra, mas que não podia reencontrar plenamente senão na morte, na liberação final, no retorno aos seus céus.

XXX

CHEGADA DA IRMÃ MORTE

“Na morte está a vida.”

Com o correr dos anos, ele mais se destacava da terra. O grande rumor do mundo, o ensurdecedor fracasso da vida humana, brutal explosão de instintos primordiais, diminuía sempre a distância. Lentamente, afastava-se da imensa e violenta maré. Os contrastes caíam. Ele se ia, fugindo às leis da terra para entrar no domínio das leis de um mundo diferente e mais alto. A luta serenava; a dissonância se harmonizava, a vida se pacificava numa doçura suprema. O inferno ficava lá em baixo, impotente para subir acima do seu nível. Ele observava o seu assalto, com o desfazer-se da matéria, perder todo o poder. As forças abandonavam-no lentamente. Era obrigado a deixar o trabalho em solidão e silêncio. Chegava a hora do merecido repouso. Mas onde parecia estar a morte, ele prelibava a sensação da nova vida que o esperava. A irmã morte trazia-lhe a maior alegria: a liberação, pela qual tanto lutara e que tanto havia demorado. A prova fora longa, tenaz, inexorável, mas o navegante sem repouso, o peregrino do amor e da paixão chegava finalmente ao porto! Desfaziam-se-lhe todos os nós do destino, caía a sua dor. Sentia iminente o desabamento dos valores do mundo que o perseguira e onde fora um vencido e vira aparecer e realizar-se para ele a lei do céu. Ao dia dos outros, que fora a sua noite, sucedia agora o seu dia, que era a noite dos outros. Com o gradual enfraquecer do corpo o dia se fazia mais claro. Ao passo que o organismo se abatia em prostração

profunda, acendia-se-lhe no espírito uma luz cada vez mais intensa. Todas as suas sensações lhe confirmavam a realidade da mais alta continuação de si mesmo, da ressurreição além da terra e da morte.

Ao invés de se sentir despenhar nas trevas, acentuava-se nele o pressentimento de horas intensas. No entanto, refazia os momentos mais férvidos de sua ascensão mística, a inolvidável recordação de suas visões e lhe parecia que aqueles vértices deveriam agora se fundir para se projetarem, num único arremesso, para a última, a mais profunda e sintética realização. Com a morte, sentia avizinhar-se um grande acontecimento espiritual que seria a suprema etapa, síntese e conclusão de sua vida; um acontecimento espiritual de há muito prometido pela consciência, assegurado pelo instinto, garantido pela razão, incluído na lógica do seu destino e talvez desejado pela lei da divina justiça.

E preparava-se interiormente com fé intensa, com devoção e humildade, com trepidante expectativa de alegria sobre-humana, como um sacramento íntimo no qual se lhe resolviam a vida e o destino. E já intuía que naquele momento supremo do ajuste de contas teria cumprido a suprema dedicação e consagração a Deus. Um sinal viria do alto, o sinal invocado e esperado como prêmio único. Chegaria como um segredo de amor e de unificação, rematando-se uma vida de fidelidade e sacrifício. Intuía que naquele momento supremo ele estaria a sós com Deus.

Recolhera-se a uma casa de campo. Todos de sua família estavam ausentes. Um dia sentiu-se desfalecer e a morte pareceu-lhe realmente muito perto. Depois, aconselharam-lhe chamar um médico e tratar-se. "Para que servirá isso?" - pensava. Como poderia tolher as leis da vida? Para que trazer para junto dele o supremo incômodo da ciência da matéria, justamente no momento de maior importância para o espírito? Para que chamar estranhos a fim de lhes ouvir palavras de vão encorajamento e a cortês mentira que, por má compreendida piedade, sustém e procura assegurar a continuidade da vida, enquanto ele bem sabia que o contrário é que era certo e que isso lhe era

agradável?

Já se habituara a falar de si mesmo com as forças da natureza, como se habituara a falar sinceramente de si com Deus. Não desejava ter a seu lado senão o calor sincero dos afetos e dentro de si o calor da prece.

Por alguns dias, voltaram-lhe as forças. Depois recaiu. Uma tarde, depois de breve passeio, voltou para casa, arrastando-se. Era um dia de maio, tranqüilo e cheio de sol. O ar estava quente e o crepúsculo era chuva de ouro. Deitou-se, pensando que, para morrer não é preciso mais que ter Deus e paz na própria consciência. E ele que, desde algum tempo, vivia no regime vegetariano, sentia-se esvair tranqüilo e lúcido, sem o tormento dos fenômenos tóxicos.

Levantou-se um pouco no dia seguinte. Depois, não mais. Na tarde do terceiro dia depois de sua recaída, estava sentado no leito, apoiado a vários travesseiros e, através dos vidros da janela via o sol descer lentamente sobre as colinas e o seu esplendor refletido no rio que serpenteava pelo vale. Quanta paz na natureza! Quanta paz em sua alma! Quanto esperara e sonhara este último repouso, e como lhe era grato recordar agora o longo trabalho, as numerosas quedas e ressurreições e todos os conflitos de uma vida de dor, de luta, de contrastes. Quantas vezes o haviam maltratado mesmo sem o compreender, incapazes de proceder de outro modo! Quanto o haviam feito sofrer injustamente, decerto por incompreensão, tão seguros, enérgicos, armados de justiça eram os seus juizes. Recordava quantos o haviam espoliado porque era desinteressado; insultado, porque era humilde; explorado, porque era generoso. Tinham-no privado até do fruto do seu trabalho; tinham-no expulsado de sua própria casa e riram-lhe na cara porque não quisera revoltar-se e defender-se.

Talvez fossem inocentes e não podia julgá-los. A superficial justiça humana estava do lado deles. Talvez fossem simplesmente a expressão de forças involuídas e inconscientes, que ele, por sua única culpa, merecera

encontrar em seu destino. Talvez não fossem maus e só lhe pareceram assim porque não o compreendiam e no fundo a culpa era sua, porque ele é que era diferente dos outros. Que podiam emanar e dar de si senão o que eram e o que tinham dentro de si? Tinham culpa de ser involuídos? Não seria, ao contrário, um destino de expiação que formara aquele caminho de dolorosa incompreensão? E então repetia as grandes palavras de Cristo: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". E acrescentava: "Senhor, perdoa-me, porque não os compreendi e tomei por maldade o que era apenas imaturidade".

O tempo resolvera os dolorosos antagonismos, deixando em sua alma como benéfico resíduo, qual nova riqueza, a luz de ter compreendido os seus semelhantes e a doçura de os haver perdoado.

Com a alma em paz com todos, repousava e orava. A descida ao mundo estava completa. Em seu espírito tudo era, agora, profunda harmonia. Entregava a Deus a obra de sua vida, repetindo a frase habitual: "Senhor, sou o teu servo e mais nada mais peço senão isto". Dissera-a por toda a vida, ao fim de cada dia. Repetia-a agora, ao fim da mais longa jornada terrestre. E acrescentava a grande prece: "Senhor, perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós as perdoamos aos nossos devedores". Seu pensamento final era de amor; sua última palavra, de perdão. A inveja das rivalidades humanas não se apossara jamais de sua alma. Jamais se ligara a alguém com tais sentimentos e nada o prendia aqui em baixo. Procurara sempre perdoar aos que o haviam feito sofrer e lhe haviam pago o bem com o mal, pois acreditava que o perdão era a primeira qualidade dos verdadeiros seguidores de Cristo. Este perdão evangélico não é, como talvez se acredite, uma fraqueza encobrendo impotência e covardia. É consciência da ordem e da lei de Deus a cuja sanção não se foge. E quanto menos o homem reage, usurpando a Deus o direito de julgar e punir passando assim para a parte dos devedores - tanto mais as leis reagem em sua defesa. E quão mais potente que a nossa não é a ação de Deus! Cada injustiça sofrida é um grito que chega a Deus, muito mais eloqüente se a vítima se cala.

O ditado "a melhor vingança é o perdão" pode assim assumir

um sentido terrível para o que foi perdoado pelo homem. Mas quem o compreende? E no entanto, são simples e lógicas leis biológicas de resultados utilitários. Iludem porque são leis pacientes. "Deus não paga aos sábados", diz-se. Paciente até esperar para se destroçar na hora da morte. E ele, que tanto tinha perdoado, morria tranquilo. A pacificação universal e total do seu ser, a profunda harmonização no amor fraternal de Cristo sintonizava-o com o ritmo paradisíaco dos céus que já se abriam para o absorver em ritmo de suprema felicidade.

Já o seu olhar se afastava da terra. Agora, que o seu trabalho humano estava terminado, a descida ao mundo reanimava a ligação, deixando-o livre para se elevar aos céus que a hora suprema lhe abria. Na morte está a vida. Verdade a um tempo do mundo biológico como do espiritual. Em cada caso, na economia do universo, a morte é uma ressurreição. E ele preparava-se para a sua ressurreição. O que havia de humano em sua vida estava agora morto e destruído e tudo continuava vivo e presente, indestrutivelmente estampado na experiência de sua alma. A sufocante atmosfera da terra estava agora muito longe. Ele trabalhara nela com todas as forças. Agora que os vínculos do destino se soltavam, ele podia reencontrar o seu verdadeiro mundo no espírito. Aquela realidade terrestre, atravessada com tanto sacrifício, aparecia-lhe agora afastada e irreal como um sonho. E a sua longa vida estava vivida e encerrada. Quantas recordações, quantos caminhos, quanto trabalho, quantas dores! Tudo se cumprira. Mas nada fora inútil, porque tudo se lhe estampara na alma elaborando-a. Repetia: "Entrego às tuas mãos, Senhor, o meu espírito".

E já um estranho sentimento de libertação e leveza invadia-o, um acentuado sentimento de expansão, nova capacidade sensorial na qual lhe aparecia a realidade do céu em forma sempre mais clara e mais estável. À medida que a velha vida morria, a nova surgia. Desde muito quebrara suas ligações com o mundo; a separação era fácil, límpida, natural, tranqüila.

Assim estava em paz, adormecido, quase esquecido de si mesmo, como entre a vigília e o sono, como entre a realidade da terra e a

realidade do céu. Sua consciência oscilava entre as duas sensibilidades e os dois mundos, na soleira do além.

No aposento havia a paz solene da tarde; na casa, um respeitoso silêncio dos familiares. O sol continuava a descer sobre as colinas em frente, espelhando-se no rio e escondendo-se às vezes nas nuvens. Um alegre chilreio de pássaros saudava a tarde. Pelos campos estendiam-se em paz as longas sombras do crepúsculo; pelos prados e bosques perpassava um frêmito de primavera. Depois do repouso hibernal, o grande mecanismo da vida se punha novamente em marcha no trabalho grandioso e solene, que ele ouvira agitar-se com irresistível fervor de renovação. A matéria era tomada num ritmo mais rápido de trocas e obedecia às ordens da Lei. Ouvia as grandes vagas progressivas do imenso concerto da ascensão de todas as coisas, do átomo, á nebulosa. Também ele seguia, embora de outro modo, a sua primavera. E tudo - a sua sensação e a voz do universo - lhe falava da indestrutibilidade do ser na sua eterna ressurreição. Ante esta visão, elevava em seu coração um hino de gratidão a Deus, pela maravilhosa harmonia da criação.

Chegado ao alto desta contemplação, o seu pensamento reencontrava Cristo; reaparecia-lhe a visão daquela triste tarde de inverno, quando tanto o sentira próximo. Revia o Cristo de tantas faces, curvado sobre as infinitas dores dos homem, junto a cada dor a sua face diversamente consoladora. Ouvia, não mais o regiro imenso da terra e do céu, mas a voz toda humana que lhe dizia: "Ama o teu próximo", supremo desejo de Cristo na luta das paixões. E as duas visões cantavam para sua alma arrebatada a mesma música divina. Um concerto harmonioso e potente se elevava de todas as coisas e o arrastava consigo, num êxtase sobre-humano.

Permaneceu algum tempo nesse estado, enquanto a maturação do fenômeno, independente de sua vontade, sacudia o seu instinto, fazendo-lhe sentir a vívida expectativa de algo de novo, imenso, decisivo, aquilo que o pressentimento e a razão já lhe haviam prometido para o momento da morte. Aproximava-se-lhe uma realidade nova ainda indefinida, misteriosa.

Uma luz se avizinhava, num canto de beleza e força supremas. Tudo era incerto e velado, parecia estar no meio de uma nuvem de trevas que o confundia, que o impedia de ver. Uma incapacidade e um peso que não conseguia superar e vencer.

Assim ficou por longo tempo. O sol continuava descendo no crepúsculo tranqüilo. Tocou, finalmente, o cume da colina; as nuvens vagabundas se dispersaram; seu último e límpido esplendor alcançou o moribundo em plena face. Entre o sol e o olhar houve como que uma cintilação de ouro. Ele podia olhar o sol, agora parado, sem incômodo. E olhava, pensando: quantas vezes já se pôs, e quantas vezes ainda se porá no tempo?

Brilhará ele algum dia sobre uma humanidade mais civilizada e melhor? E tu, Cristo, quando triunfarás realizando o Teu reino sobre a terra?

Enquanto assim pensava, de idéia em idéia, indo do sol a Cristo, pareceu-lhe que o esplendor do astro se fundia nos reflexos do rio, incendiando-o. Na sua sensação, já agora unicamente interior, a idéia do sol e a idéia de Cristo se fundiram em um só esplendor. Sentia nos olhos e na alma acender-se um incêndio de luzes que, avançando do céu, penetrou no aposento iluminando-o. As duas realidades, vistas com os olhos do corpo e com os do espírito, sobrepunham-se. A luz que invadira o aposento começou a delinear-se e definir-se e todo ele, olhos e alma, se concentraram nela para lhe decifrar o aspecto que, sempre sob forma de luz, se ia delineando. Estupefato, incerto e anelante assistia ao progressivo definir-se da forma e da idéia. Evidentemente já não estava só. Ali estava uma maravilhosa realidade de pensamento, de afeto, de vontade e de forma que o atraía com bondade e força, inundando-o de suprema alegria.

Estendeu os braços num esforço supremo e depois deixou-se abater sobre o colchão, extenuado pela violência das sensações. Aquele pensamento olhava-o intensamente; aquele afeto penetrava-o, aquela vontade

arrebatava-o e aquela forma assumira lineamentos precisos. Reconheceu-a então. Mas jamais a divina visão lhe aparecera com tanta força e clareza. E então, contemplando-a com os olhos e com a alma, exclamou:

— Cristo, Senhor!

E assim ficou longo tempo. Seus lábios não tinham força para se moverem, mas entre a visão e ele, quem tivesse sentidos espirituais capazes, teria ouvido se desenvolver um breve colóquio:

Cristo, Senhor! - repetia ele.

Reconheces-me? - respondia a visão.

Reconheço-te, Senhor.- Lembras-te?

Lembro-me.

Quem sou eu?

Tu és Cristo, o filho de Deus.

Tu me amas?

Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que te amo¹⁹.

— Pedro, estás extenuado. Teu caminho está completo. Repousa em mim. Pousa tua cabeça sobre o meu peito e repousa²⁰.

Aqui, a visão se dilatou. Apareceram as margens do lago de Tiberíades, as doces colinas da Galiléia, a noite da paixão, o triunfo da ressurreição. E tudo ele, agora fora do espaço e do tempo, reviu intensamente, detalhadamente, não com o sentido da nostalgia para com a inalcançável realidade longínqua, como em vida, mas com um sentido de paz e felicidade. Via como aqueles que, terminando um trabalho e um novo roteiro, chegam à própria realização²¹.

Daquele esplêndido sonho em diante ele já não ficou na terra. Sua visão continuou nos céus. Como o ocaso, morrera na visão de Cristo.

Seu corpo ficou inerte sobre o leito. A alma, levada na visão esplêndida, tantas vezes pressentida, espasmodicamente e inutilmente procurada em vida e jamais conseguida senão na hora da morte, a sua alma

voltou-se para trás apenas um instante para lançar um olhar distraído ao corpo que fora a sua prisão, mas também companheiro e instrumento de sua trabalhosa tarefa de redenção. Agora, porém, que não servia mais, não interessava mais. Como um eco, chegava-lhe a recordação do que ele escrevera:

"Morta entre as coisas mortas está a tua dor lá em baixo - inútil utensílio largado lá em baixo, na praia deserta de uma triste vida. Mas o seu futuro está aqui e a alma o observa: seu trabalho, sua criação e sua glória".

Libertada do corpo, a alma atirara-se àquele incêndio de luz que tomara a forma de Cristo. Tudo ele percebia agora, mais profundamente que antes, qual sutil sensibilização nova que lhe centuplicasse a ressonância com as vibrações do universo. Percebia que elas investiam para ele vindas de toda a imensidade do infinito. E sentiu então o incêndio de Cristo se elevar, como coluna de fogo, para o céu. Para ele, que estava fora do espaço, aquilo significava o afastamento, o distanciamento qualitativo das infernais vibrações da terra. Uma alegria suprema. O estridor da desordem ficava em baixo, na densa atmosfera da qual ele se livrava penetrando em outra mais sutil, límpida e rarefeita. Percebia-as menos nitidamente à medida que iam ficando a distância; em breve não eram mais que um eco, uma vaga recordação. A coluna de fogo atraía-o. Seguindo-a, ele foi levado para fora. Percebeu confusamente que leis novas se manifestavam em torno de si, leis pertencentes a um mundo novo no qual entrava agora.

Sentia a formação de equilíbrios ainda ignorados, segundo outros princípios que lhe permitiam deslocar-se e elevar-se não no espaço, mas em qualidade de vibração que se refinava, se aprofundava, se harmonizava sobre tudo, levando-o da dor à alegria, do choque de dissonâncias contraditórias a uma paradisíaca sinfonia de vibrações harmônicas. Deste modo, atingiu o auge, libertou-se, transformou-se e reapareceu em dimensões de vida superiores à nossa concepção humana, seguindo a luz de Cristo.

O seu corpo foi sepultado com simplicidade e pobreza. Se

poucos se haviam preocupado com ele durante a vida, ninguém se preocupou com ele na morte. O silêncio que ele tanto amara estendia-se sobre a sua campa. Nada se via do lado de fora: para o mundo, nada existira. Nada se escreveu no mármore sob o seu nome, mas o seu corpo teve a honra suprema da pobreza; os seus funerais não foram profanados pelas declamações e a sua morte não serviu de pretexto para expressão da vaidade de ninguém. Isto era o máximo que se podia obter do mundo. Assim, mesmo depois que ele restituíra à terra o que a terra lhe emprestara, o seu corpo foi salvo da mentira das honras humanas. Um manto de infinita paz se distendeu sobre os pobres restos de uma vida trabalhosa

Foi sepultado como o desejara, no seu humilde cemitério do campo, no declive de uma colina, sob a face do sol. Em torno estavam as grandes árvores amigas, pensativas como ele e que tão bem conhecia; estava a natureza honesta e sincera e as criaturas irmãs que ele tanto amara. Ao lado havia uma capela onde tanto rezara, envolta no odor dos pinheiros, rica de pobreza e simplicidade, adornada de solidão e paz. Ele gozara largamente desse esplendor espiritual que falta muitas vezes às ricas e ornamentadas basílicas, talvez pagãs e profanas na sua espetacular grandeza, a ponto de constituírem ofensa ao sentimento religioso. Acima, do alto, continuava a observar o movimento imenso dos céus. Falava em silêncio a grande voz de Deus.

Assim passou sobre a terra este homem comum de quem narramos a história. Passou como tudo passa, uma forma no relativo, aplicação vivente do absoluto, ou seja, da substância que existe nas leis da vida. A ele, que tinha verdadeiramente sofrido e trabalhado no cumprimento de sua missão, a justiça de Deus concedia a evasão final da dor na paz completa. Os que lhe tinham querido fazer mal, só lhe haviam feito bem. Sem carrasco não há martírio; sem destruição não há reação; sem dor não há criação. O mal é contido e guiado entre os confins e os fins do bem. Ele respeitara, como era seu dever, as experiências dos outros, seus erros, suas dores, na aprendizagem e na evolução. Não culpava os outros por sua involução, insensibilidade, ignorância das leis da vida. Perdoara sempre. E conhecera, por experiência, a grande força redentora

da dor. Cumprira o seu dever de ajudar os outros, de acordo com a experiência mais severa e mais verdadeira. Seguiu Cristo. Construíra a sua vida sem dinheiro, nem honrarias, independente e livre destas forças.

Eis a substância de seu testamento espiritual:

Aprendeis na escola do trabalho - o primeiro direito da vida.

Perdoai sempre.

Estudai no grande livro da dor. Sabei sofrer, se quereis subir.

Que o trabalho, o perdão e a dor vos tornem irmãos.

É preciso que o mundo sofra para que possa corrigir-se e avançar.

O cálice da redenção que Cristo nos deixou e por Ele bebido, primeiramente, não é taça de prazeres ou de inércia, mas de martírio.

O exemplo do Seu sacrifício diz a todos que sem dor não há salvação.

Ninguém pode fugir desta lei fundamental.

Mas depois da paixão e da cruz virá a ressurreição e o triunfo do espírito.

Aceitai, portanto, ajudando-vos e amando-vos, a escola do trabalho e o batismo da expiação que purifica, porque é o único caminho de redenção pela dor.

Deixo-vos o aviso: na necessária paixão do mundo está a aurora da nova civilização do espírito.

Assim passou ele, como tudo passa. O mundo continuou a cometer erros e a pagá-los. Continuou a seguir o seu sistema e a sofrer-lhe as conseqüências. Continuou a cometer loucuras, a abusar e, portanto, naturalmente, a sofrer. A sua liberdade, determinada por Deus, tinha que continuar inviolável. Todavia, ainda uma semente fora semeada, um pequeno impulso que se unia aos outros em direção à ascensão que é libertação da dor. Ainda um exemplo fora dado para que aquela liberdade se mantivesse - um exemplo mínimo diante do exemplo imenso de Cristo. Servia para recordar ainda uma vez a significação da dor, o esquecido sentido do Seu divino

sacrifício, que é o de traçar o caminho sem o qual não há redenção, nem ascensão. A linguagem é rude, mas honesta. Quem é sincero e conhece as justas leis da vida e do progresso não pode falar de outro modo. O homem é livre, mas há uma lei pela qual ele é responsável. Se quer superar a dor tem que aprender a se coordenar nos caminhos desta lei, que é o pensamento e a vontade de Deus.

A semente caíra e jazia esquecida sob a terra. Mas nela a tensão de toda uma vida concentrada a força que agora fazia pressão, procurando expandir. Era um germe pronto para o desenvolvimento; era uma invocação de vítima que pedia resposta; era uma oferenda colocada no seio de Deus para o bem do mundo.

Essa semente caíra do holocausto de uma vida ofertada com tenacidade, paixão e sacrifício levados até à morte para ajudar o nascimento da nova civilização do espírito. A potência do sacrifício de que ela se gerara e nutrira torná-la-ia imensamente fecunda.

A semente ali estava, esquecida no seio da terra, entregue à forças das leis da vida que depois a retomariam, incitando-a a se desenvolver; ajudando-a, utilizando-a porque é fatal, não obstante toda a inconsciência e resistência do mundo, que a ascese se cumpra. É lei de Deus que o espírito vença a matéria, a luz vença as trevas, a alegria vença a dor, o bem vença o mal, Deus triunfe sobre Satanás. É fatal que esteja cada vez mais próxima e acaba se realizando a vinda do reino dos céus à terra.

F I M

[1] Ou Grandes Mensagens (N. do T.)

[2] Ver A Grande Síntese, do mesmo autor, cap. XXVI: “Estudo da trajetória típica dos motos fenomênicos”. (N. do A.)

[3] Vaidade de vaidades.

[4] Foligno, próxima a Assis, cidades da Úmbria. (N. do T.)

[5] **Para uma exata compreensão do subconsciente, ver Ascese Mística, do mesmo autor, parte I, cap. XIX e XX. (N. do A.)**

[6] **“O Rei Sol” (N. do T.)**

[7] **Dou para que dê (N. do T.)**

[8] **Direito (N. do T.)**

[9] **Roma. (N. do T.)**

[10] **“Dá aos pobres o que te sobra”.**